ISSN: 1676-6288

CADERNOS PROLAM / USP

Brazilian Journal of Latin American Studies

Vol. 17, n. 36, São Paulo, Brazil
January - june 2020

PROLAM USP

CADERNOS PROLAM / USP – BRAZILIAN JOURNAL OF LATIN AMERICAN STUDIES

PUBLICADO PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – PROLAM/USP. VOL. 17, N. 36 (JAN./JUN. 2020).

SEMESTRAL- ISSN 1676-6288 - INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. 1- ESTUDOS LATINO-AMERICANOS CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS. 2- DIREITO. 3- ECONOMIA. 4- GEOGRAFIA. 5- HISTÓRIA. 6- PSICOLOGIA. 7- SAÚDE COLETIVA. 8- SOCIOLOGIA.

ISSN 1676-6288

Brazilian Journal of Latin American Studies

36

January/June 2020

BRAZILIAN JOURNAL OF LATIN AMERICAN STUDIES

Corpo Editorial

Editorial Board
Cuerpo Editorial

Editores Responsáveis - N. 36

Editors of N. 36
Editores Responsables - N. 36

Lúcio Fernando Oliver Costilla
Universidad Autónoma de México
Eduardo Restrepo
Universidad Javeriana de Colombia

Editoras

Editors

Maria Cristina Cacciamali
Universidade de São Paulo
Vivian Urquidi
Universidade de São Paulo

Editores Associados

Associate Editors
Editores Asociados

Bernardo Mançano Fernandes
Universidade Estadual de São Paulo
Camilo Negri
Universidade de Brasília
Edwin Ricardo Pitre-Vásquez
Universidade Federal de Paraná
Félix Pablo Friggeri
Universidade Federal da Integração Latino-americana
Franco de Matos
Universidade de Brasília
Joana Fátima Rodrigues
Universidade Federal de São Paulo
Júlio César Suzuki
Universidade de São Paulo
Lincoln Secco
Universidade de São Paulo
Lucilene Cury
Universidade de São Paulo
Rafael Antonio Duarte Villa
Universidade de São Paulo
Sylvia Adriana Dobry
Universidade de São Paulo
Wagner Tadeu Iglecias
Universidade de São Paulo

Editores Honorários

Honorary Editors
Editores Honorarios

Sedi Hirano
Universidade de São Paulo
Emir Simão Sader
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Lígia Prado
Universidade de São Paulo
Afrânio Mendes Catani
Universidade de São Paulo
Lisbeth Ruth Rebollo Gonçalves
Universidade de São Paulo

Corpo Editorial Internacional

International Advisory Board
Cuerpo Editorial Internacional

Andrés Donoso Romo
Universidad Playa Grande
Angel Guillermo Quinteros
Universidad de Puerto Rico
Elissa Loraine Lister Brugal
Universidade Nacional de Colombia
Enrique E. Shaw
Universidad de Córdoba
Guillermo Beatón
Universidad de la Habana
Inés María Fernández Mouján
Universidad Nacional de Mar del Plata
Jhon Williams Montoya
Universidad Nacional de Colombia
Juan Bello Dominguez
Universidad Pedagógica Nacional
Luis Carlos Jiménez Reyes
Universidad Nacional de Colombia
Nohora Inés Carvajal Sanchez
Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia
Nohra Leon Rodriguez
Universidad Nacional de Colombia
Octavio Quesada García
Universidade Autónoma de México
Pablo Rocca
Universidad de la República
Raúl Bernal-Meza
Universidades Nacional del Centro
Tício Escobar
Centro de Artes Visuales
Vincent Gouëset
Université Rennes 2
Wladimir Mejía Ayala
Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia

Editores Assistentes

Assistant Editors
Asistentes Editoriales

Bruno Massola Moda
Universidade de São Paulo
Gabriel Galdino
Universidade de São Paulo
Leonardo Simões Agapito
Universidade de São Paulo
Maria Medeiros Palazzo Rolim
Universidade de São Paulo
Rogerio do Nascimento Carvalho
Universidade de São Paulo
Gabriel Dib de Vuono
Universidade de São Paulo
Giovanna Fidelis Chrispiano
Universidade de São Paulo

Estagiário

Intern

Renan Dias da Silva
Universidade de São Paulo

APRESENTAÇÃO

A ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** é uma revista especializada em difundir estudos sobre a América Latina. Criada em 2002 pelo Programa de Pós-graduação Integração da América Latina (PROLAM/USP), na fase inicial a ***BJLAS*** teve o objetivo de favorecer o ambiente de integração regional com publicações neste âmbito do conhecimento. Com o passar dos anos, o periódico ampliou seu universo disciplinar e hoje divulga produções científicas de nível de pós-graduação nos diversos campos das humanidades, das artes e das ciências sociais.

Para garantir o foco das publicações da Revista, os editores da ***BJLAS*** têm priorizado temáticas de impacto regional para a América Latina e trabalhos com metodologias comparativas sobre dois ou mais países deste continente. O propósito é que as publicações contribuam de modo significativo para o avanço dos conhecimentos sobre a América Latina e para a divulgação do que se produz nos diversos centros de pesquisa sobre a região, articulando assim a pluralidade de perspectivas teóricas, de linhas de pesquisa e de possibilidade de interpretação.

Tais são as motivações da linha editorial da ***BJLAS*** que incentiva seus autores a realizar análises sobre tópicos transversais em questões sociais, políticas, culturais, econômicas, jurídicas, históricas e artísticas com abordagens transdisciplinares. Por fim, a ***BJLAS*** estimula seus autores a publicar não apenas Artigos, mas também Resenhas Críticas sobre livros recentes ou de grandes obras de pensadores clássicos da América Latina, assim como Críticas de Arte e Ensaios de interpretação da realidade regional.

PRESENTACIÓN

Versión en español

La ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** es una revista especializada en difundir estudios sobre América Latina. Creada en 2002 por el Programa de Posgrado de Integración en América Latina (PROLAM / USP), en la fase inicial la ***BJLAS*** tuvo como objetivo favorecer el entorno de integración regional con publicaciones en este campo del conocimiento. Con los años, la revista ha expandido su universo disciplinario y hoy publica producciones científicas de posgrado en los diversos campos de las humanidades, las artes y las ciencias sociales.

Para salvaguardar la propuesta de las publicaciones de la Revista, los editores de BJLAS priorizan los temas de impacto regional para América Latina y trabajos con metodologías comparativas sobre dos o más países de este continente. El propósito es que las publicaciones contribuyan significativamente al avance del conocimiento sobre América Latina y a la difusión de lo que se produce en los diversos centros de investigación de la región, articulando así la pluralidad de perspectivas teóricas, líneas de investigación y posibilidad de interpretación.

Con tales motivaciones editoriales, la ***BJLAS*** alienta a sus autores a realizar análisis sobre asuntos transversales en temas sociales, políticos, culturales, económicos, jurídicos, históricos y artísticos con enfoques transdisciplinarios. Finalmente, a ***BJLAS*** estimula que a sus autores publiquen no solo Artículos, sino también Reseñas críticas de libros recientes o de grandes obras de pensadores clásicos de América Latina, así como Críticas de arte y Ensayos de interpretación de la realidad regional.

PRESENTATION

English version

The ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** is a journal specialized in disseminating studies on Latin America. Created in 2002 by the Latin America's Integration Graduate Program – Prolam/USP, in the initial phase ***BJLAS*** aimed to promote the environment of regional integration with publications in this field of knowledge. Over the years, the journal has expanded its disciplinary universe and today publishes graduate scientific productions in the different fields of the humanities, arts and social sciences.

To ensure the focus of the journal's publications, ***BJLAS*** editors have prioritized issues of regional impact for Latin America and works with comparative methodologies on two or more countries of the continent. The purpose is that these publications contribute significantly to the advancement of knowledge about Latin America and to the dissemination of what is produced in the various research centers on the region, thus articulating the plurality of theoretical perspectives, research lines and alternative ways of interpretation.

Such are the motivations of the ***BJLAS*** editorial line that encourages authors to carry out analyzes on cross-cutting approaches on social, political, cultural, economic, legal, historical and artistic issues with transdisciplinary perspectives. Finally, ***BJLAS*** stimulates authors to publish not only Articles, but also Critical Reviews of recent books or of great works by classical thinkers from Latin America, as well as Art Critics and Essays to interpret regional reality.

Editoras
Editors

Maria Cristina Cacciamali
Universidade de São Paulo

Vivian Urquidi
Universidade de São Paulo

Editores convidados
Guest Editors

Lúcio Fernando Oliver Costilla
Universidad Autónoma de México

Eduardo Restrepo
Universidad Javeriana de Colombia

ARTIGOS / *Papers* / *Artículos*

Carta aos leitores 1
Letter to readers
Carta a los lectores
Vivian Urquidi

O contexto político da produção de Ignacio Martín-Baró 19
The political context of the production of Ignacio Martín-baró
El contexto político de la producción de Ignacio Martín-baró
Gisele Cardoso Costa
Marilene Proença Rebello de Souza

Hacia una perspectiva transdisciplinar de la Universidad Pública en Abya Yala 40
Contribuições para uma perspectiva transdisciplinar da Universidade Pública em Abya Yala
Towards a transdisciplinary perspective of the Public University in Abya Yala
Cristina Núñez-Madrazo
Isabel Castillo Cervantes

Perspectivas desde o Sul Global: uma análise do ciclo comum de estudos da Unila 64
Perspectivas desde el Sur Global: un análisis del ciclo común de estudios de la Unila
Perspectives from the Global South: an analysis of the common cycle of studies of the Unila
Patrícia Hehs

La participación de las organizaciones de profesores en los procesos de reforma educativa en América Latina (1990-2010) 89
A participação das organizações de professores nos processos de reforma educacional na América Latina (1990-2010)
The participation of teachers' organizations in the educational reform processes in Latin America (1990-2010)
José Humberto Trejo Catalán

Brasil e Argentina: os discurso sobre as regiões semiáridas do *Ceará* e de Santiago del Estero nos periódicos *Correio da Manhã e Correio da Manhã* (1932-1937) 115
Brazil and Argentina: speeches over semiarid regions of Ceará and Santiago del Estero on the newspapers Correio da Manhã and Correio da Manhã (1932-1937)
Brasil y Argentina: los discursos sobre las regiones de Ceará y de Santiago del Estero en los periódicos Correio da Manhã y Correio da Manhã (1932-1937)
Leda Agnes Simões de Melo

Venezuela: entre la ayuda humanitaria y el interés político 143
Venezuela: between humanitarian aid and political interest
Venezuela: entre a ajuda humanitária e o interesse político
Diogo Cavazotti Aires

"Brachilenos" e outros casos: a imigração brasileira a santiago (chile) por razões de afetividade 166
"Brachilenos" and other cases: the brazilian immigration to santiago (chile) for affective reasons
"Brachilenos" y otros casos: la inmigración brasileña a santiago (chile) por razones de afectividad
Iuri Pieroni de Lima

ARTIGOS / *Papers* / *Artículos*

A cooperação firmada por autoridades policiais e a inovação social para a solução de conflitos fronteiriços: o caso Brasil, Paraguai e Argentina **189**
Cooperation signed by police authorities and social innovation for the solution of border conflicts: the case of Brazil, Paraguay and Argentina
La cooperación realizada por autoridades policiales e innovación social para resolver conflictos fronterizos: el caso de Brasil, Paraguay y Argentina
Michele Vanessa Werner
Marli Renate von Borstel Roesler

Estudo bibliométrico da produção sobre a Guerra do Paraguai **210**
Bibliometric study of the scientific production about the Paraguayan War
Estudio bibliométrico de la producción científica sobre la Guerra de Paraguay
Milena Magalhães Oliveira

RESENHA / *Book Review* / *Reseña*

Como entender o descolonial? Releitura de Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores **234**
How to understand the decolonial approach? a re-reading of Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores
Como entender lo descolonial? una relectura de Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores
Corina Demarchi Villalón,
Iván David Sanabria-González

BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

Vivian Urquidi[1]
Maria Cristina Cacciamali[2]
Universidade de São Paulo

Versión en español
English version

Carta às leitoras e aos leitores,

A ***Brazilian Journal of Latin American Studies*** **(BJLAS)** tem o prazer de publicar a edição **número 36** da revista especializada em estudos sobre a América Latina. Apresentamos análises sobre a região como um todo, e estudos comparados sobre diversos países, o que nos permite entender problemáticas específicas em questões tão diversas como educação, migrações e direitos humanos. Este número também traz importantes análises sobre a formação do pensamento latino-americano, como será visto.

Iniciaremos este número com a análise da obra e da luta política de um autor ainda pouco conhecido nesta região sul do continente, mas essencial para entender as contendas da luta armada pela Libertação Nacional na América Central. Trata-se do pensador espanhol-salvadorenho Ignacio Martin-Baró, vítima assassinada da *Guerra Suja,* que deixou um legado de morte, perseguição e violência ao longo das décadas de 1970 e 1980 na América Central. Martín-Baró era Jesuíta formado em psicologia e pertencia à geração daqueles teólogos da libertação engajados na resistência junto a camponeses-indígenas e aos povos das periferias de Nicarágua, El Salvador e Guatemala nos anos mais duros da repressão

[1] Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É Professora adjunta da Universidade de São Paulo no Curso de Gestão de Políticas Públicas e nos Programas de Pós-graduação Integração da América Latina e de Estudos Culturais. *E-mail:* vurquidi@usp.br
[2] Doutora em Economia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Instituto de Tecnologia de Massachusetts e na Universidad de Nueva México. É Professora titular da Universidade de São Paulo na Faculdade de Economia e Administração e no Programas de Pós-graduação Integração da América Latina
E-mail: cciamali@uol.com.br

militar. Em ***"O CONTEXTO POLÍTICO DA PRODUÇÃO DE IGNACIO MARTÍN-BARÓ"***, é apresentado o perfil de um dos poucos pensadores no campo da Psicologia da Libertação. O resgate da obra do autor jesuíta e revolucionário será tarefa de duas especialistas "*baronistas"*, Gisele Cardoso Costa, da *Universidade Federal do Amazonas* (Brasil), e Marilene Proença, da *Universidade de São Paulo* (Brasil).

Os dois artigos que vêm a seguir trazem um questionamento crítico ao papel das universidades públicas em sociedades caracterizadas pelo legado colonial e por uma educação voltada ao mercado. São trabalhos que propõem reflexões no campo da Educação a partir de experiências que vêm se consolidando nos últimos dez anos com projetos epistemológicos descolonizadores para o ensino superior: a primeira experiência vem do México, do *Centro de EcoAlfabetização y Diálogo de Saberes* da *Universidad Veracruzana*, e a segunda ocorre no Brasil, na *Universidade Federal da Integração Latino-americana*.

O estudo produzido no México abre as reflexões a partir de um debate ético e político sobre a produção de conhecimentos a serviço da reprodução do capital e do colonialismo, como projeto dominante nas universidades públicas. Propõe no lugar alternativas concretas, como ***"CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PERSPECTIVA TRANSDISCIPLINAR DA UNIVERSIDADE PÚBLICA EM ABYA YALA"***. Aqui *Abya Yala* – "*continente de vida*" que retira seu sentido de línguas indígenas e que abarca desde o Chile até o Canadá - será a metáfora geográfica e intersubjetiva a partir da qual se construirá um projeto epistêmico decolonial e em perspectiva do Sul Global. O artigo analisa a experiência de formação de profissionais do *Centro de EcoAlfabetización y Diálogo de Saberes de la Universidad Veracruzana*, no México, seus pressupostos pedagógicos e os resultados das suas pesquisas. O trabalho é apresentado pelas pesquisadoras Cristina Núñez-Madrazo e Isabel Castillo Cervantes da *Universidad Veracruzana* (México).

A perspectiva crítico-emancipatória também está na base curricular da segunda experiência de educação superior que ocorre em uma universidade pública brasileira, a Universidade Federal da Integração Latino-americana – UNILA. No manuscrito ***"PERSPECTIVAS DESDE O SUL GLOBAL: UMA ANÁLISE DO CICLO COMUM DE ESTUDOS DA UNILA"***, analisa-se uma proposta que se caracteriza tanto pelo enfoque na América Latina e suas identidades, quanto pelo empenho em construir um conhecimento *latino-americanista* -entenda-se decolonizado- a partir da cooperação, a integração e a solidariedade entre os povos da América Latina. O projeto curricular da UNILA, como projeto de integração regional a partir da universidade pública, é detalhado na interpretação da pesquisadora Patrícia Hehs, da *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo* (Brasil).

As experiências acima descritas e colocadas à prova como alternativas institucionais e como projetos descolonizadores dos saberes produzidos no ensino superior se contrapõem às políticas de reestruturação administrativa e de privatizações neoliberais dos anos 90. Nesse marco histórico que se estende até a primeira década do século XXI, ocorre também o surgimento de organizações de professores de magistério contra as reformas educativas neoliberais e em prol da democratização do ensino. Abordando esta temática, o próximo trabalho publicado na ***BJLAS*** analisa em perspectiva comparada as posições e estratégias de organização de professores face a tais reformas. Sob o título ***"A PARTICIPAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES DE PROFESSORES NOS PROCESSOS DE REFORMA EDUCACIONAL NA AMÉRICA LATINA (1990-2010)"***, o estudo compara os casos de Brasil, Argentina, Chile e México, e resulta das pesquisas de José Humberto Trejo Catalán, no *Centro Regional de Formación Docente e Investigación Educativa*, do México.

O artigo que vem a seguir se desenvolve num campo específico da História, a História Regional. É uma análise que retorna à década de 1930 para nos oferecer uma crítica necessária aos discursos de modernização e

progresso característicos dos projetos nacionalistas do Brasil e da Argentina, calcados ainda em ideários do século XIX. A experiência da seca em regiões de semiárido brasileiro e argentino permite à autora, Leda Agnes Simões de Melo, da *Universidade do Estado do Rio de Janeiro* (Brasil), identificar os preconceitos cristalizados no discurso de dois jornais de grande tiragem e circulação nacional. A análise inspirada também em epistemologias decoloniais conclui ao evidenciar as narrativas típicas do modelo de modernização que consolidaram diversas estigmatizações, como as oposições desenvolvimento/subdesenvolvimento, moderno/atrasado ou urbano/rural. São narrativas que, em última instância, montam o cenário do preconceito contra os migrantes e de menosprezo à situação de miséria das regiões do *interior*. O artigo se intitula ***"BRASIL E ARGENTINA: OS DISCURSOS SOBRE AS REGIÕES SEMIÁRIDAS DO CEARÁ E DE SANTIAGO DEL ESTERO NOS PERIÓDICOS* CORREIO DA MANHÃ *E* EL MUNDO *(1932-1937)"*** .

O artigo que se segue trata do uso com fins políticos de uma intensa crise humanitária: a emigração de grandes contingentes de cidadãos venezuelanos para países vizinhos, em condição de refugiados. Sob o título "***VENEZUELA: ENTRE A AJUDA HUMANITÁRIA E O INTERESSE POLÍTICO***", Diogo Cavazotti Aires da *Universidad Católica de Colombia* (Colômbia) analisa na introdução as causas internas que produzem a onda de refugiados venezuelanos para países vizinhos do continente. O estudo não se detém, entretanto, no diagnóstico das causas internas da crise deste país bolivariano. Propõe-se, pelo contrário, o desafio de elucidar e tornar patente também as manobras– geralmente eleitorais – que ocorrem entre as forças políticas em disputa nos países vizinhos como o Brasil e a Colômbia ou em países mais distantes como o México e, inclusive, os Estados Unidos. De acordo com o autor, narrativas ideologizadas – de interesses políticos e econômicos - sobre a crise venezuelana interfeririam e limitariam as possibilidades de atuar solidariamente na região para minimizar os fatores que na Venezuela favorecem a expulsão destes

emigrantes. Desse modo, o autor estende sua crítica com análise consistente à ineficácia dos instrumentos internacionais de proteção aos direitos humanos e dos mecanismos de garantia da paz e da segurança internacional na região.

Analisar o fenômeno das migrações por motivações políticas ou econômicas é temática corrente dos estudos sobre os deslocamentos humanos desde o século passado. Assim, as ditaduras latino-americanas das décadas de 1960 e 1970 provocaram movimentos regionais de refugiados políticos. O *Chile de Allende*, por exemplo, atraiu militantes exilados do *Brasil dos Generais*, mas o *Chile de Pinochet* posteriormente forçou novos migrantes ao exílio. Os estudos sobre a migração por motivações políticas sentaram assim as bases de uma série importante de estudos sobre uma etapa da história regional. Menos comum entretanto foram os trabalhos que analisaram este fato social a partir das subjetividades, os sentimentos e os afetos. É este o desafio que se propõe Iuri Pieroni de Lima, da Universidade Nova de Lisboa (Portugal), ao analisar as experiências dos **" 'BRACHILENOS' *E OUTROS CASOS: A IMIGRAÇÃO BRASILEIRA A SANTIAGO (CHILE) POR RAZÕES DE AFETIVIDADE*"**. Com entrevistas e "*relatos dos próprios sujeitos migrantes*" o autor do estudo buscou *"dar voz"* a filhas e esposas, protagonistas impactadas nos núcleos familiares da migração.

A ***BJLAS*** complementa a diversidade temática e a interdisciplinaridade das suas publicações a partir de dois estudos que utilizam análises de fontes primárias e secundárias para desenvolver pesquisas em campos diversos das ciências sociais aplicadas. O primeiro trabalho analisa documentação de acordos de cooperação internacional para determinar os conceitos que implicam estratégias de inovação social. O segundo é um estudo empírico no campo da biblioteconomia, a partir do uso de ferramentas informacionais para identificar material bibliográfico sobre história.

A *inovação social* como estratégia que articula projetos de cunho social para "*aumentar o diálogo, a integração e o desenvolvimento sustentável*"

na região da tríplice fronteira é a motivação da primeira obra, um estudo de caso sobre "***A COOPERAÇÃO FIRMADA POR AUTORIDADES POLICIAIS E A INOVAÇÃO SOCIAL PARA A SOLUÇÃO DE CONFLITOS FRONTEIRIÇOS: O CASO BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA*".** Na proposta, as pesquisadoras da *Universidade Estadual do Oeste do Paraná* (Brasil), Michele Vanessa Werner e Marli Renate von Borstel Roesler analisam um assalto ocorrido no Paraguai em 2017 que permitiu colocar em prática acordos de cooperação entre entidades policiais do Comando Tripartite. O estudo destaca questões de segurança de fronteira, sem perder de foco aspectos relativos aos direitos das populações que circulam por esses territórios.

O último artigo que apresentamos é um trabalho original que parte de um episódio específico da nossa história sul-americana para delimitar o recorte e objeto do "***ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DA PRODUÇÃO SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI*"**. O trabalho traz uma nova proposta de análise da produção acadêmica veiculada em revistas científicas, mediante a utilização de ferramentas de mineração de dados em bancos e bases que organizam as publicações. O estudo é oportuno porque abre um universo de possibilidades de análises e estudos não apenas bibliométricos, mas nas diversas áreas de conhecimento, a partir de bases como Web of Science, SciVerse e Scopus, entre outras. O estudo foi realizado pela pesquisadora do ***Programa de Pós-graduação Integração da América Latina***, Milena Magalhães Oliveira, da *Universidade de São Paulo* (Brasil), e sintetiza a produção bibliográfica num recorte temporal que se inicia em 1988 e finaliza em 2017.

Como em números anteriores, a ***Brazilian Journal of Latin American Studies*** inclui nas suas edições a publicação de resenhas sobre obras recentes ou produções de grandes autores do pensamento social latino-americano.

Nesta oportunidade, apresentamos a resenha ***COMO ENTENDER O DESCOLONIAL? RELEITURA DE " CH'IXINAKAX UTXIWA. UNA***

REFLEXIÓN SOBRE PRÁCTICAS Y DISCURSOS DESCOLONIZADORES" a partir do livro da socióloga mestiça/aymara Silvia Rivera Cusicanqui. A análise destaca os elementos descoloniais da obra da autora boliviana e foi realizada por pesquisadores dos da *Universidade de São Paulo* (Brasil), a licenciada Corina Demarchi Villalón do *Programa de Pós-graduação Mudança Social e Participação Política*, e o cientista político Iván David Sanabria do *Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais*.

Versión en español

Carta a las lectoras y los lectores,

La ***Brazilian Journal of Latin American Studies*** **(BJLAS)** se complace en publicar el número 36 de la revista especializada en estudios sobre América Latina. Presentamos análisis sobre la región en su conjunto, y estudios comparativos sobre diferentes países, lo que nos permite entender problemas específicos en temas tan diversos como educación, migración y derechos humanos. Este número trae también importantes análisis sobre la formación del pensamiento latinoamericano, como se verá.

Comenzaremos este número con un análisis del trabajo y la lucha política de un autor aún poco conocido en esta región del sur del continente, pero esencial para comprender los conflictos de la lucha armada de Liberación Nacional en Centroamérica. Se trata del pensador español-salvadoreño Ignacio Martin-Baró, una víctima asesinada de la *Guerra Sucia,* que dejó un legado de muerte, persecución y violencia durante los años setenta y ochenta en América Central. Martín-Baró era jesuita, psicólogo de formación, y pertenecía a la generación de aquellos teólogos de la liberación comprometidos en la resistencia junto a campesinos indígenas y pueblos de las periferias de Nicaragua, El Salvador y Guatemala, en lo más duro de la represión militar. En "***EL CONTEXTO POLÍTICO DE LA PRODUCCIÓN DE IGNACIO MARTÍN-BARÓ***", se presenta el perfil de uno

de los pocos pensadores en el campo de la Psicología de la Liberación. El rescate del trabajo del autor jesuitas y revolucionarios será tarea de dos especialistas y "*baronistas*", Gisele Cardoso Costa, de la *Universidade Federal do Amazonas* (Brasil), y Marilene Proença, de la *Universidade de São Paulo***.**

Los dos siguientes artículos traen un cuestionamiento crítico sobre el papel de las universidades públicas en sociedades caracterizadas por el legado colonial y la educación orientada al mercado. Son trabajos desarrollados en el campo de la Educación que se proponen a reflexionar sobre experiencias que vienen consolidándose en los últimos diez años. Experiencias para descolonizar epistemológicamente la educación superior: el primer caso proviene de México, del *Centro de EcoAlphabização y Diálogo de Saberes en la Universidad Veracruzana*, y el segundo ocurre en el Brasil, en la *Universidade Federal da Integração Latino-americana*.

El estudio realizado en México inicia sus reflexiones desde un debate ético y político sobre la producción de conocimientos al servicio de la reproducción del capital y del colonialismo, como proyecto dominante en las universidades públicas. En cambio, propone alternativas concretas "***HACIA UNA PERSPECTIVA TRANSDISCIPLINAR DE LA UNIVERSIDAD PÚBLICA EN ABYA YALA***". Aquí *Abya Yala* -"continente de vida" como significa en lenguas indígenas el territorio que abarca desde Chile hasta el Canadá - será la metáfora geográfica e intersubjetiva a partir de la cual se construirá un proyecto epistémico descolonial en perspectiva del Sur Global. El artículo analiza la experiencia de formación de profesionales en el *Centro de EcoAlfabetización y Diálogo de Saberes de la Universidad Veracruzana* (México), sus supuestos pedagógicos y los resultados de su investigación. El trabajo es presentado por las investigadoras Cristina Núñez-Madrazo e Isabel Castillo Cervantes de la *Universidad Veracruzana* (México).

Tal perspectiva crítica emancipadora también está en el centro de la segunda experiencia alternativa de educación superior. Ella tiene lugar en

una universidad pública brasileña, la *Universidade Federal da Integração Latino-americana – UNILA*. En el artículo "***PERSPECTIVAS DESDE EL SUR GLOBAL: UN ANÁLISIS DEL CICLO COMÚN DE ESTUDIOS DE LA UNILA***", se analiza esta propuesta caracterizada tanto por su enfoque en América Latina y sus identidades, como por su compromiso de construir conocimientos *latinoamericanistas* -entendidos como decolonizados-, basados en la cooperación, integración y solidaridad entre los pueblos de América Latina. El proyecto curricular de UNILA, como proyecto de integración regional de la universidad pública, se detalla en la interpretación de la investigadora Patrícia Hehs, de la *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo* (Brasil).

Las experiencias descritas anteriormente y puestas a prueba como alternativas institucionales y como proyectos descolonizadores del conocimiento producido en la educación superior hacen frente a las políticas de reestructuración administrativa y privatizaciones neoliberales de los años noventa. En este hito histórico que se extiende hasta la primera década del siglo XXI, surgen también organizaciones de docentes contra las reformas educativas neoliberales y para la democratización de la enseñanza. Al abordar este tema, el próximo artículo publicado en la ***BJLAS*** compara las posiciones y estrategias de las organización de docentes frente a tales reformas. Bajo el título "***LA PARTICIPACIÓN DE LAS ORGANIZACIONES DE PROFESORES EN LOS PROCESOS DE REFORMA EDUCATIVA EN AMÉRICA LATINA (1990-2010)***", el estudio compara los casos de Brasil, Argentina, Chile y México, lo que proviene de las investigaciones de José Humberto Trejo Catalán, en el *Centro Regional de Formación Docente e Investigación Educativa*, de México.

El siguiente artículo se desarrolla en un campo específico de Historia, la Historia Regional. Es un análisis que se remonta a la década de 1930 para ofrecernos una crítica necesaria de los discursos de modernización y progreso que son característicos de los proyectos nacionalistas en Brasil y Argentina, todavía basados en ideas del siglo XIX. La experiencia de la

sequía en las regiones semiáridas brasileñas y argentinas permite a la autora, Leda Agnes Simões de Melo, de la *Universidad Estatal de Río de Janeiro* (Brasil), identificar los prejuicios cristalizados en el discurso de dos periódicos de gran tirada y circulación nacional. El análisis también inspirado en epistemologías decoloniales concluye al evidenciar las narrativas típicas del modelo de modernización que consolidaron estigmatizaciones diversas, entre ellas las oposiciones desarrollo/subdesarrollo, moderno/atrasado o urbano/rural. Son narrativas que, en última instancia, crean el escenario de prejuicios contra los migrantes y de menosprecio a la situación de miseria en las regiones del *interior*. El artículo se titula "***BRASIL Y ARGENTINA: LOS DISCURSOS SOBRE LAS REGIONES DE CEARÁ Y DE SANTIAGO DEL ESTERO EN LOS PERIÓDICOS CORREIO DA MANHÃ Y EL MUNDO (1932-1937)***".

El artículo que viene a continuación trata sobre el uso político de una intensa crisis humanitaria: la emigración de un gran número de ciudadanos venezolanos a países vecinos, en calidad de refugiados. Bajo el título "***VENEZUELA: ENTRE LA AYUDA HUMANITARIA Y EL INTERÉS POLÍTICO***", Diogo Cavazotti Aires de la *Universidad Católica de Colombia* (Colombia) analiza en la introducción las causas internas que producen la ola de refugiados venezolanos a los países vecinos del continente. El estudio, sin embargo, no se detiene en el diagnóstico de las causas internas de la crisis en el país bolivariano. Por el contrario, propone el desafío de dilucidar y poner en manifiesto también las maniobras - generalmente electorales - que tienen lugar entre las fuerzas políticas en disputa en países vecinos como Brasil y Colombia, o en países más distantes como México e incluso los Estados Unidos. De acuerdo con el autor, las narraciones ideologizadas - de intereses políticos y económicos - sobre la crisis venezolana interferirían y limitarían las posibilidades de actuar conjuntamente en la región para minimizar los factores que en Venezuela favorecen la expulsión de tales emigrantes. De esta manera, el autor extiende su crítica con análisis consistente a la ineficacia de los

instrumentos internacionales para la protección de los derechos humanos y a los mecanismos de garantía de la paz y de la seguridad internacionales en la región.

Analizar el fenómeno de la migración por razones políticas o económicas es un tema corriente en los estudios sobre desplazamientos humanos desde el siglo pasado. Así, las dictaduras latinoamericanas de los años sesenta y setenta provocaron movimientos regionales de refugiados políticos. *Chile de Allende*, por ejemplo, atrajo a militantes exiliados del *Brasil de los Generales*, pero *Chile de Pinochet* luego forzó nuevas migraciones para el exilio. Los estudios sobre migración por razones políticas sentaron de tal modo las bases para una importante producción de análisis sobre estos episodios de la historia regional. Sin embargo, menos comunes fueron los trabajos que analizaron estos hechos sociales basados en subjetividades, sentimientos y afectos. Este es el desafío propuesto por Iuri Pieroni de Lima, de la *Universidade Nova de Lisboa* (Portugal), al interpretar las experiencias de " "***BRACHILENOS" Y OTROS CASOS: LA INMIGRACIÓN BRASILEÑA A SANTIAGO (CHILE) POR RAZONES DE AFECTIVIDAD***". Con entrevistas e "*relatos de los propios sujetos migrantes*", el autor del estudio buscó "*dar voz*" a las hijas y esposas, protagonistas impactadas en los núcleos familiares de la migración.

A ***BJLAS*** complementa la diversidad temática y la interdisciplinariedad de sus publicaciones con dos estudios que utilizan análisis de fuentes primarias y secundarias para desarrollar investigaciones en campos distintos de las ciencias sociales aplicadas. El primer artículo analiza la documentación de los acuerdos de cooperación internacional para determinar los conceptos que implican estrategias de innovación social. El segundo es un estudio empírico en el campo de la biblioteconomía, basado en el uso de herramientas informacionales para identificar material bibliográfico de historia.

La *innovación social,* como estrategia que articula proyectos sociales para "*aumentar el diálogo, la integración y el desarrollo sostenible*" en la región de la triple frontera, es la motivación para el primer artículo, un estudio de caso sobre "***LA COOPERACIÓN REALIZADA POR AUTORIDADES POLICIALES E INNOVACIÓN SOCIAL PARA RESOLVER CONFLICTOS FRONTERIZOS: EL CASO DE BRASIL, PARAGUAY Y ARGENTINA***". En la propuesta, las investigadoras de la *Universidade Estadual do Oeste do Paraná* (Brasil), Michele Vanessa Werner y Marli Renate von Borstel Roesler analizan un asalto ocurrido en Paraguay en 2017 que permitió la implementación de acuerdos de cooperación entre entidades policiales del Comando Tripartito. El estudio destaca los problemas de seguridad fronteriza, sin perder el foco en aspectos relacionados con los derechos de las poblaciones que circulan en estos territorios.

El último artículo que presentamos es un trabajo original que parte de un episodio específico de nuestra historia sudamericana para delimitar el objeto del "***ESTUDIO BIBLIOMÉTRICO DE LA PRODUCCIÓN CIENTÍFICA SOBRE LA GUERRA DE PARAGUAY***". El trabajo trae una propuesta nueva de análisis de la producción académica publicada en revistas científicas, utilizando herramientas de minería de datos en bancos y bases que organizan las publicaciones académicas. El estudio es oportuno porque abre un universo de posibilidades de análisis y de estudios no solo bibliométricos, sino también en diferentes áreas de conocimiento, basados en bases como Web of Science, SciVerse y Scopus, entre otras. El estudio fue realizado por la investigadora del ***Programa de Posgrado Integración de América Latina***, Milena Magalhães Oliveira, de la *Universidad de São Paulo* (Brasil), y sintetiza la producción bibliográfica en un marco temporal que comienza en 1988 y termina en 2017.

Como en números anteriores, la ***Brazilian Journal of Latin American Studies*** incluye en sus ediciones la publicación de reseñas de obras recientes o de producciones de grandes autores del pensamiento social latinoamericano.

En esta oportunidad, presentamos la reseña sobre "***¿CÓMO ENTENDER O DESCOLONIAL? RELEITURA DE 'CH'IXINAKAX UTXIWA. UNA REFLEXIÓN SOBRE PRÁCTICAS Y DISCURSOS DESCOLONIZADORES' "*** basada en el libro de la socióloga mestiza/aymara Silvia Rivera Cusicanqui. El análisis destaca los elementos descoloniales del trabajo de la autora boliviana y fue escrito por investigadores de la *Universidad de São Paulo* (Brasil), la licenciada Corina Demarchi Villalón del *Programa de Pós-graduação Mudança Social e Participação Política*, y el politólogo Iván David Sanabria del *Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais*.

English version

Letter to the readers

The ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** is pleased to publish its issue 36. **BJLAS** is a scientific journal specialized in Latin American studies that publishes analysis and researches related to the region and comparative studies on different countries, which allows to understand specific problems in subjects as diverse as education, migration, and human rights. This issue also brings important analysis on the formation of Latin American thought, as the reader will see in the articles that follow.

We open this issue with an analysis of the work and the political struggle of an still little known author in this southern region of the continent, but essential to understand the fights of the armed struggles for National Liberation in Central America. Ignacio Martin-Baró, a Spanish-Salvadoran thinker, who was murdered victim of the *Dirty War,* which left a legacy of death, persecution and violence throughout the 1970s and 1980s in Central America. Martín-Baró was a Jesuit graduated in psychology and belonged to the generation of the liberation theologians engaged in resistance movements with indigenous peasants and with people from the

peripheries of Nicaragua, El Salvador and Guatemala in the toughest years of military repression. In "***THE POLITICAL CONTEXT OF THE PRODUCTION OF IGNACIO MARTÍN-BARÓ***", the profile of one of the few thinkers in the field of Liberation Psychology is presented. Rescuing the work of this Jesuit and revolutionary is the goal of two "*baronist*" specialists, Gisele Cardoso Costa, from the *Universidade Federal do Amazonas* (Brazil), and Marilene Proença, from the *Universidade de São Paulo* (Brazil).

The following two articles bring critical questions to the role of public universities in societies characterized by the colonial legacy and market-oriented education. These are papers that propose reflections on the field of Education based on experiences that have been consolidated in the last ten years with decolonizing epistemological projects for higher education: the first experience comes from Mexico, from the *Centro de EcoAlphabización y Diálogo de Saberes* at *Universidad Veracruzana*, and the second from Brazil, from the *Universidade Federal da Integração Latino-americana*.

The study produced in Mexico explores an ethical and political debate on the production of knowledge in the service of capital reproduction and colonialism as a dominant project in public universities. The paper proposes concrete alternatives as noticed in "***TOWARDS A TRANSDISCIPLINARY PERSPECTIVE OF THE PUBLIC UNIVERSITY IN ABYA YALA***". Abya Yala (means "*continent of life*" and its meaning derives from indigenous languages that embraces the region that goes from Chile to Canada) will be the geographic and intersubjective metaphor from which a decolonial epistemic project is built in a Global South perspective. The article analyzes the experience of training of professionals at the *Centro de EcoAlfabetización y Diálogo de Saberes de la Universidad Veracruzana* (Mexico), their pedagogical assumptions and the results of their research. The study is presented by the researchers Cristina Núñez-Madrazo and Isabel Castillo Cervantes from *Universidad Veracruzana* (Mexico).

The critical-emancipatory perspective is also at the core of the second higher education experience, which takes place in a Brazilian public university, the Universidade Federal da Integração Latino-americana - UNILA. "***PERSPECTIVES FROM THE GLOBAL SOUTH: AN ANALYSIS OF THE COMMON CYCLE OF STUDIES OF THE UNILA***" analyzes a proposal that is characterized both by its focus on Latin America and its identities, as well as by its commitment to building Latin Americanist knowledge, that is decolonized, based on pillars such as: cooperation, integration, and solidarity among the peoples of Latin America. The UNILA curriculum project, as a regional integration project from the public university perspective, is detailed in the study developed by the researcher Patrícia Hehs from the *Pontifícia Universidade Católica* of São Paulo (Brazil).

The experiences described above and tested as institutional alternatives and decolonizing projects of the knowledge produced in higher education collide with the neoliberal administrative decentralization policies enforced in the 90s. In this historical framework that extends up to the first decade of the 21st century there is also the emergence of secondary school teachers' organizations against neoliberal educational reforms and for the democratization of teaching. Addressing this topic, the next article published by ***BJLAS*** analyzes, through a comparative perspective, the teachers' organizational positions and strategies in face of such reforms. "***THE PARTICIPATION OF TEACHERS' ORGANIZATIONS IN THE EDUCATIONAL REFORM PROCESSES IN LATIN AMERICA (1990-2010)***" compares the cases of Brazil, Argentina, Chile and Mexico, and results from researches developed by José Humberto Trejo Catalán at the *Centro Regional de Formación Docente e Investigación Educativa* (Mexico).

The following article belongs to a specific field of History, the Regional History. It presents an analysis that takes us to the 1930s by offering a pertinent criticism of the modernization and progress discourses, which are characteristic of nationalist projects in Brazil and Argentina, based on ideas from the 19th century. The experience of the drought in the Brazilian

and Argentine semiarid regions allows the author, Leda Agnes Simões de Melo, from the *Universidade do Estado do Rio de Janeiro* (Brazil), to identify the prejudices crystallized in the discourse of two major newspapers of national circulation. The analysis is also inspired by decolonial epistemologies and it shows evidences of the typical narratives of the modernization model that consolidated stigmatizations by opposing modern/backward, development/underdevelopment, and urban/rural. They are narratives that, ultimately, set the scene of prejudice against migrants and the situation of misery in the *interior* regions. The article is entitled "***BRAZIL AND ARGENTINA: DISCOURSES OVER SEMIARID REGIONS OF CEARÁ AND SANTIAGO DEL ESTERO ON THE NEWSPAPERS CORREIO DA MANHÃ AND EL MUNDO (1932-1937)*** ".

The next article discuss the political motivations of a great humanitarian crisis: the migration of large numbers of Venezuelan citizens to neighboring countries as refugees. In "***VENEZUELA: BETWEEN HUMANITARIAN AID AND POLITICAL INTEREST***", Diogo Cavazotti Aires from the *Universidad Católica de Colombia (*Colombia), opens his article discussing the internal causes that produce a wave of Venezuelan refugees to neighbour countries. The study is not limited by the diagnosis of internal causes of the crisis in this Bolivarian country. On the contrary, it proposes the challenge of elucidating and highlighting the, usually electoral, maneuvers, that happens among political forces in neighbor countries like Brazil and Colombia, or even in more distant countries like Mexico and the United States. According to the author, ideologized narratives, of political and economic interests, about the Venezuelan crisis would interfere and limit the possibilities of regional solidarity actions to minimize the factors that push these migrants to other countries. Thus, the author extends his criticism with a consistent analysis of the ineffectiveness of international instruments for the protection of human rights and for the mechanisms of guarantee of international peace and security in the region.

Since the last century it has been the standard to analyze the migration phenomenon considering either the political or economic reasons. The Latin American dictatorships in the 1960s and 1970s caused internal displacement of political refugees. The *Chile of Allende*, for example, attracted exiled militants from *Brazil of the Generals*, but the *Chile of Pinochet* later forced new migrants into exile. Studies on migration for political reasons thus laid the foundations for an important series of studies in regional history. Less common, however, were the studies that analyzed this social fact based on subjectivities, feelings and affections. This is the challenge proposed by Iuri Pieroni de Lima, from *Universidade Nova de Lisboa (*Portugal), when analyzing the experiences of "***BRACHILENOS" AND OTHER CASES: THE BRAZILIAN IMMIGRATION TO SANTIAGO (CHILE) FOR AFFECTIVE REASONS***". With interviews and "r*eports from the migrant subjects themselves*", the author sought to "*give voice*" to daughters and wives, the female protagonists impacted on the migration's family nuclei.

BJLAS complements its thematic diversity and interdisciplinarity with two additional studies that use primary and secondary sources to develop researches in different fields of applied social sciences. The first paper analyzes international cooperation agreements documents to determine the concepts that involve social innovation strategies. The second one is an empirical study in the field of librarianship, based on the use of informational tools to identify bibliographic material on history.

Social innovation, as a strategy that articulates social projects to "*increase dialogue, integration and sustainable development*" in the triple frontier region, is the core of the case study of "**COOPERATION SIGNED BY POLICE AUTHORITIES AND SOCIAL INNOVATION FOR THE SOLUTION OF BORDER CONFLICTS: THE CASE OF BRAZIL, PARAGUAY AND ARGENTINA**". In this study, the researchers Michele Vanessa Werner and Marli Renate von Borstel Roesler from the *Universidade Estadual do Oeste do Paraná* (Brazil), analyze an assault that took place in Paraguay in 2017,

which allowed the implementation of cooperation agreements between police entities of the Tripartite Command. The study highlights border security issues without losing focus on aspects related to the rights of the populations that circulate in these territories.

The last article is an original study on a specific episode of South American history that delimits the object of study present in "***BIBLIOMETRIC STUDY OF THE SCIENTIFIC PRODUCTION ABOUT THE PARAGUAYAN WAR***". The paper presents a new proposal to analyze academic articles published in scientific journals, using data mining tools in databases that preserve these publications. The study is opportune because it opens up a universe of possibilities for analysis and studies not only in bibliometric field, but in several areas of knowledge. The author researched some databases such as Web of Science, SciVerse, and Scopus, among others, considering the bibliographies published between 1988 and 2017. The study was carried out by the researcher from the *Integration in Latin America Graduate Program*, Milena Magalhães Oliveira, from the *Universidade de São Paulo* (Brazil).

As the reader can notice in the previous issues, the ***Brazilian Journal of Latin American Studies*** also publishes book reviews on recent works or studies by great Latin American social thought authors.

For the issue 36 we present the book review "***HOW TO UNDERSTAND THE DECOLONIAL APPROACH? A RE-READING OF 'CH'IXINAKAX UTXIWA. UNA REFLEXIÓN SOBRE PRÁCTICAS Y DISCURSOS DESCOLONIZADORES***" based on the work of the mestizo/Aymara sociologist, Silvia Rivera Cusicanqui. The analysis highlights the decolonial elements of the Bolivian author's work and was written by researchers from the *Universidade de São Paulo* (Brazil), graduate student Corina Demarchi Villalón from the *Social Change and Political Participation Graduate Program*, and the political scientist Iván David Sanabria-González of *Cultural Studies Graduate Program*.

DOI:10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.171880

Recebido em: 01/07/2020
Aprovado em: 01/072020
Publicado em: 01/07/2020

BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

O CONTEXTO POLÍTICO DA PRODUÇÃO DE IGNACIO MARTÍN-BARÓ

THE POLITICAL CONTEXT OF THE PRODUCTION OF IGNACIO MARTÍN-BARÓ

EL CONTEXTO POLÍTICO DE LA PRODUCCIÓN DE IGNACIO MARTÍN-BARÓ

Gisele Cardoso Costa[1]
Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Marilene Proença Rebello de Souza[2]
Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo : Desde a década de 1970 a obra de Ignacio Martín-Baró pode ser considerada um ponto de inflexão no pensamento social latino-americano, com destaque para o campo da psicologia. Sob forte influência de autores ligados à discussão de Libertação Nacional em todos os rincões da América Latina, os escritos de Martín-Baró, foram formulados mediante o ascenso da guerra civil na América Central e da luta pela redemocratização na América do Sul. É nesse sentido que o presente artigo, a partir do método do materialismo histórico e dialético, busca apresentar os postulados do intelectual espanhol por meio das bases materiais e dos debates políticos vinculados a um contexto histórico que determinaram o desenvolvimento, e sobretudo, a radicalização de seus pressupostos. Assim, a obra de Martín-Baró é apresentada ao leitor como uma obra inalienável à situação conjuntural-estrutural da realidade objetiva da América Latina, durante as décadas de 1970 e 1980, sendo seu pensamento parte da crítica de Libertação Nacional que marcou o debate político das organizações populares e partidários naquele período.

Palavras-chaves: Ignacio Martín-Baró, América Latina, Libertação Nacional

Abstract: Since the 1970s, Ignacio Martín-Baró's work can be considered a turning point in Latin American social thought, with an emphasis on the field of psychology. Under the strong influence of authors linked to the discussion of National Liberation in all corners of Latin America, the writings of Martín-Baró were formulated through the rise of civil war in Central America and the struggle for redemocratization in South America. This article, based on the method of historical and dialectical materialism, seeks to present the postulates of the Spanish intellectual through the

[1].Mestre em Ciência. Professora na Universidade Federal do Amazonas. Doutoranda em Ciência pelo Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina, Universidade de São Paulo. *E-mail:* giseleccosta@usp.br
[2] Doutora em Psicologia. Professora do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina – Universidade de São Paulo. *E-mail:* marileneproenca@gmail.com

material bases and political debates linked to a historical context that determined the development, and above all, the radicalization of its assumptions. Thus, the work of Martín-Baró is presented to the reader as an inalienable work to the conjunctural-structural situation of the objective reality of Latin America, during the 1970s and 1980s, his thinking being part of the critique of National Liberation that marked the political debate popular and partisan organizations in that period.

Keywords: Ignacio Martín-Baró, Latin America, National Liberation

Resumen: Desde la década de 1970 la obra de Ignacio Martín-Baró puede considerarse un punto de inflexión en el pensamiento social latinoamericano, con énfasis en el campo de la psicología. Bajo fuerte influencia de autores vinculados a la discusión de Liberación Nacional en todos los rincones de América Latina, los escritos de Martín-Baró fueron formulados mediante el ascenso de la guerra civil en Centroamérica y la lucha por la redemocratización en Sudamérica. En este sentido, el presente artículo, a partir del método del materialismo histórico y dialéctico, busca presentar los postulados del intelectual español por medio de las bases materiales y de los debates políticos vinculados a un contexto histórico que han determinado el desarrollo, y sobre todo, la radicalización de sus presupuestos. Así, la obra de Martín-Baró es presentada al lector como una obra inalienable a la situación coyuntural-estructural de la realidad objetiva de América Latina, durante las décadas de 1970 y 1980, siendo su pensamiento parte de la crítica de Liberación Nacional que marcó el debate político de las organizaciones populares y partidarios en aquel período.

Palabras-claves: Ignacio Martín-Baró, América Latina, Liberación Nacional

DOI:10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.167973

Recebido em: 20/03/2020
Aprovado em: 28/06/2020
Publicado em: 01/07/2020

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo apresentar o pensamento de Ignacio Martín-Baró como parte intrínseca das próprias demandas represadas na história da América Latina, isto é, a tarefa de Libertação Nacional que atravessou os séculos de colonização e adentrou na democracia liberal sem que fosse cumprida.

A metodologia de construção desse artigo é então correspondente à intencionalidade enunciada, ou seja, a compreensão de que a produção intelectual e aparentemente individual não existe em si mesma como abstrações idealistas separadas da realidade objetiva e isoladas da sociedade, mas sim como produto determinado e determinante das relações sociais. (MARX, 2013).

Nascido no ano de 1942, no noroeste da Península Ibérica, mais exatamente na cidade espanhola de Valladolid, Ignacio Martín-Baró traçou uma trajetória pessoal e política na qual as contradições e ironias da história se colocariam como marcas latentes.

Em 1959, ano em que a América Latina e o mundo se petrificaram diante da primeira revolução socialista no continente, a Revolução Cubana, do outro lado do Atlântico, Martín-Baró adentrava na Companhia de Jesus. Sob os comandos daquela mesma ordem religiosa que, do século XVI ao século XVIII, formou o arcabouço ideológico da colonização, contraditoriamente Ignacio Martín-Baró entraria para a história da América Latina como o nome mais progressista da psicologia subcontinental na década de 1970/1980.

Formado em filosofia, na Pontificia Universidad Javeriana (Colômbia), no ano de 1964, em teologia pela Facultés Saint-Albert (Bélgica), em 1970, em psicologia na Universidad Centroamericana "José Simeón Cañas" (El Salvador), no ano de 1975, e mestrado e doutorado também em psicologia pela The University of Chicago (EUA), entre 1977-1979, o jesuíta Martín-Baró superou os limites conservadores de sua ordem religiosa e mesmo do mundo acadêmico a qual também pertenceu. No entanto, o nexo entre suas proposições teóricas e a sua prática, isto é, a coerência de sua práxis, tal como um verbo que se fez carne, cruzou com a tragédia coletiva de um pequeno país cujo nome remete ao grande mártir da liturgia cristã – El Salvador.

Ignacio Martín-Baró foi assassinado no outono do ano de 1989, mesmo ano que caiu o Muro de Berlim, e a intelligentsia capitalista passou a

anunciar o "fim da história" e a triunfal vitória da democracia liberal em todo o planeta. (FUKUYAMA, 1992).

Entretanto, na América Central essa democracia, mesmo em no seu sentido mais restrito, não passava de uma abstração eloquente. Para além da fome, da ausência de bens sociais básicos como saúde, educação e moradia, a Guerra Suja praticada pelas ditaduras centro-americanas e apoiadas pelos governos estadunidenses seguiu a promover o pior cenário bélico da história recente da América Latina.

De acordo com Noam Chomsky (1998), na mesma semana do massacre dentro da Universidad Centroamericana (UCA), resultante nos assassinados dos jesuítas, Ignacio Martín-Baró, Ignacio Ellacuría, Segundo Montes, Juan Ramón Moreno, Amando López, y Joaquín López y López e da funcionária Elba Ramos e sua filha Celina Ramos, outros vinte e oito civis também foram executados pelo exército de El Salvador. Entre tais civis estavam um dirigente sindical, uma líder do movimento de mulheres universitárias, nove membros de uma cooperativa agrícola indígena e dez estudantes universitários.

Esse conjunto de acontecimentos, portanto, oferece a dimensão política e social da qual emergiram as obras maiores de Ignacio Martín-Baró e na qual submergiu sua vida.

Assim, em nosso juízo, esses elementos foram as condições objetivas do radicalismo do pensamento desse autor, condições que, outrossim, deram sentido a teoria latino-americana de Libertação Nacional que tanto incidiu sobre suas obras. Por essa razão, o presente artigo apresenta a produção de Martín-Baró no contexto de debate teórico-político a respeito da Libertação Nacional, na América Latina e das insurreições centro-americanas entre a década de 1970 e 1980.

2 A INFLUÊNCIA DA LIBERTAÇÃO NACIONAL SOB BARÓ

Na década de 1960, o antagonismo entre as classes sociais entrou no limite das soluções possíveis no âmbito da conciliação entre capital e trabalho. A Revolução Cubana foi o prelúdio de um contexto de radicalização das lutas populares na América Latina, instalada também em outros lugares do mundo, como no processo de Libertação Nacional da África e da Ásia.

A vitória do Movimento 26 de Julho, em Cuba, colocou pela primeira vez desde a derrota da Revolução Boliviana de 1952 a possibilidade dos trabalhadores latino-americanos superarem suas agruras pela via revolucionária. Esse acontecimento histórico, na urdidura do avanço da luta de classes em escala internacional e regional, produziu também o avanço da consciência sobre o caráter histórico da América Latina.

Entre os principais elementos em debate político daquele período estava o lugar do subcontinente na divisão internacional do trabalho, a postura acovardada da burguesia e a possibilidade do proletariado ser o sujeito social capaz de superar a opressão e exploração imperialista.

Para Michael Löwy (2012), a Revolução de 1959 iniciou a decadência do "marxismo" mecânico difundido pelo estalinismo desde os anos de 1930, que se dedicava a fazer transposições teóricas do desenvolvimento europeu para explicar a formação social latino-americana. Ao lado da tese estalinista entrou em crise a chamada Sociologia da Modernização a qual apregoava que os problemas das sociedades latino-americanas consistiam em sua estrutural atrasada, empecilho para a industrialização. Segundo Marcos Roitman Rosenmann (2013), no lugar dessas teorias etapistas tomou forma uma importante corrente do pensamento crítico da América Latina - a Teoria da Dependência.

Produto da assimilação, negação e superação dos conceitos desenvolvidos pela Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL) sobre o subdesenvolvimento regional, bem como de concepções

teóricas anteriormente desenvolvidas pelo trotskismo, a Teoria da Dependência dialogou com um sentimento da luta anti-imperialista.

O entendimento de que a situação de dependência corresponde à submissão econômica de um país periférico frente à expansão e desenvolvimento dos países centrais, tal como aparece na obra de Theotônio Dos Santos (1970) e Ruy Mauro Marini (2000), abriu espaço para pensar a Libertação Nacional a partir da ação das camadas populares.

Em sua síntese, o movimento de Libertação Nacional na América Latina tinha como composição social os movimentos populares e também setores da pequena-burguesia e mesmo da burguesia, isto é, tratou-se de um movimento teórico e político policlassista, cujo eixo era a defesa da soberania nacional. E por essa razão, assimilou a temática da dependência.

Para além do desdobramento político-programático nos grupos organizados da esquerda latino-americana, essa perspectiva influenciou o campo intelectual no sentido de compreender a Libertação e a busca pelos setores explorados e oprimidos no mais amplo sentido.

De acordo com Márcio Bolda da Silva (1998, p.47):

> O divisor de águas, que inaugura um novo contexto e uma nova metodologia de reflexão na América Latina, é a sistematização da categoria sócio-análitica da "dependência". A noção de dependência é o elemento chave para a interpretação da realidade latino-americana e para a impostação do discurso libertador...Em seu conjunto, o discurso libertador concentra uma polarização de reflexão e de ação sustentada no conteúdo sócio-analítico da noção de dependência. Essa relação entre o discurso libertador e o tema da dependência permite entender o binômio dependência-libertação, surgido na década de 60, em contraposição ao binômio desenvolvimento-subdesenvolvimento, é a causa para explicar o aparecimento da filosofia da libertação.

No âmbito acadêmico o postulado da Libertação Nacional teve como principais áreas, a educação e a sociologia.

No campo educacional, merecem destaque as elaborações de Álvaro Vieira Pinto (1909-1987) e Paulo Freire (1921-1997). Nas formulações desses autores a questão da Libertação Nacional surge vinculada à necessidade de construção de uma educação de caráter popular, na qual a consciência ingênua transite para uma consciência crítica, no sentido de ruptura com

um processo secular de alienação imposta pela colonização. Para tanto, tal educação deveria se interessar pelas demandas democráticas não resolvidas, uma vez que: "é próprio da consciência crítica a sua integração com a realidade, enquanto que da ingênua o próprio é sua superposição à realidade." (FREIRE, 1967 p.105).

A temática da consciência crítica, tal como proposta por Vieira Pinto e Freire, é diretamente assumida no construto teórico-político de Ignacio Martín-Baró. No texto intitulado *O Papel do Psicólogo*, a influência desses autores aparece na obra baronista não apenas no entendimento político a respeito das tarefas históricas as quais o jesuíta incorpora como tarefas da psicologia latino-americana, como também no debate sobre conscientização. Nas palavras diretas de Martín-Baró (1996 p.16-17):

> Como é sabido, conscientização é um termo cunhado por Paulo Freire para caracterizar o processo de transformação pessoal e social que experimentam os oprimidos latino-americanos quando se alfabetizam em dialética com o seu mundo (...). A conscientização não consiste, portanto, em uma simples mudança de opinião sobre a realidade, em uma mudança da subjetividade individual que deixe intacta a situação objetivo; a conscientização supõe uma mudança das pessoas no processo de mudar sua relação com o meio ambiente e, sobretudo, com os demais. Não há saber verdadeiro que não seja essencialmente vinculado com um saber transformador sobre a realidade, mas não há saber transformador da realidade que não envolva uma mudança de relações entre os seres humanos. Ao afirmar que o horizonte primordial da psicologia deve ser a conscientização, se está propondo que o fazer do psicólogo busque a desalienação das pessoas e grupos, que as ajude a chegar a um saber crítico sobre si próprias e sobre sua realidade.

Na referida obra, o conceito de conscientização (consciência crítica), no sentido original proposto por Álvaro Vieira Pinto e Paulo Freire, é inserido por Martín Baró no campo da psicologia como um conceito submetido à concretude. Dessa maneira, conscientização não implica em uma abstração distanciada da realidade popular, mas uma elevação dessa realidade para níveis superiores de compreensão, na qual aparência imediata da materialidade da vida cotidiana é apreendida para além de suas manifestações mais acabadas.

No entanto, a respeito da vinculação entre o conhecimento científico e as demandas populares, o certo é que não apenas os pressupostos da Pedagogia da Libertação tiveram influência sobre os escritos baronistas.

Na Colômbia surgiu outro nome importante que dialogaria com as prerrogativas da Libertação Nacional no âmbito do conhecimento sistematizado – Orlando Fals Borda (1925-2008). Também importante referência para o pensamento de Ignacio Martín-Baró, o autor colombiano tornou-se um dos principais teóricos na América Latina a questionar o eurocentrismo como parâmetro de investigação para a realidade do subcontinente. Para Fals Borda (2014 p.149):

> Um desses campos novos para a sociologia seria indubitavelmente o da libertação, isto é, a utilização do método científico para descrever, analisar e aplicar o conhecimento para transformar a sociedade, perturbar a estrutura de poder e de classes que condiciona essa transformação e colocar em marcha todas as medidas condizentes a assegurar uma satisfação maior e real do povo. (FALS BORDA, 2014 p.149 – tradução nossa).

A utilização dos meios científicos como um dos meios para transformar a realidade, premissa defendida por Olando Fals Borda, não somente foi assimilada por Martín-Baró, como também ganhou em seus escritos uma crítica anticolonial que deveria ser inserida no campo científico. Tal crítica está presente no texto *Conscientización y Currículos Universitários*, um dos textos mais elucidativos a respeito da forma e conteúdo que a ciência deveria adquirir para atuar na realidade latino-americana. Nele Martín-Baró (1998 p.136) afirma:

> Por penetração cultural entendo aqui todas aquelas atividades universitárias em que frente a nossa realidade, se empregam esquemas de compreensão, abordagem, enfoques, sistemas e soluções distantes que, de forma acrítica, consagram nossa situação de dependência histórico-estrutural. Não se trata de adaptar melhor ou pior aos nossos problemas o pensamento e a ciência alheia. Se trata de que o ponto de partida é radicalmente falso. Quando se arranca da ciência pré-fabricada, isto é, fabricada em outro lugar, e não do exame dos nossos problemas, todo o desenvolvimento se encontra já, por ele mesmo, viciado. Isso não quer dizer que tínhamos que gerar do zero uma ciência ou uma técnica própria; isso quer dizer, simplesmente, que uma ciência não encarnada é uma ciência alienada, e que a encarnação não se conquista enfocando nossa realidade com esquemas já preparados, senão pedindo respostas ou ajuda à ciência (ou à técnica), a partir

> de nossa realidade. É muito distinto ir à ciência a partir da nossa realidade que ir a nossa realidade a partir de uma ciência já feita.

Aqui é possível encontrar a síntese superior que Ignacio Martín-Baró fez a partir da contribuição da Pedagogia da Libertação formulada tanto por Vieira Pinto como por Paulo Freire, bem como da contribuição da Sociologia da Libertação proposta por Fals Borda. Mas para além disso, verifica-se ainda que na passagem citada, Baró elucida que a responsabilidade da ciência com a transformação social e política não se limita a inserir-se na realidade, mas apreender tal realidade como ponto de partida para pensar quais as contribuições que a ciência pode oferecer às demandas populares.

No entanto, se por um lado é certo que a articulação entre ciência e as tarefas democráticas foi uma contribuição acadêmica para o pensamento de Martín-Baró, por outro lado, é seguro que a questão da Libertação, assimilada por esse autor, teve a influência também de outra instituição que compunha sua vida – a Igreja.

Segundo Juan, José Tamayo (2011), a partir de 1960 setores da Igreja na América Latina internalizaram a problemática da dependência e assimilaram o conceito de Libertação, daí derivou a Teologia da Libertação no subcontinente. Para esse autor, o conceito de Libertação aparece entre os quadros da Igreja como substituto do conceito de desenvolvimento que até então se adotava nas sociedades latino-americanas como sinônimo de progresso a ser percorrido pelos países da região de modo a alcançar o estágio civilizatório da Europa e dos EUA.

O estopim para essa mudança paradigmática entre alguns setores da Igreja pode ser encontrado no acirramento da luta de classes na região, tal como fica explícito no próprio documento de abertura da Conferência que seria considerada a fundadora da Teologia da Libertação – a Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Medellín:

> (...) estamos na entrada de uma nova era histórica do nosso continente, cheia de desejo de emancipação total, de liberdade de toda servidão, de amadurecimento pessoal e de integração coletiva. Percebemos aqui os prenúncios na dolorosa gestão de uma nova

> civilização. (Conferência Geral de Medellín, 1968 apud DUSSEL, 1981 p. 64 – tradução nossa).

Nos anos posteriores à Conferência de Medellín, essa compreensão de liberdade em sentido histórico e concreto imbuiu as ações e elaborações de diversos eclesiásticos na América Central. Em El Salvador, destacaram-se os nomes da Companhia de Jesus, tais como Jon Sobrino, Ignacio Ellacuría e Ignacio Martín-Baró. O entendimento de liberdade como bem imaterial inseparável da vida material, pressuposto da Teologia da Libertação, apresenta-se da seguinte maneira no pensamento de Martín-Baró (1998 p.142-143).

> Contudo, todo processo histórico que não implique a radical liberdade de um povo não é um processo autêntico. E não mitifiquemos o conceito de liberdade: a liberdade se expressa e se realiza historicamente nas liberdades concretas e as liberdades se obtém por meio de um processo de libertação. Por isso, uma conscientização que não desencadeia as forças libertadoras é uma falsa conscientização. Precisamente por isso sinalamos antes que a conscientização deve ser essencialmente política. Conscientização e libertação são processos imbricados que configuram a espinha dorsal do devir histórico de um povo até sua autenticidade. A libertação, é verdade, não se reduz a descer às ruas ou a vida cotidiana; mas não haverá libertação enquanto não exista uma ação concreta nas ruas e na vida cotidiana.

Entretanto, apesar da explícita incidência da Igreja e da acadêmica na incorporação dos conceitos de Libertação e conscientização, nos parece ainda insuficiente atribuir exclusivamente a esses campos a força do pensamento de Ignacio Martín-Baró. Localizada em um contexto de extrema radicalização da luta de classes na América Latina, a sua obra também manifesta o espírito de uma época na qual as circulações de ideias tiveram concretude nas lutas organizadas.

3 AMÉRICA CENTRAL: EPICENTRO REVOLUCIONÁRIO ENTRE 1970 E 1980

A compreensão do caráter unitário das insurreições populares centro-americanas, tanto nos anos de 1930 quanto na década de 1970, exige como primeiro esforço analítico o entendimento da formação histórica da região. Sua divisão geopolítica em seis países, por exemplo, diz mais sobre a necessidade das nações que exploram a América Central do que uma real divisão cultural, econômica, social e geofísica. Essa é a razão pela qual o leitor encontra nesse trabalho um contexto histórico, sob o qual emergiu a obra de Baró, definido como centro-americano e não apenas como salvadorenho.

Ao contrário da América do Sul, parte significativa da região que se define por América Central mantém uma unidade histórica que a torna uma nação fragmentada em países ligados por uma pequena extensão geográfica. Entretanto, tal unidade não se moldou apenas pela formação histórico-cultural do período pré e pós-Colombiano, mas também pela forma de espoliação que os países imperialistas, eufemisticamente também chamados de países centrais, perpetraram contra o povo centro-americano.

Enclave anglo-saxão pós-independência, desde a metade do século XIX, a região foi dominada por interesses imperialistas ingleses e posteriormente estadunidenses, os quais combinaram sua dominação com a formação de uma classe oligárquico-burguesa autóctone, que fraca economicamente se impôs como força política por meio de regimes ditatoriais subservientes aos centros capitalistas.

Por essa razão, é possível compreender que a superexploração advinda da divisão internacional do trabalho e a opressão semicolonial também constituíram a unidade centro-americana. E diante de um Estado autocrático em sua característica extrema - regimes militares - essa simbiose entre superexploração e opressão conformou um quadro

histórico, no qual os de baixo foram obrigados a combinar a luta pelas tarefas democráticas com a extrema radicalidade da ação direta.

A estrutura latifundiária erguida desde a extinção dos *ejidos*, portanto, sob a opressão contra a população indígena-campesina; a perseguição e assassinatos contra sindicalistas e líderes populares, somado ao conjunto de miséria de toda ordem, determinaram a fragrância histórica exalada na primavera de 1978 que abriu a insurreição popular centro-americana na Nicarágua e que posteriormente se estendeu para El Salvador e cruzou com a guerra civil guatemalteca.

Como dizemos anteriormente, o êxito da Revolução em Cuba inspirou diversas ações dos povos latino-americanos em sua luta contra a exploração e a opressão semicolonial. Na América Central, diversos grupos de jovens estudantes e de trabalhadores das zonas rurais e urbanas adotaram os métodos de guerrilha para derrotar as ditaduras militares que subjugava as camadas populares.

A unidade desses vários pequenos grupos que surgiram deram origem a uma das organizações guerrilheiras mais importantes da América Central e da história da Nicarágua – a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Em sua origem, essa organização surgiu na cidade hondurenha de Tegucigalpa em 1961, enquanto Frente Nacional de Libertação, modificando seu nome somente no ano seguinte.

A ação guerrilheira da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), na Nicarágua contra o governo de Somoza permitiu uma síntese superior na luta centro-americana contra os governos burgueses e sua forma política autocrática. Ao ciclo revolucionário aberto na Nicarágua somou-se a crise política em El Salvador, cujo estopim foi o assassinato do arcebispo Óscar Romero em 1981, e redimensionou o conflito armado na Guatemala a partir da conformação da Unidade Revolucionária Nacional Guatemalteca (URNG).

O descontentamento da classe trabalhadora nicaraguense, salvadorenha e guatemalteca se transformou durante as décadas de 1970-1980 em uma guerra civil subcontinental com cerca de 300 mil

pessoas assassinadas, mais de 40 mil desaparecidos e 1 milhão de refugiados.

Naquele contexto, se por um lado os EUA usaram os governos da região, tal como em Honduras, como plataforma contrarrevolucionária para atacar os movimentos guerrilheiros, por outro lado, o processo insurrecional centro-americano atuou como força centrípeta da solidariedade dos setores organizados dos trabalhadores latino-americanos.

A máxima e efetiva expressão da solidariedade da classe trabalhadora latino-americana para com as revoluções centro-americanas foi a configuração da Brigada Simón Bolívar para atuar política e militarmente na Nicarágua. Segundo Graco (2009) essa brigada foi responsável por nada menos do que recrutar trabalhadores em diversos países da América Latina e Caribe, a partir de um chamado político realizado na Colômbia pelo partido trotskista – Partido Socialista de los Trabajadores- PST, para lutar lado a lado com os guerrilheiros centro-americanos.

Outro elemento relevante a considerar sobre a guerra civil centro-americana, é que a ação guerrilheira constituiu-se como força militar de uma revolta popular. Por essa razão, não foi possível o imperialismo reestruturar a ordem competitiva na América Central por meio do mero uso da força.

O apoio popular à guerrilha a partir de métodos históricos de ação da classe trabalhadora, como greves, ocupações, etc. permitiu a criação de um poder dual sob o qual o proletariado centro-americano efetivamente destruiu a ordem oligárquico-burguesa, ainda que nas décadas seguintes essa tenha sido restaurada pela via democrático-liberal.

Assim como ocorrera com a Revolução Cubana, o protagonismo das camadas populares centro-americanas tornou-se durante os anos 1970-1980 a força gravitacional de intelectuais progressistas. A compreensão de que a conquista do poder não se resume ao domínio do aparato do Estado, mas exige também a construção de uma nova concepção sobre os sujeitos sociais historicamente coadjuvantes nas

decisões políticas da América Latina, parte da intelectualidade tornou-se ativa do processo de luta. Para Cruz (1983), não por acaso que o lema da Asociaión Nacional de Educadores Salvadoreños (ANDES) durante a guerra civil era "Leer a realidad, escribir la história", sob o qual professores alfabetizavam em campos de refugiados de El Salvador, Nicarágua e Guatemala, além de participarem dos embrionários organismos de duplo poder e cumprirem suas tarefas comunitárias em regiões controladas pelas guerrilhas.

É seguro que esse movimento não foi uma via unilateral no qual os setores médios e intelectuais deslocaram-se para as camadas populares. A própria força de um projeto popular, que ora se expressava explicitamente em seu sentido, ora no significado de sua ação, abriu fissuras nos aparelhos ideológicos do Estado.

A atuação vanguardista de importantes estratos da Igreja e da Universidade foi exemplo da afirmação acima. Influenciados pelo acirramento da luta de classes esses espaços, contraditoriamente, não apenas deram organicidade ideológica para a luta coletiva, como também formaram quadros teóricos que incidiram sobre esse processo e dele apreenderam as bases para a construção de uma nova sociedade em diversos âmbitos: cultural, educacional, político, etc. (PRENDES, 2014).

Inserido nesse cenário político e social, enquanto sujeito eclesiástico e concomitantemente acadêmico, Ignacio Martín-Baró esteve, portanto, envolto ao deslocamento de setores da Igreja e da academia para a realidade objetiva. Não por acaso naquela estremadura seu pensamento ganhou sentido histórico, de modo a redefinir o caráter político da psicologia e ao mesmo tempo submeter esta área de conhecimento às demandas dos povos centro-americanos.

Essa redefinição da função política e científica da psicologia ganhou forma a partir do questionamento levantado por Martín-Baró a respeito do papel da psicologia no âmbito da formação econômico-social da América Latina. Para o Baró (2017 p.67):

> A história presente dos povos latino-americanos coloca um desafio à Psicologia e, mais concretamente, à Psicologia Social. Trata-se de observar se como psicólogos, ou seja, a partir da especificidade de nossa disciplina, temos alguma contribuição significativa para dar à resolução dos gravíssimos problemas que confrontam nossos países. Todavia, o desafio não se limita a apresentar a possibilidade abstrata de qualquer contribuição psicológica, mas refere-se a uma pergunta mais concreta e radical que questionar se tal contribuição pode responder às exigências das maiorias populares.

Assim como propôs Vieira Pinto e Paulo Freire na área educacional e tal como fez Fals Borda na sociologia, em tal passagem é indubitável que Ignacio Martín-Baró defendeu a inserção da psicologia nas lutas populares a partir de sua condição enquanto área de conhecimento. Isso afasta alguns equívocos interpretativos sobre as reais proposições de Martín-Baró.

O primeiro e mais comum desses equívocos se trata de colocar os dizeres de Martín-Baró como produto direto de uma militância, quando sua proposição era assumir as demandas democráticas a partir de um lugar específico que estava reversado ao seu trabalho – a psicologia. Nesse sentido, sua teoria se aproxima mais da condição de um intelectual orgânico do que da condição de membro de um organizador coletivo (partido, sindicato, etc.).

No outro extremo decorre outra interpretação incorreta, em nosso juízo, aquela que compreende a obra baronista como uma psicologia redentorista, a qual seria responsável pela transformação absoluta dos problemas colocados na realidade subcontinental. A respeito disso Martín-Baró elucidou (1996 p.22):

> Não está nas mãos do psicólogo, enquanto tal, mudar as injustas estruturas socioeconômicas de nossos países, resolver os conflitos armados ou resgatar a soberania nacional, servilmente penhorada aos Estados Unidos. Não obstante, há uma tarefa importante que o psicólogo deve cumprir e que requer tanto o reconhecimento objetivo dos principais problemas que afligem os povos centro-americanos como a definição da contribuição específica do psicólogo em sua resolução. Pois se o psicólogo, por um lado, não é chamado a intervir nos mecanismos socio-econômicos que articulam as estruturas de injustiça, por outro é chamado a intervir nos processos subjetivos que sustentam e viabilizam essas estruturas injustas.

Assim, se destacam dois aspectos importantes no pensamento do espanhol-salvadorenho. Por um lado, ele reconhece que a superestrutura institucional na qual estão abrigadas as ciências, em especial as ciências humanas são insuficientes para transformar as relações sociais que estão no âmbito da estrutura da sociedade. Por essa razão, apesar da condição de acadêmico, não se encontra no pensamento de Ignacio Martín-Baró um debate circunscrito aos círculos acadêmicos. Ao contrário disso, em sua obra as condições objetivas das camadas populares se sobressaem como pano de fundo de suas análises e propostas teórico-metodológicas.

Por outro lado, mesmo ao assumir a insuficiência da academia para a transformação requerida pela condição de vida das maiorias populares, Martín-Baró não propõe uma ruptura com a ciência. Ao contrário, assume que a ciência é inerente à política, de tal maneira que no caso latino-americano a posição política que deveria ser assumida era aquela reclamada pelas agruras sociais.

Por essa razão, alguns teóricos como Ignacio Dobles (2016) entendem que a perspectiva baronista aproxima-se do materialismo marxista, ao reafirmar que dentro dos limites de sua atuação o psicólogo precisa compreender a subjetividade enquanto produto das relações sociais e intervir nesses aspectos subjetivos provocados pelos problemas histórico-estruturais.

Entretanto, em nosso entendimento, o movimento de ultrapassar a expressão fenomênica da realidade e entende-la em suas múltiplas determinações, não necessariamente aproxima o pensamento baronista do marxismo, visto que o próprio autor jesuíta refutou as bases do materialismo histórico e dialético como meio de compreensão da realidade. Segundo Martín-Baró (1963 p. 4): "A teoria do conhecimento do materialismo dialético, por - mais lógica que nos possa parecer, parte de um postulado falso".

A busca por determinações históricas e sociais que oferecem particularidade à condição da América Latina é outra característica dos teóricos da Libertação Nacional, que em alguns casos usaram elementos

do pensamento marxista, mas não assumiram o marxismo enquanto programa política tal qual ele foi concebido por Marx.

Na medida em que ocorreu o acirramento da luta entre os setores sociais nos países latino-americanos, a crítica anticolonial, portanto, uma crítica que exigiu uma análise criteriosa das estruturas das sociedades latino-americanas, transformou-se em elemento basilar do programa político dos setores ligados à teoria da Libertação Nacional. Assim, seu eixo programático foi composto pela defesa da soberania econômica, política e cultural dos países subcontinentais, contudo sem romper com os princípios da propriedade privada dos meios de produção e sua estrutura de classes. Isso aparece quando o autor eleva o conceito de povo acima do conceito de classe social para definir o sujeito social das transformações históricas. De acordo com Martín-Baró (1974 p.18-19):

> Povo é, portanto, abertura. Abertura frente a todo fechamento, flexibilidade frente a todo enquistamento; elasticidade frente a toda rigidez; disponibilidade frente a todo estancamento. Povo é a fome de mudança, afirmação do novo, vida em esperança. (...) Não é possível reduzir a realidade do povo a uma determinada classe social, o que não impede que, num momento ou situação histórica, uma determinada classe social possa constituir o povo por excelência e mesmo identificar-se com ele. Povo é um conceito que, sem contornar a realidade do conflito histórico (o que lhe poupa a acusação de idealismo), abarcar ou pode abarcar mais que o conceito de classe social (classe trabalhadora; proletariado). Nem todo proletário, pelo simples fato de sê-lo, é povo. Bem é verdade que dificilmente se pode chegar a ser povo nas atuais circunstâncias sem sofrer em si mesmo o impacto da proletarização.

Em tal passagem não resta dúvida a respeito da diferença de Baró em relação às perspectivas teóricas e políticas do materialismo histórico e dialético. Porém, o mesmo não pode ser aplicado ao campo teórico da Libertação Nacional, cujo centro não é a luta entre as classes, mas sim a luta contra a opressão estrangeira nos territórios nacionais.

No caso da América Latina, segundo a teoria e a política da Libertação Nacional, essa opressão não assume totalmente um caráter de classe, sendo instrumentalizada apenas por um setor da classe dominante, em geral pelo setor mais retrógrado ligado ao passado oligárquico. (FMLN, 1999). Isso não implica que no processo de luta pelas tarefas democráticas

mais elementares, as correntes políticas e teóricas da Libertação Nacional não tenham galvanizado as demandas mais sentidas pela classe trabalhadora, ao contrário, a radicalidade dessa corrente de pensamento, que em nosso entender também é composta pela a obra de Martín-Baró, ganhou sentido concreto e radical justamente ao ter êxito em dialogar com as condições básicas de sobrevivência das camadas populares.

4 CONCLUSÃO

É possível verificar a atuação e a produção de Ignacio Martín-Baró como expressão do salto qualitativo que a luta de classes ganhou ao transformar-se em guerra civil na América Central. Mas também é possível compreender sua obra como fio contínuo de um setor progressista da Igreja e de uma vanguarda acadêmica que prepararam as bases organizativas sob as quais se ancoraram as reivindicações populares e o movimento guerrilheiro na década de 1970-1980.

Enquanto teórico da Libertação Nacional e na condição de precursor dessa teoria no campo da psicologia, Martín-Baró assimilou o contexto revolucionário-centro americano e ao mesmo tempo o superou no sentido propositivo, ao apropriar-se do sensível para compreendê-lo em múltiplas dimensões.

Desse modo, a perspectiva baronista foi fiel ao espírito de sua época, isto é, o compromisso político que diversos intelectuais das mais diversas áreas tiveram com as demandas democráticas, ao tentarem estabelecer uma ciência humana que superasse a desumanização dos povos latino-americanos. Na radicalidade do pensamento de Martín-Baró isso ocorreu não somente por meio do rigor técnico da ciência, como também por meio de uma profunda e decisiva crítica ao colonialismo intelectual e ao caráter antipopular dos meios acadêmicos.

Ao tratar as vicissitudes expostas pela conjuntura da guerra, porém redimensioná-las sob sua gênese estrutural e percebê-la como gestação de uma nova perspectiva histórica, social, política, cultural, sua obra torna-se contemporânea, mas não necessariamente coetânea ao período

de sua produção. É nesse sentido, então que o trabalho de Ignacio Martín-Baró torna-se histórico, mas também parte da história da América Latina, um legado para pensar que a construção do conhecimento na América Latina não escapa das lutas coletivas, tampouco da luta regional por sua Libertação Nacional.

5 REFERÊNCIAS

CHOMSKY, Noam., El contexto sócio-político del asesinato de Ignacio Martín-Baró. In Blanco, A. (Org), **Psicologia de la Liberación**. Madrid: Editorial Trotta, 1998 p. 343-355.

DE LA CRUZ, Miguel. La educación y la guerra en El Salvador. **Nueva Antropología** vol. 06, p. 83-94, jun.1983. n.º 21. Disponível em https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=15962106 Acesso em 12 jan.2020.

DOBLES, Ignacio Opereza. **Ignacio Martín-Baró: una lectura en tiempos de quiebres y esperanzas** San José: Arlekín, 2016.

DUSSEL, Enrique. **De Medellín a Puebla: Uma década de sangue e esperança**. São Paulo: Loyola, 1981

FALS BORDA, Orlando**. Ciencia, Compromisso y Cambio Social.** Buenos Aires: El Colectivo Lanzas y Letras Extensión Libros, 2012

FERNANDES, Florestan. **Capitalismo Dependente e as Classes Sociais na América Latina.** Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FRENTE FARABUNDO MARTÍ DE LIBERTAÇÃO NACIONAL Programa do Governo Democrático Revolucionário In LÖWY, M. (Org). **O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo**. Perseu Abramo, 1999 p. 368-369.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da História e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GRACO, Fernando. A Brigada Simón Bolívar. Revista **Marxismo Vivo,** São Paulo v.9 n°**.** 21, p. 62-67, jul. 2009. Disponível em https://archivoleontrotsky.org/view?mfn=8363 Acesso em 17 jan.2020.

LÖWY, Michael. **O Marxismo na América Latina - uma antologia de 1909 aos dias atuais**, 2ª edição. São Paulo, Perseu Abramo, 2012.

MARINI, Ruy. Mauro. **Dialética da Dependência**. Petrópolis: Vozes, 2000

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **La Teoria del conhecimento según el materialismo dialéctico.** Dissertação de Mestrado. Universidad Centroamericana – José Simeón Cañas (UCA), San Salvador, 1963. Disponível em: http://www.uca.edu.sv/coleccion-digital-IMB/articulo/la-teoria-del-conocimiento-del-materialismo-dialectico/ Acesso em: 17 jun. 2020.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Quien es pueblo?: reflexiones para una definición del concepto de pueblo.** San Salvador: ECA, 1974. Disponível em http://www.uca.edu.sv/coleccion-digital-IMB/articulo/quien-es-el-pueblo-reflexiones-para-una-definicion-del-concepto-de-pueblo/ Acesso em: 17 jun. 2020.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Conscientización y Currículos Universitarios. In: BLANCO, Amalio. (Org.). **Psicología de la Liberación.** Madrid: Editorial Trotta, 1998, p.131-159.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O Papel do Psicólogo In: **Estudo de Psicologia** v.2, nº1, p. 7-27, 1996. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002. Acesso em 15 fev.2020.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O desafio popular à Psicologia Social na América Latina In LACERDA JÚNIOR, F. (Org). **Crítica e Libertação na Psicologia: Estudos psicossociais**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MARX, Karl. **Grundisse,** São Paulo: Boitempo, 2013.

PRENDES, Jorge Cárceres. Radicalismo político em los estudiantes de la Universidad de El Salvador durante el siglo XX. La Federación de Estudiantes Universitarios Social Cristianos. In ÁVILA, Jorge Juárez (Org.) **Historia y debates sobre el conflicto armado salvadoreño y sus secuelas.** San Salvador: Fundación Friedrich Ebert, p.45-53.

ROSENMANN. Marcos Roitman. **Pensar América Latina: el Desarrollo de la sociologia latino americana -** Buenos Aires: CLACSO, 2008.

SANTOS, Theotonio**.** Las crisis de la teoria del desarrollo y las relaciones de dependência en América Latina. In: JAGUARIBE, Hélio. [Org] **La dependência político-económica de América Latina.** Buenos Aires: CLACSO, 2017 p.125-156.

SILVA, Márcio Bolda. **A filosofia da libertação: a partir do contexto histórico-social da América Latina.** Roma: Gregorian University Press, 1998.

TAMAYO, Juan José. **La teología de la liberación: En el nuevo escenario político y religioso.** Valencia**:** Tirant Lo Blanch, 2011.

BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

HACIA UNA PERSPECTIVA TRANSDISCIPLINAR DE LA UNIVERSIDAD PÚBLICA EN *ABYA YALA*[1]

CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PERSPECTIVA TRANSDISCIPLINAR DA UNIVERSIDADE PÚBLICA EM ABYA YALA

TOWARDS A TRANSDISCIPLINARY PERSPECTIVE OF THE PUBLIC UNIVERSITY IN ABYA YALA

Cristina Núñez-Madrazo[2]
Isabel Castillo Cervantes[3]
Universidad Veracruzana, México

Resumen: En el contexto de la crisis civilizatoria por la que atraviesa actualmente la región, se hace una reflexión crítica en torno al sentido y el papel de la universidad pública, a las formas racionalistas prevalecientes en la construcción del conocimiento, y a la pertinencia de la universidad en el contexto de sociedades colonizadas, fragmentadas y excluyentes. En este marco se plantea la necesidad de una transformación epistemológica, ética y política profunda de la universidad pública, que la coloque como instancia educativa capaz de generar otras epistemes, sustentadas en el diálogo y la ecología de saberes. Se profundiza en la perspectiva transdisciplinaria como una herramienta metodológica para emprender nuevas maneras de generar conocimiento para la justicia cognitiva, social y cultural. Se comparte un proyecto formativo y de investigación que pretende promover formas colaborativas de crear conocimiento y acción desde la universidad. Saberes, arte, territorio y comunidad son categorías centrales que han delineado el sentido y la postura ético-política de proyectos concretos desarrollados desde la praxis transdisciplinaria, los cuales trascienden las formas cristalizadas del conocimiento y detonan

[1] "*Abya-Yala* es una expresión en lengua kuna que significa 'región de vida'. En la actualidad, desde Chile hasta Canadá, los pueblos indígenas la utilizan para referirse al 'continente de vida que coexiste con lo que los europeos denominaron 'América'" (MIGNOLO, 2007:186). En este artículo se utiliza este término de manera metafórica para aludir a una posición política y ética decolonial que enfatiza en la necesidad de un conocimiento, situado y crítico, en territorios bioculturales concretos.

[2] Doctora en Ciencias Antropológicas. Investigadora de Tiempo Completo en el Centro de Eco-alfabetización y Diálogo de Saberes de la Universidad Veracruzana *E-mail:*. cnunez@uv.mx

[3] Maestra en Estudios Transdisciplinarios para la Sostenibilidad. Profesora de Tiempo Completo en el Centro de Eco-alfabetización y Diálogo de Saberes de la Universidad Veracruzana. *E-mail:* iscastillo@uv.mx

procesos participativos, de diálogo intercultural, creando experiencias de resistencia para ser y hacer comunidad en contextos glocales específicos.

Palabras clave: Decolonización de la universidad, Diálogo intercultural de saberes, Justicia cognitiva, Praxis transdisciplinaria, Investigación colaborativa.

Resumo: No contexto da crise de civilização pela qual a região está passando atualmente, fazemos uma reflexão crítica sobre: o significado e o papel da universidade pública, às formas racionalistas predominantes na construção do conhecimento, assim como a relevância da universidade no contexto das sociedades colonizadas, fragmentadas e excludentes. Neste campo de discussão, surge a necessidade de uma profunda transformação epistemológica, ética e política da universidade pública, colocando-a como uma instância de educação capaz de gerar outras epistemes, sustentadas no diálogo e na ecologia de saberes. A perspectiva transdisciplinar é explorada como uma ferramenta metodológica para empreender novas formas de gerar conhecimento para a justiça cognitiva, social e cultural. Compartilha-se um projeto de formação e pesquisa através do qual visa gerar formas colaborativas de criação de conhecimento e ação da universidade. Conhecimento, arte, território e comunidade são categorias centrais que têm delineado o sentido e a postura ético-política de projetos concretos desenvolvidos a partir da práxis transdisciplinar, que transcendem as formas de conhecimento cristalizadas e detonam processos participativos, do diálogo intercultural, criando experiências de resistência para ser y fazer comunidade em contextos glocais específicos.

Palavras-chave: Decolonização da universidade, Diálogo intercultural de saberes, Justiça cognitiva, Práxis transdisciplinaria, Pesquisa colaborativa.

Abstract: In the context of the civilizational crisis the region is going through, a critical reflection is made, considering the meaning and goal of Public University, to the rationalist forms prevailing in the construction of knowledge, and to the relevance of the university in the context of colonized, fragmented and exclusive societies. In this context the need for a profound epistemological, ethical and political transformation of the public university is raised, that places it as an educational instance capable of generating other *epistemes*, based on dialogue and ecology of knowledge. The transdisciplinary perspective is deepened as a methodological tool to undertake new ways of generating knowledge for cognitive, social and cultural justice. An educational and research projects are shared, through which it is intended to generate collaborative ways of creating knowledge. The transdisciplinary perspective is deepened as a methodological tool to undertake new ways of generating knowledge for cognitive, social and cultural justice. An educational and research project are shared, through which it is intended to generate collaborative ways of creating knowledge and action from the university. Knowledge, art, territory and community are central categories that have delineated the

sense and ethical-political stance of concrete projects developed from transdisciplinary praxis, which transcend the crystallized forms of knowledge and trigger participatory process of intercultural dialogue, creating experience of resistance to be-make community in specific glocal contexts.

Keywords: Decolonization of the University, Intercultural Dialogue of Knowledge, Cognitive Justice, Transdisciplinary Praxis, Collaborative Research.

DOI:10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.164816

Recebido em: 05/12/2019
Aprovado em: 27/06/2020
Publicado em: 01/07/2020

Porque muchos de nuestros sueños
fueron reducidos a lo que existe,
y lo que existe muchas veces es una pesadilla,
ser utópico es la manera más consistente
de ser realista en el inicio del siglo XXI
Boaventura de Sousa Santos

1 Racionalismo, alienación, devastación.

Vivimos hoy en latinoamérica y en el mundo, momentos históricos inéditos y trascendentes, la desigualdad, el racismo, la violencia extrema en contra de los pueblos originarios y de las mujeres, son hechos dramáticos que nos alarman y nos duelen profundamente; la pandemia de COVID-19, como expresión indiscutible de una crisis planetaria sin precedentes. Al mismo tiempo, asistimos a un despertar de las conciencias, los movimientos sociales que brotaron en los últimos meses del año pasado en el sur del continente, son expresiones que muestran la fuerza y el valor de sociedades y jóvenes que se enfrentan ante un sistema capitalista, patriarcal y colonialista agresivo y despiadado. Movimientos que reaccionan ante la inviabilidad del capitalismo y de las formas jerarquizadas, racionalistas y hegemónicas del conocimiento tecnocientífico que promueven la cosificación, la explotación, y la devastación de la naturaleza y la diversidad biocultural del planeta. Crisis civilizatoria, ambiental y del conocimiento, se trata de “un vaciamiento de

los sentidos existenciales que dan soporte a la vida humana" (LEFF, 2006, p.15). La universidad latinoamericana contemporánea vive inmersa en "una profunda crisis de humanidad y de sentido" (VALENCIA, 2012, p. 80)

Este trabajo se plantea la necesidad histórica de repensar su pertinencia como institución educativa, para ofrecer alternativas efectivas y valiosas a la gente joven, que busca en las universidades un espacio para formarse y adquirir conocimientos útiles para la vida y para el trabajo. Consideramos que es urgente que las instituciones universitarias se reinventen para cumplir su propósito de ser partícipes en la formación de la conciencia de nuestras sociedades. No requerimos una institución al servicio de la reproducción del capital y del colonialismo. Se requiere una universidad capaz de asumir un compromiso ético con responsabilidad social, que devuelva a la sociedad la esperanza de una vida mejor. En este sentido parece pertinente plantearse la pregunta de manera clara y precisa: ¿Para qué queremos hoy la universidad en las regiones colonizadas del planeta?

La universidad surge históricamente en las entrañas de las sociedades occidentales como lugar privilegiado de la producción de conocimiento, y en este sentido ha participado de manera central en la configuración de la "estructura triangular" de la colonialidad: del ser, del poder y del saber (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 79). La universidad desde su fundación, como réplica de las formas occidentalizadas de la producción del conocimiento, ha reproducido sistemáticamente una mirada colonial sobre el mundo. Es evidente que la creciente fragmentación, jerarquización y mercantilización del conocimiento profundiza la injusticia y la desigualdad; al mismo tiempo que agudiza la brecha entre la ciencia, la sociedad y los conocimientos que provienen de otras epistemes.

El modelo epistémico positivista de la ciencia se ha sustentado en la idea de universalidad, negando la diferencia y tornando invisibles otras formas de conocimiento, imponiendo, tal como los monocultivos intensivos en la agroindustria, lógicas de la homogeneización en todos los rincones del planeta, lógicas que obedecen a lo que Vandana Shiva (2007)

ha llamado "monocultivos de la mente". Junto a la lógica capitalista de la explotación y la máxima ganancia, la intención de imponer una sola visión del mundo para controlar la naturaleza y la sociedad, ha tenido como resultado la destrucción de la diversidad.

Así la universidad reproduce una

> "[...]monocultura del saber científico (...) colaborando activamente en la conservación y transmisión de las bases ideológicas sobre las que se sustentan las sociedades epistémicamente monoculturales, aquellas que (re)producen injusticia cognitiva y desperdician experiencia humana. (...) La indolencia de la universidad monocultural no sólo sigue presente en la época de la globalización, sino que se ha intensificado, reforzándose su carácter de instancia de exclusión epistémica, social y cultural". (AGUILÓ, 2009, p.12).

Aunado a estos factores histórico-estructurales, la lógica del neoliberalismo convierte a la universidad en una empresa, y la mercantilización del conocimiento, y bajo los esquemas de una educación monocultural, profundiza el carácter excluyente de la universidad. El neoliberalismo es represivo frente al conocimiento, niega rotundamente la necesidad de la historia, al ser un sistema que requiere vivir en un presente eterno asociado a la sobreexplotación y al individualismo, a la fugacidad y frivolidad de una sociedad consumista, la llamada "era del vacío" (LIPOVETSKY, 2002).

Frente a "... la hegemonía de la monocultura del saber y del rigor científico, que legitima y acredita un determinado conocimiento y tipo de racionalidad en detrimento de otros..." (AGUILÓ, 2009, p.12), replantear el quehacer de la universidad representa un reto urgente y necesario (CARRIZO, 2004a; MORIN, 2001).

2 Universidad y diálogo de saberes

Uno de los grandes desafíos del quehacer actual de las universidades públicas es abrir senderos de innovación hacia nuevas formas de pensar el mundo, para contribuir y fortalecer las resistencias y movimientos contrahegemónicos. Por ello "... es necesario que produzca políticas

epistémicas basadas en el reconocimiento y valoración de los diferentes conocimientos en circulación". (AGUILÓ, 2009, p.17)

La universidad requiere transformarse incorporando la "ecología de saberes" para incluir los conocimientos de los grupos sociales que han sido despojados, víctimas del epistemicidio. Es indispensable reconsiderar la cultura académica para reconocer el enorme y diverso acervo de conocimientos de la humanidad, fundamentales para proteger la biodiversidad, luchar por la cohesión social y mantener el bienestar. La "decolonización de la universidad es el desafío de una profunda justicia cognitiva" (SANTOS, 2017).

> La incorporación de la ecología de saberes por parte de la universidad es uno de los factores clave para promover una reforma emancipadora de la universidad que la convierta en un agente de lucha contrahegemónica contra la injusticia cognitiva. (AGUILÓ, 2009, p.19).

La transdisciplinariedad nos ofrece una perspectiva para trascender los límites del conocimiento ultra-especializado y crear campos emergentes[4], ante el desafío de generar formas de producción de conocimiento que se fundamenten en el diálogo de saberes, desde una postura ética que privilegie la responsabilidad social y promueva una cultura de la diversidad. Las problemáticas vitales del ser humano, de la sociedad y del planeta, no pueden ser comprendidas y abordadas cabalmente desde enfoques disciplinarios fragmentados, los cuales son incapaces de dar cuenta de la complejidad de la realidad. El enfoque transdisciplinario nos proporciona las herramientas para ir "entre, más allá y a través de las disciplinas", hacia un conocimiento incluyente que articula y no fragmenta la Realidad (NICOLESCU, 1996).

Es indispensable ecologizar el conocimiento y situar la dimensión ética y política del acto de conocer para plantear adecuadamente formas

[4] La noción de transdisciplinariedad fue introducida por primera vez en 1970 por Jean Piaget y retomada por Basarab Nicolescu (1996: 2). Desde el pensamiento complejo y su propuesta de "educar en la era planetaria", por Edgar Morin (1981, 2001); (MORIN, CIURANA e MOTTA; 2002). Por su parte, Luis Carrizo (2004a) desde el planteamiento de una educación universitaria con pertinencia social y por Boaventura de Sousa Santos (2009), desde la noción de las "epistemologías del sur". Ver también la "Carta de la transdisciplinariedad", 1994, suscrita por alrededor de 50 intelectuales de Europa, Asia y América Latina (http://www.filosofia.org/cod/c1994tra.htm).

colaborativas de crear conocimiento, que respondan a la urgente necesidad de vislumbrar alternativas de vida sustentables. El diálogo de saberes y la transdisciplinariedad han sido las herramientas epistemológicas indispensables en esta tarea, fundamentalmente para retroalimentar los procesos educativos y de investigación acción participativa desde una perspectiva biocultural y de recreación de saberes. Hay que "salir de las aulas para hablar de diálogo de saberes" (LEFF, 2014) y así generar otras formas de retroalimentar y compartir el conocimiento: entrar humilde y respetuosamente a esas otras maneras de comprender el mundo, abrirse hacia esos "saberes otros" para fortalecer las epistemologías y ontologías propias de los pueblos que han sido despojados de sus formas de aprehender, crear y transmitir conocimientos y saberes comunitarios.

Arturo Argueta distingue cuatro formas de diálogo de saberes desde la academia: (1) el diálogo para la exclusión, el cual perpetúa las formas de colonización; (2) el diálogo para la expropiación, el cual se expresa en las diversas formas de expropiación de los saberes de los pueblos originarios; (3) el diálogo para la hibridación, que implica la secularización y la eliminación de los saberes profundos; (4) el diálogo desde las epistemologías y las ontologías propias, el cual fortalece –siguiendo la perspectiva decolonizadora de José Martí- el *núcleo duro* de los saberes de los pueblos de *nuestra América*. (información verbal) [5]

3 Hacia una formación transdisciplinaria

... atreverse a estar en desasosiego, a perder la calma o la paz interior...
Quien no se atreva, no va a poder construir conocimiento;
quien busque mantenerse en su identidad,
en la inmovilidad y en su quietud construirá discursos ideológicos, pero no conocimiento;
armará discursos que lo reafirmen en sus prejuicios y estereotipos,
en lo rutinario, y en lo que cree verdadero, sin cuestionarlo.
Hugo Zemelman

[5] Palabras del Dr. Arturo Argueta durante el IV Congreso Latinoamericano de Etnobiología, Popayán, Colombia, el 30 de septiembre de 2015.

El Centro de EcoAlfabetización y Diálogo de Saberes de la Universidad Veracruzana (UV) que tiene su sede en la ciudad de Xalapa en el estado de Veracruz, México, nació hace poco más de diez años como iniciativa de un grupo de profesores-investigadores de diversos campos del conocimiento: humanidades, artes, ciencias biológicas y sociales, interesados en generar formas alternativas en la educación universitaria, en la investigación y en la vinculación hacia la sociedad. En su seno, se han venido desarrollando diversas experiencias de formación profesional y de investigación acción participativa, desde una perspectiva inter y transdisciplinaria. Las acciones educativas y de investigación transdisciplinaria han sido encaminadas a fortalecer las múltiples formas en las que se expresan las resistencias socioambientales a niveles locales y regionales, y a contribuir con los procesos de sustentabilidad y de creatividad social alternativa.[6]

En el contexto de la crisis planetaria, consideramos la urgencia de replantear nuestro lugar como seres humanos y de reconocernos como parte de la *Madre Tierra*; y desde esta tarea básica de humanización, consideramos la necesidad de replantear el sentido del quehacer de la educación. Asimismo, pensamos que las instituciones universitarias pueden contribuir a la construcción de horizontes históricos que resuenen y fortalezcan lo que está siendo planteado por los movimientos de muchos pueblos originarios del mundo: *el buen vivir, el estar contentos, el estar bien con la gente y con la naturaleza*. Es necesario crear nuevas relaciones con la vida, con nosotros mismos y con los otros, imaginar otra manera de estar y relacionarnos con la *Madre Tierra*, como lo expresan los abuelos de los pueblos originarios de Mesoamérica.

El proyecto formativo incorpora una serie de nociones y estrategias pedagógicas que se sustentan en lo que hemos llamado "reaprendizaje transdisciplinario", como fundamento de una formación dirigida a generar procesos colaborativos de investigación acción participativa, en la que se

[6] Para mayor detalle acerca de los proyectos educativos del Centro de EcoAlfabetización y Diálogo de Saberes se puede consultar el video documental realizado en 2014: "Sembrando Esperanza". https://www.youtube.com/watch?v=O4E7h8A6sfQ

articulan diversas áreas del conocimiento, alrededor de campos problemáticos específicos situados en territorios locales-regionales desde una perspectiva *glocal*. El re-aprendizaje transdisciplinario implica aprender a vincular, para lo cual es necesario ampliar nuestra mirada y hacerla capaz de percibir la realidad como totalidad. Asimismo hace referencia a un proceso de ruptura epistemológica -con las formas racionalistas y mecanicistas de construcción del conocimiento- y de apertura del sujeto. Se refiere a un proceso formativo del "sujeto epistémico", quien se reconoce a sí mismo desde la autorreflexión crítica, para la apertura a la diversidad y al diálogo, ante el desafío del reconocimiento del otro.

A través de la reflexión y retroalimentación colectiva, se construye una mirada transdisciplinaria del mundo, desde el lugar particular que ocupa cada persona en su dimensión profesional y humana. Así, se busca descubrir-reconocer el lugar desde donde creamos nuestro conocimiento y construimos nuestra relación con el mundo. A partir de esta experiencia es posible trascender -sin perder- nuestra posición disciplinaria, profundizar en las paradojas de la condición humana y replantear nuestra manera de colocarnos ante el desafío de la sustentabilidad social y planetaria. El reaprendizaje transdisciplinario incorpora una reflexión ontológica y epistemológica, lo cual implica que el acto de conocer incluye la relación *SerCuerpo*. De esta manera, la praxis transdisciplinaria permite revalorar el lugar de la intuición y la emoción en los procesos de conocimiento, así como reconocer la incertidumbre y recuperar la capacidad de asombro; pensar en movimiento como condición intrínseca, e incorporar la recursividad como un principio (NÚÑEZ, SÁNCHEZ e CONTRERAS, 2018).

La praxis pedagógica que dio sustento a los programas educativos, se fue configurando a partir de la propia experiencia formativa, desde la noción del "método como camino", donde éste no precede a la experiencia, sino que emerge durante la misma, incorporando un conjunto de estrategias y categorías articuladas: el pensar complejo (MORIN, 1981;

MORIN, CIURANA e MOTTA; 2002), la reflexividad crítica, la observancia epistemológica, conocer el conocer (MATURANA, 2003), el aprendizaje social, la ecoalfabetización, el conocimiento somático (KELEMAN, 1987), la dimensión lúdica y el diálogo (FREIRE, 2005; BOHM, 1997). Asimismo, a través del proceso de reaprendizaje transdisciplinario es posible trascender la lógica binaria hacia una dialéctica ternaria que enfatiza en la complementariedad y no en la contradicción/disyunción. La comprensión de estas nociones nos permite trascender los límites del conocimiento ultra-especializado, para descubrir horizontes históricos (ZEMELMAN, 1992) y contribuir a la construcción de alternativas de sustentabilidad socioambiental en contextos locales/regionales específicos.

De esta manera se crean las condiciones para generar conocimiento contextualizado, es decir, conocimiento situado, que emerge en contextos específicos a través del diálogo y la experiencia propia del acto de conocer/ser/hacer. En el corazón de la metodología transdisciplinaria emerge necesariamente la reflexión sobre la relación sujeto-realidad-conocimiento. Así, el reaprendizaje se dirige a promover una actitud de apertura y rigor en el sujeto de la investigación, frente a una realidad que es multidimensional, desde la perspectiva del pensamiento complejo (CARRIZO, 2004b). Esta metodología está orientada, a generar *conocimiento in vivo* y no a la acumulación de información (NICOLESCU, 2008). Es decir, hacia un conocimiento que emana de la experiencia reflexiva del sujeto, donde ser, conocer y hacer están intrínsecamente unidos en el acto de generar conocimiento y acción. Implica trascender el dualismo racionalista que nos cosifica y aliena, al separar el cuerpo de la mente y al negar la presencia de la subjetividad/emocionalidad. El positivismo impone al sujeto despojarse de sus creencias, juicios, valores y emociones, concibiendo a la objetividad como una premisa que separa al objeto del sujeto, desplaza toda la subjetividad de la experiencia, y define el criterio de cientificidad.

La transdisciplinariedad no busca verdades absolutas, acepta la incertidumbre y reconoce el misterio como una dimensión intrínseca de la

realidad; así, también nos abre la posibilidad hacia una poética del conocimiento que, al incluir a la dimensión sagrada en el acto de conocer, nos conduce precisamente hacia la creatividad individual y colectiva. Resistir significa crear. Y apostar a la imaginación es un acto de resistencia poética.

4 Saberes, arte, territorio, comunidad

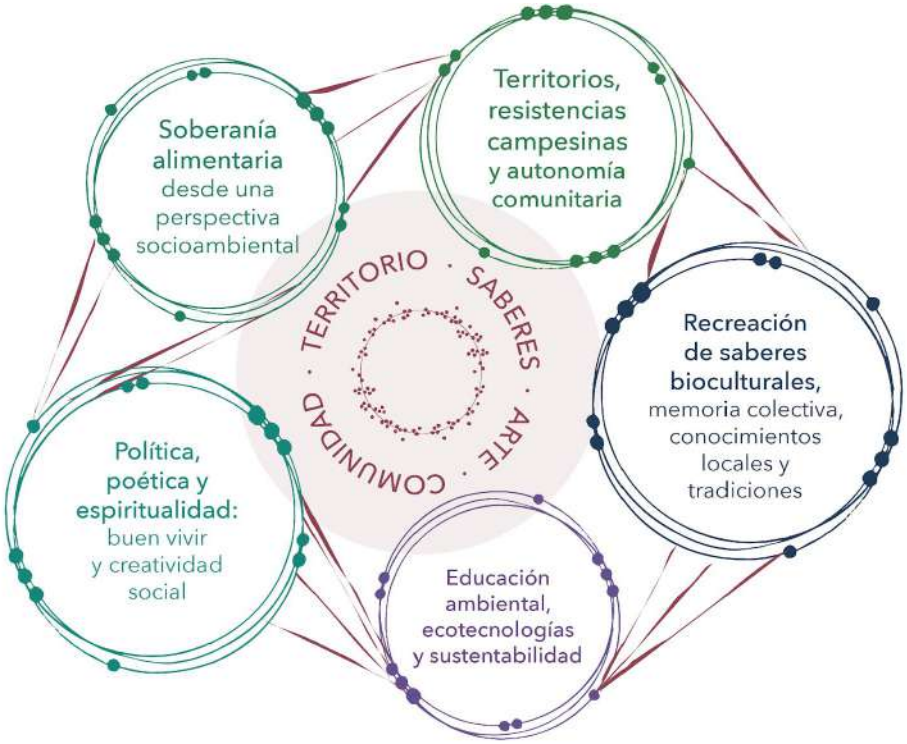
Saberes, arte, territorio y comunidad son categorías centrales a través de las cuales se ha delineado el sentido y la postura ético-política de proyectos de investigación/formación profesional desde la praxis transdisciplinaria. La articulación de estas nociones a campos problemáticos específicos situados, nos permiten abordar la pregunta siempre abierta del "para qué" de la investigación académica. Estos proyectos transdisciplinarios se han orientado hacia la búsqueda de horizontes para la creatividad social, en espacios de colaboración a través de la Investigación Acción Participativa (IAP).[7]

Los proyectos de investigación se construyen desde campos problemáticos, los cuales constituyen espacios teórico-conceptuales de articulación que se definen y delimitan en territorios específicos (ver **Figura 1**). De esta manera se rompe con la visión positivista-disciplinaria deductiva, para transitar hacia una perspectiva de reconstrucción articulada, la cual incluye las premisas de niveles, movimiento y direccionalidad de lo real en contextos situados (ZEMELMAN, 1987; 1992).

[7] El Cuerpo Académico "Transdisciplinariedad, sustentabilidad y diálogo de saberes" es un grupo de trabajo integrado por colegas de campos disciplinares diversos que colaboramos en diversos proyectos de investigación y programas de posgrado: Zulma Amador Rodríguez, Isabel Castillo Cervantes, Adriana Duch Carvallo, Cristina Núñez Madrazo, Alejandro Sánchez Vigil y Rosalinda Ulloa Montejo.

Figura 1

Creatividad social y comunidades sustentables
Campos Problemáticos



Fuente: Elaboración propia

Estos campos problemáticos que operan también como espacios conceptuales de articulación, se constituyen en plataformas de formación profesional a través de la investigación implicada, la cual supone la coparticipación con los actores sociales, a través del diálogo y el aprendizaje social. Así se define lo que es relevante para el colectivo -que incluye tanto a los estudiantes e investigadoras, como a las personas y grupos sociales-.

Frente a la hegemonía de los discursos globales, que descontextualizan, colonizan y usurpan las formas de aprendizaje, los conocimientos y los saberes no legitimados por la ciencia, se hace posible activar un diálogo de saberes y de seres inspirado en una epistemología ambiental. “

> El saber ambiental deconstruye la relación del conocimiento con lo real, dislocando, desbordando y desplazando la reflexión epistemológica hacia el reposicionamiento del ser en el mundo en su relación con el saber. (LEFF, 2006, p.9).

Así, desde la propuesta transdisciplinaria, la investigación acción participativa implica necesariamente diálogo y colaboración. El diálogo como elemento cardinal e imprescindible, abre la posibilidad para el aprendizaje social en contextos glocales, que se nutren de un pensamiento universal y al mismo tiempo son capaces de pensarse en horizontes locales, que si bien son atravesados por la lógica de la economía global capitalista, no están totalmente subsumidos y subyugados al discurso globalizador. Son las propias contradicciones de la crisis del racionalismo las que generan los intersticios donde es posible encontrar espacios para construir otras maneras de pensar y reinventar(nos); otras formas de crear acción participativa en colaboración con las personas involucradas en las problemáticas que les aquejan en su vida cotidiana y en su localidad; espacios para construir conocimiento crítico sobre su realidad, para concebir formas locales y autogestivas de organización, y para promover alternativas viables para una vida digna.

Los campos problemáticos forman un entramado para abordar la complejidad y contribuir a imaginar mundos posibles y formas de resistencia ante el capitalismo global. Las temáticas de investigación se articulan en un tejido que se reconstruye en experiencias concretas de colaboración (ver Tabla 1). Es importante resaltar el lugar central del arte y la creatividad como dispositivos para generar espacios lúdicos que trasciendan las formas cristalizadas del conocimiento y puedan detonar procesos participativos, de diálogo intercultural y crear experiencias de resistencia para ser y hacer comunidad. Es en este nivel donde se incorpora la dimensión simbólica del ser-hacer comunidad, que nos conecta justamente hacia el imaginario colectivo, hacia la posibilidad de vislumbrar horizontes históricos, hacia la utopía y la construcción de la esperanza.(NÚÑEZ y CASTILLO, en prensa)

De esta manera, la comunalidad en tanto tema transversal, al ser considerado como una dimensión fundamental de las estrategias de resistencia política y cultural, se expresa en los diversos trabajos. En este sentido, la recreación de saberes bioculturales ha constituido un espacio fértil para la revaloración del sentido de lo colectivo y del bien común. La resignificación de los saberes nos ha permitido generar experiencias de reconexión con la memoria biocultural, a través de la cual emergen procesos de reconfiguración del sentido de las identidades locales. Los saberes y sistemas de conocimiento tradicionales están basados en una sabiduría profunda, sustentada en formas intuitivas de conocimiento y en sistemas de valores que ponen en el centro a la experiencia humana, a la naturaleza y a la vida. Se trata de sistemas de conocimiento que se han nutrido de la experiencia de vida a través del tiempo, adaptada a las condiciones locales de la cultura y del medio ambiente, y transmitida por tradición oral de generación en generación, a través de mitos, cuentos, leyendas y rituales de la vida cotidiana (NÚÑEZ, 2018).

La comunalidad se nutre, en diversos sentidos, de las tradiciones y los saberes campesinos y populares; se articula justamente en el ámbito de la memoria colectiva, en las llamadas historias alternativas y en procesos de revitalización de tradiciones y saberes bioculturales; espacios que se asumen como campos de existencia de esta "otra episteme". Estos procesos son lugares/espacios donde se hace posible generar una conciencia crítica, justamente en los bordes de la lógica histórica impuesta por la colonialidad del poder. Lugares de resistencia, "*de historia, de memoria, de dolor, de lenguas y saberes diversos*", no "lugares de estudio", sino "lugares de pensamiento", donde se genera el diálogo, la resistencia y las "epistemologías fronterizas" (MIGNOLO, 2003, p.22).

Tabla 1
Proyectos de Investigación Acción Participativa

Cartografías de tránsitos: saberes, arte y tradición **CÁRDENAS, 2019**	Enfatiza la experiencia transitada en el proceso de intervención colaborativa "hechas de historias". Se asume el desafío y el compromiso de comprender, hacer y ser desde una mirada subjetiva -que en trabajos convencionales queda fuera del ámbito de la investigación-. Reconoce al soma como un *cuerpo común:* una unidad compleja y abierta que se experimenta y aprende desde las sensaciones y percepciones, en relación con el entorno en el que se desenvuelve. Articula una visión ética con los principios epistemológicos de la educación somática y las prácticas narrativas, para presentar un relato que, a manera de una cartografía va registrando las huellas del proceso de IAP. El trasfondo son las preocupaciones sociales que nos competen, como la crisis planetaria que enfrentamos. Se van tejiendo puentes entre la teoría y la realidad social local que vinculan el trabajo comunitario, las artes, el cuerpo, las personas y el territorio. Este trabajo sienta precedentes en términos de cómo generar conocimiento relevante, útil y encarnado desde el ámbito académico a partir del arte en diálogo con la tradición, la comunidad y el territorio.
Saberes locales para la construcción de lo común **ATANASIO, 2019**	Profundiza en la práctica de los saberes locales que contribuyen a generar experiencias comunitarias en un contexto de fragmentación social y pérdida del sentido de lo colectivo. Propone dimensionar las acciones cotidianas que se articulan y organizan por el bien común. Se hace evidente que la construcción de lo común, surge a partir del diálogo, el cual se construye con la participación y el involucramiento de las personas hacia su historia, sus saberes, reactivando a través de la praxis transdisciplinaria, la memoria cultural. A partir del trabajo con un grupo de mujeres sobre la herbolaria, la medicina tradicional y la alimentación saludable se recrean y revitalizan los vínculos con la naturaleza, con el espacio que se habita, con las plantas, los árboles, los animales y las personas. Se enfatiza en la importancia de la autogestión, que implica la organización y la participación, como la vía para el rediseño de lo común en el horizonte de vida de una localidad.
Perspectivas del territorio: rutas hacia la reapropiación creativa **RIVERA, 2018**	Su contenido revela claramente la comprensión de la metodología de la transdisciplinariedad articulada a una formación disciplinar, en este caso la educación musical y las artes visuales, puestas en acción en un proceso de investigación implicada de índole colaborativa en diálogo con las artes. Alrededor de tres ejes: territorio, apropiación y creatividad, se detona un proceso de trabajo en una localidad que enfatiza de qué manera, en colectivo, es posible generar estrategias para la re-apropiación de un espacio común ante la pérdida de la conexión con la tierra, ante la invisibilidad del poder de la imaginación y ante las crisis identitarias en un contexto de deterioro socioambiental.

Narrativas del trabajo con barro **ÁLVAREZ, 2017**	Relata el proceso de acompañamiento y aprendizaje de trabajo con el barro en una comunidad que pese a las grandes transformaciones socioeconómicas, resiste a través de la práctica de la alfarería y fortalece la memoria biocultural como un legado que se transmite por un diálogo intergeneracional alrededor de este saber ancestral. Se retoman los saberes de la alfarería para generar experiencias de relación y de aprendizaje entre las abuelas alfareras y mujeres jóvenes. Describe cómo la experiencia vivida se convierte en un conocimiento *vivo* que coloca a los saberes tradicionales como portadores de otras formas de conocimiento y a la creatividad como un componente fundamental en el ejercicio transdisciplinario. Esta experiencia de IAP implicó un replanteamiento significativo en la relación de las personas que hacemos investigación en contextos comunitarios.
Procesos educativos y ambientales **RODRÍGUEZ, 2017**	Es una experiencia de aprendizaje social alrededor de la salud y la educación ambiental que se generó a partir del proceso de acompañamiento de un grupo que se conforma para la construcción de estufas ahorradoras de leña en un ámbito comunitario. Una ecotecnología para la sustentabilidad social que recupera en su proceso las formas organizativas comunales como la ayuda mutua y la solidaridad colectiva, que permitió un espacio para el re-aprendizaje de la salud de las mujeres y la importancia de la conciencia ambiental. Es un testimonio del camino desde una senda disciplinaria hacia una indagación transdisciplinaria. Además de una contribución para fortalecer los procesos de colaboración de la universidad con la sociedad.
Todos somos milpa **CAREAGA, 2016**	Relato de un camino que se articuló de manera orgánica a través de un proceso creativo de interacción e intercambio con las personas y jóvenes que participaron en esta intervención. El propósito giró en torno a la re-creación de identidad individual y colectiva, se abreva de disciplinas y campos epistemológicos como el teatro y la agricultura, en diálogo con el conocimiento tradicional y ancestral. Por otra parte, los saberes locales se relacionan con el símbolo biocultural del maíz, del barro y con la noción del territorio. Incorpora el trabajo de acompañar un proceso de siembra de cultivos tradicionales y la puesta en escena de una dramaturgia de creación colectiva sobre la mitología presente en el sistema milpa.
La semilla del (en)canto: una memoria colectiva *in vivo* **PINTO, 2016**	Contribuye a la construcción de una epistemología crítica desde la teoría y práctica de los saberes agrícolas, a una ontología que parte de la conciencia histórica-política y a una posición ética-política desde la herencia popular material-inmaterial de la semilla y el canto. Reflexiona sobre cómo los saberes y los imaginarios desde el campo pueden sembrar semillas de conciencia para cosechar una palabra activa y memorias colectivas *in vivo*. Se crean puentes entre la acción y la reflexión teniendo como escenario de formación dos movimientos sociales: el movimiento de trabajadores rurales sin tierra (MST) de Brasil y el movimiento jaranero de Veracruz, como escenarios que proponen una forma creativa de trabajar la memoria, la cual se aborda desde una interacción creativa y crítica entre el pasado, presente y futuro.

Saberes ancestrales e historia viva **RICHARD, 2016**	Esta indagación explora a la memoria colectiva como una expresión viva que se nutre de varios elementos, que a su vez son sustento epistemológico: los saberes ancestrales, la memoria histórica, la historia legada, la herencia identitaria articulados a una dimensión creativa y lúdica, que en este caso, se expresa en el uso y re-invención de códices prehispánicos para revitalizar los saberes como concepto integrador del saber tradicional, el saber local, el saber indígena y todos los conocimientos populares marginados por la ciencia formal. Discute sobre el obstáculo heredado por el colonialismo del conocimiento impuesto por occidente que invisibiliza el saber colectivo. A su vez, propone la actualización y resignificación de estos saberes a través de la recuperación de historias, como una forma de mantener viva una relación afectiva con el pasado y recuperar la memoria colectiva asociada al respeto hacia la humanidad y a la naturaleza. La intervención tiene como escenario espacios educativos, por lo que cobró relevancia la importancia del preguntarse en colectivo sobre quiénes somos, de dónde venimos y qué rumbo queremos seguir. Resalta la pertinencia de una investigación participativa de corte transdisciplinario por un equipo multidisciplinario.
Cuerpos en movimiento **NAVA, 2017**	Ejercicio de investigación transdisciplinaria en el ámbito del estudio del cuerpo, que trasciende la frontera de la educación somática para situarse como un campo emergente hacia una ecopedagogía que articula a la persona en su cuerpo y en su contexto. Explora las posibilidades del arte como puente para unir y transitar caminos desde la salud, el cuerpo, la mente, las emociones y proponer formas creativas de no separación del cuerpo de la mente a través de la imaginación creativa y el reaprendizaje somático. Traza los pasos para una ecología política desde el ser cuerpo en comunidad, apunta hacia una comprensión del arte fuera de sus “propias jaulas” reconociendo la potencialidad de la educación somática para visibilizar los potenciales de la creatividad en temas de pertinencia social. Atiende una problemática de la sociedad actual, reflejada en un contexto local, la escasa o limitada conexión e interacción del ser humano consigo mismo, con el otro y con el medio. Por lo que este trabajo, atiende a esta pregunta central, cuáles son los efectos que esta separación y distancia está provocando en la relación de las personas, en este caso, niños y jóvenes con su entorno.

Co-creación para la revaloración del agua **CELIS, 2016**	Contribuye al campo de la investigación participativa transdisciplinaria en el ámbito de la educación ambiental y la sostenibilidad local a través de la revaloración del agua -elemento vital de la vida-, mediante una experiencia de aprendizaje corporizado. Parte de la experiencia del "darse cuenta", de la toma de conciencia de ser participantes implicados en su cuidado, asume que esta conciencia se detona por los cambios de percepción que emergen en un proceso de reaprendizaje de la relación con el entorno y el ambiente-territorio. A su vez, asume una posición crítica hacia la hegemonía del conocimiento científico que ha detonado la separación de la humanidad con la naturaleza. Incide en la búsqueda de formas alternativas de abordar la problemática hídrica, como un elemento indispensable para la sobrevivencia humana y planetaria, explora los intereses, inquietudes y necesidades de las personas de una pequeña localidad rural afectada por la contaminación y sobreexplotación de este recurso, por lo que el planteamiento contextualiza un espacio concreto donde las personas son participantes activos en la búsqueda de alternativas.
Un lugar de frontera: hacia la apropiación local de un territorio **STRAFFON, 2014**	Constituye una exploración para la construcción de puentes comunicativos entre distintos campos del saber, desde la biología y las ciencias de la conservación hacia la narrativa antropológica y la historia oral. Esta búsqueda de caminos alternativos fue propiciada por un cuestionamiento de los modos de intervención de ecólogos y ambientalistas en sitios de importancia biológica. Está orientada a generar propuestas para la conservación ecológica desde un enfoque multidimensional en un paisaje cafetalero inmerso en el bosque de niebla a partir de la exploración de los vínculos de los habitantes con su entorno. Desde la subjetividad y la pluralidad como elementos intencionales, se estructura a modo de relato como conjunto de horizontes personales, históricos y colectivos.
Saberes locales: identidades sostenibles **CASTILLO, 2011**	Explora desde una perspectiva transdisciplinaria, los procesos configurativos de las identidades colectivas, contextualizados en una cultura campesina para conocer cómo los procesos identitarios de la cultura campesina se van reconfigurando a la luz de los profundos cambios, que en el tejido social se han suscitado, derivados de la crisis de las actividades agrícolas, sustento de la comunidad, y que incide en todas las dimensiones de la vida colectiva, y por ende, en la configuración de los procesos de pertenencia e identidad colectivos. A través de la metodología de las prácticas narrativas se aborda los procesos identitarios para resignificar el sentido de la memoria colectiva que los sustenta. A través del relato se conectan los procesos y ejes de reflexión sobre el pasado, presente y futuro para construir in situ una serie de documentos colectivos, testimonios vivos de la historia e identidad. Es una intervención colaborativa de IAP, construida in situ, por un equipo de trabajo conformado tanto por estudiantes, como por investigadores y personas de la propia comunidad.

Fuente: elaboración propia

5 Consideraciones finales

Se trata de introducir un movimiento cargado de razón e indignación,
pero con la sencillez, la serenidad y la belleza que puede producir la universidad pública.
Un movimiento universitario que emita señales
de humanidad, de sabiduría, de calidez y humildad;
que nos conmueva y asombre con otras visiones del mundo, de la universidad,
de la educación y la pedagogía, del saber, del saber hacer,
que favorezca el diálogo entre profesores y otros actores institucionales
y la reflexión sobre nosotros mismos;
en fin que nos permita resignificar nuestro quehacer pedagógico.
Stella Valencia Tabares

En el marco de la situación actual por la que atraviesan los distintos países latinoamericanos, la reestructuración profunda de la universidad pública es una tarea urgente.

Una transformación epistemológica, ética y política, que la coloque como instancia educativa sustentada en la ecología de saberes, se enfrenta con fuertes desafíos en distintos ámbitos. En primer lugar, los desafíos institucionales y las inercias de la administración académica en el contexto de las políticas neoliberales y mercantilistas hacia la educación. Entre las inercias más perniciosas, figura la creciente tendencia a la simulación como forma de desarrollo académico, que se ha instaurado como resultado de treinta años de neoliberalismo y que ha sustituído a una ética de servicio. Por otra parte, el predominio del racionalismo en la investigación científica, ha generado un distanciamiento hacia los grupos sociales y hacia las problemáticas socioambientales concretas. Aunado a estas tendencias, los esfuerzos para generar un diálogo interdisciplinario han avanzado parcialmente generando resultados descontextualizados, siendo que se enfrentan con los obstáculos propios de una ciencia positivista y encerrada en sí misma. Es precisamente en este sentido, que hemos resaltado las potencialidades de la transdisciplinariedad para promover una transformación de fondo hacia una pluri-universidad que responda a la urgente tarea de contribuir a la justicia cognitiva, social y cultural.

En este artículo se hace visible una propuesta que se ha venido desarrollando para responder a la necesidad de una nueva cultura académica dispuesta a la transdisciplinariedad. En el marco de las condiciones propias de una universidad pública convencional, es necesario reconocer las contradicciones que han acompañado este camino, el cual se ha trazado en medio de una fuerte tensión con las formas hegemónicas del conocimiento disciplinar y jerárquico. Sin embargo, consideramos que la experiencia que hemos relatado responde a esta urgente necesidad de reinventar la universidad pública en latinoamérica. Reinventarla de acuerdo al espíritu de nuestras más profundas raíces. Es por ello que quisimos utilizar *Abya Yala* como metáfora de una visión que enfatiza en la necesidad de potenciar un modelo que trascienda las formas cristalizadas y jerárquicas del conocimiento y detone el diálogo transcultural, para así poder imaginar otras formas de colaboración, desde la academia, que aporten a la defensa de los territorios bioculturales. Desde esta visión nos enfrentamos al gran desafío de generar un nuevo ethos universitario, para repensar el sentido de la universidad conforme a las actuales circunstancias y exigencias de la Vida. Esperamos que estas reflexiones contribuyen a trazar nuevos horizontes de sentido para la universidad pública.

6 Referencias

ÁLVAREZ Landa, Maribel. **Narrativas del trabajo en barro como generadoras de un diálogo intergeneracional**. Trabajo recepcional de la Maestría en Estudios Transdisciplinarios. Universidad Veracruzana, Xalapa, 2017. Disponible en: https://www.uv.mx/personal/jmercon/files/2018/09/Libro-Narrativas-memoria-colectiva-y-tradiciones.pdf. Accesado en: 26.06.2020

AGUILÓ, Bonet Antoni Jesús. La universidad y la globalización alternativa: justicia cognitiva, diversidad epistémica y democracia de saberes. **Nómadas. Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas** | 22. Madrid: Universidad Complutense, 2009. Disponible en: https://www.redalyc.org/pdf/181/18111430001.pdf . Accesado en: 26.06.2020

ATANASIO Barrientos, Marasulay. **La práctica de los saberes locales para la construcción de lo común**. Trabajo recepcional de la Maestría en Estudios Transdisciplinarios. Universidad Veracruzana, Xalapa, 2019. Disponible en: https://www.uv.mx/mets/files/2020/06/Tesis-Mara_Practica-de-Saberes-para-lo-comuin.pdf . Accesado en: 26.06.2020

BOHM, David. **Sobre el diálogo**. Barcelona: Kairós, 1997. Disponible en: https://www.uv.mx/orizaba/cosustenta/files/2014/04/texto-esenciales-de-Sobre-el-Dialogo.pdf Accesado en: 26.06.2020

CÁRDENAS Landeros, Denisse. **Cartografías de tránsitos entre la imaginación, la palabra, la acción y la experiencia. Hechas de Historias: Encuentro de saberes, arte y tradición en Chiltoyac, Veracruz.** Trabajo recepcional de la Maestría en Estudios Transdisciplinarios. Universidad Veracruzana, Xalapa, 2019.

CAREAGA Zárate, Natalia. **Todos somos milpa: Milpa, teatro y común-unidad. Investigación Participativa Transdisciplinaria. Un acompañamiento de procesos comunitarios en la localidad de Chiltoyac**, **Ver**. Trabajo recepcional de la Maestría en Estudios Transdisciplinarios. Universidad Veracruzana, Xalapa, 2016. Disponible en: https://www.uv.mx/mets/files/2020/06/TESIS-TODOS-SOMOS-MILPA-Natalia-Careaga-14-oct-1.pdf . Accesado en: 26.06.2020

CASTILLO Cervantes, Ma. Isabel. **Los saberes locales. Narrativas generadoras de identidades sostenibles.** Trabajo recepcional de la Maestría en Estudios Transdisciplinarios. Universidad Veracruzana, Xalapa, 2011.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Decolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. En CASTRO-GÓMEZ, Santiago; Grosfoguel, Ramón. **El giro decolonial. Reflexiones para una verdad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. Disponible en: http://www.unsa.edu.ar/histocat/hamoderna/grosfoguelcastrogomez.pdf Accesado en: 26.06.2020

CARRIZO, Luis. Producción de conocimiento y ciudadanía. Retos y desafíos de la universidad transdisciplinaria. **Seminario Internacional Diálogo sobre Interdisciplina**. Guadalajara, 2004a. Disponible en: https://www.uv.mx/veracruz/cosustentaver/files/2015/09/17.Produccion-conocimiento-ciudadania-Carrizo.pdf Accesado en: 26.06.2020

CARRIZO, Luis, Mayra Espino y Julie T. Klein. Transdisciplinariedad y complejidad para el análisis social. **Documento de debate num. 70**. París: UNESCO, 2004b. Disponible en: https://www.redalyc.org/pdf/342/34211305008.pdf Accesado en: 26.06.2020.

CELIS Villalón, Adny Alicia. **Co-creación de actividades lúdico educativas orientadas a la revaloración del agua en el ámbito de la educación básica en Almolonga, Naolinco, Veracruz.** Trabajo recepcional de la Maestría en Estudios Transdisciplinarios. Universidad Veracruzana, Xalapa, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogía del oprimido**. México: Siglo XXI, 2005.

KELEMAN, Stanley. **La realidad somática**. Madrid: Narcea,1987.

LEFF, Enrique. **Complejidad, racionalidad ambiental y diálogo de saberes**. México: Instituto de Investigaciones Sociales- UNAM, 2006. Disponible en: http://conceptos.sociales.unam.mx/conceptos_final/470trabajo.pdf Accesado en: 26.06.2020.

LEFF, Enrique. **Hay que salir de las aulas para hablar de diálogo de saberes** Universidad Autónoma de Occidente 2014. 1 video (25 min 47 seg) Disponible en: https://www.youtube.com/watch?v=70RXWf26DAs Accesado en: 5.9.2016

LIPOVETSKY, Gilles. **La era del vacío**. Barcelona: Anagrama, 2002. Disponible en: http://catedradatos.com.ar/media/lipovetsky-La-era-del-vacio.pdf Accesado en: 26.06.2020

MATURANA, Humberto y Francisco Varela. **El árbol del conocimiento. Las bases biológicas del entendimiento humano.** Buenos Aires: Editorial Universitaria /LUMEN, 2003. Disponible en: http://repositorio.uchile.cl/handle/2250/119932 Accessado en: 26.06.2020.

MIGNOLO, Walter. **Historias locales/diseños globales**. Madrid: Akal, 2003. Disponible en: http://www.ram-wan.net/restrepo/decolonial/11-mignolo-un%20paradigma%20otro.pdf Accesado en: 26.06.2020

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina. La herida colonial y la opción decolonial.** Barcelona: Gedisa editorial, 2007. DOI: https://doi.org/10.21057/repam.v3i1.1369

MORIN, Edgar. **El Método 1 La naturaleza de la naturaleza**. Madrid: Cátedra, 1981 (1ª edición). Disponible en: https://ciroespinoza.files.wordpress.com/2011/11/el-metodo-1-la-naturaleza-de-la-naturaleza.pdf Accesado en: 26.06.2020

MORIN, Edgar. **La mente bien ordenada**. Barcelona: Seix Barral, 2001.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar en la era planetaria. El pensamiento complejo como Método de**

aprendizaje en el error y la incertidumbre humana. Salamanca: UNESCO/Universidad de Valladolid/Instituto Internacional para el Pensamiento Complejo, 2002. Disponible en: http://programa4x4-cchsur.com/wp-content/uploads/2016/11/64291196.Morin-Ciurana-Educar-en-La-Era-Planetaria-1.pdf Accedido en: 26.06.2020

NAVA Suárez, Marcela Nayelli. **Cuerpos en Movimiento. Una Eco Pedagogía Somática hacia la recuperación de la Relación Ser - Cuerpo - Entorno**. Trabajo recepcional de la Maestría en Estudios Transdisciplinarios. Universidad Veracruzana, Xalapa. 2017
NICOLESCU, Basarab. **La Transdisciplinarité. Manifeste**. París: Èditions Du Rocher,1996. Disponible en: https://www.uv.mx/mets/files/2020/06/CUERPOS-EN-MOVIMIENTO.NAYELLI-NAVA.-MAYO-2017docx-1.pdf Accesado en: 26.06.2020

NICOLESCU, Basarab. *In Vitro* and *In Vivo* Knowledge-Methodology of Transdisciplinarity. En: NICOLESCU, Basarab (ed.). **Transdisciplinarity: Theory and Practice**. Estados Unidos: Hampton Press, 2008.

NÚÑEZ Madrazo, Cristina (Coord). **Narrativas, memoria colectiva y tradiciones**. México: Universidad Veracruzana, 2018. Disponible en: https://www.uv.mx/personal/jmercon/files/2018/09/Libro-Narrativas-memoria-colectiva-y-tradiciones.pdf Accesado en: 26.06.2020

NÚÑEZ Madrazo, Cristina; SÁNCHEZ Vigil, Alejandro; CONTRERAS Hernández, Lourdes. Experiencing the Mastership in Transdisciplinarity Studies for Sustainability. **World Futures. The Journal of New Paradigm Research 74:4 pp. 246-256**, 2018. https://doi.org/10.1080/02604027.2018.1444835

NÚÑEZ Madrazo, Cristina; CASTILLO Cervantes, Isabel. **Reinventado sentidos comunitarios. Investigación transdisciplinaria para la creación de un Centro Comunitario en una localidad campesina del centro de Veracruz**.Universidad Veracruzana, Xalapa: en prensa.

PINTO, Aditi. **La semilla del (en)canto: sujetos conscientes y creativos en movimiento desde la historia hacia una memoria colectiva in vivo.** Trabajo recepcional de la Maestría en Estudios Transdisciplinarios. Universidad Veracruzana, Xalapa, 2016.

RIVERA Lara, María Elisa. **Perspectivas del territorio desde la Transdisciplinariedad. Rutas hacia la reapropiación creativa.** Trabajo recepcional de la Maestría en Estudios Transdisciplinarios. Universidad Veracruzana, Xalapa, 2018.

RICHARD Morales, Manuel Arturo. **Los saberes ancestrales a través de la historia viva.**
Trabajo recepcional de la Maestría en Estudios Transdisciplinarios. Universidad Veracruzana, Xalapa, 2016. Disponible en:

https://www.uv.mx/mets/files/2020/06/Arturo-Richard-Los-Saberes-Ancestrales.pdf Accesado en: 26.06.2020

RODRÍGUEZ Ríos, María Carolina. **Procesos educativos y ambientales. Experiencias generadoras en El Castillo y Chiltoyac, Veracruz.** Trabajo recepcional de la Maestría en Estudios Transdisciplinarios. Universidad Veracruzana, Xalapa, 2107. Disponible en: https://www.uv.mx/mets/files/2020/06/TESIS-IMPRESION-Carolina.pdf Accesado en: 26.06.2020

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Una epistemología del sur. La reinvención del conocimiento y la emancipación social**. México: CLACSO/Siglo XXI Editores, 2009. Disponible en: https://www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana/pais_autor_libro_detalle.php?campo=autor&texto=16&id_libro=3&pais=25 Accesado en: 26/06/2020

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Decolonizing the University**. The Challenge of Deep Cognitive Justice. UK: Cambridge Scholars Publishing, 2017.

SHIVA, Vandana. **Los monocultivos de la mente**. Monterrey: Universidad Autónoma de Nuevo León/FINEO Editorial, 2007.

STRAFFON Díaz, Sara. **Tapachapan, un lugar de frontera: Enfoque narrativo hacia la apropiación local de un territorio para su conservación.** Trabajo recepcional de la Maestría en Estudios Transdisciplinarios. Universidad Veracruzana, Xalapa, 2014.

VALENCIA Tabares, Stella. **El péndulo, la Espiral y el Holograma. Metáforas para pensar la universidad**. Cali: Universidad del Valle, 2012.

ZEMELMAN, Hugo. **Conocimiento y sujetos sociales**. México: El Colegio de México, 1987. https://doi.org/10.2307/j.ctv233q0q

ZEMELMAN, Hugo. **Los horizontes de la razón. Historia y necesidad de utopía**. Barcelona: Anthropos, 1992.

BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

PERSPECTIVAS DESDE O SUL GLOBAL: UMA ANÁLISE DO CICLO COMUM DE ESTUDOS DA UNILA

PERSPECTIVAS DESDE EL SUR GLOBAL: UN ANÁLISIS DEL CICLO COMÚN DE ESTUDIOS DE LA UNILA

PERSPECTIVES FROM THE GLOBAL SOUTH: AN ANALYSIS OF THE COMMON CYCLE OF STUDIES OF THE UNILA

Patrícia Hehs[1]
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Resumo: Este artigo tem como objetivo realizar um estudo do currículo do Ciclo Comum de Estudos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), à luz de uma perspectiva crítico-emancipatória. Ao tomar como base a proposta da Universidade em se voltar para uma integração latino-americana e caribenha, bem como em oferecer uma proposta pedagógica fomentada pela enunciação de conhecimentos que foram historicamente marginalizados pela cultura eurocêntrica, a pesquisa se orienta por articular essa ideia a uma proposta de internacionalização da educação superior, a partir de uma visão contra-hegemônica e descolonial desse processo. A análise curricular do Ciclo Comum de Estudos visa demonstrar e discutir de que maneira esse currículo foi pensado, considerando tanto a questão identitária latino-americana, assim como a internacionalização universitária calcada nos termos da cooperação, da integração e da solidariedade.

Palavras-chave: Currículo, Internacionalização, América Latina, Contra-hegemonia, UNILA.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo realizar un estudio del currículo del Ciclo Común de Estudios de la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana (UNILA), a la luz de una perspectiva crítica emancipadora. Al tomar como base la propuesta de la Universidad de orientarse hacia la integración latinoamericana y caribeña, además de ofrecer una propuesta pedagógica fomentada por la enunciación de

[1] Mestre em Educação pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade (EHPS) da PUC-SP, vinculada ao Grupo de Pesquisa Movimentos Migratórios e Educação. *E-mail*: patriciahehs@outlook.com.

conocimientos que fueron históricamente marginalizados por la cultura eurocéntrica, la investigación se centra en articular esa idea a una propuesta de internacionalización de la educación superior, a partir de una visión contrahegemónica y descolonizadora de ese proceso. El análisis curricular del Ciclo Común de Estudios busca demostrar y discutir la manera en que ese currículo fue pensado, considerando la cuestión identitaria latinoamericana, así como la internacionalización universitaria basada en los términos de cooperación, integración y solidaridad.

Palabras Clave: Currículo, Internacionalización, América Latina, Contra-hegemonía, UNILA.

Abstract: The aim of this article is to study the curriculum of the Common Cycle of Studies of the Federal University of Latin American Integration (UNILA) based on a critical-emancipatory perspective. By basing on the proposal of the University to focus on a Latin American and Caribbean integration, as well as to offer a pedagogical proposal fostered by the enunciation of knowledge that was historically marginalized by the eurocentric culture, the research intends to articulate such idea to a proposal of internationalization of the higher education thereafter, from a counterhegemonic and decolonial approach of this process. The curriculum analysis of the Common Cycle of Studies aims to demonstrate how this curriculum was conceived, taking into consideration the Latin American identity concern, as well as the academic internationalization based on the terms of cooperation, integration and solidarity.

Keywords: Curriculum, Internationalization, Latin America, Counter-hegemony, UNILA.

DOI:10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.167981

Recebido em: 21/03/2020
Aprovado em: 28/07/2020
Publicado em: 01/07/202

1 INTRODUÇÃO

A Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), instituição de caráter público, gratuito e bilíngue, foi fundada pelo ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pelo Projeto de Lei nº 2.878/2007, com o propósito de fomentar a integração educacional, cultural, tecnológica e política de países latino-americanos e caribenhos por meio da educação em nível superior. Em seu processo seletivo universal, 50% das

vagas são destinadas a brasileiros, e a outra metade a estudantes da América Latina e Caribe. Situa-se na cidade de Foz do Iguaçu (PR), em território doado pelo Parque Tecnológico Itaipu (PTI), com projeto de Oscar Niemeyer[2], numa região estrategicamente localizada na tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina. Sua idealização está atrelada, por essa razão, ao conceito de "identidade latino-americana" enquanto países que se orientam por um denominador comum histórico: a colonização imposta por países europeus, sobretudo de origem ibérica.

Da gênese de sua criação, no ano de 2007, à sanção presidencial em 2009 e início efetivo em 2010, a UNILA nasce como uma universidade federal brasileira com vocação à integração educacional dos países que fazem parte da região. Emerge, pois, como "[...] *a miragem do sonho de emancipação pela educação"* (TRASPADINI; SILVA, 2019, p. 97), o que remete, no imaginário histórico do continente, aos ideais de uma unidade latino-americana, formulados pelo político e militar venezuelano Simón Bolívar (1783-1830), responsável pela libertação colonial de vários países sul-americanos no século XIX.

No intuito de corroborar seus ideais integracionistas, a UNILA se projeta, institucionalmente, com uma proposta pedagógica diferente das universidades tradicionais. Em seu escopo, rompe com a superespecialização das áreas e propõe, em seu lugar, a não departamentalização dos domínios do saber consoante a um projeto interdisciplinar do conhecimento. Subjaz a esse propósito a ideia de que as sociedades futuras, em especial as latino-americanas, necessitarão de um arcabouço próprio no que diz respeito à configuração de seu conhecimento, a fim de que possam, efetivamente, tornar-se um ator relevante no espaço das globalizações vindouras. Buscou-se, nesse sentido, a elaboração de um projeto pedagógico interdisciplinar, cujas bases estivessem assentadas "[...] *nos recursos naturais, estudos sociais e*

[2] Cabe pontuar, no entanto, que a obra de seu campus – um dos últimos projetos de Niemeyer – ainda está longe de ser concretizada. Tendo completado, em janeiro de 2020, cinco anos de paralisação da construção dos novos prédios, a UNILA hoje se encontra em locais alugados, e seu porvir encontra-se nas mãos de Itaipu Binacional.

linguísticos, relações internacionais e áreas consideradas estratégicas para o desenvolvimento e integração regional" (IMEA, 2009, p. 15).

2 O CICLO COMUM DE ESTUDOS

A ideia da construção de um Ciclo Comum de Estudos permeou as várias reuniões presididas pela Comissão de Implantação da UNILA. Por meio de discussões tratadas acerca do assunto, decidiu-se pela "[...] *elaboração de um documento com textos sobre os eixos e as justificativas epistemológicas dos mesmos e os respectivos cursos"* (IMEA, 2009, p. 73). Era necessário, para tanto, a formação de componentes mínimos comuns, os quais pudessem representar a região a partir de outros paradigmas e outros pontos de vista, diferentes daqueles elaborados desde os principais centros do poder econômico, político e ideológico do mundo.

Dotado dessa compreensão, o documento deveria estabelecer quais diretrizes seriam mais proveitosas para o desenvolvimento de um projeto educacional em comum voltado a esses países. Os conhecimentos a serem desenvolvidos pelo currículo da nova universidade deveriam primar, pois, pela integração dos povos que compõem a América Latina e o Caribe, por meio de questões, problemas e interesses comuns e estratégicos a essas nações.

Ao abordar a questão curricular, deve-se ter sempre em mente que se trata de um documento fruto do resultado de uma seleção de conhecimentos, ou, dito de outro modo, a "[...] *questão central que serve de pano para qualquer teoria do currículo é a de saber qual conhecimento deve ser ensinado"* (SILVA, 2010, p. 11). A partir dessa indagação as diferentes correntes curriculares, desde as tradicionais até as críticas e pós-críticas, procuram responder quais são os conhecimentos válidos para que se atinjam determinados resultados educacionais. Silva

(2010) assinala que tais resultados, planejados *a priori*, têm como finalidade responder:

> Qual é o tipo de ser humano desejável para um determinado tipo de sociedade? Será a pessoa racional e ilustrada do ideal humanista de educação? Será a pessoa otimizadora e competitiva dos atuais modelos neoliberais de educação? Será a pessoa ajustada aos ideais de cidadania do moderno estado-nação? Será a pessoa desconfiada e crítica dos arranjos sociais existentes preconizada nas teorias educacionais críticas? A cada um desses 'modelos' de ser humano corresponderá um tipo de conhecimento, um tipo de currículo (SILVA, 2010, p. 12).

Não se trata, portanto, de *"meras descrições neutras do mundo"*, como discorre o teórico do currículo Michael Apple (2006, p. 60), mas, antes, de uma política de discórdias e de interesses. Sendo uma relação sempre conflituosa, ela se inscreve numa matriz de poder que privilegia um determinado tipo de conhecimento em oposição a outro, que é relegado. Dessa perspectiva é que as teorias sobre o currículo são separadas, na medida em que as teorias tradicionais procuram ser supostamente teorias "neutras" e/ou "desinteressadas" (SILVA, 2010), ou seja, partem do princípio de que os objetivos educacionais são legítimos por si mesmos, eximindo-se de implicações de ordem política (SILVA, 2010); ao passo que as teorias críticas e pós-críticas – estas últimas aqui inscritas como o horizonte teórico mobilizado pelo currículo da UNILA – entendem que a escolha de determinados conteúdos está sempre implicada em relações de poder.

Tendo em conta essas parametrizações, foi definida a formação de um currículo composto de três eixos trans e interdisciplinares, os quais pudessem contemplar, como um elemento comum a todas as áreas do conhecimento, as seguintes dimensões: 1. a realidade atual e regional latino-americana e 2. a utopia de uma nova sociedade (IMEA, 2009). Tais diretrizes primariam, portanto, por uma elaboração complexa da realidade latino-americana e caribenha, articulada aos desafios voltados à sustentabilidade ambiental, além, é claro, de encadear-se pelo projeto de integração regional do subcontinente. Na Seção III do Regimento Geral da

UNILA, denominada "Do Ciclo Comum de Estudos", é possível localizar, nos artigos 124, 125 e 126, esse intento:

> Art. 124. O Ciclo Comum de Estudos é parte integrante da missão da UNILA, e obrigatório a todos os discentes matriculados na graduação. Art. 125. A organização e o funcionamento do Ciclo Comum de Estudos seguem normas próprias aprovadas pelo CONSUN, contemplando-se os seguintes conteúdos: I – Estudo compreensivo sobre a América Latina[3] e Caribe; II – Epistemologia e Metodologia; III – Línguas Portuguesa e Espanhola; Art. 126. O Ciclo compõe a primeira fase das atividades ministradas nos cursos de graduação e tem duração máxima de até 3 (três) semestres (UNILA, 2013a, p. 22).

Assim foi formulada, pela Comissão, a composição de um ciclo básico dividido em três semestres, compostos, cada um, por um determinado número de créditos. Conforme aludido no artigo 125, os segmentos que fundamentariam esse ciclo estariam divididos em três eixos temáticos: "Fundamentos de América Latina", "Epistemologia e Metodologia" e "Línguas". Como consta em seu Projeto Pedagógico, essa unidade mínima, da qual compartilhariam todos/as os/as discentes da instituição, representaria um código comum a todos os membros da universidade, ou, como expresso em seu documento, "[...] *foi pensado para ser o grande diferencial da UNILA em relação a outras Universidades brasileiras*" (UNILA, 2013b, p. 3).

Desse modo, ao término dos três semestres iniciais, espera-se que o/a discente disponha de um conjunto de recursos tanto para apropriar-se das questões mais significativas no que diz respeito ao desenvolvimento regional, como também ser capaz de propor soluções solidamente construídas para os problemas identificados. Almeja-se, do mesmo modo, o domínio de uma língua adicional, como o português, para os hispanofalantes, e o espanhol, para os brasileiros (UNILA, 2013b). Esse, portanto, representaria o denominador mínimo comum para que cada estudante possa desenvolver-se durante o seu percurso universitário, independente da área em que pretenda atuar.

[3] A nomenclatura desse eixo vigorou até 2012, quando foi reestruturado e nomeado, a partir de então, "Fundamentos de América Latina".

Cada um dos eixos oferecidos corresponde ao papel vocacional da instituição: o conceito de "conhecimento básico da região latino-americana e caribenha" é contemplado pelo eixo "Fundamentos de América Latina", o "pensamento crítico" vincula-se ao eixo "Epistemologia e Metodologia"; e, por fim, o conceito de "bilinguismo" é fomentado pelo eixo "Línguas". Adiante serão abordados cada um desses componentes.

3 FUNDAMENTOS DE AMÉRICA LATINA

O primeiro eixo do Ciclo Comum de Estudos, denominado "Fundamentos de América Latina", compreende as disciplinas "Fundamentos de América Latina I", "Fundamentos de América Latina II" e "Fundamentos de América Latina III", a serem cursadas nos três primeiros semestres de ingresso, respectivamente. Tais disciplinas têm como objetivo geral "[...] *o estudo das principais questões vinculadas à integração regional a partir de diferentes visões disciplinares e perspectivas*" (UNILA, 2013b, p. 14), as quais, em conjunto, propõem formular respostas críticas aos problemas enfrentados hodiernamente na região. Segue, abaixo, o quadro com as ementas e objetivos deste primeiro eixo

Tabela 1 – Disciplinas do eixo "Fundamentos de América Latina"

Disciplina	Ementa da Disciplina	Objetivo
Fundamentos de América Latina I	Estudar as principais questões vinculadas à integração da América Latina a partir de diferentes disciplinas e perspectivas a fim de que os alunos possam elaborar fundamentos críticos sobre a região, a serem utilizados durante seus cursos e vida profissional.	Estudar a disjuntiva entre os processos de integração e desintegração como componentes contraditórios da História da América Latina.
Fundamentos de América Latina II		Conhecer a diversidade territorial, econômica, cultural e social na região latino-americana, tendo como objetivo analisar as diversas formas de integração. Propiciar espaços de interlocução, tendo como objetivo analisar as trajetórias, experiências de vida e visões de mundo dos estudantes.
Fundamentos de América Latina III		Analisar as especificidades do modelo de desenvolvimento dos diferentes países da América Latina à luz de quatro eixos temáticos: cidade, campo, infraestrutura e meio ambiente.

Fonte: Elaborado a partir do Projeto Pedagógico da UNILA (2013b).

Em "Fundamentos da América Latina I" objetiva-se "[...] *compartilhar o caminho histórico que define a especificidade regional, consolidar o*

conhecimento vinculado a pensar as realidades históricas nacionais em vinculação direta com o contexto regional" (UNILA, 2013b, p. 9). Vislumbra, com isso, que os conteúdos sejam traçados por meio de marcos históricos, os quais servirão de guia para a realização de um itinerário histórico, desde a colonização até a contemporaneidade. Quanto à metodologia, é possível inferir que a convergência de diferentes disciplinas dará a tônica quanto ao estudo da integração da região latino-americana, dado que, conforme preceitua o projeto da disciplina, tais conhecimentos serão apresentados de forma interdisciplinar, valendo-se desde materiais historiográficos, até sociológicos e econômicos (UNILA, 2013b).

Já em "Fundamentos da América Latina II" articula-se a"[...] *a diversidade das formas que apresenta a sua composição multicultural, a diversidade de apostas econômicas que guiaram as práticas de governo em cada sequência histórica*" em relação a "[...] *suas práticas políticas, seus vínculos com outras regiões, bem como suas diversas construções teóricas"* (UNILA, 2013b, p. 9). Para tanto, a disciplina também fará uso de conhecimentos oriundos de diversas áreas do saber, de modo interdisciplinar.

A terceira disciplina deste eixo, "Fundamentos de América Latina III", aponta para a construção de uma perspectiva crítica relativa aos problemas regionais apresentados, visando ao desenvolvimento de um modelo ideal de sociedade. Para tal serão ofertados, durante o decorrer da disciplina, quatro eixos nos quais se inscrevem os diferentes aspectos atinentes a esse modelo: o 1º, "o desenvolvimento das cidades latino-americanas", trata da urbanização encontrada nas maiores cidades da região, além de estabelecer uma ponte analítica que vai desde as cidades pré-hispânicas, passando pela fase colonial e culminando na distribuição das cidades contemporâneas; o 2º eixo, "desenvolvimento rural", trata da questão fundiária no subcontinente, pautando-se, principalmente, em sua conjuntura atual e suas possibilidades de transformação.

A “integração por meio de obras de infraestrutura na América Latina”, 3º eixo, compreende a análise de iniciativas que objetivem a integração física da região por intermédio de novas obras de engenharia, o que possibilitará à/ao discente a aquisição de conhecimentos técnicos que possam ser utilizados visando à integração física da região. O 4º e último eixo, “a biodiversidade na América Latina”, tenciona o estudo de biomas e ecossistemas da região e a proposição de resoluções de conservação e de uso de energias renováveis. Ao término dos quatro eixos espera-se ter apresentado um panorama abrangente das questões mais prementes da realidade latino-americana, no intuito de oferecer ferramentas voltadas, como dito, ao modelo de desenvolvimento mais pertinente à região.

A disciplinaridade, enquanto agente especializado do conhecimento, vai perdendo espaço no universo dos desafios educacionais do século XXI, visto que se deve“[...] *levar em consideração a atual crise pela qual a Universidade passa, na qual o conhecimento tem sido fragmentado e hiperespecializado, com resultados desastrosos para a solução de problemas complexos”* (UNILA, 2013b, p. 4). Tais apontamentos orientam o currículo da UNILA no sentido de propor a discussão em seu próprio universo semântico, isto é, situar a sua realidade a partir de uma leitura descolonial ou de uma perspectiva da descolonialidade, ou ainda, por outras palavras, partir da consideração de que, historicamente, as formas de conceber o mundo, bem como a interpretação que se faz de seus fenômenos, estão arraigadas na experiência de colonização europeia nas Américas.

Com o propósito de empreender uma breve análise sobre o discurso subjacente a esse primeiro eixo curricular, cabe trazer à discussão o colonialismo como um processo histórico construído sob a égide da dominação europeia sobre as terras americanas. Para tanto, o filósofo porto-riquenho Maldonado-Torres (2007) elucida um conceito-chave para a compreensão dos processos de colonização aqui vivenciados

> O colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação [...]

> Diferente desta ideia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno [...] Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na autoimagem dos povos [...] (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131) (Grifo nosso.).

Apreender essa diferenciação tem uma implicação estratégica no sentido de sulear[4] a proposta que subjaz a essas disciplinas, tendo em mente que a definição de *colonialidade* é corolária do *colonialismo*; de modo que aquela, no lugar deste, persiste no presente a partir das reminiscências herdadas pelo processo de centralização do "eu-europeu", sobre o qual se assenta sua hegemonia no mundo. Assim, uma vez que seus pressupostos subsistem ao tempo, bem como às "tratativas" de libertação colonial, resta claro que essa herança será delegada, também, à produção de conhecimento.

Essa é, portanto, a chave teórica proposta pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano (2008), precursor dos estudos descoloniais, ao formular o conceito de "colonialidade de poder": trata-se de uma estrutura de dominação que, de tão fincada que está no imaginário do colonizado, naturaliza a hierarquia erigida entre dominantes e dominados, sob a óptica colonial. A ideia é de que a colonialidade está tão entranhada no "inconsciente coletivo" latino-americano, que outras formas de produção de conhecimento são, em larga medida, inviabilizadas (ou invisibilizadas). Ao reprimir outras possibilidades de existir, em suas mais diversas idiossincrasias, a colonialidade do poder naturaliza o legado eurocêntrico como numa relação metonímica, isto é, atua como uma parte que se sobrepõe ao todo. A esse respeito os pesquisadores brasileiros Vera Candau e Luiz Oliveira (2011) assinalam que a colonialidade do poder

> [...] reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as imagens do colonizado e impõe novos. Opera-se, então, a naturalização do imaginário do invasor europeu, a subalternização epistêmica do outro não-europeu e a própria

[4] Em "Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido", Paulo Freire (1992, p. 15) chama a atenção para o uso costumeiro do termo "nortear", que, de uma dada perspectiva, ideologiza o que se pretende entender como "eixo orientador". Em seu lugar, o educador pernambucano propõe o termo "sulear" como contraposição à forma dominante da expressão.

> negação e o esquecimento de processos históricos não-europeus (CANDAU; OLIVEIRA, 2011, p. 19).

Em conformidade com o pensamento de Quijano (2008), o semiólogo argentino Walter Mignolo (2016) defende que a colonialidade é, por definição, o lado mais obscuro da modernidade; logo, "[...] *não há modernidade sem colonialidade*" (MIGNOLO, 2016, p. 2). Para ilustrar a dimensão que essa concepção de mundo vai se investindo ao longo da história, o pensador argentino estabelece um vínculo entre dois cenários: um referente ao século XVI e o outro relativo ao final do século XX e início do XXI (MIGNOLO, 2016).

No cenário do fim do século XVI, período das "grandes navegações", o mundo era composto por realidades policêntricas e não capitalistas. Isso significa dizer que diversas civilizações coexistiam entre si, desde a dinastia Ming na China, o Sacro Império Romano-Germânico, o início da hegemonia do czarismo russo, o Reino de Oyo formado pela nação Iorubá na África central, até formações sociais complexas como os incas e os astecas, em Tawantinsuyu e Anahuac, respectivamente (MIGNOLO, 2016).

Já num segundo momento, Mignolo (2016) elucida o mundo interconectado do século XXI e suas diretrizes inexoravelmente atreladas ao capitalismo global. O paradigma da globalização – aqui entendida à guisa "[...] *de um tipo de economia conhecido como o capitalismo*" (MIGNOLO, 2016, p. 3) – pode ser inferido como um propósito, ainda que incipiente, já projetado desde o século XV. Sua manifestação mais explícita se dá pela financeirização e pela hipercompetição de grandes grupos econômicos, os quais, já em processo neoliberal, impõem, por meio de suas agências reguladoras,[5] suas diretrizes mais gerais (e, portanto, assimétricas) no que concerne à formulação das políticas ao redor do globo.

[5] São exemplos dessas agências reguladoras o Banco Mundial (BIRD), o Fundo Monetário Internacional (FMI), a Organização Mundial do Comércio (OMC), a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), entre outras. Juntas, elas propagam o ideário da sociedade instrumentalizada, ainda mais atroz em razão de seus conglomerados neoliberais. No que compete à educação, suas atuações mobilizam forças no sentido de forjar um currículo tanto mais proveitoso para o mercado quanto possível.

Voltando-se aos processos de globalização, Mignolo (2016) entende que, por um lado, estes se vinculam à uniformidade do capitalismo no campo econômico; já por outro, no campo político, o autor chama a atenção para a multiplicação de movimentos que têm surgido, em suas mais distintas localidades, em oposição aos ditames impostos pelo capitalismo global. Partindo dessas premissas, ele sintetiza a globalização como uma faca de dois gumes: "[...] *o da narrativa da modernidade e o da lógica da colonialidade*" (MIGNOLO, 2016, p. 3).

Um resultado mais claro que a apreensão de diferentes epistemes acarreta é o de que, de acordo com o autor, a construção de um outro futuro global depende, de modo imprescindível, do reconhecimento dessa mesma pluralidade. Isso implica afirmar que a "[...] *opção descolonial não visa ser a única opção. É apenas uma opção que, além de se afirmar como tal, esclarece que todas as outras também são opções*" (MIGNOLO, 2016, p. 13). Uma vez que não visa ao domínio de suas acepções no campo epistemológico, a opção descolonial suscita que não há mais espaço, na atual conjuntura, para a soberania de uma dada narrativa sobre todas as outras possíveis.

4 EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA

O segundo eixo da grade do Ciclo Comum de Estudos, denominado "Epistemologia e Metodologia", "[...] *tem por objetivo examinar o processo de elaboração de teorias e as consequências éticas oriundas do modo científico de se aproximar à realidade*" (UNILA, 2013b, p. 14). Expressa, em seu currículo, a importância de aproximar os/as estudantes dos principais problemas da filosofia ocidental na atualidade. Ao apropriar-se das questões mais proeminentes que emergem do pensamento filosófico contemporâneo, o/a discente "[...] *distinguirá as variantes das estratégias argumentativas e reconhecerá os pontos falhos na formulação e*

fundamentação de diferentes metodologias de produção do conhecimento" (UNILA, 2013b, p. 6).

Em "Introdução ao pensamento científico", primeira disciplina deste segundo módulo, tem-se como propósito um contato inicial com o pensamento filosófico ocidental. Nesse incurso, busca "[...] *reformular o lugar geopolítico da filosofia, isto é, a considerar a atual filosofia ocidental e suas limitações históricas e teóricas*" (UNILA, 2013b, p. 11). Pretende-se, assim, que o/a estudante consiga criar bases críticas de análise que lhes possibilite aspirar à superação da hegemonia de um modelo filosófico oriundo de outras latitudes, ao viabilizar a proposição e o reconhecimento de formulações pensadas na, desde e para a América Latina, enquanto projeto filosófico-emancipatório.

De modo complementar, a disciplina "Ética e Ciência" compromete-se a realizar uma correlação entre a filosofia ocidental hegemônica e os modos de produção alicerçados nas revoluções tecnológicas e científicas que se sucedem, no mundo contemporâneo. A partir desse exame busca trazer à tona uma série de problemas éticos dela decorrentes, assim como discutir hipóteses que possam ser elaboradas a partir da realidade latino-americana.

Tabela 2 – Disciplinas do eixo "Epistemologia e Metodologia"

Disciplina	Ementa da Disciplina	Objetivo
Introdução ao pensamento científico	Reflexão filosófica sobre o processo de construção do conhecimento. Especificidades do conhecimento científico: relações entre epistemologia e metodologia. Verdade, validade, confiabilidade, conceitos e representações. Ciências naturais e ciências sociais. Habilidades críticas e argumentativas e a qualidade da produção científica. A integração latino-americana por meio do conhecimento crítico e compartilhado.	Diferenciar o conhecimento científico de outras formas de saber; comparar os critérios de cientificidade empregados nas ciências naturais e sociais; desenvolver habilidades críticas e argumentativas como exercício fundamental do fazer científico; entender o conhecimento crítico enquanto meio para a integração latino-americana.
Ética e Ciência	Problemas decorrentes do modelo societário. Exame da relação entre produção científica, desenvolvimento tecnológico e problemas éticos. Justiça e valor social da ciência. A descolonização epistêmica na América Latina. Propostas para os dilemas éticos da atualidade na produção e uso do conhecimento.	Analisar o surgimento de problemas éticos a partir da produção científica e tecnológica; examinar problemas éticos implicados em modelos societários; avaliar o valor social da ciência e sua relação com a justiça; discutir propostas para os dilemas éticos atuais; debater o processo de descolonização epistêmica na América Latina quanto à ética.

Fonte: Elaborado a partir do Projeto Pedagógico da UNILA (2013b).

A análise deste eixo será subsidiada pelas reflexões de Boaventura de Sousa Santos (2019), fundamentadas no que ele denomina de "epistemologias do Sul". Estas, de acordo com o sociólogo português,

nascem da diversidade de narrativas que foram deixadas à margem do conhecimento dito oficial, numa trilha contra-hegemônica[6] do saber. Assim, ao refletir sobre as condições de validade que cada conhecimento traz consigo, Santos (2019) identifica que a construção de um saber é, por definição, fruto de uma relação entre contexto e suas possibilidades culturais, sociais e políticas de existência:

> As epistemologias do Sul referem-se à produção e à validação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado [...]. Trata-se de um Sul epistemológico, não geográfico, composto por muitos suis epistemológicos que têm em comum o fato de serem conhecimentos nascidos em lutas contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado (SANTOS, 2019, p. 17).

Sendo uma teoria que resgata a pluralidade epistêmica que fora suprimida ao longo da história moderna, ela objetiva que os grupos sociais possam representar o mundo com seus próprios termos, já que somente por essa via poderão transformar a realidade de acordo com seus interesses. (SANTOS, 2019). Os suis epistemológicos, de acordo com Santos (2019), opõem-se, portanto, a um Norte global e sua imposição de valores tomada como universal. Logo, a existência das epistemologias do Sul está ancorada na oposição ao privilégio do Norte epistemológico, sobre o qual impera a hegemonia de seus conhecimentos, como discutido anteriormente.

Desse modo, Santos (2019) identifica que a construção do pensamento dominante – imposto pelo Norte global – está alicerçada na experiência de dominação colonial sobre os povos que foram subjugados, tal como ocorreu na África, na Ásia, na América Latina e no Caribe. A essa forma de violência, promovida desde as grandes navegações ibéricas do século XV, Santos classificou como "pensamento abissal", a saber, um

[6] O conceito de hegemonia aqui posto é entendido à luz da concepção gramsciana, como "a capacidade econômica, política, moral e intelectual de estabelecer uma direcção dominante na forma de abordagem de uma determinada questão" (SANTOS; AVRITZER, 2002, p. 43). Para Gramsci, a hegemonia representa uma espécie de "dominação consentida", sobretudo das classes dominantes sobre as massas. Partindo desse raciocínio, quanto maior fosse a difusão de uma determinada ideologia, tanto menor seria necessário o uso da violência explícita, visto que ela já se encontraria solidamente hegemonizada.

sistema no qual o mundo está ancorado em duas linhas distintas: as visíveis, impostas pelo Norte (neo)colonizador, em detrimento das invisíveis, atribuídas ao Sul (neo)colonizado[7] (SANTOS, 2019).

Para Candau (2016), reconhecer esse contexto no qual a sociabilidade metropolitana – em alusão às categorias formuladas por Santos (2019) – promove o apagamento de outras formas de conhecimento[8], é passo fundamental para sua superação. Para tanto, entende como necessário que nos coloquemos do outro lado da linha abissal, como forma de desconstruir a hegemonia do pensamento único. É preciso considerar, segundo a autora, a existência de outras fontes e novos marcos epistemológicos, no intuito engendrar perspectivas nascidas a partir das periferias do mundo globalizado (CANDAU, 2016).

A essa constatação de uma realidade ontologicamente pluriepistêmica, Santos (2019) conceitua o termo "ecologia de saberes", que significa, em linhas gerais, o reconhecimento e o aproveitamento de saberes vindos de distintas matrizes, tais como o científico e o não científico, no intuito de promover uma inter-relação entre eles, por meio de suas afinidades, diferenças e complementaridades. Seu argumento está amparado na noção de que todo conhecimento é um interconhecimento. Posto que, se todo conhecimento se relaciona, de alguma maneira, a outro, isso possibilita a negação da existência de uma epistemologia geral, tal como a modernidade eurocêntrica sempre fez crer. Candau (2016), ao corroborar com a ideia de uma ecologia de saberes e relacioná-la à noção de justiça cognitiva, reitera:

> Para que a alcancemos [a justiça cognitiva] é imprescindível uma ecologia de saberes, desenvolvida numa perspectiva pós-abissal. Neste sentido, procura-se explorar as práticas científicas

[7] Santos (2019) esclarece que as tensões existentes entre os dois lados da linha não podem ser mediadas por regulações sociais e/ou normativas. De sorte que mecanismos como o Estado, o direito, a democracia e outras prerrogativas podem até ser invocados, porém não alcançarão o outro lado, visto que a exclusão é, paradoxalmente, abissal e invisível. São exemplos dessa invisibilidade: o Estado neocolonial, o trabalho em situação análoga à escravidão, o *apartheid*, o campo de refugiados, o racismo, o feminicídio, entre outros.

[8] Catherine Walsh, da Universidad Simón Bolívar, no artigo *"¿Son posibles unas ciencias sociales/culturales otras? Reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales"*, de 2007, destaca que a ciência convencional "descartó por completo la producción intelectual indígena y afro como 'conocimiento' y, consecuentemente, su capacidad intelectual" (p. 104). Com efeito, promoveu uma inter-relação entre raça e saber que, desde o século XVIII até meados do século XX, operou por meio de uma hierarquização cognitiva.

> alternativas, como as epistemologias feministas e pós-coloniais e, ao mesmo tempo, promover a inter-relação dos saberes assumidos como científicos com outros saberes, considerados não científicos. Não se trata de afirmar uns e negar os outros e sim de colocá-los em diálogo, partindo-se da co-presença e da comunicação mútua (CANDAU, 2016, p. 87).

Cabe pontuar que tanto a consideração da existência de conhecimentos apartados de legitimidade, quanto a expressão de novas formas de apreendê-los, reivindicam a elaboração de um currículo que seja flexível, adaptável a novas circunstâncias que se podem apresentar. Ao furtar-se aos determinismos, o que se pretende é legitimar a ideia de uma ciência aberta, apta a levar em consideração uma apreciação pluralista da realidade, em que, mais do que nos colocar ao exame de um fenômeno dado como certo, abrimo-nos à possibilidade de sua criação (PEREIRA[9], 2014).

5 LÍNGUAS

O terceiro e último eixo do Ciclo Comum de Estudos da UNILA compreende os conteúdos de "Línguas". Ao propor um plano de internacionalização da educação superior sob os moldes de uma integração linguística a partir do Sul global, a UNILA aponta, por meio da aprendizagem do português e do espanhol[10], que o bilinguismo constitui um pilar de importância basilar para a coesão regional (UNILA, 2013b). Com

[9] Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira é professora titular e pesquisadora do currículo da Unicamp. No artigo denominado "A construção do conhecimento na modernidade e na pós-modernidade: implicações para a universidade", ao qual faz-se referência acima, ela discute a insuficiência do paradigma científico ao relatar que, na física, por exemplo, Heisenberg e Bohr "demonstraram que não é possível observar ou medir um objeto sem interferir nele, sem o alterar e a tal ponto que um objeto que sai de um processo de mediação não é o mesmo que lá entrou" (s/p). Na matemática, "Gödel estabeleceu de forma efetiva a existência no sistema aritmético de uma proposição que não é nem demonstrável nem refutável no sistema existente, o que implica que o sistema aritmético não satisfaz a condição de completude" (s/p). Desse modo, "Os processos de produção de novos conhecimentos, tanto nas ciências exatas, como nas sociais e humanas, têm demonstrado, com uma força cada vez maior, que os limites impostos pela modernidade às disciplinas e áreas de conhecimento são arbitrários e não dão conta de toda a explicação" (s/p).

[10] Vale mencionar, contudo, que apesar de se tratar das línguas com o maior número de falantes, a América Latina compreende, também, o quéchua, aimará, náuatle, línguas maias, línguas mixtecas, zapotecas, línguas tupis, guarani, crioulo haitiano, francês, papiamento, além de um número de, aproximadamente, 500 línguas originárias, de acordo com o *Atlas Sociolingüístico de Pueblos Indígenas en América Latina* (2009).

isso, confere às duas línguas o *status* de oficialidade comum à vivência universitária.

Sua estrutura bilíngue compreende o ensino das línguas portuguesa e espanhola em três níveis, "[...] *nos quais o aprendiz desenvolve conhecimentos gramaticais, pragmático-discursivos e culturais da língua-alvo, tornando-se tanto agente social como intercultural*" (UNILA, 2013b, p. 7). No primeiro nível é esperado que o/a aluno/a adquira estruturas rudimentares quanto à língua de aprendizado, mediante situações de interação comunicativa simples, contando, ainda, com o auxílio de um intermediador (UNILA, 2013b). Nesse primeiro módulo são esperadas situações de primeiro contato com a língua estrangeira, com base em suas estruturas básicas e conhecimentos mais gerais.

No segundo nível de aprendizagem do Ciclo Comum – considerado como nível intermediário –, espera-se que, progressivamente, os/as estudantes possam ampliar tanto seus conhecimentos linguísticos como interculturais, a ponto de adquirirem mais confiança no uso da língua adicional em contextos de interação. Nessa etapa os/as estudantes se defrontarão com textos mais complexos, cujo universo léxico demandará, por parte deles, um desafio maior frente a uma nova realidade sociolinguística. Ademais, "[esses novos desafios] *porão em jogo as referências culturais, normas e convenções que eles necessitam durante as diversas situações comunicativas*" (UNILA, 2013b, p. 8).

Já nos níveis avançados, terceiro módulo da estrutura bilíngue da UNILA, entende-se que os/as estudantes estarão aptos/as a participar de situações linguísticas de maior complexidade – tal como demandam os textos e as discussões inerentes ao âmbito acadêmico. Ao dispor de um acervo linguístico maior e melhor estruturado, vislumbra-se que possam elaborar argumentações, hipóteses e formulações de caráter abstrato. Todavia, vale pontuar que a partir dessa etapa de bilinguismo a disciplina adquire *status* de não obrigatoriedade.

Tabela 3 – Disciplinas do eixo "Línguas"

Disciplina	Ementa da Disciplina	Objetivo
Semestre I: Espanhol Adicional Básico	Reconhecimento da diversidade linguístico-cultural latino-americana e introdução do aluno aos universos de expressão em língua espanhola.	Promover o reconhecimento e valorização das variedades linguísticas em espanhol (orais e escritas, regionais, de gênero, de grupo social, de idade etc.), em interface com seu próprio idioma; desenvolver as competências linguísticas (fonético-fonológicas, morfossintáticas, lexicais, semânticas, textual-discursivas) e interculturais para interação em situações cotidianas em diferentes contextos sociais e acadêmicos.
Semestre II: Espanhol Adicional Intermediário I Prerrequisito: Espanhol Adicional Básico	Aprofundamento do estudo de aspectos fonéticos, gramaticais, lexicais e discursivos para a interação oral e escrita, em diversos contextos sociais e acadêmicos em espanhol.	Desenvolver as competências linguísticas (fonético-fonológicas, morfossintáticas, lexicais, semânticas, textual-discursivas) e interculturais para interação na língua adicional com maior grau de complexidade, em contextos menos familiares e acadêmicos.
Semestre I: Português Adicional Básico	Reconhecimento da diversidade linguístico-cultural latino-americana e introdução do aluno aos universos de expressão em língua portuguesa brasileira.	Promover o reconhecimento e valorização das variedades linguísticas em português (orais e escritas, regionais, de gênero, de grupo social, de idade etc.), em interface com seu próprio idioma; desenvolver as competências linguísticas (fonético-fonológicas, morfossintáticas, lexicais, semânticas, textual-discursivas) e interculturais para interação em situações cotidianas em diferentes contextos sociais e acadêmicos.
Semestre II: Português Adicional Intermediário I Prerrequisito: Português Adicional Básico	Aprofundamento do estudo de aspectos fonéticos, gramaticais, lexicais e discursivos para a interação oral e escrita, em diversos contextos sociais e acadêmicos em português.	Desenvolver as competências linguísticas (fonético-fonológicas, morfossintáticas, lexicais, semânticas, textual-discursivas) e interculturais para interação na língua adicional com maior grau de complexidade, em contextos menos familiares e acadêmicos.

Fonte: Elaborado a partir do Projeto Pedagógico da UNILA (2013b).

As relações que perpassam o vínculo entre língua e meio social, conforme indica o Projeto Pedagógico de Curso do Ciclo Comum, estão calcadas numa perspectiva cultural, que considera as mediações gradativamente crescentes que ocorrem entre os sujeitos e a língua. Assim, ao serem reconhecidas – desde o Tratado de Assunção, em 1991[11] – como as línguas oficiais do Mercosul, o espanhol e o português passaram a reger toda a documentação referente ao bloco, por entenderem que uma política linguística calcada nesse binômio representaria um fortalecimento do bloco sul-americano. No fim dos anos 1990, tal intento é ratificado por meio do Setor Educacional do Mercosul (SEM), setor responsável pela "estratégia para o desenvolvimento da integração econômica e cultural do Mercosul"[12]. Por política linguística entende-se o estreitamento de laços linguísticos no que diz respeito à identidade sociocultural dos indivíduos. Posição semelhante é defendida por Schiffman (2006, p. 112, *apud*

[11] O Tratado de Assunção, embrião do então futuro Mercosul, era formado por Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, e visava aumentar sua competitividade econômica ao propor livre circulação de mercadorias e pessoas no bloco ao sul do Equador. Objetivava-se, assim, a construção de um espaço supranacional na América do Sul, o que se traduziria – ao menos em tese – em avanços econômicos, sociais e políticos para os seus países-membros. Atualmente o bloco é composto pelos seguintes Estados-Partes: Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Venezuela. Contam como Estados-Associados: Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Peru e Suriname.
[12] Disponível em: http://portal.inep.gov.br/mercosul-educacional. Acesso em: 04 fev. 2020.

CARVALHO, 2018), quando trata da implementação de uma política vinculada à noção de linguagem:

> Eu vejo política linguística (aproximadamente, 'tomada de decisões sobre a língua') como completamente ligada à cultura linguística, a qual eu defino como a soma de uma totalidade de ideias, valores, crenças, atitudes, preconceitos, mitos, restrições religiosas, e todas as outras 'bagagens' culturais que os falantes tragam para suas negociações com a língua de suas culturas (SCHIFFMAN, 2006, p. 112, *apud* CARVALHO, 2018, p. 25).

Tem-se, então, que a criação de uma política linguística por parte da UNILA reflete a posição da instituição ante o paradoxo existente na relação entre línguas e globalização: de um lado, a globalização atua no fortalecimento de múltiplas identidades nas quais o sujeito, antes restrito ao seu nicho local, agora opera sob a lógica global. Observa-se, com isso, uma espécie de hibridização cultural, visto que uma nova identidade é forjada num espaço "globo-local" (HALL, 2004). Por outro lado, esses mesmos processos também promovem a unificação de "um só mundo" (SINGER, 2002), sobre o qual a língua inglesa impera como um código amplamente requerido pela globalização.

Segundo o linguista Rainer Enrique Hamel (2003), da Universidad Autónoma Metropolitana, no México, o domínio do inglês no mundo corresponde ao "[...] *primer caso en la historia de la humanidad en que una lengua se globaliza de maneira masiva y amenaza de una u otra manera los espacios de muchas otras lenguas*" (HAMEL, 2003, p. 1). Hamel sustenta que a preponderância da língua de origem anglo-saxônica sobrepujará, de modo homogêneo, qualquer outro sistema linguístico, até o término do século XXI.

À guisa desse apontamento, faz-se necessária para o linguista mexicano a conformação de uma orientação plurilinguista na América Latina, por intermédio do que ele nomeia como "proposta realista" quanto ao ensino do português e do espanhol. Tal proposta, de acordo com Hamel, pautar-se-ia numa colaboração contínua de ambas as línguas, tendo como horizonte maior a possibilidade de integração efetiva entre os povos; nesse

sentido, ele sustenta que tais línguas não devem competir entre si, visto que cumprem uma função tanto geopolítica quanto identitária no destino dessas sociedades. Por tais razões,

> [...] le correspondería al español y al portugués cumplir una función de barrera contra la hegemonía internacional del inglés, aunque la hiper lengua no estaría amenazando sus funciones clásicas en cada territorio nacional o en la comunicación regional. Más bien la expansión exclusiva del inglés – sobre todo en los espacios educativos – podría entorpecer la difusión y el arraigo de las lenguas ibéricas como lenguas de integración y participación regional (HAMEL, 2003, p. 22).

Ademais, no que se refere à proposta geral para esse eixo, importa também pontuar algumas imprecisões que foram levantadas quando do exame de sua política linguística. Além da aquisição do espanhol e do português, consta como objetivo sensibilizar os estudantes para o multilinguismo presente na região (UNILA, 2013b) sem, no entanto, fazer qualquer menção de como se desenvolveria uma proposta linguística nesses termos. Em seu Programa de Desenvolvimento Institucional (PDI), principal documento destinado a estabelecer o plano de ações da universidade, há uma consideração de que a região de Foz do Iguaçu, fronteira com Ciudad del Este e Puerto Iguazú, compõe um espaço onde são faladas línguas autóctones, alóctones e de fronteira e que, por tal razão, seus projetos pedagógicos devem voltar-se à promoção tanto do estudo quanto da pesquisa de um cenário linguisticamente tão variado. Não consta, entretanto, de que modo esse projeto deva se efetivar.

Quanto ao bilinguismo proposto pela UNILA está a referência ao "Marco Comum Europeu de Referência para o Ensino de Línguas: aprendizagem, ensino e avaliação"[13] e ao "Novo Plano Curricular: níveis de referência para o espanhol"[14] como documentos nos quais finca sua política linguística. Tendo em vista que ambas as referências foram formuladas a partir da realidade sociolinguística europeia, cabe aqui salientar que, a despeito de ambas as línguas terem tido origem num

[13] O documento foi elaborado no ano de 2001 pelo Conselho da Europa.
[14] Elaborado em 2006 pelo Instituto Cervantes, em Madrid, propõe a realização do ensino do par linguístico espanhol-português.

mesmo tronco linguístico, certamente aqui obtiveram suas construções *sui generis*. Darcy Ribeiro (2010) vai ao encontro dessa percepção quando afirma que "[...] *as línguas faladas na América Latina, e os respectivos complexos culturais, são muito mais homogêneos que os existentes nas respectivas nações colonizadoras*" (RIBEIRO, 2010, p. 35), o que, por si só, já ensejaria a formação de referentes linguísticos próprios, dado que "[...] *o castelhano e o português falados nas Américas experimentaram menor número de variações regionais que nas nações de origem*" (RIBEIRO, 2010, p. 36).

Outro ponto observado baseia-se na preponderância de textos em língua portuguesa, desde os documentos oficiais aqui analisados até a composição das bibliografias do Ciclo Comum de Estudos[15], que somam mais livros em português do que em espanhol. Cumpre destacar que, nesse quesito, tal disparidade afeta os três eixos do Ciclo, já que a língua ocupa um papel transversal para a formação do conhecimento, em todas as áreas. Tendo a língua portuguesa[16] um fomento majoritário na universidade, é de se esperar que o desenvolvimento da aquisição do espanhol como língua adicional esteja aquém do que ocorre com o português. Isso faz da proposta do bilinguismo uma intencionalidade que carece de ajustes[17] não somente para corrigir possíveis debilidades, mas sobretudo para que possa responder à missão institucional de ser uma universidade comprometida, também, com sua equidade linguística.

[15] Contando tanto as bibliografias básicas quanto as complementares, foi levantado um total de 63% de títulos em português, em relação a 37% em espanhol.

[16] Uma outra razão que demandaria uma análise mais aprofundada – e que será só brevemente situada aqui – diz respeito à proporção de estudantes brasileiros e estrangeiros. Segundo dados da universidade, no ano de 2019 o corpo discente era composto por 79% de brasileiros em comparação a 21% de estrangeiros, dado que afeta, de modo substancial, uma desejável equidade entre as línguas, conforme preceitua o PDI da UNILA, referente aos anos 2019 a 2023. Disponível em: portal.unila.edu.br/reitoria/espaco-reitoria/a-internacionalizacao-como-ferramenta-para-o-desenvolvimento-sustentavel. Acesso em: 24 abr. 2020.

[17] Com relação à elaboração de ajustes pedagógicos, frisa-se que, a cada três semestres – ou seja, ao término da conclusão de cada ciclo comum completo –, são realizadas revisões de cada uma das disciplinas por um núcleo de docentes, do qual fazem parte dois representantes de "Línguas", dois de "Epistemologia e Metodologia" e dois de "Fundamentos de América Latina". A cada três anos, é prevista uma avaliação global do Projeto Pedagógico do Ciclo Comum, formada pela mesma composição da avaliação anterior, além da participação de uma comissão de quatro estudantes (um por Instituto) que estejam cursando o último ano de seus cursos de graduação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao reportar-se ao currículo do Ciclo Comum de Estudos da UNILA, tencionou-se trazer à tona um conjunto de significados e de inter-relações que se estabelecem no momento de seu planejamento pedagógico. A criação de uma universidade como a UNILA resguarda, desde a sua concepção, os problemas e desafios que resistiram ao tempo e que hoje apresentam-se como determinantes para o projeto. De modo que se buscou não perder de vista que, tanto por seu panorama histórico, quanto filosófico e metodológico, esses processos deveriam corresponder aos propósitos integracionistas assumidos pela instituição, com vistas a consolidar uma identidade latino-americano-caribenha na produção do saber.

Por tais razões, o breve exame desse currículo exigiu, também, que se levantassem os principais pressupostos subsumidos em sua conjuntura. Assim, abriu-se margem para que se discorresse a respeito da colonialidade do conhecimento, como expressa Mignolo (2016), posto que, segundo o autor, *a colonialidade é o outro lado da modernidade*. Discorrer acerca desse paradigma implica reconhecer que a dominação e a exploração, para além de sua faceta economicista, ou de classes, opera também pelas vertentes de raça, de gênero, de espiritualidade, de conhecimento, entre outras imbricadas no processo de dominação.

Assumiu-se, com isso, que são necessárias outras epistemologias, capazes de refletir e propor alternativas condizentes com as questões mais prementes vistas a partir da óptica do Sul global, conforme debatido, neste artigo, por autores que se inclinaram a pensar sobre a problemática latino-americana. Esses novos olhares devem reconhecer a importância das forças históricas que contribuem para o silenciamento de diferentes epistemologias no currículo.

Esta nova fase é marcada pela emergência do sujeito (PEREIRA, 2014), que fora desconsiderado, ou apontado como neutro, no paradigma científico da modernidade. Dessa forma, o que se intenta não é preteri-lo como um sistema anacrônico, mas, antes, questionar a hegemonia com que vem operando e alçando-se como a única forma de acessar o conhecimento. É preciso considerar, como uma indagação própria do tempo histórico, a existência de outros parâmetros de observação.

Sem descartar, certamente, o que de melhor a modernidade legou como construção humana, metaforizada pela incandescência do Século das Luzes, este debate aqui proposto tratou de investigar como essa reflexão epistemológica, nascida de uma perspectiva política e cultural, estaria expressa no currículo do Ciclo Comum de Estudos da UNILA. Examinou, do que aqui trata, de que forma uma *universidade* estruturada em princípios contra-hegemônicos poderia responder a essa dúbia missão, qual seja, a de conservar os conhecimentos produzidos por homens e mulheres que se debruçaram a apreender os fenômenos que nos circundam, como também ser capaz, do alto de sua torre de marfim, de abrir-se a diferentes formas de captar e interpretar essa realidade, justamente por aspirar à "qualidade de ser universal" [18], como denota a primeira acepção dicionarizada de seu termo.

Por todas as razões apresentadas, desde a sua concepção epistêmica e identitária, a qual fora brevemente apresentada ao longo desta exposição, é que se conclui que a ampliação do raio de atuação da UNILA trata-se de um fator impreterível ao projeto, no sentido de que, quanto maior for o contingente de *nuestro pueblo* reivindicando a universidade como uma entidade latino-americana, maior será a força que desempenhará frente aos desafios desta primeira década de sua existência. Será necessário, para tanto, que sua missão institucional possa romper tanto as fronteiras físicas quanto as impostas pela ordem global, a

[18] [1] *Qualidade do que universal; totalidade, universalidade.* Disponível em: http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=universidade. Acesso em: 04 fev. 2020.

fim de que possa unir, como Galeano um dia sonhou, as veias ainda tão abertas de nossa América Latina.

7 REFERÊNCIAS

APPLE, M. W. **Ideologia e currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 2.878/2007**. Disponível em: portal.unila.edu.br/institucional/documentos-oficiais/estatuto-da-unila. Acesso em: 19 dez. 2019.

CANDAU, V. **Interculturalizar, descolonizar, democratizar:** uma educação "outra"? Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

CANDAU, V.; OLIVEIRA, L. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista no Brasil. In: CANDAU, V. M. **Diferenças culturais e educação**: construindo caminhos. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

CARVALHO, S. C. Políticas linguísticas e integração latino-americana: desafios de uma proposta bilíngue para o ensino superior. **Revista Digital do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História – UNILA**, v. 11, p. 1-29, 2018. Disponível em: https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/1022. Acesso em: 05 fev. 2020.

CONSELHO DA EUROPA. **Quadro comum europeu de referência para as línguas:** aprendizagem, ensino, avaliação. Edição portuguesa. Porto: Edições Asa, 2001. Disponível em: http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf. Acesso em: 24 abr. 2020.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HAMEL, Rainer Enrique. Las políticas lingüísticas en el Mercosur: ¿una barrera frente a la globalización del inglés?. In: **Languages in a Globalising**. World. Maurais, Jacques & Morris, Michael A. (eds.). Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 1-22. Disponível em: http://www.hamel.com.mx/ArchivosPDF/Work%20in%20Progress/2003%20Mercosur.pdf. Acesso em 25 fev. 2020.

IMEA (INSTITUTO MERCOSUL DE ESTUDOS AVANÇADOS. **UNILA em construção:** um projeto universitário para a América Latina. Foz do Iguaçu, Publicações, 2009b.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (Orgs.) **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del

capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, p. 2-13, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.17666/329402/2017.. Acesso em: 14 fev. 2020.

PEREIRA, E. M. A. A construção do conhecimento na modernidade e na pós-modernidade: implicações para a universidade. **Revista Ensino Superior da Unicamp**, n. 14, s/p, 2014. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/119465. Acesso em: 10 fev. 2020.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **La colonialidad del saber:** eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, 2008.

RIBEIRO, D. **A América Latina existe?** Brasília: Editora UNB, 2010.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo:** a afirmação das epistemologias do Sul. São Paulo: Autêntica, 2019.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias de currículo. São Paulo: Editora Autêntica, 2010.

SINGER, P. **One World**: The Ethics of Globalization. New Haven & London: Yale University, 2002.

TRASPADINI, R. S.; SILVA, L. A. A UNILA e a integração: miragem latina, horizonte neoliberal ou disputas contínuas? **Revista Teias**, v. 20, p. 97, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.12957/teias.2019.39723. Acesso em: 02 fev. 2020.

UNILA. **Regimento Geral da Universidade**. Foz do Iguaçu, 2013a. 50 p. Disponível em: https://portal.unila.edu.br/institucional/documentos-oficiais/regimento-geral-da-unila/view. Acesso em: 12 de fev. 2020.

UNILA. **Projeto pedagógico:** Ciclo Comum de Estudos. Foz do Iguaçu, 2013b. Disponível em: https://unila.edu.br/sites/default/files/files/PPC2%20do%20CICLO%20COMUM.pdf. Acesso em: 14 de fev. de 2020.

BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

LA PARTICIPACIÓN DE LAS ORGANIZACIONES DE PROFESORES EN LOS PROCESOS DE REFORMA EDUCATIVA EN AMÉRICA LATINA (1990-2010)[1]

A PARTICIPAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES DE PROFESSORES NOS PROCESSOS DE REFORMA EDUCACIONAL NA AMÉRICA LATINA (1990-2010)

THE PARTICIPATION OF TEACHERS' ORGANIZATIONS IN THE EDUCATIONAL REFORM PROCESSES IN LATIN AMERICA (1990-2010)

José Humberto Trejo Catalán[2]
Centro Regional de Formación Docente e Investigación Educativa, México

Resumen: El presente trabajo se interroga sobre la influencia de las organizaciones de profesores en el desarrollo de las reformas educativas en Argentina, Brasil, Chile y México; países que comparten las similitudes propias de la matriz socioeconómica y cultural de América Latina; asimismo, el análisis ubica estos procesos en el marco de la apertura democrática que vivió la región desde los años ochenta del siglo pasado hasta su consolidación, en la primera década del siglo XXI. Para lograr explicar los posicionamientos y estrategias de acción política de las organizaciones de profesores frente a las reformas educativas, se recurrió a una metodología cualitativa, apoyada en los siguientes métodos y enfoques: la teoría general de sistemas, el enfoque de políticas públicas y los estudios comparados en ciencias sociales. Finalmente, como técnica se recurrió al análisis documental, mismo que se apoyó en el uso de datos y razonamientos causales. Como consecuencia, en el presente trabajo se logró identificar una estrecha relación entre los procesos de democratización política y reforma educativa, como determinantes de distintas rutas para la profesionalización del magisterio a partir de las estrategias de acción de este gremio, cuyo peso político se potenció notablemente durante el periodo analizado.

[1] El presente artículo tiene como antecedente los resultados de una investigación previa desarrollada por la misma autor, señalada en las referencias.

[2] Doctor en Ciencias Políticas y Sociales. Centro Regional de Formación Docente e Investigación Educativa.
E-mail: humberto.trejo@cresur.edu.mx

Palabras clave: Transición Democrática, Reforma Educativa, Organizaciones de Profesores, Sistemas Educativos Nacionales, Políticas de Profesionalización del Magisterio.

Resumo: Este trabalho questiona a influência das organizações de professores no desenvolvimento de reformas educacionais na Argentina, Brasil, Chile e México; países que compartilham as semelhanças da matriz socioeconômica e cultural da América Latina. A análise também coloca esses processos no quadro da abertura democrática que a região experimentou desde os anos oitenta do século passado até sua consolidação, na primeira década do século XXI. Para explicar as posições e estratégias de atuação política das organizações de professores em face das reformas educacionais, utilizou-se uma metodologia qualitativa, apoiada pelos seguintes métodos e abordagens: teoria dos sistemas gerais, abordagem de políticas públicas e estudos comparativos em ciências sociais. Por fim, como técnica, utilizou-se a análise documental, que se baseou no uso de dados e de raciocínios causais. Como resultado, o presente trabalho foi capaz de identificar uma estreita relação entre os processos de democratização política e reforma educacional, como determinantes de diferentes rotas para a profissionalização do magistério com base nas estratégias de ação dessa guilda, cujo peso político foi muito fortalecido durante o período analisado.

Palavras-chave: Transição Democrática, Reforma Educacional, Organizações de Professores, Sistemas Nacionais de Educação, Políticas de Profissionalização do Magistério.

Abstract: This paper questions the influence of teachers' organizations in the development of educational reforms in Argentina, Brazil, Chile and Mexico; countries that share the similarities of the socioeconomic and cultural matrix of Latin America; likewise the analysis places these processes within the framework of the democratic opening that the region lived from the eighties of the last century until its consolidation, in the first decade of the 21st century. In order to explain the positions and strategies of political action of teachers' organizations towards educational reforms, a qualitative methodology was used, supported by the following methods and approaches: the general theory of systems, the approach of public policies and comparative studies in social sciences. Finally, as a technique, documentary analysis was used, which was based on the use of data and causal reasoning. Throughout the work it is possible to identify a close relationship between the processes of political democratization and educational reform, as determinants of different routes for the professionalization of the teaching profession based on the action strategies of this guild, whose political weight was significantly enhanced during the analyzed period.

Keywords: Democratic Opening, Teachers' Organizations, National Educational Systems, Educational Reform, Teacher Training Policies.

DOI:10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.161717

Recebido em: 30/08/2019
Aprovado em: 27/06/2020
Publicado em: 01/07/2020

1 INTRODUCCIÓN

Entre la última década del siglo pasado y la primera del presente, el magisterio organizado (entendiendo por éste al profesorado de educación básica o fundamental) tuvo una intensa participación en los procesos de transición o restauración democrática, así como en las reformas educativas que se desarrollaron en América Latina.

Nunca como entonces la naturaleza del gremio magisterial como generador y gestor de significados y narrativas tuvo una influencia mayor en el espacio de las disputas políticas. Ideas como la siguiente, cobraron gran fuerza entre el magisterio:

> [...] los educadores necesitan las escuelas como esferas públicas donde la dinámica del compromiso popular y la política democrática puedan cultivarse como parte de la lucha por un Estado democrático radical. (GIROUX, 1997, p. 225).

De igual forma, el peso de los colectivos magisteriales como ciudadanos con un alto grado de organización política, cohesionados por tradiciones e intereses gremiales comunes, con presencia territorial amplia –incluso en las localidades más dispersas– y con liderazgo social representó un capital de primer orden para los partidos políticos que, a partir de los noventa, se disputaban el poder en un contexto democrático,

> [marcado por] una ampliación, diversificación e intensificación de la conflictividad social y política [...] [donde] la mayor parte de los enfrentamientos tuvieron como protagonista principal al sector asalariado (público y privado) sindicalizado y, en particular, al magisterio. [Cuya prioridad en la negociación con el Estado se relacionó] [...] casi exclusivamente con las condiciones salariales y laborales de maestros y profesores, el presupuesto para la educación [...] y, en última instancia, la capacitación y el perfeccionamiento profesional." (GENTILI, et al., 2004, pp. 1252-1254).

Sin embargo la movilización del magisterio buscó trascender los límites de la educación y los sistemas educativos nacionales. En todo caso, se ubicó en el plano de la "función política" propia de las "retóricas educativas" asumidas en distintos momentos por el magisterio latinoamericano para i) "unir" intereses distintos, ii) "movilizar" grupos "a través de fines y justificaciones especiales", y iii) "legitimar" acciones, decisiones o demandas, "*[...] construyendo una imagen [...] aceptable para el resto de la comunidad [...]*" (RATINOFF, 1994, p. 24).

Con base en lo anterior, la relevancia de esta función política de las organizaciones de profesores en el proceso de transición democrática no pudo haber sido más importante; a fin de cuentas, el ejercicio democrático supone fundamentalmente una ampliación de derechos, en la media que requiere:

> [...] el ejercicio de la racionalidad comunicativa, la existencia de condiciones sociales en sociedades modernas, pluralistas y complejas; un sistema electoral institucionalizado que garantice procesos electorales limpios; la libertad de asociación, movimiento y disponibilidad de información no monopolizada, la existencia de una ciudadanía con derechos y obligaciones; y un régimen jurídico imparcial que garantice el ejercicio de derechos civiles y políticos. (ZAMORA, 2016, p. 165).

En este contexto, la educación es un factor que hace posible el ejercicio de múltiples derechos, como los políticos, los electorales, entre otros. De manera que el protagonismo del magisterio en los procesos regionales de transición política entre los años noventa y la primera década del siglo XXI fue relevante:

- Por su función política, anclada fundamentalmente a una retórica nacionalista que apelaba a los valores propios de las comunidades políticas imaginadas (ANDERSON, 1993) que dieron origen, unidad y sentido de futuro a los Estados Nacionales de América Latina;
- Por su capacidad de organización y movilización política, que hizo de las organizaciones gremiales del magisterio, aliados estratégicos fundamentales de los principales partidos políticos de los países analizados; y,

- Por la función pedagógica o propiamente educativa, que es su materia y se proyectaba en la necesidad de acompañar y soportar los procesos transicionales en didácticas sociales capaces de propiciar la participación social en la democracia, de promover y enseñar el ejercicio de nuevos derechos, de instalar nuevas prácticas y valores sociales y culturales –acordes con los principios democráticos–, y de proyectar desde el espacio de la Reforma Política de los Estados, las Reformas Educativas y de la profesión y profesionalidad docente necesarias para poner al día los procesos educativos y docentes con la convivencia democrática, la globalización y la sociedad del conocimiento, por resumir en una frase el cúmulo de transformaciones y desafíos que enfrentó el mundo en el periodo de este análisis.

La primera década del siglo XXI marcó cambios notables en la dinámica de la participación política del magisterio. Como veremos más adelante, las organizaciones de profesores más representativas de los países analizados se vinculan claramente con partidos o coaliciones políticas que ejercieron el gobierno, lo que les redituó avances en algunas demandas como: i) la participación en el diseño de políticas y programas educativos, en algunos casos, incluso la proyección de sus miembros o personajes afines como directivos; ii) mejores condiciones laborales –salarios, incentivos al desempeño, seguridad en el empleo–; y, iii) la ampliación de las oportunidades de desarrollo profesional a través de acceso a programas de formación continua y trayectorias de desarrollo profesional, también conocidas como carreras docentes (PROGRAMA DE PROMOCIÓN DE LA REFORMA EDUCATIVA DE AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE, 2004).

Sin embargo, la cercanía con los gobiernos nacionales y, en algunos casos, el ejercicio de la política educativa a través de personajes claramente vinculados al magisterio, cobró la factura en la medida que dichos gobiernos se fueron desgastando. Tanto los partidos y coaliciones políticas originalmente opuestas a los movimientos respaldados por los grupos

mayoritarios del magisterio en sus respectivos países, como los adversarios internos que no coincidían con las posiciones hegemónicas del magisterio, emergieron en la medida que los gobiernos o coaliciones de gobierno en las que participaban se fueron desgastando.

En todo caso, el presente trabajo contextualiza el desarrollo de la profesión docente como resultado de las tensiones y logros de sus organizaciones gremiales (entre 1990 y 2010), en tanto actores de los procesos que redefinieron las relaciones económicas, sociales, culturales y, desde luego, políticas de sus respectivos países.

De hecho, la participación de las organizaciones de profesores en la formulación de políticas para la profesionalización magisterial ha sido muy activa en la región, como se muestra en el caso de los países analizados: Argentina, Brasil, Chile y México, particularmente en el periodo que nos ocupa.

Desde la perspectiva del análisis gubernamental y la gestión pública, la década de los noventa se define por un cambio de modelo de desarrollo hacia las llamadas reformas neoliberales, al respecto cabe señalar que:

> El sistema educativo es parte integrante de las sociedades nacionales en las cuales se realizan transformaciones profundas en sus modos de integración a la globalización en sus formas de producción debido al tránsito de la economía basada en el conocimiento. Es parte también de la estructura social, del sistema político y de los sistemas culturales. (JIMÉNEZ, 2007, p. 101)

Frente a la quiebra de los modelos desarrollistas –y la salida de los gobiernos autoritarios en Brasil, 1985-1988; Argentina, 1983-1989; Chile, 1990 y México, 1994-2000– *"[...] las nuevas reglas eran las del mercado y nuestros países estaban obligados a mejorar la estructura de competencias de sus recursos humanos para no quedar al margen del desarrollo."* (CONCHA, 2005).

Por ello, la reforma de la educación se ubicó como un tema relevante en las agendas para la reforma del Estado. En ambas, las organizaciones de profesores tenían intereses fundamentales en la medida que potenciaron su participación: i) como profesionales de la educación interesados en

tener voz en la revisión de su materia de trabajo ¿cómo?, ¿con qué? y ¿para qué educar? ; ii) como trabajadores del Estado, sensibles a los procesos de ajuste definidos por las políticas orientadas a la reducción de presupuestos y el incremento de responsabilidades; iii) como profesionales de la educación con responsabilidad en la gobernanza de los sistemas educativos y de gestionar el cambio –pedagógico, de gestión y de sentido– en dichos sistemas (TEDESCO, 2007, p. 91).

2 EL GIRO DEMOCRÁTICO Y LA TRANSICIÓN EDUCATIVA

El giro democrático de los años noventa impactó a las estructuras estatales, transitando del sentido de gobernar con referencia únicamente a la gobernabilidad, en la que el Estado toma decisiones de carácter unilateral y unidireccional (AGUILAR, 2006), a otro apegado al enfoque de la gobernanza o la Nueva Gestión Pública sustentada en los principios gerenciales para el desempeño de los Estados y sus instituciones con base en: la eficiencia, la eficacia, la calidad, la asignación de presupuesto por resultados, el rol del Estado como coordinador, la reformulación del vínculo con nuevos actores, la participación, la corresponsabilidad y la rendición de cuentas. En este contexto, las reformas educativas fueron construidas bajo una lógica más abierta y participativa, como políticas públicas, y ya no como meras decisiones o programas de gobierno.

Las reformas educativas de los noventa, enmarcadas en lo que Ratinoff (1994, p. 36) define como la Retórica del Capital Humano, *"[...] que permitía redefinir el producto educativo válido para la sociedad como el resultado de una operación exclusivamente utilitaria",* compartieron medidas como: i) la descentralización; ii) el incremento de la participación social en la educación de actores diversos y no sólo el magisterio; iii) la extensión de los ciclos de educación obligatoria; iv) la profesionalización docente y el desarrollo de reglas para su ingreso y promoción; v) la construcción de sistemas de incentivos, vi) la gestión escolar; vii) el desarrollo de sistemas de información educativa; viii) la evaluación de los

resultados de los sistemas educativos; y ix) la búsqueda de la equidad educativa (LOYO, 2018; VÁZQUEZ, 2015).

Las distintas formas en que cada una de estas estrategias y acciones se concretaron en los países analizados –cuya revisión excede los propósitos de este trabajo– terminaron configurando los actuales sistemas educativos que enfrentan la contradicción de haber cambiado en múltiples aspectos (planes y programas de estudio; estructura, organización y funcionamiento; la docencia y la profesionalización del magisterio); pero no así en sus resultados agregados, que básicamente continúan siendo insatisfactorios y por debajo de las condiciones esperables para la región. De acuerdo a su grado de desarrollo:

> Los países de América Latina y el Caribe presentan consistentemente un desempeño deficiente en las evaluaciones internacionales [de aprendizajes]: aún después de controlar por la variable del PIB *per cápita*, los estudiantes de la región se desempeñan bastante por debajo de aquellos de los países de la OCDE y de Asia oriental (VEGAS; PETROW, 2008, p. 21)

Cabe especular si nuestros sistemas educativos se quedaron atrapados en un proceso de cambio institucional que no se propuso –o no logró– alterar las bases de una organización económica que genera desigualdad social. En este sentido, las reformas educativas de los noventa se mantuvieron en un plano pedagógico, técnico o superestructural, a pesar de que plantearon *"[...] acciones que comprometían a toda la sociedad [...] y propusieron procesos y metas de mediano y largo plazo."* (CONCHA, 2005).

De esta manera, el giro democrático en la educación se correspondió con un giro pedagógico que cambió la organización y el funcionamiento de los sistemas educativos nacionales; como la identidad de las y los docentes, sus formas de organización y la dinámica de sus sindicatos.

3 LAS REFORMAS EDUCATIVAS Y PROFESIONALIZACIÓN DOCENTE

Las reformas promovidas en los años noventa buscaron concebirse como reformas de la enseñanza, para lo cual desarrollaron sistemas de profesionalización docente (LOYO, 2001; VIEIRA, 2008) capaces de atender al menos los siguientes aspectos: la construcción de sistemas de evaluación, el desarrollo de estímulos al desempeño profesional, el incremento de la flexibilidad en el trabajo docente, el aumento del compromiso con los procesos de actualización, entre otros.

En suma, la profesionalización docente –uno de los ejes fundamentales de las reformas educativas de la década de los noventa– implicó *"[...] estructurar la formación profesional bajo los parámetros de la acreditación y la certificación de los programas y de una revisión a fondo de los estatutos docentes."* (VÁZQUEZ, 2015, p. 100); asimismo sumó al perfil docente un conjunto de valores, prácticas y nuevas actitudes hasta generar lo que algunos autores llaman profesionalidad docente, es decir, el conjunto de competencias específicas de su hacer (OLIVEIRA, 2013).

De manera que diseñar y desarrollar políticas para fortalecer la profesionalización docente pasó a ser una prioridad en los procesos de reforma. El desafío de profesionalizar al magisterio implicó modificar estructuras e instituciones profundamente arraigadas en nuestros países, bajo un enfoque integral de los siguientes aspectos básicos *"[...] la formación, las condiciones de trabajo y de carrera y el sistema recompensas materiales y simbólicas que se ofrecen."* (TEDESCO; TENTI, 2002, p. 21). En este sentido, la disyuntiva no fue reformar o no reformar los sistemas educativos, sino hacerlo con los maestros o a pesar de ellos.

No obstante, las reformas emprendidas no lograron en su momento –y aún hoy tienen como tarea pendiente: i) mejorar la eficacia social de la educación; ii) hacer efectivo el derecho a una educación de igual calidad; iii) impactar los procesos de enseñanza-aprendizaje que tienen lugar en las salas de clases y en las escuelas (RATINOFF, 1994; TEDESCO, 2007; BLANCO, 2014).

4 ORGANIZACIONES DE PROFESORES EN LOS PAÍSES COMPARADOS: NOTAS METODOLÓGICAS

Para lograr explicar los posicionamientos y estrategias de acción política de las organizaciones de profesores frente a las reformas educativas se recurre a una metodología cualitativa, apoyada en los siguientes métodos y enfoques: la teoría general de sistemas, el enfoque de políticas públicas y los estudios comparados en ciencias sociales. Finalmente, la técnica de revisión es de carácter documental, con apoyo en el uso de datos y razonamientos causales.

Desde la teoría general de sistemas, las organizaciones de profesores se reconocen como entidades (o subsistemas) influidas e interactuantes con otros sistemas como el Estado, macrosistema del que forma parte, y microsistemas (estados o departamentos, los municipios, las zonas escolares, las escuelas, las aulas y los docentes).

Es decir, desde ésta teoría, el estudio de los fenómenos sociales tiene sentido en función del contexto o sistema del que son parte y en función de la interacción dinámica de dichas partes (BERTALANFFY, 1989). Desde este enfoque "*[...] lo importante son las relaciones y los conjuntos que a partir de ellas emergen.*" (ARNOLD; OSORIO, 1998, p.1). Estas interrelaciones se presentan en los sistemas educativos nacionales, los sistemas políticos nacionales y los sistemas de profesionalización docente.

De acuerdo a lo anterior puede afirmarse que los cambios en los sistemas educativos nacionales derivan de tensiones externas e internas de diverso tipo y, eventualmente, dan lugar a nuevos arreglos sobre el entendimiento del ser, el deber ser, el cómo y el para qué de la educación y sus actores (TREJO, 2015).

Enfoque de políticas públicas estudia los procesos de definición de los objetivos públicos del Estado, el desarrollo de organizaciones y programas dirigidos a alcanzar dichos objetivos y el impacto de esos

programas (MÉNDEZ, 1993). En suma, busca resolver problemas que afectan el interés público o la dignidad de las personas (PARSONS, 2007).

En consonancia con la teoría general de sistemas, desde el enfoque de las políticas públicas se puede analizar los resultados de tensiones externas e internas de diverso tipo antes mencionadas en los sistemas educativos nacionales, los sistemas políticos nacionales y los sistemas de profesionalización docente, como producto de un proceso de decisiones (en este sentido, no es neutral) y el diseño de las estrategias orientadas a la resolución dichas tensiones; y dentro de este marco dar sentido a los intercambios entre los actores.

A decir de Sartori (1984), la comparación es un ejercicio indispensable para la comprensión y el desarrollo del enfoque de las políticas públicas, en la medida que permite identificar variables que explican la mecánica (causalidad) de los procesos a estudiar entre procesos que ocurren en un mismo periodo pero en ámbitos diferentes (sincronismo histórico). De manera que los parámetros que utiliza el método comparativo pueden y suelen ser diversos, en razón de los fenómenos sociales que se pretenda analizar:

> El método comparativo describe similitudes y disimilitudes, trabaja con el presente siendo su despliegue horizontal, compara objetos que pertenecen al mismo género, se basa en el criterio de homogeneidad y por ende se diferencia de la mera comparación. (TONON, 2011, p. 11).

Dicho análisis permitirá sostener o desechar la hipótesis de trabajo que consiste en argumentar que la influencia de las organizaciones de profesores representa una variable significativa para explicar el diseño, la gestión y el impacto de las reformas educativas, a través de los sistemas de profesionalización docente y las políticas de profesionalización del magisterio. En este sentido, fue necesario identificar y explicar los alcances de elementos comunes a los países comparados, tanto en su desarrollo político, como en los procesos de reforma educativa a partir del último cuarto del siglo XX y la primera década del XXI.

Para ello, se seleccionaron a cuatro países de América Latina: Argentina, Brasil, Chile y México donde –además de compartir las similitudes propias de la matriz socioeconómica y cultural de América Latina–, los tres primeros: i) conforman los Estados más grandes de Latinoamérica por su territorio, población y el tamaño de sus economías; ii) son Estados Federales; iii) representan centros económicos y políticos subregionales y, junto a Chile, experimentaron procesos de transición democrática y reformas educativas durante la etapa de análisis. Finalmente, de cada uno de ellos se retomó a las organizaciones de profesores con mayor membresía relativa (LOYO, 2001):

- Argentina, Confederación de los Trabajadores de la Educación de la República de Argentina (CTERA), 37.7%.
- Brasil, Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), 33.8%.
- Chile, Colegio de Profesores de Chile A.G., 75.5%.
- México, Sindicato Nacional de Trabajadores de la Educación (SNTE), 97.8%.

5 ORGANIZACIONES DOCENTES, REFORMAS EDUCATIVAS Y POLÍTICAS DE PROFESIONALIZACIÓN DEL MAGISTERIO

5.1 ARGENTINA

En el caso que nos ocupa, durante la década de los cincuenta, se *"[...] condensa un conjunto de transformaciones de envergadura, ya que se dieron en ese tiempo cambios que podríamos calificar como "estructurales" en la relación entre Estado y docencia."* (GUTIÉRREZ, 2014, p. 16). Estos cambios derivaron en la promulgación, en 1954, de un Estatuto Docente, bajo la iniciativa del presidente Perón (1946-1955), lo que signó un

compromiso de largo aliento entre buena parte del magisterio y el justicialismo argentino, en la medida que dicho Estatuto:

> [...] responde a legítimas y viejas aspiraciones de ese esforzado gremio, regla desde ya las actividades del mismo y confiere a sus integrantes la jerarquía moral y los recursos pecuniarios dignos que corresponden a sus condiciones de forjadores de la juventud de la Patria, que tendrá en el futuro la responsabilidad de reafirmar los principios de soberanía política, independencia económica y justicia social, que ha plasmado con su genio tutelar el Presidente de la Nación, General Juan Perón, para el bienestar de las generaciones presentes y futuras (Estatuto del Docente Argentino del General Perón, 1954).

Posteriormente, en 1973 –y nuevamente bajo el cobijo del peronismo (1973-1974) – se creó la Confederación de Trabajadores de la Educación de la República de Argentina (CTERA), que conjuntó cerca de 140 sindicatos provinciales. La nueva organización, al constituirse como federación, no quedó subordinada a ninguna otra organización gremial y surgió con una clara autonomía frente al Estado.

La Junta Militar que gobernó al país entre 1976 y 1983, marcó un distanciamiento entre el magisterio y el gobierno que se prolongará más allá de la dictadura. En este contexto, la CTERA se opuso a la descentralización de los servicios educativos (1992); la negociación entre sindicatos y gobierno resultaba la única vía transitable hacia una reforma educativa, que pudiera tener un alcance de fondo para el país en lo financiero, administrativo, político y educativo. A partir de este objetivo, la CTERA logró participar en la definición de políticas curriculares y evaluación; de capacitación y actualización docente; y de profesionalización e incentivos, que formaron parte de la Ley Federal de Educación de 1993.

A pesar de los acuerdos logrados, la CTERA, "*[...] mantuvo un discurso de oposición a la reforma educativa... [acusándola] de construir un proceso de 'desresponsabilización' del estado nacional en materia educativa, lo que se apoyaba en el retiro total de la gestión de las escuelas.*" (PERAZZA; LEGARRALDE, 2008, p. 31). Lo cual no era exacto ya que el Gobierno Federal recentralizó en los hechos facultades importantes como la regulación del currículum, la evaluación, la capacitación docente,

las políticas compensatorias y el financiamiento internacional, como ya se había señalado.

Con la vuelta del peronismo en 2003 se registró una suerte de reconciliación entre los principales sindicatos docentes y el gobierno federal. Se aprobaron un conjunto de leyes –impulsadas por el gobierno federal y consensuadas con las organizaciones de profesores – que transformaron la condición del magisterio en el sistema educativo nacional y sentaron las bases para avanzar en una profunda transformación del sistema y el modelo educativo: i) La Ley de Educación Técnico Profesional; ii) La Ley de Financiamiento Educativo; y iii) La Ley Nacional de Educación.

Por lo anterior, cabe decir que el principal propósito de la CTERA durante el periodo de análisis fue la reivindicación de los derechos laborales de los docentes, cancelados durante el régimen militar, como también recuperar su capacidad de movilización e influencia política.

Cabe señalar que desde 1958, Argentina cuenta con un Estatuto Docente. Es notable el papel asignado a "las juntas de calificación" que forman y resguardan los expedientes laborales de los maestros y se integran entre la representación "oficial" (el patrón) y una representación de los propios docentes (TREJO, 2015).

5.2 BRASIL

En 1960 –en el contexto del populismo– 26 delegaciones docentes crearon la "Confederação dos Professores Primários do Brasil" (CPPB) –que en 1979 pasaría a ser la "Confederação dos Professores do Brasil" (CPB), ampliando su perfil a todo tipo de profesores–; sin embargo, el golpe militar de 1964 obligó a la CPPB a continuar sus actividades con un bajo perfil, no obstante –y a pesar de su relativa clandestinidad durante los setentas– la CPPB, después CPB, continuó creciendo hasta posicionarse como el principal interlocutor de la negociación gremial del magisterio.

En 1980 la principal organización del magisterio brasileño –"Confederação dos Professores do Brasil" (CPB), antes "Confederação dos Professores Primários do Brasil" (CPPB) creada en 1960– buscó incidir en la política de Estado participando en la creación del Partido dos Trabalhadores (PT). Esto sucedía en plena dictadura militar (1964-1985), con el propósito de defender los derechos laborales de un magisterio atomizado y empobrecido por la debilidad de los municipios y la mayoría de los estados para gestionar sus sistemas educativos.

La CPB organizó foros en 1984 y 1985 para diagnosticar el estado de la educación en el país, develando las condiciones precarias en las que se desarrollaba. En 1990, en el marco del "Forum", se integraría la "Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação" (CNTE). Esta unificación estableció como principal objetivo la obtención de un piso salarial; demanda que obtuvo respaldo a través de la promulgación de la Lei N° 9.424 que reglamenta al Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) y la promulgación de la Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) en 1996, también llamada, Lei N° 9.394

En Brasil, la Lei N° 4.881-A funge como el único Estatuto Docente aplicable en todo el país para la educación superior, pero no para el magisterio de educación básica; sin embargo, la LDB antes mencionada, estableció un marco atendible en toda la federación que determinó una ruta a la vez relevante y sencilla para la profesionalización del magisterio:

> Art. 67.Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público: I - ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos; II - aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim; III - piso salarial profissional; IV - progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho; V - período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho; VI - condições adequadas de trabalho. Parágrafo único. A experiência docente é pré-requisito para o exercício profissional de quaisquer

> outras funções de magistério, nos termos das normas de cada sistema de ensino. (Lei N° 9.394, 1996).[3]

Junto con ello, la creación y consolidación del FUNDEF, en 1996, que apalancó el financiamiento de la progresión salarial de las y los maestros, fueron medidas determinantes para transformar el sistema educativo brasileño.

5.3 CHILE

Chile ha sido presentado como el modelo más aventajado –y en muchos aspectos exitoso– de la propuesta neoliberal. Esto se refleja también en el prolijo y complejo entramado de reformas educativas y magisteriales que se registran en el periodo, el cual fue posible, en un primer momento, por la ausencia de contrapesos frente a las decisiones gubernamentales y, posteriormente, como resultado de los ajustes demandados por distintos sectores educativos y sociales frente a estas decisiones unilaterales.

En 1974 la Junta Militar disolvió el sindicato magisterial y creó el Colegio de Profesores de Chile A.G. La adscripción de los docentes fue obligatoria. En 1978, se decretó la Ley de Carrera Docente y en 1990, antes de concluir su periodo, Pinochet aprobó la Ley Orgánica Constitucional de la Enseñanza (LOCE).

Tras la dictadura de Augusto Pinochet (1973-1990), el Colegio de Profesores recuperó un papel relevante en la negociación de las reformas educacionales impulsadas por los gobiernos de la Concertación de

[3] Art. 67. Los sistemas educativos promoverán la valorización de los profesionales de la educación, asegurándoles, incluso de conformidad con los estatutos y planes de carrera del magisterio público: I - entrada exclusivamente por concurso público de pruebas y títulos; II - mejora profesional continua, incluida la licencia periódica pagada para este fin; III - piso salarial profesional; IV - progresión funcional basada en la valoración o calificación, y la evaluación del desempeño; V - período reservado para estudios, planificación y evaluación, incluido en la carga de trabajo; VI - condiciones de trabajo adecuadas. [Y considerar que] (...) La experiencia docente es un requisito previo para el desempeño profesional de cualquier otra función docente, de acuerdo con las normas de cada sistema educativo. (Traducción del autor). (Lei N° 9.394, 1996).

Partidos por la Democracia (1990-2010)[4]. En este sentido, *"Una de las primeras medidas fue la promulgación en 1991 de un Estatuto Docente."* (BISCARRA; GIACONI; ASSAÉL, 2015, p. 87).

Derivado del contexto en que surgió, la LOCE –justo en el cierre de la Dictadura– en el periodo de Concertación se consideró indispensable modificarla. Para ello, en 1994 y por común acuerdo entre el gobierno y organizaciones docentes, se instauró la Comisión Nacional para la Modernización de la Educación, cuyos temas prioritarios fueron: actualizaciones curriculares, la revalorización del rol de la familia, la atención a los grupos vulnerables, la revisión de los resultados del Sistema de Medición de la Calidad de la Educación, el modelo pedagógico, la formación docente, la autonomía profesional, los salarios a docentes, el financiamiento de la educación, la subvención, la infraestructura, las jornadas laborales, y, finalmente, el rol del Estado (HERNÁNDEZ; MELLADO; MUÑOZ, 2015).

En este proceso, las políticas de profesionalización docente han estado sujetas a un marco normativo compuesto por: la creación de Sistema Nacional de Evaluación del Desempeño de los Establecimientos Educacionales Subvencionados en 1995, la ley que crea la Jornada Escolar Completa de 1997, la Ley 19.715 a través de la cual se crea la Asignación de Excelencia Pedagógica, la Red de Maestros en 2001, la Ley Sobre Evaluación Docente en 2004, la Ley de Subvención Escolar Preferencial en 2008, la Ley General de Educación en 2009 y, finalmente, en 2011, la Ley de Calidad y Equidad de la Educación que establece modificaciones al Estatuto Docente.

Entrado el siglo XXI, el discurso meritocrático y la estructura del sistema educativo bajo esos mismo principios, generó tal presión en la sociedad que los estudiantes de secundaria primero, y otros actores (universitarios, investigadores, docentes, padres de familia) después se movilizaron bajo la consigna de democratizar la calidad educativa, ponerla

[4] Esta coalición de partidos de centro y centro-izquierda alcanzó y mantuvo la presidencia con Patricio Aylwin (1990-1994), Eduardo Frei (1994-2000), Ricardo Lagos (2000-2006) y Michelle Bachelet (2006-2010), quien tuvo un segundo periodo presidencia (1914-1918), pero ya no en el marco de la Concertación.

al alcance de todos, incluso y sobre todo en los planteles que atienden a la población con menores recursos, dada la segregación social que generó el modelo chileno, que alentó la privación de la educación pública en todos los niveles educativos.

5.4 MÉXICO

Lo que caracteriza al Sindicato Nacional de Trabajadores de la Educación (SNTE) –fundado en 1943– es su membresía monopólica, al concentrar al 97.8% de los docentes del país[5]. En este sentido, el SNTE es un interlocutor relevante en las decisiones políticas en el ámbito de la educación básica y normal (GINDIN, 2008). Asimismo, desde su fundación, éste ha gozado de una estrecha relación con los gobiernos en turno (VÁZQUEZ, 2015).

Como resultado de este proceso se abrió una línea de negociación entre la Secretaría de Educación Pública (SEP) y el SNTE que cuenta con cuatro momentos particularmente trascendentes, los tres primeros –la firma del Acuerdo Nacional para la Modernización de la Educación Básica (ANMEB, 1992), la firma del Compromiso Social por la Calidad de la Educación (CSCE, 2002) y la firma de la Alianza para la Calidad de la Educación (ACE, 2008) – estuvieron marcados por una estrecha cooperación entre la organización magisterial y el gobierno federal, en tanto que el cuarto, la reforma educativa de 2013 estuvo marcada por el acuerdo entre el gobierno federal y los principales partidos políticos.

El Acuerdo Nacional para la Modernización de la Educación Básica (ANMEB) se compuso de tres estrategias: la reorganización del sistema educativo, la reformulación de contenidos y materiales educativos y la revaloración social de la función magisterial. Las estrategias contenidas en este Acuerdo fungieron como una política de Estado sobre la formación docente y calidad educativa del país durante dos períodos presidenciales

[5] Basado en su relevancia y peso político, en 2006 el SNTE formó su propio partido político: Nueva Alianza.

primordialmente (Carlos Salinas de Gortari 1988-1944; Ernesto Zedillo 1994-2000).

En conjunto, si bien el ANMEB se convirtió *"[...] en una norma cada vez menos adecuada para una sociedad plural, abierta a la globalización y la economía del conocimiento y la creatividad."* (TREJO, 2015, p. 132), no se puede dejar de reconocer los elementos disruptivos de la misma, como : i) la descentralización de la educación básica y normal; ii) la introducción del programa de Carrera Magisterial, que fungió como un medio más estructurado de incentivos económicos para el magisterio y la posibilidad de evaluar el hacer del mismo, y iii) la formulación de un primer plan con miras a fortalecer los procesos pedagógicos y de gestión de las escuelas normales del país.

El Compromiso Social por la Calidad de la Educación (CSCE) fue un acuerdo firmado en 2002 entre las autoridades federales, estatales y magisteriales que dio lugar a las siguientes acciones: i) el programa nacional de profesionalización del magisterio, la creación del Instituto Nacional de Evaluación de la Educación y el Sistema Nacional de Evaluación Educativa, la instalación del Consejo Nacional de Participación Social en la Educación, así como la reforma de la educación normal y la creación de la Dirección General de Educación Superior para Profesionales de la Educación.

El acuerdo denominado Alianza para la Calidad de la Educación (ACE) fue suscrito en 2008 en el marco de un convenio entre la Secretaría de Educación Pública y el Sindicato Nacional de Trabajadores de la Educación; así como sus antecesores, éste refrendó acciones en beneficio de la calidad de la educación a través de cinco ejes y 10 líneas de acción. En el segundo eje del ACE "Profesionalización de los maestros y de las autoridades educativas", se decretó la creación del Sistema Nacional de Formación Continua y Superación Profesional de Maestros en Servicio.

En relación al ingreso y promoción, y en continuidad con el CSCE, la ACE planteó al concurso de oposición para la selección, es decir ingreso, de profesores, sin embargo, no fue hasta 2013 –en el marco de la reforma de

2013– cuando esta intención se acuerpó por un marco normativo legal, previo a ello no se habían establecido reglas formales claras (ESPINOZA, 2012). La ACE incluyó acciones como la creación del Programa de Mejoramiento Institucional de las escuelas normales públicas (PROMIN) y los Centros Regionales de Formación Docente e Investigación Educativa. El SNTE asumió un papel de "*corresponsabilidad explícita con la SEP, aunque no necesariamente armónica*." (TREJO, 2015, p. 84). Esta disonancia impidió legislar e institucionalizar la ACE; su excesiva carga política, se tradujo en una ruptura de facto entre el SNTE y el Gobierno de Felipe Calderón (2006-2012) con quien se había concertado.

De manera que el proyecto gestado durante veinte años por el SNTE con cuatro gobiernos de distinto signo político, una vez concluido como una Reforma Integral de la Educación Básica y un nuevo currículo que pretendía articular los aspectos fundamentales del proceso educativo, no sobrevivió al primer año del siguiente gobierno. De la misma forma que la reforma educativa de Peña Nieto (2012-2018) tampoco sobrevivió más allá del 2019.

6 CONCLUSIONES PRELIMINARES

Con base en el desarrollo de los datos expuestos, se observó que la orientación a lo público, es decir, el grado de articulación de las organizaciones de profesores con las instituciones estatales, es mayor en el caso de México. En el periodo de análisis el SNTE tuvo una estrecha relación con los gobiernos federales en los procesos de reforma; no obstante, en la administración 2013-2018, hubo un abrupto distanciamiento, pasando de relaciones de negociación a la imposición y desvalorización del magisterio.

En el caso de Brasil, el magisterio buscó incidir en la política de Estado a través de la creación en 1980 del PT que –junto a las organizaciones docentes– tuvo por objetivo primordial defender los

derechos y conquistas laborales, al igual que en Argentina donde la CTERA pasó de ser opositor para convertirse en aliada del Gobierno Federal a partir del triunfo del Partido Justicialista con los Kirchner. Por su parte, en Chile las contradicciones de un modelo impuesto han abierto un diálogo social que rebasa al magisterio, aunque lo incluye, pero que se libra en las calles, en los medios, en las universidades, en el congreso, en fin, en la arena pública, y, desde luego, rebasa el ámbito estrictamente educativo.

Sobre las estrategias de acuerdo entre organizaciones de profesores y autoridades educativas, podemos observar que, a partir de los periodos posteriores a las dictaduras, todas las organizaciones de profesores analizadas tendieron –en diverso grado y forma– a la negociación. De hecho, en todos los casos analizados pudo observarse una disminución en el número de conflictos entre 1998 a 2007. Asimismo, los gremios han aumentado en su organización, por vía de la adscripción a sindicatos, que en todos los casos han privilegiado la agenda laboral; no obstante, los temas por la calidad de la educación han sido también importantes.

Frente a los procesos de reforma educativa, las organizaciones de México y Brasil han demostrado una actitud proactiva en torno al tema, priorizando el fortalecimiento de la educación pública y la profesionalización docente. Por su parte, las organizaciones de profesores de Argentina y Chile privilegiaron la defensa de los derechos laborales.

De acuerdo al análisis de las retóricas educativas, la identidad magisterial y de sus organizaciones gremiales, está comprometida con la "retórica del nacionalismo educativo" que busca hacer de la escuela un elemento al servicio de la formación, consolidación y proyección de la nación, lo cual es una narrativa común a las organizaciones de profesores analizadas y la que determina en gran medida sus posicionamientos políticos.

Finalmente, durante el periodo analizado, las organizaciones i) mantuvieron como norte irrenunciable los valores del nacionalismo educativo: unidad, identidad, solidaridad y la responsabilidad del Estado como proveedor de la educación pública; ii) participaron en decisiones de

política educativa desde una perspectiva de responsabilidad pública que implicó racionalidades técnicas, políticas y económicas distintas o incluso contrarias a los valores y fines del nacionalismo educativo; iii) participaron del desgaste que necesariamente tuvieron los gobiernos, partidos y líderes con los que se aliaron; iii) perdieron la unidad de visiones, retóricas y objetivos ante la pluralidad de narrativas y alternativas para asumir y atender los desafíos educativos, y iv) en esa fragmentación gremial y dispersión de posicionamientos frente a lo político, comenzó a prevalecer una racionalidad educativa en sentido amplio (ética, pedagógica, socioeducativa) que perfiló ya un modo de ser distinto de la profesión docente, de su profesionalidad y de sus formas de organización y participación en la sociedad.

7 REFERENCIAS

AGUILAR, Luis. 1. ed. **Gobernanza y Gestión Pública**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y difusión del nacionalismo**. México: Fondo de Cultura Económica. 1993.

ARNOLD, Marcelo; OSORIO, Francisco. Introducción a los Conceptos Básicos de la Teoría General de Sistemas. **Cinta de Moebio**, Valparaiso, n. 3, p. 1-12, abr., 1998. Disponible en: https://www.moebio.uchile.cl/03/frprinci.html. Acceso en: 1.04.2020.

BERTALANFFY, Ludwig Von. 1. ed. **Teoría general de los sistemas. Fundamentos, desarrollo, aplicaciones**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

BISCARRA, Constanza; GIACONI, Carolina; ASSAÉL, Jenny. El docente en la legislación educacional chilena. **Psicoperspectivas individuo y sociedad**, Valparaiso, año 14, n. 3, p. 80-92, oct. 2015. Disponible en: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-69242015000300008. Acceso en: 22.08.2019.

BLANCO, Rosa. Inclusión educativa en américa latina: caminos recorridos y por recorrer. En MARCHESI, Álvaro; BLANCO, Rosa; HERNÁNDEZ, Laura,

Avances y desafíos de la educación inclusiva en Iberoamérica. Madrid: Organización de Estados Iberoamericanos, 2014, p. 11-36.

CONCHA, Carlos. Gestión de las reformas educacionales en América latina en los 90. Primeras aproximaciones a un proceso complejo. **REICE. Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, Madrid, año 3, n. 2, p. 131-153, 2005. Disponible en: http://www.redalyc.org/pdf/551/55103209.pdf. Acceso en: 20.08.2019.

ESPINOZA, Víctor. Una reflexión en torno a la Alianza por la Calidad de la Educación. **Revista Mexicana de Orientación Educativa**, Ciudad de México, año 9, n. 22, p. 19-31, ene. /jun. 2012. Disponible en: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-75272012000100004. Acceso en: 21.08.2019.

GENTILI, Pablo, et al. Reforma educativa y luchas docentes en América Latina. Revista. **Educación Social**, Campinas, año. 25, n. 89, p. 1251-1274, sept. /dic. 2004. Disponible en: http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22620.pdf. Acceso en: 04.04.2020

GINDIN, Julián. Sindicalismo docente en México, Brasil y Argentina. Una hipótesis explicativa de su estructuración diferenciada. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**, Ciudad de México, año 13, n. 37, p. 351-375, abr. /jun. 2008. Disponible en: http://www.scielo.org.mx/pdf/rmie/v13n37/v13n37a3.pdf. Acceso en: 22.08.2019.

GIROUX, Henry. 2. ed. **Los profesores como intelectuales. Hacia una pedagogía crítica del aprendizaje**. Barcelona: Centro de Publicaciones del M.E.C. y Paidós, 1997. Disponible en: http://www.terras.edu.ar/biblioteca/11/11DID_Giroux_Unidad_3.pdf. Acceso en: 04.04.2020.

GUTIÉRREZ, Gonzalo. **Transformaciones sindicales y pedagógicas en la década del cincuenta: del ocaso de la AMPC a la emergencia de UEPC.** Córdova: Centro de Estudios Avanzados, 2014. Disponible en http://biblioteca.clacso.edu.ar/Argentina/cea-unc/20161117032701/pdf_1214.pdf. Acceso en: 25.08.2019

HERNÁNDEZ, María; MELLADO, María; MUÑOZ, Omayra. **Informe de la Comisión Nacional para la Modernización de la Educación.** Temuco: Universidad Católica de Temuco, 2015. Disponible en: https://mariafernandapebm2015.files.wordpress.com/2015/06/tabla-segc3ban-informe-de-brunner-marc3adafernanda1.pdf. Acceso en: 23.08.2019.

JIMÉNEZ, Edgar. Gobernabilidad democrática. En JIMÉNEZ, Edgar, **Gobernabilidad y gestión educativa**. Ciudad de México: Secretaría de Educación Pública, Subsecretaría de Educación Básica, 2007, p. 83-108.

LOYO, Aurora. ¿Qué queda hoy de la gran ola de reformas educativas de los años noventa en América Latina? **Gaceta** año. 4, n. 12, p. 42-48, 2018.

LOYO, Aurora. Los sindicatos docentes en América Latina: entre la lógica laboral y la lógica profesional. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madrid, año 24, n. 25, p. 65-81, ene. /abr. 2001. Disponible en: https://rieoei.org/historico/documentos/rie25a03.htm. Acceso en 19.08.2014.

MENDEZ, José. La política pública como variable dependiente: hacia un análisis integral de las políticas públicas. **Foro internacional, Ciudad de México**, año 33, n. 1, p. 111-144, ene. / mar. 1993. Disponible en https://forointernacional.colmex.mx/index.php/fi/article/view/1329/1319. Acceso en 01.09.2014.

OLIVEIRA, Heloisa. La construcción de la profesionalidad docente. **Educación,** año 22, n. 42, p. 97-115, 2013. Disponible en: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5056907. Acceso en 19.08.2019.

PARSONS, Wayne. **Políticas Públicas. Una introducción a la teoría y la práctica del análisis de políticas públicas.** 1. ed. Ciudad de México: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, 2007.

PERAZZA, Roxana; LEGARRALDE, Martín. **Los Sindicatos Docentes en América Latina: Argentina.** Santiago de Chile: Centro de Estudios en Políticas Públicas, Fundación Konrad Adenauer Stiftung, 2008.

PROGRAMA DE PROMOCIÓN DE LA REFORMA EDUCATIVA DE AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. **Construcción de la profesión docente en América Latina: tendencias, temas y debates.** 2004. Disponible en https://www.thedialogue.org/wp-content/uploads/2016/06/2005-Res%C3%BAmenes-de-estudios-de-caso-sobre-la-profesionalizaci%C3%B3n-docente-en-Am%C3%A9rica-Latina.pdf. Acceso en 04.04.2020.

RATINOFF, Luis. La crisis de la educación: el papel de las retóricas y el papel de las reformas. **Revista Latinoamericana de Estudios Educativos,** Ciudad de México, año 24, n. 3 y 4, p. 505-527, jul. /dic. 1994. Disponible en: https://www.cee.edu.mx/rlee/revista/r1991_2000/r_texto/t_1994_3-4_02.pdf. Acceso en: 22.08.2019.

SARTORI, Giovanni. **La política, lógica y método en las ciencias sociales**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económico, 1984.

TEDESCO, Juan. Gobierno y dirección de los sistemas educativos en América Latina. **Revista Pensamiento Educativo**, Santiago, año 40, n. 1, p. 87-102, 2007. Disponible en: https://pensamientoeducativo.uc.cl/index.php/pel/article/view/400/832. Acceso en: 21.08.2019.

TEDESCO, Juan; TENTI, Emilio. **Nuevos tiempos y nuevos docentes**. Buenos Aires: Sede Regional del Instituto Internacional de Planeamiento de la Educación, 2002.

TONON, Graciela. La utilización del método comparativo en estudios cualitativos en ciencia política y ciencias sociales: diseño y desarrollo de una tesis doctoral. **KAIROS Revista de Temas Sociales**, San Luis, año 15, n. 27, p. 1-12, 2011. Disponible en: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3702607. Acceso en: 03.04.2020.

TREJO, José. **Políticas para la Profesionalización de Magisterio en Contextos de Transición Democrática: Argentina, Brasil, Chile y México.** Tuxtla Gutiérrez: Secretaría de Educación del Estado de Chiapas, 2015.

VÁZQUEZ, Gabriela. La calidad de la educación. Reformas educativas y control social en América Latina. Latinoamérica. **Revista de Estudios Latinoamericanos**, Ciudad de México, n. 60, p. 93-124, ene/jun 2015. Disponible en: http://www.redalyc.org/pdf/640/64039200004.pdf. Acceso en: 22.08.2019.

VEGAS, Eliana; PETROW, Jenny. **Incrementar el aprendizaje estudiantil en América Latina. El desafío para el Siglo XXI**. Washington, D.C.: Banco Mundial, 2008.

VIEIRA, Márcia. Importancia y significados de la cualificación docente para una central de trabajadores de la educación. El caso de la CTERA (Argentina). **Revista mexicana de investigación educativa**, Ciudad de México, año 12, n. 37, p. 505-527, abr/jun 2008. Disponible en: http://www.scielo.org.mx/pdf/rmie/v13n37/v13n37a10.pdf. Acceso en: 22.08.2019.

ZAMORA, Carla. Movimientos sociales, democracia y Estado de derecho. Una mirada a la contribución de los movimientos sociales a la democratización e institucionalización del Estado de derecho. **Tla-melaua**, Puebla, año 9, no. 39, p. 153-171, oct. /mar. 2016. Disponible en http://www.scielo.org.mx/pdf/tla/v9n39/1870-6916-tla-9-39-00152.pdf. Acceso en: 04.04.2020.

7.1 LEGISLACIÓN CONSULTADA

ACE (Alianza por la calidad de la educación). Ciudad de México: Diario Oficial de la Federación, 2008. Disponible en: http://www.alianzacivica.org.mx/guia_transparencia/Files/pdf/educacion/9_ALIANZAPORLACALIDADDELAEDUCACION/9_ALIANZAPORLACALIDADDELAEDUCACION.pdf. Acceso en: 24.08.2019.

ANMEB (Acuerdo Nacional para la Modernización de la Educación Básica). Ciudad de México: Diario Oficial de la Federación, 19 may. 1992. Disponible

en https://www.sep.gob.mx/work/models/sep1/Resource/b490561c-5c33-4254-ad1c-aad33765928a/07104.pdf. Acceso en: 22.08.2019.

BRASIL. Presidência da República Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei N° 9394, de 20 de dezembro de 1996. Disponivel em http://www.sipi.siteal.iipe.unesco.org/sites/default/files/sipi_normativa/brasil_ley_nro_9394_1996.pdf. Acesso em 18.05.2020.

CSCE (Compromiso Social por la Calidad de la Educación). Ciudad de México: Diario Oficial de la Federación, 8 ags. 2002. Disponible en http://transparencia.yucatan.gob.mx/datos/2008/sep/marco_Juridico/Compr_Soc_Cal_Educ.pdf. Acceso en: 23.08.2019.

ESTATUTO DEL DOCENTE ARGENTINO DEL GENERAL PERÓN. Buenos Aires: Poder Ejecutivo Nacional Ministerio de Educación, 14 sep. 1954. Disponible en http://www.bnm.me.gov.ar/giga1/documentos/EL003000.pdf. Acceso en: 20.05.2020.

BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

BRASIL E ARGENTINA: OS DISCURSOS SOBRE AS REGIÕES SEMIÁRIDAS DO CEARÁ E DE SANTIAGO DEL ESTERO NOS PERIÓDICOS *CORREIO DA MANHÃ E EL MUNDO* (1932-1937)

BRAZIL AND ARGENTINA: DISCOURSES OVER SEMIARID REGIONS OF CEARÁ AND SANTIAGO DEL ESTERO ON THE NEWSPAPERS CORREIO DA MANHÃ AND EL MUNDO (1932-1937)

BRASIL Y ARGENTINA: LOS DISCURSOS SOBRE LAS REGIONES DE CEARÁ Y DE SANTIAGO DEL ESTERO EN LOS PERIÓDICOS CORREIO DA MANHÃ Y EL MUNDO (1932-1937)

Leda Agnes Simões de Melo[1]
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Na América Latina, países são acometidos pelo fenômeno das estiagens e são compostos por áreas semiáridas, como são os casos do Brasil e da Argentina. Respectivamente no Ceará (nordeste brasileiro) e em Santiago del Estero (noroeste argentino) a seca perpassa a história dessas regiões ao longo dos séculos. Para este trabalho, pretende-se analisar os discursos em torno das secas que ocorreram no Ceará e em Santiago del Estero na década de 1930, sob a ótica da imprensa das capitais nacionais. Especificamente analisaremos as narrativas do *Correio da Manhã,* do Rio de Janeiro, para o caso cearense, e do jornal *El Mundo,* de Buenos Aires, para o caso de Santiago del Estero. Interessa-nos, particularmente, compreender como ainda na década de 1930 na América Latina, tendo como enfoque uma história regional, os discursos sobre as áreas do interior vinculavam-se às ideias de progresso e de modernidade que estiveram no bojo da imagem de nação cunhada no século XIX, e que deixaram grande vestígio no século XX. Assim, propomos refletir como os discursos constroem percepções do social e são legitimadores, sobretudo, de domínio e poder político.

Palavras-chave: Semiárido, Discurso, Modernidade

Abstract: In Latin America, countries are affected by the natural phenomenon of droughts and are composed by semiarid areas, such as Brazil and Argentina's cases. Respectively in Ceará (northeast region of

[1]Doutora em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro(FFP/UERJ). Bolsista CAPES. Este artigo é fruto das pesquisas da tese de doutorado. *E-mail:* ledagnes@hotmail.com

Brazil) and Santiago del Estero (northwest region of Argentina), the drought events are part of their history throughout the centuries. For this paper, we intend to analyze the discourse around the drought events that occured in Ceará and Santiago del Estero in the decade of 1930, under their national capitals press' point of view. We will analyze, more specifically, the narratives contained in *Correio da Manhã*, located in Rio de Janeiro for Ceará's case, and in newspaper *El Mundo*, located in Buenos Aires, for the Santiago del Estero's. We are particularly yet interested in understanding how in the Latin America from the 1930 decade, focusing on a regional history, the discourses around the countryside areas were related to the ideas of progress and modernity which were on top of the image for a nation forged on the XIX century and lingered through the XX century. That way, we propose to reflect upon discourses that build social notions and are legitimizers, above all, of dominance and political power relations.

Keywords: Semiarid, Discourse, Modernity

Resumen: En América Latina, países son afectados por el fenómeno de la sequía y están compuestos por áreas semiáridas, como son los casos de Brasil y Argentina. En Ceará (noreste de Brasil) y Santiago del Estero (noroeste de Argentina), respectivamente, la sequía ha impregnado la historia de estas regiones a lo largo de los siglos. Para este trabajo, pretendemos analizar los discursos sobre las sequías ocurridas en Ceará y Santiago del Estero en la década de 1930, desde la perspectiva de la prensa de las capitales nacionales. Específicamente, analizaremos las narrativas de *Correio da Manhã*, del Río de Janeiro, para el caso de Ceará, y del periódico *El Mundo*, de Buenos Aires, para el caso de Santiago del Estero. Estamos, particularmente, interesados en comprender cómo, incluso en la década de 1930 en América Latina, centrándose en una historia regional, los discursos sobre las áreas del interior estaban vinculados a las ideas de progreso y modernidad que estaban en el centro de la imagen de nación acuñada en el siglo XIX, y que dejaron un gran rastro en el siglo XX. Por lo tanto, proponemos reflejar cómo los discursos construyen percepciones de lo social y legitiman, sobre todo, el dominio y el poder político.

Palabras-clave: Semiáridos, Discurso, Modernidad

DOI:10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.167978

Recebido em: 21/03/2019
Aprovado em: 28/07/2020
Publicado em: 01/07/2020

1 INTRODUÇÃO

No Brasil e na Argentina, existem áreas semiáridas acometidas pelo fenômeno da seca e que, apesar de não estarem próximas no mapa da América Latina, encarnam, além da geografia semiárida, uma

desigualdade social que perpassa suas histórias. Na década de 1930, ambas foram acometidas por uma forte estiagem, que levou a uma onda de fome, sede, migrações e desemprego, foram elas: o estado do Ceará, localizado no Nordeste do Brasil, e a província de Santiago del Estero, localizada na região Noroeste da Argentina, Destaca-se como auge da crise climática o ano de 1932, no Ceará, e o ano de 1937, em Santiago del Estero.

Cabe situar que a região do Nordeste brasileiro é composta pelos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia e Sergipe. Nessa área *"o São Francisco separava o Nordeste do Leste e Sergipe e Bahia estavam integrados no Leste"* (ANDRADE, 1988, p.6). De acordo com Manuel Correia de Andrade, o Nordeste tornou-se desde o século XVIII fornecedor de mão de obra para o Sudeste, e também um grande produtor de açúcar de cana, de álcool, fumo, cacau, carnaúba e algodão. Os sertões vão da margem direita do Rio Parnaíba até o Rio Itapicuru, abrangendo os estados do *"Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia"* (AB'SÁBER, 1999, p.14). De acordo com Ab'Sáber, é um território duas ou três vezes maior que o estado de São Paulo. Refere-se regionalmente à extensão de Poções e Milagres, município de Amargosa na Bahia, até o noroeste do Ceará (AB'SÁBER, 1999), uma "*região quente no interior, de altitude de 100 a 300m"* (DUQUE, 2004, p.87). Andrade explica que é uma região extensa onde predominam pequenas quantidades de chuvas concentradas, apenas, em três ou quatro meses do ano, muito conhecida por sua originalidade e, principalmente, *"pela propagação de notícias sensacionalistas de suas secas periódicas nos jornais brasileiros e estrangeiros"* (ANDRADE, 1977, p.128). O clima, portanto, é tropical seco, com chuvas escassas, o que, de acordo com Josué de Castro (1984), empobrece o solo pela erosão e leva as crises de fome na região.

Já a região do Noroeste Argentino (NOA) tem seus limites com o Chile (oeste) e a Bolívia (norte). As províncias que a compõem são Jujuy, Salta, Tucumán, Catamarca e Santiago del Estero, que representam cerca de 16,7% do total da superfície continental do país (BOBBA, 2011, p.3).

Existem nessa extensão territorial diferentes ambientes desde bosques, estepes arbustivos e graminosos, até o deserto. Destaca-se, também, o chamado Parque Chaqueño onde há uma área mais seca, denominada *Chaco Semiárido*, e nela se encontram as regiões de Formosa, Chaco, Salta, Tucumán, Santiago del Estero e Córdoba. Alberto Tasso explica que Santiago del Estero pertence ao Chaco seco, e seus solos, clima e flora são fatores centrais para todas as atividades produtivas. O clima meridional, de invernos breves a longa estação seca permitem compreender a importância da água como determinante para povoação e para produção (TASSO; ZURITA, 2003-2004, p.112). Tasso e Carlos Zurita mostram ainda, sumariamente, que no território *santiagueño* há o que eles consideram algumas notas dominantes e que devemos expor aqui: primeiro que se trata de uma planície subtropical dilatada que ocupa 136.351 km^2 no norte da Argentina; segundo, possui duas estações definidas com um longo e intenso verão em que as temperaturas máximas normalmente superam os 40 graus, e um breve ainda acentuado inverno, com mínimas que vão às vezes até 10 graus abaixo de zero; terceiro que o padrão de semiaridez que impera no clima também se manifesta na escassez de chuvas, com a média anual de 600 mm, concentrada no verão; e por fim, que os solos são suscetíveis à erosão e em grande parte possuem sérios problemas de sódio e de salinidade (TASSO & ZURITA, 2013, p.35). Nesse aspecto, observamos uma diferença importante com o semiárido brasileiro, que é a baixa temperatura no inverno.

A partir desse panorama geográfico, pretende-se entender como essas áreas semiáridas foram vistas e pensadas em meio às crises climáticas que as acometeram na década de 1930. No entanto, a seca será tratada como uma questão político-social e não somente geográfica. Porque ela pode revelar percepções do social que vão além da própria questão climática, e esse é o ponto que nos interessa particularmente. Por isso, para este trabalho, analisaremos, em específico, reportagens do jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, e do periódico *El Mundo*, de Buenos Aires.

Ambos noticiaram as secas do Ceará e Santiago del Estero, respectivamente. Essas narrativas trouxeram à tona visões que estão para além do problema da seca em si. O Ceará e Santiago del Estero foram vistos, em diversos desses discursos, pela ótica do medo, do "outro" que necessitava ser tutelado pelo Estado, do encontro da capital com o interior.

Para tanto, nos valemos do método da História Comparada para esta reflexão. Segundo José D'Assunção Barros, por meio dele devemos perguntar: O que observar? Como observar? Por que comparar? E o que se espera com essa comparação? Dentro dessa perspectiva, o autor ressalta que devemos iluminar um objeto ou situação a partir de outro mais conhecido, fazer analogias, identificar semelhanças e diferenças entre essas duas realidades (BARROS, 2014, p.17). Barros explica, então, como Marc Bloch usou a História Comparada para realidades próximas, vizinhas, que tinham ambas um imaginário comum, repertórios de representações similares e um mesmo problema comum que as atravessava (BARROS, 2014, p.50). Nos remetemos, mais especificamente, ao modelo de História Comparada que Barros chama de História Comparada Problema. Ele compara este método com a imagem de dois triângulos articulados, mas cada um em seu próprio plano, onde apresentam um vértice comum que corresponde ao espaço temporal, e um segundo vértice comum que é o problema (BARROS, 2014, p.55) Temos o espaço temporal que é a década de 1930 e temos o problema comum que é imagem que esses dois países criaram naquele contexto sobre as regiões semiáridas. Neste aspecto, segundo sua metodologia, Barros apresenta possibilidades existentes na comparação entre o Brasil e a Argentina, assim como Marc Bloch fez com Inglaterra e França. Brasil e Argentina são próximos no espaço e no tempo e apresentam estruturas estatais análogas que acabam por assegurar o mínimo de similaridade. Contudo possuem diferenças inerentes às suas particularidades, pois apresentam marcas distintas e definidas nos seus processos históricos (BARROS, 2014, p.138).

Logo, de uma maneira geral, percebemos a possibilidade de uma história comparada entre esses países. No entanto, este trabalho prioriza

uma perspectiva regional, localizada, que una as histórias do Brasil e da Argentina. Tal delimitação se deu pela necessidade de eleger uma escala de observação mais específica. Isso significa que "*escolher a escala é definir os limites do trabalho comparativo*" (BARROS, 2007, p.16). Em contrapartida, o desafio se dá, como explica Barros, em evitar as armadilhas do anacronismo, da generalização indevida, da indução mal encaminhada. O autor considera que comparar "*é uma forma específica de propor e pensar as questões*"(BARROS, 2007, p.4) por isso, a história comparada pode ser um método sofisticado na medida em que *"será possível ainda a prática da 'iluminação recíproca'(...) que se dispõe a confrontar dois objetos ou realidades ainda não conhecidos de modo a que os traços fundamentais de um ponham em relevo os aspectos do outro"* (BARROS, 2007, p.4).

É nessa perspectiva, portanto, que nos defrontamos com o tema das secas no Ceará e em Santiago del Estero, como possibilidade de análise tal como Barros aponta. Por meio das secas, encontramos os traços de similitude e os padrões de transformação no tempo na história nesses locais, respeitando as diferenças inerentes às suas trajetórias. Assim, nos interessa pensar como os discursos em torno das secas na década de 1930 no Brasil e na Argentina possibilitam comparar, no espaço-tempo, Ceará e Santiago del Estero.

Os semiáridos, na história do Brasil e da Argentina, ainda são relegados à pobreza e a um profundo desequilíbrio social, que tem um fundo histórico de longa duração. Por isso, pode-se revelar com essa comparação, discursos que perpassam a própria trajetória formativa de ambos países. Dentre esses discursos, destacamos para este trabalho o que Walter Mignolo considera como uma reprodução interna de um modelo moderno/colonial. Isso significa considerar que o "*Occidente es una política imperial de la identidad*" (MIGNOLO, 2017, p.137). Logo, devemos também, ao analisar os discursos que nos propomos neste trabalho, considerar o padrão colonial de poder; e que países, como Brasil e Argentina, estão inevitavelmente inseridos nele. Consideramos que essas

noções fizeram parte da construção dos espaços semiáridos do Ceará e de Santiago del Estero, vistos pela ótica da modernidade não alcançada e sempre almejada, com uma população, por vezes, considerada incivilizada e inculta.

2 POR UMA HISTÓRIA REGIONAL: OS SEMIÁRIDOS COMO POSSIBILIDADE DE ANÁLISE

Antes de analisarmos os discursos dos periódicos, vale-nos pensar o que entendemos por história regional, e pelos conceitos de região, espaço e lugar que são essenciais para este trabalho. María Rosa Carbonari aponta a necessidade de uma reflexão que considere a relação da região tanto com o particular, como com o geral, em oposição a uma história que não inclua ou que minimize particularidades espaciais (CARBONARI, 2009, p.20-21). A autora explica que, em um dado momento, críticos das histórias nacionais haviam transformado as histórias regionais em meras histórias de um determinado lugar, com a pretensão de serem histórias nacionais (CARBONARI, 2009, p.22). Ou mesmo, uma vertente que passava a entender as regiões como recortes do espaço que interessava, pela funcionalidade econômica, ao mercado e/ou ao planejamento do desenvolvimento regional (CARBONARI, 2009, p.22). A região, ao fim e ao cabo, assumia a perspectiva de ser um mero exemplo da totalidade (CARBONARI, 2009, p.26). Além disso, ela passava a ser tida como um conceito relacional, sob o método hipotético-dedutivo. Ou seja, de acordo com Carbonari, se o global era projetado dentro da teoria da modernização econômica, as regiões que participavam desse processo de crescimento constante, tendiam à modernização (2009, p.27). A autora, assim, nos convida a pensar que as regiões não se explicam por tipologias, senão por processos que se gestam historicamente, e se vinculam à expansão do capitalismo que reordena os espaços. A região, como entidade concreta, se concebe como resultante de múltiplas determinações e se caracteriza por uma natureza transformada por heranças culturais, materiais, e por uma

determinada estrutura social com suas próprias contradições. Para Carbonari, portanto, a região é um processo histórico geral em um quadro territorial menor, onde se combinam o geral e o particular (CARBONARI, 2009, p.28). Assim, cada região será entendida em sua totalidade através dos processos de base material que resultam da interação entre o homem e o meio (CARBONARI, 2009, p.28).

A análise de Carbonari, nos interessa em particular porque entendemos que as histórias do Ceará e de Santiago del Estero, relacionadas às secas e aos semiáridos, podem ser entendidas como um estudo das relações constituídas historicamente entre esses subespaços e os contextos maiores que as possibilitam e dão sentido (CARBONARI, 2009, p.28). Isso porque, o espaço regional, de acordo com a autora, não é fixo, ele é um espaço social com conjuntos heterogêneos que atuam sobre o presente e condicionam o futuro. Analisá-lo implica, portanto, vê-lo como um espaço dinâmico, em contínuo movimento (CARBONARI, 2009, p.28). Hélio Cardoso Jr. explica que a partir de uma história regional, "*o historiador se torna andarilho ou pedestre [...] ele procura caminhar no solo como se percorresse por dentro o próprio objeto de trabalho*" (CARDOSO JR., 2011, p.9). Para o autor, a partir dessa perspectiva, descobre-se *"que o regional ou local é uma zona de intensidades históricas muito rica, na medida em que o pequeno foco leva a uma encruzilhada de linhas ou séries que permite entrever o todo"* (CARDOSO JR., 2011, p.16).

Ao considerar a importância da história regional, entendemos por região o que Paulo César Gomes define como um conceito variado, que deve ser concebido a partir das multiplicidades da riqueza do objetivo investigado, assim como suas diferentes operacionalidades, recortes, e suas respectivas instrumentalidades (GOMES, 2000, p.49). Para este trabalho, compreende-se que *"na afirmação de uma regionalidade há sempre uma proposição política, sob um ângulo territorial"* (GOMES, 2000, p.72). Gomes entende que, se a região se gesta na questão política de fundo territorial, ela deve ser pensada colocando em jogo as comunidades

de interesse identificadas a uma certa área e, finalmente, se propor uma discussão entre os limites da autonomia frente a um poder central (GOMES, 2000, p. 73). Por isso, é essencial entender o *"fundamento político, de controle e de gestão de um território"* (GOMES, 2000, p.73).

Ruy Moreira oferece um dado importante a esse respeito: com a segunda revolução industrial, na virada do século XIX para o XX, a intervenção sobre os espaços ocorreu em escala planetária *"na forma de uniformização dos modos de vida e processamentos produtivos"* (MOREIRA, 2007, p.56). Os espaços foram globalizados *"em menos de um século, sob um só modo de produção, que unifica os mercados e valores, suprime a identidade cultural das antigas civilizações e traz com a uniformidade uma desarrumação socioambiental em escala inusitada"* (MOREIRA, 2007, p.56). No entanto, nos anos 1950 e, principalmente, 1970, essa noção de uniformidade não era mais possível de ser pensada. Ruy Moreira explica, que era necessário reconhecer a relação em rede que surgia a partir da articulação entre diferentes lugares, e agia como uma nova forma de sociedade (MOREIRA, 2007, p.57). A partir dessas proposições, também se devia pensar o conceito de lugar. De acordo com Moreira, podemos entender *"lugar como relação nodal e lugar como relação de pertencimento"* (MOREIRA, 2007, p.61). Por isso, quando falamos de região e de lugar, neste trabalho, refletimos questões políticas e de relações de pertencimento. A partir desses conceitos, é válido destacar que entendemos espaço como o fio tenso entre a centralidade e alteridade, como explica Moreira. Essa tensão, para ele, é *"o estatuto ontológico do espaço"* (MOREIRA, 2007, p.64). O autor ainda ressalta que não importa o nome com que apareça - área, região, país ou continente - o espaço nasce da relação de ambientalidade, da relação de coabitação entre o homem e a diversidade da natureza, assim, *"o homem materializa como ambiência, dado seu forte sentido de pertencimento"*(MOREIRA, 2007, p.64).

Nesta perspectiva, entendemos a importância de uma história regional que estabeleça uma compreensão dos conceitos de região, lugar e espaço, porque tratamos de áreas em que o vínculo entre o ser humano

e o meio ambiente é intrínseco, faz parte da formação dos semiáridos, e das disputas políticas que os cercam. As populações desses espaços (espaço como ambiência e sentimento de pertencimento), baseiam sua vida, economia, relações de trabalho, diretamente à terra onde habitam. Por isso, consideramos esses semiáridos como uma possibilidade de análise comparada, assim como uma história regional que identifique a importância do lugar.

3 *CORREIO DA MANHÃ* E *EL MUNDO*: OS DISCURSOS SOBRE AS SECAS DO CEARÁ E DE SANTIAGO DEL ESTERO NA DÉCADA DE 1930

Podemos refletir, a partir de uma história regional e da ideia de região vinculada ao pertencimento e às disputas políticas, como foram empregados certos discursos para o sertão do Ceará e para o semiárido *santiagueño*, na década de 1930. Cabe salientar, que neste contexto, o Brasil e a Argentina pensavam o papel do interior no todo nacional. Havia desde a década de 1920 uma crítica às influências estrangeiras nessas sociedades. Principalmente, no Brasil, o sertão era visto como o autenticamente nacional, porque não tinha influências externas. A população sertaneja passou a ser a representação do verdadeiro Brasil.

Já na Argentina havia também, nesse contexto, um olhar para dentro, para o que eles consideram a Argentina profunda (onde se encontra a região do Noroeste), e isso implicava pensar o ambiente rural e que tipo de país se queria nesse contexto.

Apesar das diferenças claras existentes, o Brasil tinha acabado de passar pela Revolução de 1930, com a entrada de Getúlio Vargas no poder e a ruptura com a classe oligarquia. Já a Argentina, pelo contrário, encontrava-se em meio à restauração agropecuária com a presidência de Agustín P. Justo. Em ambos os casos, se pensava na modernização do campo como um ponto importante para o desenvolvimento nacional. É nesse contexto que Aníbal Quijano afirma: no final do século XIX e durante o século XX, a América Latina questionava a noção de modernidade vinculada ao ideal europeu. No entanto, o fazia sustentando a ideia de que

"*a modernização não implica necessariamente a ocidentalização das sociedades e das culturas não-europeias*" (QUIJANO, 2005, p.111). Nessa perspectiva, "*um dos argumentos mais usados foi o de que a modernidade é um fenômeno de todas as culturas, não apenas da europeia ou ocidental*" (QUIJANO, 2005, p.111). Contudo, como analisa o autor, pensar na América Latina e na modernidade é referir-se a três elementos que ele aponta como centrais: *"a colonialidade do poder, o capitalismo, e o eurocentrismo"* (QUIJANO, 2005, p.113). Isso significa que, historicamente, países como Brasil e Argentina, buscavam modelos de sociedade que não necessariamente se encaixavam nas suas realidades locais. Primeiro, olhou-se para a Europa, como o ideal de civilização e de progresso a serem alcançados, e depois ocorreu o mesmo em relação aos Estados Unidos. Tais escolhas podem ser consideradas a reprodução do mundo moderno/colonial, e é exatamente esse ponto de inflexão que nos interessa em particular para a compreensão dos discursos dos periódicos.

Cabe destacar que a escolha pelos jornais *Correio da Manhã* e *El Mundo*, não se dão em vão. Os dois meios de comunicação, além de retratarem a problemática da seca em suas regiões, possuíam grande tiragem nas capitais Rio de Janeiro e Buenos Aires, respectivamente. O *Correio da Manhã*, com notas pequenas, ou reportagens que ocupavam uma página inteira sobre o problema da seca de 1932 e da própria história da população sertaneja, levou a um tipo de representação sobre o Ceará sertanejo na década de 1930. O periódico *El Mundo* não fez diferente. Após a seca de Santiago del Estero ter atingido o auge da fome e da miséria da população, em todo o mês de dezembro de 1937, ininterruptamente, fez uma verdadeira campanha assistencial em prol dos atingidos pela forte estiagem. Da mesma maneira, com notas pequenas, ou com reportagens que ocupavam páginas inteiras – destacando-se um número significativo delas – *El Mundo* retratou a campanha em prol dos atingidos pela seca *santiagueña*. Une-se a isso o fato de o periódico ter enviado a Santiago del

Estero o escritor Roberto Arlt[2] que relatou a miserabilidade da seca de 1937 nas suas crônicas chamadas *El infierno santiagueño*.

Tânia de Luca explica as diversas possibilidades do uso de jornais como fonte histórica. Por meio deles, se pode refletir os inúmeros aspectos da vida social e política, principalmente, porque difundem valores e modos de vida de uma dada sociedade. Estudos têm destacado "*as ambiguidades e hesitações que marcaram os órgãos da grande imprensa, suas ligações cotidianas com diferentes poderes (...) o peso dos interesses publicitários e dos poderes do momento*" (LUCA, 2005, p.130). Para Maria Helena Capelato, *"a análise do jornal como fonte e objeto pressupõe uma avaliação crítica desse documento, o que implica sua desconstrução"* (CAPELATO, 2015, p.115). Por isso*, "nesse processo, devem ser consideradas as circunstâncias históricas em que a análise foi produzida, os interesses em jogo e os artifícios utilizados pelos seus produtores"* (CAPELATO, 2015, p.115).

Mikhail Bakhtin nos convida a pensar a importância da estética verbal do discurso. Isso porque, para o autor, quando escolhemos uma oração, a elegemos "*em função do que queremos expressar com a ajuda dessa oração, selecionamos um tipo de oração em função do todo do enunciado completo que se apresenta à nossa imaginação verbal e determina nossa opção"* (BAKHTIN, 1997, p.306).

Logo, certas falas só fazem sentido se estão conjugadas a determinados tipos de enunciados, como explica Bakhtin. Esses enunciados fazem parte de um certo contexto, que aspira algum objetivo e que deseja revelar alguma intencionalidade. Por isso, cabe-nos refletir, neste tópico, quais são as relações discursivas que colocaram, principalmente, na natureza semiárida, os males das desigualdades sociais existentes nessas áreas. Pensamos como a natureza, logo a seca, era vista dentro de certos binômios, como: litoral/interior, modernidade/atraso, que justificavam assim um suposto subdesenvolvimento vivido por essas regiões. Os periódicos, nesse sentido, tiveram um forte papel na

[2] Neste trabalho não trataremos das crônicas de Roberto Arlt em *El Mundo*, por serem tema mais específico. Para tal análise ver: ANDERMANN, Jens. El infierno santiagueño: sequía, paisaje y escritura en el Noroeste argentino. **Iberoamericana,** XII, 4, 2012, pp.23-43.

disseminação desses discursos em relação a essas áreas e ao fenômeno das estiagens. Neste aspecto, entendemos que tais narrativas estão também inseridas na ideia de modernidade/colonialidade que fez parte da história da América Latina.

Sendo assim, fundado por Eduardo Bittencourt em 1901, o *Correio da Manhã* baseava-se em narrativas com forte teor de emoção, o que fazia com o que seus leitores pudessem participar dos fatos ocorridos (CADERNOS DE COMUNICAÇÃO, 2001, p.22). Além disso, o *Correio* deu espaço a novos desenhistas da época, por isso, suas reportagens continham fotos, ilustrações, charges e imagens (CADERNOS DE COMUNICAÇÃO, 2001, p.31); característica esta que o jornal aprimorou ao longo da sua trajetória. Por ser um jornal de grande tiragem no Rio de Janeiro, outras localidades menores passaram a reproduzir muitas das suas reportagens e artigos (CAMPOS, 2015, p.460). Segundo Ana Paula Freitas (2005), os principais articulistas do *Correio da Manhã* entre as décadas de 1920, 1930 e 1940, foram: Edmundo Bittencourt, o próprio proprietário do jornal; Mário Rodrigues que assumiu a direção do jornal em 1922; Leão Veloso Filho, cujo pseudônimo era Gil Vidal, que foi redator-chefe do jornal, e já havia tido uma carreira política em Alagoas; o senador alagoano Pedro da Costa Rego, redator-chefe em 1923 (houve algumas interrupções nessa função durante a sua trajetória) e Paulo Bittencourt, que recebeu do seu pai a direção do jornal em 1929, dentre outros colaboradores.

O *Correio* exercia, portanto, um forte prestígio e influência na opinião pública do país (FREITAS, 2005, p.73-74). De acordo com Raquel de Campos, mantinha sempre uma posição crítica e legalista (CAMPOS, 2013, p.1334), e foi considerado um periódico voltado para classe média urbana e seus pares.

A partir da trajetória do jornal, vejamos alguns exemplos de como o *Correio* pensou o sertão cearense. Nesta reportagem dizia-se:

> Fortaleza, 19 (A.B) – Continua verdadeiramente angustiosa a situação em toda zona do sertão cearense. Nada pode dar uma ideia do que, na realidade, se vem passando no sertão brasileiro. Sexagenários, homens quase macróbios, experimentados na vida

> do sertão, afirmam que jamais o Ceará atravessou época tão dolorosa. A fome já bateu a todas as portas dos lares sertanejos, expulsando dali seus habitantes. E assim que eles emigram, dispondo-se a caminhadas intermináveis, pelas caatingas e pelas estradas ardentes que o sol inclemente transformou num brazeiro. Com a debandada começa a morrer gente pelos caminhos. Já não surpreende o quadro que se depara aos olhos do viajante: cadáveres de velhos e crianças estirados à margem das estradas. Tudo o que se possa imaginar de tenebroso está ainda aquém da calamidade que devasta o sertão cearense. Não será com paliativos que se pode amenizar o que aí está. A situação exige esforços excepcionais, compreensão mais calma do que tem a fazer (*Correio da Manhã*, 1932, p.2).

Neste trecho, a imagem apresentada ao leitor saltava aos olhos um quadro de pavor. Os "sexagenários, homens quase macróbios", a fome que batia em todas as portas dos lares, do migrante que caminhava interminavelmente pelas caatingas e pelas estradas ardentes, morrendo gente pelo caminho, os "cadáveres de velhos e crianças à margem das estradas"... O quadro era tenebroso e a situação exigia esforços excepcionais. Kênia Rios analisa: *"[...] instaurado o pânico, a pauta principal passa a ser outra: o que fazer com os retirantes"* (2014, p.69). Nessa trama, o pavor em relação às cenas dos retirantes era, portanto, um elemento discursivo importante para dar visibilidade a um tipo de olhar sobre o semiárido cearense. Parece-nos, nesse tipo de narrativa, que em razão da fome, as pessoas podiam passar a roubar comércios em busca de alimento, e o horror podia se instalar e se espalhar por toda a capital Fortaleza. Assim, aguçava-se um instinto de "barbárie" nessas populações.

Em trecho de artigo do dia 21 de setembro de 1930, o correspondente do *Correio* no Jaguaribe, narrava:

> O *Correio do Ceará* noticia a chegada de uma família de retirantes, composta de 4 pessoas vindas de Passagem de Pedras, que narram cenas tristíssimas dos sertões do Jaguaribe, onde a fome impera. Dizem os informantes que o êxodo se acentua, estando as estradas que trazem a Fortaleza, cheias de famintos. O jornal pergunta onde estão as providencias do governo para socorrer os desgraçados sertanejos a braços com essa calamidade (*Correio da Manhã*, 1930, p.11).

Neste fragmento fica explícito como o êxodo dos sertanejos era tratado com um tom de pavor quando os mesmos "desgraçados

sertanejos" iam para a capital Fortaleza "cheios de fome". Era necessário que esse quadro fosse resolvido pelo Estado. De acordo com Frederico de Castro Neves, *"a presença da multidão exigindo proteção, vinha forçar essas autoridades a intervir, já que colocava em questão a 'segurança' social e ameaçava a ordem instituída"* (NEVES, 2001, p.123).

Tratar os sertanejos como famintos, desgraçados em um sertão de tristeza onde a fome imperava, fez parte de um discurso fatalista em torno das cenas "tristíssimas" dos semiáridos. Ora, quando o *Correio* narrava esse quadro da seca, com famílias de retirantes "invadindo" as capitais "cheias de famintos", por mais que culpabilize o governo pelo estado de penúria em que viviam os sertões, relacionava às atitudes dos sertanejos diretamente a seca. Passamos a olhar com tristeza, penúria, desordem, os sertões da seca. Já se via como era comum a imagem de crianças barrigudas, famélicas e esqueléticas para retratar os sertões desde o século XIX. Isso se fixou no imaginário do semiárido e das retiradas das populações e suas famílias, homens, mulheres e crianças vistas como andrajosos a caminhar a esmo em um futuro que não previne as calamidades.

Victor Nunes Leal (2012) analisa que a figura do grande fazendeiro, do coronel, nas relações sociais do mundo rural nordestino e semiárido é de suma importância. O autor explica que em um dado momento da história o que se tornou mais comum foi a figura do fazendeiro que possuía propriedades e negócios, mas não necessariamente tinha dinheiro. O que se via pelo interior do país era o coronel sem grandes confortos de vida. Às vezes podia ter água encanada, luz elétrica e instalações sanitárias, o que fazia com que a população que vivia da roça sempre visse essa figura do grande latifundiário como um homem rico, ainda que não o fosse; rico em comparação a sua pobreza. Nesse aspecto, era também esse proprietário de terra ou gado que conseguia os financiamentos bancários devido ao seu prestígio político. Então, era para ele que o sertanejo apelava *"nos momentos de apertura, comprando fiado em seu armazém para pagar com a colheita, ou pedindo dinheiro, nas mesmas condições, para outras necessidades"* (LEAL, 2012, p.24).

Foi essa figura da oligarquia algodoeira-pecuária que dominou o discurso da seca, a partir do momento em que percebeu que através dele ela podia se beneficiar com o envio de verbas para o seu combate. Em 1932, especificamente, estamos falando da relação dessa oligarquia com o envio de recursos pela Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS) Havia um discurso de uma elite local que, de acordo com Rafael Ribeiro, ressaltava: *"a necessidade de dar à região uma 'compensação' por seus azares climáticos de um auto-desenvolvimento em função da natureza hostil é o pano de fundo dessa tragédia"* (RIBEIRO, 1999, p.75). Nesse sentido, quando o *Correio da Manhã* narrava a seca culpabilizando, por vezes, a natureza e sua população pelas mazelas existentes, acabava por não problematizar essas relações de dependência que configuram os sertões, e que estão na base das desigualdades sociais existentes.

Por isso, a seca revela a importância da região enquanto conceito, enquanto pertencimento e correlação de forças, porque as relações sociais intrínsecas ao latifúndio fazem parte da dinâmica desses espaços.

Sendo assim, devemos compreender as estratégias discursivas do *Correio* como produtoras de objetos, normas e modelos. Kênia Rios ressalta, portanto, que *"no momento em que a seca é declarada, a cidade começa a tecer uma rede de relações com as quais se cria um cenário de terror. Anúncios alarmantes pedem socorros, e comerciantes amedrontados exigem medidas do governo"* (RIOS, 2014,p.67).

No que se refere ao periódico *El Mundo*, vejamos os pontos de similitude com o *Correio da Manhã* e com o discurso, principalmente, do medo das multidões advindas da seca. O jornal foi criado em 1928 por Alberto Haynes, e tinha um tamanho menor do que era comum à época, por isso, foi considerado o primeiro diário tabloide da Argentina. Tornou-se um periódico de baixo custo, e que priorizava histórias populares. *El Mundo* dava espaço para contos, comentários, modas, trabalhos e concursos semanais de diversas categorias, como o futebol. A partir disso, neste contexto, *El Mundo* passou a existir junto com *La Nación* (1870) e *La Prensa* (1870) (CATTAZZURA, 2009, p.83-84). Para Beatriz Sarlo, o periódico

proporcionava um material com artigos breves, que podiam ser lidos por inteiro em uma viagem ao trabalho. Era um novo tipo de periodismo já existente com a criação do vespertino *Crítica*, fundado em 1913. No periódico *Crítica* havia ritmo, rapidez, seções esportivas, de cinema, sobre a mulher, a vida cotidiana, configurando esse novo tipo de periódico para os setores médios e populares (SARLO, 2003,p.20).

Nesse sentido, considerando a trajetória de *El Mundo,* vejamos uma reportagem de um correspondente que dizia:

> Otro despacho publicado también por "El Liberal", al referirse a la forma en que la localidad de Herrera, en Avellaneda, sufre los rigores de la sequía, expresa: "Se han registrado muchos casos de defunción, principalmente entre los niños, por agotamiento físico, como en el caso del menor M. Verón, de 17 años, que, como consecuencia de su debilitamiento, contrajo una grave dolencia que lo llevó a la tumba. Además, grupos numerosos de pobladores imploran la caridad pública en los almacenes y casas particulares, siendo más numerosas en los trenes y provocando escenas patéticas como jamás se ha visto en este pueblo." (El Mundo, 1937, p.5)

Nesse trecho percebemos como a seca expressava a morte e o caos. A morte de um menino de 17 anos pelo esgotamento físico, o caos com os grupos numerosos de pessoas que imploravam a caridade pública, provocando cenas nunca antes vistas naquele povoado. Tal cena parece-nos sucumbir à total ausência de ordem, de civilidade e, sobretudo, de pavor com a morte da criança e a população que esmolava pelas ruas e trens. O extremo abandono em que vivia a população *santiagueña* estava posto e o pânico estava instaurado aos leitores da capital de Buenos Aires. E era preciso – bem como vimos no caso brasileiro – refletir o que fazer com essa população. Quando *El mundo* dizia que essas cenas eram patéticas, reforçava também um olhar de estranhamento em relação à população de Santiago del Estero.

Por isso, ressaltamos o que Bakhtin explica: não devemos lidar com a palavra de forma isolada, ela deve ser entendida por meio de um enunciado em seu "*sentido concreto*" (BAKHTIN, 1997, p.311-312). Isso significa, que devemos compreender não somente a significação da palavra *"enquanto palavra da língua"*(BAKHTIN, 1997, p.311-312), mas que

há que adotar a partir dela *"uma atitude responsiva ativa (simpatia, concordância, discordância, estímulo à ação)"* (BAKHTIN, 1997, p.311-312). Ou seja, *"ao escolher a palavra, partimos das intenções que presidem ao todo do nosso enunciado, e esse todo intencional, construído por nós, é sempre expressivo"* (BAKHTIN, 1997, p.311-312). Entendemos, portanto, que quando os periódicos dispõem de certas palavras, elas devem ser entendidas não de maneira isolada dentro de uma formulação qualquer, sem intenção de sê-lo, mas sim com a sua expressividade, que se relaciona diretamente ao que se deseja mostrar aos seus leitores, principalmente, em meio às secas. Bakhtin destaca que *"escolhemos a palavra de acordo com a sua significação que, por si só, não é expressiva e pode ou não corresponder ao nosso objetivo expressivo em relação com as outras palavras, isto é, em relação com o todo de nosso enunciado"* (BAKHTIN, 1997, p.312). Para o autor é importante considerar o contato existente entre a significação linguística e a realidade concreta, que se dá no enunciado, e esse ponto de contato que leva à expressividade, às emoções, ao juízo de valor.

Em outra reportagem observamos esse mesmo discurso de uma "total desordem" na região devido à seca:

> Santiago del Estero, 26 (de nuestro corresponsal) - La llegada a esta ciudad de numerosas familias enteras venidas a pie de diversos puntos del departamento Capital, donde la mortandad de las haciendas y de los últimos animales domésticos, así como la pérdida total de cosechas y el agotamiento de los últimos pozos de agua potable asume características impresionantes, está creando una situación delicada dentro de la capital misma. En las afueras de Santiago es dable ver campamentos improvisados compuestos de hombres, mujeres y niños que pernoctan a orillas de los caminos e imploran caridad a los viajeros que entran y salen de ciudad. Esto hace deducir que, en algunos puntos, donde la vida se ha hecho insostenible, se ha iniciado el éxodo de pobladores (El Mundo, 1937, p.5).

Homens, mulheres e crianças imploravam a caridade, a situação se tornava insustentável, numerosas famílias chegavam à capital de Santiago del Estero a pé e ficavam pelo caminho. A morte dos animais, a perda das colheitas e a falta de água compunham esse cenário de horror. Era preciso que o governo tomasse alguma posição em relação à população sedenta.

O olhar de estranhamento de um correspondente que vinha da capital se fazia notório. A situação da seca era narrada como um quadro que beirava a incivilidade, a falta de organização e de ordem.

Havia acampamentos improvisados pela cidade, e pessoas que imploravam a caridade pelos caminhos. A vida estava insuportável. Se iniciava, assim, o êxodo das populações. O drama dos *santiagueños* chegava a Buenos Aires, a pobreza naturalizada era confirmada com a campanha filantrópica que foi feita para a região. Víveres, roupas e dinheiro eram enviados para Santiago del Estero por meio desta campanha. A listagem com o nome dos colaboradores era posta no periódico *El Mundo,* resaltando que Buenos Aires tratava com caridade esses homens, mulheres e crianças que sofriam as angústias da seca. A capital, então, fazia sua parte para minorar essa tragédia.

Alberto Tasso explica que a estrutura *santiagueña* deve ser entendida dentro das relações de convivência entre os grandes proprietários e os campesinos sem terras, com um regime de dominação social de acentuada rigidez. Nessa configuração estabeleceram-se, durante três séculos, as chamadas estâncias e as zonas campesinas, que eram resíduos das antigas "*encomiendas*" e "*pueblos de indios*".

Assim viviam brancos donos de terra de um lado e, do outro, camponeses e assalariados índios e mestiços. É nesse contexto que surge a agricultura de irrigação e com ela novos padrões de distribuição de terra, novos sistemas produtivos e consequentemente novos tipos sociais (TASSO, 2000, p. 147). Aparecem, então, em Santiago *"las fincas grandes organizadas con concepto empresarial, los colonos inmigrantes y sus pequeñas chacras y los campesinos como fuerza de trabajo, residente en los intersticios o aún dentro de la gran propiedad bajo la antigua institución del 'agregado'"*(TASSO, 2000, p. 147).

Por isso, é necessário pensar estas configurações sociais quando analisamos o discurso da seca. Porque elas revelam um sistema social em que existia, de fato, um alto grau de dominação dos grandes proprietários sobre os pequenos, com alianças e mecanismos de legitimação de

dependência. Essas relações silenciavam as tensões sociais existentes entre diversos interesses que configuravam a região *santiagueña*, como analisa Tasso. A seca, neste aspecto, deve ser pensada e entendida dentro dessa conjuntura em que viviam os *santiagueños*. Logo, quando *El Mundo* narrava a estiagem com um tom fatalista, culpabilizando, por vezes, a natureza pela desigualdade existente, assim como o *Correio*, acabava por não problematizar essas diversas correlações de poder que permeavam este território. Novamente, entendemos as disputas dentro desse espaço, como um campo de força que faz o próprio espaço. Por isso, reiteramos a importância de uma história regional e mais localizada, que abre campos de possibilidade para o entendimento de projetos de poder.

Por fim, Bronislaw Geremek também pode nos ajudar neste ponto. De acordo com o autor, *"numa atmosfera de grande expectativa, em que o clima tenso parecia anunciar uma catástrofe para o sistema social vigente, as classes baixas surgiam como algo ainda mais ameaçador"* (GEREMEK, 1995, p.9). Geremek está se referindo, principalmente, a como os pobres eram retratados na literatura europeia. Pensamos se o caso analisado por ele também não pode elucidar o medo que se tinha de que os cearenses e *santiagueños* tomassem as rédeas dessa situação e se rebelassem.

Aqui, transportamos essas visões, sobre as classes baixas, para os casos do Brasil e da Argentina. Ou seja, também é possível refletir como o pobre foi retratado nesses países dentro do campo que Geremek chama de código de normas e éticas. Isso significa que a *"inviolabilidade da propriedade, a proteção das instituições e da ordem pública, a defesa de um determinado sistema de relações [...]"*(GEREMEK, 1995, p.9) fizeram com que houvesse atitudes de *"desconfiança e suspeita"*(GEREMEK, 1995, p.9) sobre esse indivíduo pobre. Daí reiteramos que as diversas falas do *Correio da Manhã* e de *El Mundo* se assemelhavam com esse tipo de visão sobre populações pobres, pensadas por Geremek nos períodos das Idades Média e Moderna europeias. O autor ainda ressalta que *"no plano societário o pobre era tratado como alguém que subvertia a ordem social*

e era socialmente perigoso" (GEREMEK, 1995, p.10). Sendo assim, quando os periódicos falavam das secas e pediam soluções para as mesmas, muitas destas soluções atreladas ao controle do pobre, ao medo do desemprego, das migrações, das revoltas, eles os viam como essa classe socialmente perigosa. Consideramos que essa noção faz parte da história das populações pobres no Ocidente, e que pode ser válida para pensar uma história mais local como as do Ceará e de Santiago del Estero. Novamente, a região como campo de disputa política e como relação de pertencimento é fundamental para compreensão dessas narrativas.

Sumariamente, podemos entender como esses discursos, do *Correio da Manhã* e de *El Mundo,* afirmavam o olhar que as capitais tinham sobre o interior. Um semiárido triste, uma população faminta, uma vida de desesperança; é a seca que tornava-se o tema central nos discursos, logo, era a natureza detentora do caos e das mazelas dessas regiões. As cenas narradas pelos jornais aumentavam o pavor da população das cidades em relação aos imigrantes do campo, advindos da seca, que, por conta da fome roubavam, saqueavam, transmitiam doenças. Tanto o Brasil, quanto a Argentina, no contexto da década de 1930, se utilizaram de medidas de controle para conter essa população que "invadia" as capitais, com ajuda de autoridades locais. Na Argentina, especificamente, foram tomadas medidas de racionalização da imigração, ações institucionais capazes de garantir a contenção necessária para os desprotegidos e desempregados, educação agrícola para jovens e mulheres, promoção da colonização e organização do trabalho para combater o desemprego e seus "delírios" (vagabundagem e mendicância) (GIRBAL-BLACHA, 2003, p.385).

Voltamos, por fim, à ideia de modernidade/colonialidade para pensar o discurso do medo, enfoque que destacamos nas narrativas desses jornais. Podemos nos valer desta noção para entender que o medo dessas multidões, o medo do flagelo, da seca, das migrações, estava relacionado diretamente a uma ideia de sociedade, que via essas áreas pelo espectro do atraso, e sua população como o outro, que devia ser tutelado e civilizado em nome da modernidade e do progresso. Ora, se a natureza era um

problema que fazia com que as populações dos semiáridos vivessem sob o jugo de uma vida subdesenvolvida, se somente a modernidade podia ser a maneira pela qual os semiáridos sairiam dessa condição, e se entendemos o espaço como campo de disputa política, as narrativas dos jornais acabam por reforçar, então, antigas noções sobre essas áreas que desconsideravam as formas de vida locais. É sabido que a seca é um momento em que, de fato, situações extremas ocorrem, mas devemos problematizar e desnaturalizar visões que apresentam os semiáridos por meio das linhas de progresso e de modernidade, como se somente elas fossem maneiras possíveis de desenvolvimento social. Mignolo analisa, por fim, refletindo esta normativa da modernidade:

> (...) o imaginário do mundo moderno/colonial surgiu da complexa articulação de forças, de vozes escutadas ou apagadas, de memórias compactas ou fraturadas, de histórias contadas de um só lado, que suprimiram outras memórias, e de histórias que se contaram e se contam levando-se em conta a duplicidade de consciência que a consciência colonial gera (MIGNOLO, 2005, p.37-38).

Acreditamos, portanto, que isso ocorreu claramente na história local de países como o Brasil e a Argentina. Esse mundo moderno/colonial deixou seus rastros na forma de se entender os sertões cearenses e o bosque *santiagueño*. Também tentou apagar memórias, fraturar histórias, suprimir formas de ver, pensar e agir dessas populações, em nome do mundo moderno/colonial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando pensamos no mundo moderno/colonial como possibilidade de análise, ou mesmo como fio condutor deste trabalho, abrimos como campo de reflexão o que Mignolo chama de uma epistemologia fronteiriça, em contrapartida a um discurso que defenda uma unidade do idioma, da pureza de sangue e da razão. Assim, nasce a necessidade de um novo paradigma a partir da emergência do local. Por isso, consideramos a história regional, se aproximando para uma história do lugar, fundamental

para esta análise comparada entre Brasil e Argentina. A partir das narrativas dos periódicos *Correio da Manhã* e *El Mundo,* pode-se perceber como esses países consideravam intervir nos semiáridos cearenses e *santiagueños* em períodos de seca.

Quando os jornais reproduziam discursos que viam na natureza semiárida, no clima, e na sua população, as mazelas existentes para a situação em que se encontravam, não deixavam de perpetuar uma narrativa que considerava essas áreas como atrasadas, por vezes, avessas à modernidade. Reforçava-se, com esse tipo de visão, uma antiga ideia de que era necessário civilizar esses espaços, e reproduzia-se, assim, o mundo moderno/colonial. Destacamos que essa reprodução foi realizada com novos contornos e novas roupagens, mas que ainda via na modernidade o único caminho possível para o desenvolvimento dessas regiões. Civilizar significava, neste sentido, intervir nessas lugares em nome da modernidade e do progresso. Também sabemos que uma seca, em seu estado de crise climática, ocasiona uma onda de morte, migrações, fome, sede e desemprego.

Contudo, pensamos essas consequências como causas diretas das conjunturas sociais, que independem da seca. Essas regiões, historicamente, nunca estão preparadas para uma forte estiagem, e suas desigualdades sociais não dependem do fenômeno em si.

Logo, quando o interior do Ceará e de Santiago del Estero, foram vistos pela ótica da natureza-problema, eles passavam a ser pensados como o outro, o diferente, sobretudo, em relação à população do litoral. Por isso, as narrativas dos jornais eram permeadas de um tom de pavor, de medo, e da necessidade de que se controlassem essas populações em meio às secas. Pelo mesmo motivo, é preciso ir além da própria narrativa em si, porque ela pode encarnar uma visão já preestabelecida, dotada, muitas vezes, de estigmatizações sobre essas áreas. Avançar rumo ao interior, ainda mais um interior acometido pela seca, era se deparar com uma realidade diferente das capitais. Não é estranho supor, que em meio a uma crise climática, o discurso para que se interviesse nesses locais de

modo a tirá-los daquela situação de penúria, fosse vinculado às ideias de modernidade e progresso. Tratava-se de uma conjuntura em que era comum, para esses países, afirmar que a ausência desses fatores fazia com que as populações não conseguissem encarar uma seca. Por isso, consideramos os periódicos como construtores de representações, por vezes, forjadas do mundo dos semiáridos cearenses e *santiagueños*. Entendemos que seus discursos estiveram intimamente relacionados com ideias de poder e de dominação em voga na década de 1930. A partir dessas narrativas se consolidaram visões que se perpetuam até os dias atuais, muitas das quais, ainda olham para os semiáridos pela ótica da pobreza, das migrações, da penúria e do sofrimento.

5 FONTES

Aspectos dantescos do flagelo. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, Ano XXXI, nº11458, 20 de abril de 1932.
A dolorosa retirada das infelizes famílias sertanejas para a capital do Estado. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, Ano XXX, nº10.966, 21 de setembro de 1930.
Niños muertos por falta de agua. **El Mundo,** Buenos Aires: Año X, 20 de diciembre 1937.
Huyendo del desastre empiezan a llegar a Santiago numerosos pobladores de toda la Campaña. **El Mundo.** Buenos Aires: Año X, 27 de diciembre de 1937.

6 REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida. Dossiê Nordeste Seco**. Revista Estudos Avançados 13 (36),** São Paulo, pp.7-59, 1999. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-40141999000200002. Acesso em 29 de maio 2020.

ANDERMANN, Jens. El infierno santiagueño: sequía, paisaje y escritura en el Noroeste argentino. **Iberoamericana**, XII, 45, (2012), pp.23-43. Disponível em: https://doi.org/10.5167/uzh-71180. Acesso em 28 de maio 2020.

ANDRADE, Manuel Correia de. **O Nordeste e a questão regional.** São Paulo: Editora Ática S.A, 1988.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Paisagens e problemas do Brasil. (Aspectos da vida rural brasileira frente a industrialização e ao crescimento econômico).** *5 ª* Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl.]. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 (Coleção Ensino Superior).

BARROS, José D'Assunção. **História Comparada.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

BARROS, José D'Assunção. História Comparada – um novo modo de ver e fazer a História - **Revista de História Comparada,** volume 1, número 1, jun./2007, pp.1-30. Disponível em: http://www.ppghc.historia.ufrj.br/index.php/destaque/publicacoes/revista-de-historiacomparada. Acesso em 12 de maio 2020

BOBBA, María Elvira. Causas de las sequias de la región del NOA (Argentina). **Revista Geográfica de América Central.** Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011, p.1-19. Disponível em: https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2498. Acesso em 23 de maio 2020

CADERNOS DE COMUNICAÇÃO, **Série Memória. Correio da Manhã compromisso com a verdade.** Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio. Secretaria Especial de Comunicação Social, 2001. Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/publicacoes-cadernos-sub-memoria.html. Acesso em 25 de maio 2020

CAMPOS, Raquel Discini de. A educação do corpo feminino no Correio da Manhã (1901-1974): magreza, bom gosto e envelhecimento. **Cadernos Pagu (45),** julho-dezembro de 2015, pp.457-478. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/18094449201500450457. Acesso em 16 de maio 2020

CAMPOS, Raquel Discini de. Floriano de Lemos no Correio da Manhã, 1906-1965. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos,** Rio de Janeiro, v.20, nov. 2013, p.1333-1352. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-59702013000400013. Acesso em 15 de maio 2020

CARBONARI, María Rosa. De cómo explicar la región sin perderse en el intento. Repasando y repensando la Historia Regional. **História Unisinos** 13(1):19-34, Janeiro/Abril 2009. Disponível em: doi: 10.4013/htu.2009.131.02

CAPELATO, Maria Helena Rolim. "A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador." In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Ligia Coelho

(Org.). **História das Américas: fontes e abordagens historiográficas.** 1ed.São Paulo: Humanitas, 2015, v. 1, p. 114-136.

CARDOSO JR, H. R. O CONCEITO DE REGIÃO E PROBLEMAS FILOSÓFICOS: Significado epistemológico da história regional e a constituição histórica do "espaço liso" e do "espaço estriado". **Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL)**, v. 2 nº 3 p.07-21 Set./Dez. 2011. Disponível: https://www.revistas2.uepg.br/index.php/tel/issue/view/270. Acesso em 05 de maio 2020

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome (Dilema brasileiro: pão ou aço).** 10ª Ed. Rio de Janeiro: Revista Antares, 1984.

CATTARUZZA, Alejandro. **Historia de la Argentina (1916-1955).** 1ª ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2009.

DUQUE, Guimarães. **O Nordeste e as lavouras xerófilas.** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil. 2004.

FREITAS, Ana Paula Saraiva. **A presença feminina no cangaço: práticas e representações (1930-1940).** Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2005. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/93408. Acesso em 02 de jun. 2020

GEREMEK, Bronislaw. **Os filhos de Caim. Vagabundos e miseráveis na literatura europeia 1400-1700.** Tradução do polonês Henryk Siewierski – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GIRBAL-BLACHA, Noemí María. Riqueza, poder y control social. Acerca de las estrategias empresariales agrarias en la Argentina (1900-1950). **Anuario IEHS.** No 18, Tandil, UNCPBA, 2003, pp.367-395

GOMES, Paulo César da Costa. "O conceito de região e sua discussão." In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato(Org.),**Geografia: conceitos e temas.** 2ª ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,2000, pp.49-76.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto. O município e o regime representativo no Brasil.** 7ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LUCA, Tânia Regina de. "Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos". In: MOREIRA, Ruy. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. Revista **etc..., espaço, tempo e crítica.** N° 1(3), VOL. 1, 1° de junho de 2007, pp.55-70. Disponível em: http: //www.uff.br/etc. Acesso em 05 de jun. 2020

MIGNOLO, Walter D. "Educación y decolonianidad: aprender a desaprender para poder re-aprender." En: GIULIANO, Facundo. **Rebeliones éticas,**

palabras comunes. Conversaciones (Filosóficas, Políticas, Educativas). Buenos Aires: Colección Educación: Otros Lenguajes. Miño y Dávila. Editores, 2017.

MIGNOLO, Walter D. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro 2005, pp. 33-49. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html. Acesso em 03 de jun. 2020

NEVES, Frederico de Castro. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas. **Revista Brasileira de História.** v. 21, n°40, SP, 2001, pp. 107-131. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882001000100006. Acesso em 05 de jun. 2020

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro 2005. pp.107-130. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html. Acesso em 10 de jun. 2020

RIBEIRO, Rafael Winter. Seca e Determinismo: a Gênese do Discurso do Semiárido Nordestino. **Anuário do Instituto de Geociências - UFRJ,** Volume 22 / 1999, pp. 60-91. Disponível em: http://www.ppegeo.igc.usp.br/index.php/anigeo/issue/view/239. Acesso em 20 de jun. 2020

RIOS, Kênia de Sousa. **Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

SARLO, Beatriz. **Modernidad periférica: Buenos Aires 1920-1930.** 1ª ed. 3ª reimp. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

TASSO, Alberto & ZURITA, Carlos. Aves de paso. Los trabajadores estacionales de Santiago del Estero. **Trabajo y Sociedad**, n° 21, Invierno 2013, Santiago del Estero, Argentina, pp.33-47. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=387334693004. Acesso em 22 de jun. 2020

TASSO, Alberto. La protesta de agua. Una movilización de agricultores santiagueños en 1926. **Sociohistórica**, 2000, Nro. 7, pp. 145-180. Disponível em: http://www.sociohistorica.fahce.unlp.edu.ar/. Acesso em 25 de jun. 2020.

TASSO, Alberto & ZURITA, Carlos. Un caso de expansión agraria seguido por depresión. Santiago del Estero, 1870-1940. **POBLACIÓN Y SOCIEDAD** N° 10/11, 2003-2004, pp.109-136. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/248320

BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

VENEZUELA: ENTRE LA AYUDA HUMANITARIA Y EL INTERÉS POLÍTICO

VENEZUELA: BETWEEN HUMANITARIAN AID AND POLITICAL INTEREST

VENEZUELA: ENTRE A AJUDA HUMANITÁRIA E O INTERESSE POLÍTICO

Diogo Cavazotti Aires[1]
Universidad Católica de Colombia, Colombia

Resumen: A través del análisis de fuentes primarias y secundarias, el artículo analiza cómo la influencia política y económica puede interferir en las decisiones de contribuir de manera humanitaria a un país. Aquí analizamos la situación reciente en Venezuela, con millones de ciudadanos que emigran en busca de mejores condiciones de supervivencia. El apoyo económico y político de los aliados, así como el discurso alarmante de los opositores, no resuelven efectivamente la situación de los inmigrantes o refugiados. La situación del país también se aborda en disputas electorales de otras naciones, con un intento de vincular los problemas de la República Bolivariana con los partidos políticos. El estudio analiza la corriente política de Venezuela y el pasado institucional de la república y se aborda cómo la interferencia política define si la ayuda humanitaria se llevará a cabo o no.

Palabras clave: Venezuela, Migración, Ayuda Humanitaria, Interés Político, América Latina.

Abstract: Through the analysis of primary and secondary sources, the article analyzes how political and economic influence can interfere in decisions to contribute in a humanitarian way to a given country. Here we analyze the recent situation in Venezuela, with millions of citizens emigrating in search of better conditions for survival. The economic and political support of the allies, as well as the alarming speech of the opponents, do not effectively resolve the situation of immigrants or refugees. The country's situation is also addressed in the electoral disputes of other nations, in an attempt to link the problems of the Bolivarian Republic with political parties. The study analyzes Venezuela's political current and the republic's institutional past and addresses how political interference defines whether humanitarian aid will be carried out or not.

[1] Magíster en Derechos Humanos y Derecho Internacional Humanitario, Universidad Católica de Colombia. Becario del Programa de Reciprocidad para Extranjeros en Colombia (ICETEX). *E-mail:* dcavazotti@gmail.com

Keywords: Venezuela, Migration, Humanitarian Assistance, Political Interest, Latin America.

Resumo: Por meio da análise de fontes primárias e secundárias, o artigo analisa como a influência política e econômica pode interferir nas decisões de contribuir de maneira humanitária a um país. Aqui é analisada a situação recente na Venezuela, com milhões de cidadãos emigrando em busca de melhores condições de sobrevivência. O apoio econômico e político dos aliados, bem como o discurso alarmante dos oponentes, não resolve efetivamente a situação dos imigrantes ou refugiados. A situação do país também é abordada nas disputas eleitorais de outras nações, na tentativa de vincular os problemas da República Bolivariana com partidos políticos. O estudo analisa a corrente política da Venezuela e o passado institucional da república e aborda como a interferência política define se a ajuda humanitária será realizada ou não.

Palavras-chave: Venezuela, Migração, Ajuda Humanitária, Interesse Político, América Latina.

DOI:10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.167549

Recebido em: 09/03/2020
Aprovado em: 28/06/2020
Publicado em: 01/07/2020

1 INTRODUCCIÓN

Después del final de la Segunda Guerra Mundial, 1945, cuando el mundo descubrió el genocidio que terminó con la vida de millones de personas por el régimen nazi y resultó en docenas de países diezmados, surgió la necesidad de expandir las fuerzas de paz, la lucha constante por la seguridad internacional y el desarrollo de relaciones amistosas entre los Estados. De esta manera, se formalizó el trabajo por los derechos humanos, con la Carta de las Naciones Unidas (FACHIN, 2019, p. 24). El documento entró en vigor después de que los países más influyentes de la época lo ratificaron: China, Francia, la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas (ahora Rusia), el Reino Unido y los Estados Unidos (BRASIL, 1945). Así nació la Organización de las Naciones Unidas (ONU).

Tres años después fue creada la Declaración Universal de los Derechos Humanos tal como la conocemos hoy, con 30 artículos que se refieren a los derechos inherentes y los fundamentos de la vida de cualquier ser humano, independientemente de su razón, credo, religión o nacionalidad. Aunque la declaración de 1948 es clara al citar los derechos de los ciudadanos, la autonomía de cada país fue y es responsable de crear episodios de crisis humanitarias en diferentes partes del mundo. Y, para esto, la ONU tiene un departamento llamado Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas, que incluye quince países, de los cuales cinco son permanentes y diez no permanentes. El organismo es responsable por los asuntos relacionados con la paz y la seguridad internacionales. Al definir una posible acción de la ONU relacionada con este departamento, solo los cinco miembros permanentes tienen poder de veto, y estos países son los mismos mencionados anteriormente: China, Francia, Rusia, el Reino Unido y los Estados Unidos. Una decisión tomada por el Consejo debe ser aprobada por unanimidad por estas cinco naciones. Es aquí cuando aparecen los enfrentamientos políticos y, a veces, la comunidad internacional aparta la mirada humanitaria de la situación.

> Durante décadas, el Consejo de Seguridad ha permanecido “aletargado” en “el cómodo diván de la bipolaridad”; el contexto político existente durante las primeras décadas en las que Naciones Unidas comenzó su andadura hizo de este órgano el “máximo responsable del mantenimiento de la paz y la seguridad internacionales”, que, pese a todo, demostró una inoperancia patente en aquellos supuestos en que la cuestión a tratar dejase traslucir el interés directo o indirecto de cualquiera de las potencias que poseían el privilegio del veto. Con el paso de los años el abuso del veto por parte de los entonces dos grandes rivales de la Guerra Fría ha dado pie a un contexto muy diferente, sobre el que igualmente planean grandes dosis de incertidumbre: pese a que el uso de la técnica del consenso es mucho más frecuente ahora que antaño, las potencias con derecho a veto se resisten a dejar a un lado la utilización de un mecanismo demostrativo de poder en el ámbito internacional. La mera amenaza de su uso ha conllevado situaciones prácticas de abandono de la organización mundial en aras del unilateralismo (TORRES CAZORLA, 2008, p. 85-86).

La autora se refiere en números al choque en lo que ella llama "grandes rivales de la Guerra Fría": Estados Unidos y Rusia. En las primeras 6 décadas de existencia del consejo, China ha ejercido el poder de veto seis

veces, Francia, 18, y Reino Unido, 36. Estados Unidos y Rusia vetaron 76 y 126 veces, respectivamente. (TORRES CAZORLA, 2008, p. 84).

Además del choque de poder entre los miembros permanentes, el veto también se puede otorgar según los intereses económicos o de imagen que cada estado defina por sí mismo. Es posible explicarlo con un caso relativamente reciente: la masacre en Ruanda, cuando 800,000 personas fueron asesinadas en 100 días (1994) en un genocidio étnico, es un momento controvertido en la historia del trabajo del Consejo de Seguridad de la ONU. Principalmente porque Francia y China fueron proveedores de armas a Ruanda entre 1990 y 1994. No hubo acciones efectivas por parte de la ONU y la organización asumió que falló por no evitar la agonía del pueblo ruandés (CORDERO, 2012, p. 32). La interferencia casi nula de Estados Unidos en esta ocasión puede explicarse por la recepción negativa que tuvo el mundo cuando fracasó, un año antes, en el intento de interferir en la guerra civil en Somalia (SOBRAL, 2017. p.2). El miedo de sufrir nuevas críticas fue grande.

Al hacer una breve introducción sobre la interferencia política de algunas naciones en la decisión de activar o no la ayuda humanitaria, la presente investigación analiza la situación en Venezuela. El país latino no enfrenta una posición de guerra civil, pero es responsable por uno de los movimientos migratorios más grandes del mundo en la actualidad. Aunque la nación recibió la visita del alto comisionado de las Naciones Unidas (ONU, 2019c), no existe una definición sobre si Venezuela está atravesando una crisis humanitaria, ni tampoco hay una definición de acciones efectivas por parte de la comunidad internacional.

Por otro lado, las recientes elecciones presidenciales en diferentes países tuvieron a Venezuela como uno de los temas abordados. Los candidatos plantearon la posibilidad de que, si no ganaran, los países estarían más cerca de convertirse en "una Venezuela", es decir, con los problemas que enfrenta el país mencionado.

La ausencia de una guerra civil también expone al pueblo venezolano que busca refugio en otro país a no tener una clasificación para definirlos. Según la Organización Internacional para las Migraciones (OIM), la palabra "migrante" "*designa a toda persona que se traslada fuera de su lugar de residencia habitual, ya sea dentro de un país o a través de una frontera internacional, de manera temporal o permanente, y por diversas razones*" (OIM). El Estatuto de los Refugiados de 1951 define refugiado:

> Debido a fundados temores de ser perseguido por motivos de raza, religión, nacionalidad, pertenencia a un determinado grupo social u opiniones políticas, se encuentre fuera del país de su nacionalidad y no pueda o, a causa de dichos temores, no quiera acogerse a la protección de su país; o que careciendo de nacionalidad y hallándose, a consecuencia de tales acontecimientos fuera del país donde antes tuviera su residencia habitual, no pueda o, a causa de dichos temores, no quiera regresar a él (CONVENCIÓN DEL ESTATUTO DE LOS REFUGIADOS, 1951, p. 2).

Algunos dicen que los venezolanos que recientemente abandonaron el país son refugiados debido a su situación vulnerable, con los derechos humanos más básicos en un estado de violación. También hay entidades que todavía los llaman inmigrantes. En mayo de 2019, la ONU consideró que "la mayoría" de los venezolanos que abandonaron su país necesitan protección internacional como refugiados, de modo que no pueden ser deportados u obligados a regresar (ONU, 2019a).

Este estudio se divide en tres temas de desarrollo. El primero analiza las corrientes políticas de Venezuela y el pasado institucional de la república. Luego, a través del análisis de fuentes primarias y secundarias, se aborda el uso de Venezuela como un "escaparate negativo" por parte de los políticos en las recientes elecciones presidenciales. Para concluir, la investigación plantea una pregunta, así como las que ya se presentaron en la introducción, sobre cómo la interferencia política define si la ayuda humanitaria se llevará a cabo o no.

Para continuar con el tema, es interesante clasificar el término "ayuda humanitaria", denominado como acciones a las víctimas de

desastres, sean naturales o por conflictos armados, para aliviar el sufrimiento, proteger derechos fundamentales, garantizar la subsistencia de los involucrados y defender la dignidad de los mismos, así como, a veces, frenar la desestructuración socioeconómica de una comunidad o prepararlos ante desastres (ABRISKETA, ARMIÑO, 2000).

2 SITUACIÓN POLÍTICA DE VENEZUELA

En febrero de 2019 el número de migrantes de Venezuela alcanzó los 3,4 millones de personas; siete meses después la cantidad aumentó a 4,3 millones. Durante este período, aproximadamente 4.285 personas al día abandonaron el país. Las razones reportadas incluyen falta de acceso a alimentos básicos y medicinas y alta inflación. Como resultado, el poder adquisitivo disminuyó exponencialmente. La población oficial de Venezuela es de 32.2 millones. La Organización de los Estados Americanos (OEA) ha proyectado que para 2020 habría 7.5 millones de exiliados de la nación (LAMUCCI, 2019). Es digno de mención el cambio de perfil del migrante; Ellen Rymshaw, explica que al principio había personas más jóvenes y pobres que buscaban mejores condiciones de ubicación, pero lo suficientemente saludables como para hacer frente al proceso de cambio de países de una manera no convencional (RYMSHAW, jefa de misión de Médicos Sin Fronteras en Colombia, cuatro de septiembre de dos mil diecinueve[2]). "*Empezamos a ver un cambio de migrantes. Mujeres con niños pequeños, embarazadas, gente de edad que tiene enfermedades crónicas, cruzan para buscar asistencia*" (APÉNDICE 1, 2019).

Hay registro de venezolanos en diferentes países, pero Colombia ha sido el país que ha abierto la puerta para más gente, con 1 millón 825 mil personas en esta condición (MIGRACIÓN, 2020). En el 2016 había menos de

[2] La entrevista con Ellen Rymshaw fue realizada por Diogo Cavazotti Aires el 4 de septiembre de 2019 en la sede de Médicos Sin Fronteras (MSF) en Bogotá, Colombia, y se encuentra en el Apéndice 1.

50 mil, mientras el año siguiente fueron 600 mil; ya en el 2018 la cantidad aumentó a 1 millón 170 mil. Para comprender este aumento, es necesario volver al año 1999, cuando Hugo Chávez ganó las elecciones presidenciales.

> Desde un primer momento comenzó el debate sobre cómo clasificar el caso venezolano a la luz de la política comparada. Para algunos autores el chavismo correspondía a las características generales del populismo latinoamericano y para otros no era más que el ejemplo de un gobierno autoritario que comenzaba a desmontar la experiencia democrática venezolana. Para el resto, era un fenómeno revolucionario con características radicales. [...] Entre 1999 y el año 2002, se fue perfilando un modelo político "reformista" que tuvo como características principales el liderazgo carismático de Chávez, el apoyo mayoritario de las masas populares, la intención de controlar por medio del Estado la economía, el comercio exterior, la política fiscal y la política cambial y la desinstitucionalización de las Fuerzas Armadas, de PDVSA (estatal Petróleos de Venezuela) y de otras empresas públicas (ROMERO, 2015, p. 71).

Insatisfechos con la dirección de la economía, se retiraron diversos apoyos para el presidente y su régimen, en un movimiento que también afectó parte de la población. En 2002, un grupo militar y civil de opositores tomó el poder durante dos días, incluso con la prisión de Chávez. La presión popular no reconoció el proceso como legítimo y el país pronto volvió a ser liderado por el régimen chavista (ROMERO, 2015). Las protestas siguieron, con insatisfacción por la economía cada vez más débil, hasta la muerte del presidente en 2013. El heredero político de Chávez, Nicolás Maduro, fue elegido con un 50,6% de los votos, contra un 49,1% del oponente Henrique Capriles (LIMA, LIMA, TEIXEIRA, 2018, p. 395). Desde entonces, la situación económica y migratoria ha empeorado. La autoproclamación de un nuevo presidente, Juan Guaidó, que fue ampliamente publicitada por los medios y apoyada por varios países, pero que no resultó en cambios para la comunidad venezolana. Lo que vemos es el arresto de los líderes de la oposición, una mayor presión sobre los medios de comunicación, la legalización del uso de la fuerza letal contra los manifestantes y el uso de los tribunales, controlados por el poder ejecutivo, para limitar la autoridad del parlamento (GAMBOA, 2016).

Tomando una evaluación política rápida de Venezuela, Amorim Neto (2002) y Silva (2018) explican el colapso histórico que el gobierno de Chávez implementó en el país.

> Venezuela es, junto con Colombia, la democracia sudamericana más antigua, se unió al selecto club de régimen libre en febrero de 1959, cuando Rómulo Betancourt asumió la presidencia después de postularse para las primeras elecciones directas celebradas en el país en 11 años (el último fue en 1947). En enero de 1961, la redemocratización del país concluyó con la promulgación de una nueva Constitución. En las próximas dos décadas, el país sería testigo de la consolidación de lo que se ha convertido en uno de los sistemas de partidos más institucionalizados en América Latina. Sin embargo, en el corto espacio de 18 meses, entre la toma de posesión de Hugo Chávez en febrero de 1999 y la llamada mega elección de julio de 2000, la Constitución de 1961 y el sistema de partidos que florecieron bajo ella fueron arrojados irrevocablemente a la lata. Mientras tanto, se celebraron dos referendos, uno en abril de 1999 para convocar una asamblea constituyente y otro en diciembre del mismo año para aprobar la nueva constitución redactada por la asamblea. Después de tanta agitación política, hoy, la democracia en Venezuela es un término disputado, el tema de varios adjetivos y un concepto de aplicación tortuosa (AMORIM NETO, 2002, p. 02).
>
> Con el empeoramiento de la crisis económica causada principalmente por disputas políticas después de la muerte del entonces presidente Hugo Chávez, millones de venezolanos, principalmente del interior del país (donde hay más desempleo y un peor suministro de alimentos y necesidades básicas) comenzaron a buscar otros países para reconstruir sus vidas. El resultado es que, en 2017, Venezuela se convirtió en el cuarto país del mundo de origen de nuevos solicitantes de asilo (SILVA, 2018, p. 322).

3 VENEZUELA, AYUDA HUMANITARIA O INTERÉS

En medio a una emigración casi forzada, el mundo se pregunta: ¿hay una crisis humanitaria en Venezuela? El tema es controvertido. Si se supone existencia, es necesaria una predisposición a un ataque o invasión. Pero hay otros protocolos a seguir.

> En casos extremos y excepcionales, la responsabilidad de reaccionar puede implicar la necesidad de recurrir a la acción militar. Pero ¿qué es un caso extremo? ¿Dónde debemos trazar la línea para determinar cuándo la intervención militar es defendible? El punto de partida, aquí como en otros lugares, debería ser el

> principio de no intervención. Esta es la norma a partir de la cual cualquier partida tiene que estar justificada (IDRC, 2001, p. 31).

Según el informe de la Comisión Internacional de Intervención y Soberanía del Estado (IDRC - organismo independiente que busca apoyar a la ONU), existe una relación directa con una emergencia humanitaria y la posibilidad de intervención armada.

> En general, la opinión fue que estas circunstancias excepcionales deben ser casos de violencia que realmente "conmocionen conciencia de la humanidad", o que presentan un peligro tan claro y presente para la seguridad de la comunidad internacional que requieren una intervención militar coercitiva (IDRC, 2001, p. 31).

Algunos dicen que esto ya está presente en Venezuela, sin embargo, una acción militar en la región debe pasar por el Consejo de Seguridad de la ONU. Esta propuesta sería vetada por Rusia y China, ya que son países aliados de Nicolás Maduro y tienen poder de veto en el órgano. Esto se discutirá más en este estudio.

La historia de la humanidad desde la Declaración Universal de los Derechos Humanos está impregnada de búsquedas de paz, intervenciones humanitarias e intentos de convertir a ciertos países en aliados de las potencias mundiales. Ha habido intentos de interferencia en la búsqueda de una conducta política y económica transnacional. "*Las acciones humanitarias internacionales estuvieron impregnadas de enfrentamientos políticos y contradicciones éticas que acompañan la historia de las relaciones internacionales*" (HIRST, 2017, p. 144).

Un ejemplo de cómo las disputas del Consejo de Seguridad de la ONU todavía dificultan el trabajo, es que en febrero de 2019 no se aprobaron dos propuestas de resolución sobre la situación en Venezuela. Uno, presentado por Estados Unidos, propuso convocar elecciones con observadores internacionales y el reconocimiento de Juan Guaidó como presidente interino, además de la entrega de ayuda humanitaria. Rusia y China se negaron. El segundo proyecto, esta vez de Rusia, también abogó por la entrada de ayuda humanitaria y un diálogo entre el gobierno de Maduro y la oposición. Esta vez fue rechazado por los Estados Unidos,

Francia y el Reino Unido (ONU, 2019b). Una disputa de poder e intereses que pone a miles de refugiados o inmigrantes en situaciones de extrema vulnerabilidad.

Ya sea una crisis humanitaria o no, Venezuela es hoy responsable de uno de los movimientos migratorios más impactantes de la historia, y no hay evidencia de que esta migración masiva tenga una fecha de finalización (STEIN, 2019). Con base en estas perspectivas, ¿cómo se ha recibido a los migrantes venezolanos en los países de destino? ¿Existe una buena receptividad, educación y planes de salud? ¿Oferta de trabajo, capacitación y oportunidad de quedarse?

> Colombia ha sido como un modelo en términos de recibir esta gente. Esto no ha pasado en otros países. Pero la cantidad de personas es grande. El país en si tiene problemas para responder a esta cantidad de población. En varios lugares los hospitales no pueden entregar los servicios que prometieron, como emergencias y partos (Apéndice 1, 2019).

Debido a que es un país subdesarrollado, el país vecino de Venezuela enfrenta desafíos para su propia población. Prácticamente todos los países latinoamericanos están en la misma situación. Aun así, existe buena voluntad institucional para brindar mejores oportunidades a los venezolanos.

El país ha otorgado la ciudadanía a más de 24 mil niños de inmigrantes venezolanos nacidos en Colombia que eran apátridas[3]. Esto significa un mejor acceso a la educación y la salud. También hay ayuda humanitaria para proporcionar vacunas, protegiendo tanto a los que ingresan como a los que ya están en Colombia. Las instalaciones de documentación están en la lista de buenas prácticas con los vecinos, lo que permite tratamiento médico de emergencia, sistema de seguridad social, apoyo para la búsqueda de empleo y educación para niños.

[3] Personas que no están vinculadas oficialmente a ninguna nacionalidad. Se estima que hay 10 millones de apátridas en el mundo.

Otros países del continente también tienen buenos ejemplos:

> Argentina ha dado un buen ejemplo al ser uno de los pocos países de América Latina en crear nuevas formas para que los venezolanos obtengan una visa temporal, incluso si no tienen todos los documentos necesarios. El gobierno argentino también dirige a los inmigrantes a ofertas de trabajo (CORRALES, 2019).

Al ser una nación vecina, Brasil también está en la ruta de quienes salen de Venezuela por mejores condiciones. En 2019, el Comité Nacional para los Refugiados (Conare) reconoció el momento como una violación grave y generalizada de los derechos humanos, como lo había hecho con Siria. Esto simplificó el proceso de entrevista para el pleito de inmigración (MJSP, 2018). En septiembre de 2019, Brasil lanzó una campaña llamada "Adopta un trabajador venezolano y su familia". Es un intento de recepción humanitaria por parte de los brasileños (MMFDH, 2019).

Pero también existen restricciones. Trinidad y Tobago requieren que los inmigrantes tengan un pasaporte y una visa, lo que para una persona que huye de su propio país es un poco utópico. Se ofreció amnistía a quienes vivían ilegalmente en el país, pero el plazo de solicitud era de solo dos semanas y el beneficio incluía un permiso de trabajo por solamente un año. México ha ofrecido asilo a venezolanos, pero ha estado tomando medidas restrictivas por la presión que recibe de los Estados Unidos (CORRALES, 2019). Actitud que empeora la integración con el inmigrante. “Una política migratoria restrictiva genera clandestinidades en cascada. Cuanto más obstaculiza el estado impone a la entrada regular de migrantes, más favorece las redes de trato con las personas y el lugar de la corrupción” (JUNIOR, 2019).

Estados Unidos contribuyen con dinero humanitario, pero de una manera peculiar:

> El pedido de ayuda para las Naciones Unidas, que era una cuantía en millones de dólares, apenas un 24% ha sido entregado. Y EE.UU es el país que da más dinero. Alrededor de un 50%. Pero los fundos son sujetos a una política que trata de impedir cualquier atención para abortos y terminaciones voluntarias. Todas las organizaciones que reciben este dinero no pueden ofrecer planificación familiar, servicios de aborto y tampoco aconsejar a la paciente sobre lo que

> se puede hacer. O sea, no ofrecen los servicios completos (ANEXO 1, 2019).

De manera bastante crítica, en algunos casos esta ayuda oculta una posición política y una exposición de intereses. Es decir, Venezuela hoy sirve de "escaparate negativo" expuesto por los gobiernos en diferentes partes del mundo. Recientemente ha sido posible observar el avance de ciertos frentes de partidos que apuntan a los problemas del país de Maduro para poner temor en la población.

4 ¿QUIÉN LE TIENE MIEDO A VENEZUELA?

"Es Argentina, por populismo, cada vez más cerca de Venezuela". Frase de Jair Bolsonaro, presidente de Brasil, en referencia al posible regreso de Cristina Kirchner al poder, entonces candidata a la vicepresidencia junto a Alberto Fernández (JIMÉNEZ, 2019). Tan pronto como asumió el poder, Bolsonaro comenzó a trabajar en la reforma de la seguridad social, un tema envuelto en una controversia que involucraba la disminución de los derechos laborales, y dijo: "*Brasil tiene que trabajar. Si no, la izquierda volverá [al poder] y no sabremos el destino de Brasil. Puede parecerse más al régimen que tenemos en Venezuela*" (COLITT, MARTIN, 2019).

> Durante la campaña electoral de 2018, Bolsonaro usó repetidamente a Venezuela como un ejemplo negativo. [...] En el tweet justo después de la primera ronda, dijo que "¡Parte de los medios, el sistema corrupto y todo lo que nos ha llevado al caos en el que vivimos es más insistente que nunca en una batalla contra nosotros! ¡Ganaremos y destruiremos el engranaje que quiere hacernos una Venezuela" (@jairbolsonaro, 10/10/2018). Hace mucho tiempo, en mayo de 2016, ya usaba la misma imagen: "Todavía podemos convertirnos en una Venezuela" (@jairbolsonaro, 26/05/2016). Y, en su primer mes después de ser elegido, [...] repitió el pronóstico (CHAGAS, MODESTO, MAGALHÃES, 2019).

En otros países hubo variaciones sobre el mismo tema. En el 2017, una encuesta realizada por medios de comunicación encontró que un 55.4% de los colombianos consideraban que el país estaba en riesgo de convertirse

en Venezuela (SEMANA, 2017). En el 2018, durante un debate entre candidatos presidenciales, la mayoría de los participantes plantearon el tema: los aspirantes al poder declararon que el país no podría ser "entregado" a personas que tenían una relación con Maduro y las posibilidades de llevar a Colombia a seguir los pasos de Venezuela con el "castrochavismo"[4] (EFE, 2018).

En el 2018, el intento de asociar un candidato para la presidencia de México con Venezuela casi cambió la dirección de las elecciones. Se lanzó un video en el que el presidente venezolano Nicolás Maduro apoyaría la campaña del entonces candidato, y ahora presidente, Andrés Manuel López Obrador. Supuestamente el material habría sido hecho por la red de televisión estatal de Venezuela. Después de 200 mil vistas se descubrió que el material era falso (BERMÚDEZ, 2018).

Más allá del continente latinoamericano también hay ejemplos de cómo usar Venezuela para poner aprensión en la población. A finales del 2017, miles salieron a las calles de Irán en manifestaciones registradas en 70 ciudades por descontento social y hiperinflación. El régimen que gobierna el país le dice a la gente que protestas como las que tuvieron lugar acercan Irán a Venezuela. Según el gobierno, solo el diálogo sería más apropiado. Por otro lado, la oposición también dice que, si el poder no escucha a la población, el riesgo de convertirse en una Venezuela es alto (SÁNCHEZ-VALLEJO, 2018).

Las acusaciones y los temores de que Venezuela estaba cada vez más cerca no se restringieron a los debates entre políticos, sino también entre los votantes. Los autores Chagas, Modesto y Magalhães (2019) evaluaron 11,118 mensajes intercambiados en 158 grupos de WhatsApp que respaldan la candidatura de Jair Bolsonaro en las elecciones de 2018. El contenido presentaba notas como:

[4] Término político colombiano que se refiere a una ideología de izquierda que podría llevar a Colombia al comunismo.

> Contrapunto: Venezuela se presenta como un ejemplo negativo, un escenario que debe evitarse a toda costa, y la solución a esto sería sacar al PT (Partido de los Trabajadores) del poder; Diferencias ideológicas: Venezuela emerge como un país comunista, bolivariano, cuyo régimen está destinado a fracasar; Eje del mal: junto con otros países y con la "pandilla" del PT, Venezuela integra un eje del mal, contra el cual los brasileños deben luchar; Fondo: la crisis venezolana representa el fondo que podemos alcanzar, las imágenes son fuertes y la crisis humanitaria es grave, lo que lleva a los venezolanos a un estado de caos y sufrimiento; Libertad para Venezuela: a pesar de su gobierno, los venezolanos son buenas personas y deben ser redimidos (CHAGAS, MODESTO, MAGALHÃES, 2019).

Por otro lado, hay países que se benefician de esta situación económica. Rusia realizó inversiones en Venezuela a cambio de activos en la industria petrolera, pero se cree que lo hizo para tener una región estratégica cercana a los Estados Unidos. China también ha realizado inversiones como una forma de garantizar las fuentes de petróleo, ya que Venezuela es el país con más reservas del mundo (TEIXEIRA JÚNIOR, 2019). La cultura enemiga de Irán en relación con los Estados Unidos también lo acercó a Chávez y Maduro, además de los acuerdos en las industrias petroquímica, energética y de construcción civil (PASSOS, 2006). Uno de los mayores productores de joyas del mundo, Turquía aprovecha económicamente la débil moneda venezolana actual para comprar oro. (GOZZER, 2019). Al igual que India, que utiliza la misma transacción, pero con otro producto: petróleo (BARROS, PINTO, 2012).

5 CONCLUSIÓN

Este estudio no intenta disminuir los esfuerzos que realizan los países que reciben a estos inmigrantes. Incluso América Latina tiene una larga historia de migración, pero la situación actual de los venezolanos no se ha visto en esta región desde hace mucho tiempo. Además de los problemas

políticos, América Latina, compuesta por países subdesarrollados, está buscando alternativas viables a la ayuda humanitaria para la ocasión.

> A pesar de los presupuestos limitados, la disminución de los recursos, las tensiones sociales y las instituciones sobrecargadas, los países de América Latina y el Caribe continúan con esfuerzos loables para brindar protección y asistencia y promover la inclusión social y económica de los venezolanos en su territorio. Sin embargo, no hay duda de que la situación de los refugiados y migrantes venezolanos excede las capacidades de cada país (STEIN, 2019).

El dinero destinado a la situación es menor en comparación con otras regiones que experimentan problemas similares. Si bien se han destinado más de 30 mil millones de dólares para la crisis siria, la asistencia internacional ha donado menos de 200 millones de dólares a los refugiados venezolanos (OEA, 2019). En febrero de 2019, Estados Unidos, Brasil y Colombia ofrecieron una pequeña ayuda humanitaria a la gente de Venezuela. Nicolás Maduro no autorizó el procedimiento y cerró las fronteras, anunciando que habían llegado 300 toneladas de alimentos de Rusia. Es decir, no es solo un problema económico, sino nuevamente una disputa política e ideológica, donde los venezolanos se quedan en el medio.

De modo general, el presente trabajo buscó señalar que existen indicios, aunque no declarados pero expuestos en los casos citados aquí, de la existencia de conflictos políticos e ideológicos, tanto internos como externos, es decir, tanto de Venezuela como de la comunidad internacional. Las contribuciones humanitarias llegan o intentan llegar a Venezuela, pero hasta ahora no ha habido una actitud efectiva para minimizar el problema del país y, por lo tanto, disminuir la necesidad de emigrar.

Ante impases como este, la reorganización del Consejo de Seguridad se ha debatido durante años, incluso con solicitudes de varios países para formar parte de la lista de naciones permanentes, después de todo, el mundo ha cambiado mucho desde que se creó el organismo en 1945. Alemania, una de las potencias mundiales, ha solicitado la entrada entre

los miembros permanentes en varias ocasiones, así como también otros países. Pero, hasta ahora, no hay signos de cambio, incluso ante la realidad actual del planeta: "*el subdesarrollo, la emigración masiva de refugiados, la devastación ambiental, la violación reiterada de los derechos humanos y el terrorismo han sido invocados como formas de riesgo para la paz internacional*" (MAGALHÃES, 1995, pg. 153, apud GAJA, 1993). Es interesante señalar nuevamente que el objetivo del Consejo de Seguridad es responsable por los asuntos relacionados con la paz y la seguridad internacionales.

Amenazar a la población sobre el riesgo de convertirse en una Venezuela es aprovechar la falta de conocimiento que se tiene de ese país y también de aquel en el que se vive. Una nación, que tiene una buena parte de la economía basada en un solo producto (petróleo), se encuentra rehén de las políticas internacionales de precios y la necesidad de una alta producción, como ocurre en la nación liderada por Maduro. Un país como Brasil, por ejemplo, está más alejado de esta realidad porque tiene una mayor diversidad de bienes y servicios. Según la historia, se registraron figuras dictatoriales en diferentes partes del mundo y con diferentes pensamientos políticos y humanitarios. Usar el ejemplo venezolano de manera negativa para generar simpatía política, y ofrecer ayuda humanitaria y defender los bloqueos económicos y comerciales, es abordar un pensamiento ideológico practicado en la propia Venezuela, que parece darle la espalda a la gente misma. En un planeta globalizado, las sanciones de este tipo son oportunidades para las violaciones de los derechos humanos.

Entre la ayuda humanitaria, que no es del todo adecuada, y el uso del "temor de Venezuela", las emigraciones continúan. En número de personas, actualmente solo pierde ante Siria. No se trata de decidir quién está peor, pero entender que la ayuda humanitaria está más allá de un derecho humano, sino un ideal político, partidista y económico. La Alta Comisionada de la ONU para los Derechos Humanos, Michelle Bachelet,

reiteró el llamado al gobierno y a la oposición de Venezuela para que superen sus diferencias y den prioridad a la negociación, lo que ella considera la única manera para superar la situación actual (ONU, 2019d). Una opinión simple, pero que en este momento representa un enorme desafío, especialmente cuando hay una comunidad internacional también dividida entre las dos partes. Pues, una vez más en la historia de la humanidad, la autonomía de los Estados no da espacio y diálogo a los derechos de cada ser humano.

6 APÉNDICE 1

Entrevista con Ellen Rymshaw[5]. Otorgado a Diogo Cavazotti Aires el 4 de septiembre de 2019 en la sede de Médicos Sin Fronteras (MSF) en Bogotá, Colombia.

¿Cuales acciones hace hoy la MSF con los migrantes venezolanos?

Tenemos cinco proyectos en diferentes regiones de Colombia. Eso demuestra el alcance hasta donde van, y que cruzan todo el territorio hasta el Pacífico. Es impresionante en términos de movimiento de la población. Trabajamos con salud primaria y mental, víctimas de violencia sexual, planificación familiar, interrupción voluntaria de embarazo. Hay personas que no entran solamente por las fronteras oficiales, sino que prefieren hacerlo por zonas no autorizadas y se quedan en los pueblos, incluso otros caminan hasta la frontera de Ecuador. Damos hidratación, primeros auxilios, información sobre el hospital más cercano y sobre lo que pueden esperar por el camino. Muchos llegan sin ropa y zapatos, y con niños. Al principio los caminantes eran jóvenes, con buena salud, pero empezamos a ver un cambio de los migrantes. Mujeres con niños pequeños,

[5] Ellen Rymshaw sirvió en misiones humanitarias en Sudán del Sur, Congo, Nigeria, Haití, Zambia, Venezuela, México, Angola, Burundi y otros. Actualmente es jefe de misión de Médicos Sin Fronteras en Colombia.

embarazadas, gente de edad que tiene enfermedades crónicas y que cruzan para buscar asistencia.

La comunidad internacional se pregunta: ¿hay crisis humanitaria en Venezuela?

Yo sé que hay mucha discusión en las agencias de las Naciones Unidas sobre cómo caracterizarlo. Lo que podemos decir es que hay gente que llega de muy lejos, a veces de Caracas, 700 kilómetros a la frontera con Cúcuta.

¿La comunidad internacional ha contribuido para el trabajo con los migrantes?

Colombia ha sido como un modelo en términos de recibir estas personas. Esto no ha pasado en otros países, pero la cantidad de personas es grande. El país en si tiene problemas para responder a esta cantidad de población. En varios lugares los hospitales no pueden entregar los servicios que prometieron, como emergencias y partos. La comunidad internacional está fallando, el pedido de ayuda para las Naciones Unidas, apenas un 24% ha sido entregado hasta ahora. EE.UU es el país que da más dinero, alrededor de un 50%. Pero los fondos de EE.UU están sujetos a una política que trata de impedir cualquier atención para abortos y terminaciones voluntarias. Las organizaciones que reciben este dinero no pueden ofrecer planificación familiar, servicios de aborto y tampoco aconsejar a la paciente sobre lo que se puede hacer. No ofrecen los servicios completos

Has trabajado en muchas situaciones extremas en diferentes países, hace más de veinte años. ¿Ha habido avances en los derechos humanos?

Hay mucho más conocimiento acerca de la ley humanitaria. El problema es la implementación. A pesar del conocimiento que es más amplio, no mejoramos tal vez por la impunidad de los gobiernos. En ciertos lugares

hay una disminución de la aplicación de los derechos humanos. Hay más conocimiento y más resistencia para aplicarlas.

7 REFERENCIAS

ABRISKETA, Joana; ARMIÑO, Karlos Pérez de. **Acción Humanitaria: concepto y evolución**. Diccionario de Acción Humanitario y Cooperación al Desarrollo. España: 2000. Disponible en: http://www.dicc.hegoa.ehu.es/listar/mostrar/1. Acceso en: 12.05.2020.

AMORIM NETO, Octavio. De João Goulart a Hugo Chávez: **A política venezuelana à luz da experiência brasileira**. Opin. Pública, Campinas: v. 8, n. 2, p. 251-274, oct. 2002. Disponible en: https://doi.org/10.1590/S0104-62762002000200005. Acceso en: 15.05.2020.

BARROS, Pedro Silva; PINTO, Luiz Fernando Sanná. **A Presença dos países do Brics na Venezuela**. Boletim de Economia e Política Internacional. Brasil: n. 09, jan./mar. 2012. Disponible en: http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/4561. Acceso en: 14.05.2020.

BERMÚDEZ, Ángel. Cómo la crisis de Venezuela está influyendo en las campañas presidenciales de Colombia, México y Brasil. **BBC**, Inglaterra: 14 mayo 2018. Disponible en: https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-44064677. Acceso en: 12.01.2020.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto N° 19.841**, 22 oct. 1945. Disponible en: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d19841.htm. Acceso en: 26.05.2020.

CHAGAS, Viktor; MODESTO, Michelle; MAGALHÃES, Dandara. **O Brasil Vai Virar uma Venezuela: Medo, Memes e Enquadramentos Emocionais no WhatsApp Pró-Bolsonaro**. Esferas: Democracia Digital: n. 14, ano 08, jan-abr 2019, p. 1-17. Disponible en: http://dx.doi.org/10.31501/esf.v0i14.10374. Acceso en: 14.05.2020.

COLITT, Raymond; MARTIN, Eric. Bolsonaro Says Brazil Must Reform or Become Next Venezuela. **Bloomberg**. Estados Unidos: 23 enero 2019, sección Politics. Disponible en https://www.bloomberg.com/news/articles/2019-01-23/brazil-leader-pledges-sweeping-reform-to-avoid-deeper-crisis. Acceso en: 12.01.2020.

CONVENCIÓN DEL ESTATUTO DE LOS REFUGIADOS. Suiza, 1951, p. 2. Entrada en vigor: 22 abr. 1954. Disponible en:

https://eacnur.org/files/convencion_de_ginebra_de_1951_sobre_el_estatuto_de_los_refugiados.pdf. Acceso en: 12.01.2020.

CORDERO, Sara Patricia Quintero. **Tribunal Internacional para Ruanda: "Si la justicia así lo requiere"**. Criterios: Cuadernos de Ciencias Jurídicas y Política Internacional. Bogotá: vol. 5, n. 1, ene-jul. 2012, p. 21-54. Disponible en: https://doi.org/10.21500/20115733.1975. Acceso en: 10.05.2020.

CORRALES, Javier. Responses to the Venezuelan Migration Crisis: A Scorecard. **Americas Quarterly**, Estados Unidos: 11 julio 2019, sección Venezuela. Disponible en https://www.americasquarterly.org/content/responses-venezuelan-migration-crisis-scorecard. Acceso en: 12.01.2020.

EFE, Agencia. La crisis venezolana centra el último debate de las elecciones colombianas. España, sección América, 26 mayo 2018. Disponible en: https://www.efe.com/efe/america/politica/la-crisis-venezolana-centra-el-ultimo-debate-de-las-elecciones-colombianas/20000035-3628458. Acceso en: 13.05.2020.

FACHIN, Melina Girardi. **Guia de Proteção dos Direitos Humanos. Sistemas Internacionais e Sistema Constitucional**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2019.

GAMBOA, Laura. **Venezuela: Aprofundamento do autoritarismo ou transição para a democracia?**. Relações Internacionais. Lisboa: n. 52, dez. 2016, p. 55-66. Disponible en: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992016000400005&lng=pt&nrm=iso. Acceso en: 11.05.2020.

GOZZER, Stefania. Por que a crise na Venezuela interessa tanto países como Rússia, China e Turquia. **BBC**. Inglaterra: 24 febrero 2019. Disponible en: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47312442. Acceso en: 13.05.2020.

HIRST, Monica. 2017. **Conceitos e práticas da ação humanitária latino-americana no contexto da securitização global**. Estud. Int.. Santiago: v. 49, n. spe, oct. 2017, p. 143-178. Disponible en: http://dx.doi.org/10.5354/0719-3769.2017.47537. Acceso en: 10.05.2020.

IDRC. **The Responsibility to Protect: Report of the International Commission on Intervention and State Sovereignty**. International Development Research Center. Canada. Ottawa: IDRC Books, 2001.

JIMÉNEZ, Carla. A última obsessão de Bolsonaro é dinamitar as eleições na Argentina. **El País Brasil**, Brasil: 21 ago. 2019, sección Internacional. Disponible en: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/19/internacional/1566242410_531532.html. Acceso en: 13.05.2020.

JUNIOR, Sady Sidney Fauth. **El derecho humano a migrar: Como garantizar este derecho sobre la base del principio de universalidad**. SCIAS - Direitos Humanos e Educação. Minas Gerais: v. 2, n. 1, jan./jun. 2019,

p. 106-120. Disponible en: http://revista.uemg.br/index.php/SCIASDireitosHumanosEducacao/article/view/3693/pdf. Acceso en: 12.05.2020.

LAMUCCI, Sergio. FMI estima que inflação na Venezuela vai chegar a 10.000.000% em 2019. **Valor Econômico**, 9 set. 2009, sección Internacional. Disponible en: https://valor.globo.com/mundo/noticia/2019/04/09/fmi-estima-que-inflacao-na-venezuela-vai-chegar-a-10-000-000-em-2019-1.ghtml. Acceso en 29.09. 2019.

LIMA, Daniel; LIMA, Élida; TEIXEIRA, Felipe. **Migrações Venezuelanas**. Rosana Baeninger e João Carlos Jarochinski Silva (Coord.). São Paulo: Unicamp, 2018.

MAGALHÃES, José Carlos de. **A reforma da Carta da ONU**. Estud. av. São Paulo, v. 9, n. 25, p. 149-159, dic, de 1995. Disponible en: http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8893/10445. Acceso en: 11.05.2020.

MIGRACIÓN, 2020. Más de 1 millón 825 mil venezolanos estarían radicados em Colombia. **Ministerio de Relaciones Exteriores de Colombia**. Bogotá. Disponible en: https://www.migracioncolombia.gov.co/noticias/265-abril-2020/mas-de-1-millon-825-mil-venezolanos-estarian-radicados-en-colombia. Acceso en 11.05.2020.

MJSP. Brasil agiliza regularização de venezuelanos. **Ministério da Justiça e Segurança Pública**. Brasília: 15 mar. 2018. Disponíble en: https://www.novo.justica.gov.br/news/brasil-agiliza-regularizacao-de-venezuelanos. Acceso en: 13.05.2020.

MMFDH. Ministério lança a campanha "Adote um trabalhador venezuelano e sua família". **Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos**: Brasil, set. 2019. Disponível en: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/setembro/lancada-a-campanha-adote-um-trabalhador-venezuelano-e-sua-familia. Acceso en: 20.10.2019.

OEA. Relatório da OEA sobre migrantes e refugiados venezuelanos: "Uma crise sem precedentes na região". **Organización de Los Estados Americanos**. Estados Unidos: 8 mar. 2019. Disponible en https://www.oas.org/pt/centro_midia/nota_imprensa.asp?sCodigo=P-009/19. Acceso en: 13.11.2020.

OIM. ¿Quién es un migrante?. **Organización Internacional para las Migraciones**. Disponible en: https://www.iom.int/es/quien-es-un-migrante. Acceso en: 13.05.2020.

ONU. ACNUR pide la protección como refugiados para los venezolanos fuera del país. **Organización de las Naciones Unidas**. Suiza: 21 mayo 2019a.

Disponible en: https://news.un.org/es/story/2019/05/1456331. Acceso en: 13.05.2020.

ONU. Conselho de Segurança não aprova duas propostas de resolução sobre Venezuela. **Organización de las Naciones Unidas**. Suiza: 28 fev. 2019b. Disponible en: https://news.un.org/pt/story/2019/02/1662342. Acceso en: 14.05.2019.

ONU. Informe de la Oficina de las Naciones Unidas para los Derechos Humanos sobre Venezuela insta a adoptar de inmediato medidas para detener y remediar graves violaciones de derechos. **Organización de las Naciones Unidas**. Suiza: 4 jul 2019c. Disponible en: https://www.ohchr.org/SP/NewsEvents/Pages/DisplayNews.aspx?NewsID=24788&LangID=S. Acceso en: 10.05.2020.

ONU. ¿Qué ha pasado en Venezuela desde la visita de Michelle Bachelet? **Organización de las Naciones Unidas**, Derechos Humanos, Alto Comisionado. Suiza: 9 sep. 2019d. Disponible en: https://news.un.org/es/story/2019/09/1461792. Acceso en: 14.05.2020.

PASSOS, Rogério Duarte Fernandes dos. **A cooperação entre Venezuela e Irã: um conceito socialmente construído na sociedade internacional ou uma alternativa ao desenvolvimento?**. Rev. de Informação Legislativa. Brasília: v. 43, n. 169, p. 233-243, jan./mar. 2006. Disponible en: http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/92300. Acceso en: 14 mayo 2020.

ROMERO, Carlos A. Crisis **Política y transiciones en Venezuela**. São Paulo: Cadernos Prolam/USP v. 14, n. 27, p. 64-87, dic 2015. Disponible en: https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2015.105331. Acceso en: 15.05.2020.

SÁNCHEZ-VALLEJO, Maria Antonia. "Irán puede convertirse en otra Venezuela si el régimen no escucha al pueblo". **El País**, 8 mayo 2018, sección Internacional. Disponible en https://elpais.com/internacional/2018/05/07/actualidad/1525714793_825522.html. Acceso en: 14.11.2019.

SEMANA. El fantasma del castrochavismo. Colombia: 6 oct. 2017. Disponible en: https://www.semana.com/nacion/articulo/colombianos-creen-que-el-pais-se-puede-convertir-en-venezuela/528035. Acceso en: 6.11.2019.

SILVA, Camila Rodrigues da. **Migrações Venezuelanas**. Rosana Baeninger e João Carlos Jarochinski Silva (Coord.). São Paulo: Unicamp, 2018.

SOBRAL, Lucía. **Somalia: 25 años de lucha**. Anuario en Relaciones Internacionales 2017 del Instituto de Relaciones Internacionales de la Universidad Nacional de La Plata: 2017. Disponible en: http://www.iri.edu.ar/wp-content/uploads/2017/09/A2017africaArtSobral.pdf. Acceso en: 10.05.2020.

STEIN, Eduardo. Situação de refugiados e migrantes venezuelanos precisa de maior atenção global. **Nações Unidas**, 2 sep. 2019. Disponible en

https://nacoesunidas.org/artigo-situacao-de-refugiados-e-migrantes-venezuelanos-precisa-de-maior-atencao-global/. Acceso en: 20.11.2019.

TEIXEIRA JÚNIOR, Augusto W. M.. **Geopolítica e Postura Estratégica da Rússia na Crise da Venezuela**. Centro de Estudos Estratégicos do Exército: Vol 14, set/nov 2019. Disponible en: https://www.researchgate.net/publication/337427917_Geopolitica_e_Postura_Estrategica_da_Russia_na_Crise_da_Venezuela. Acceso em: 10.05.2020.

TORRES CAZORLA, María Isabel. **El derecho de veto en el Consejo de Seguridad de Naciones Unidas: la historia de la válvula de seguridad que paralizó el sistema**. ACDI - Anuario Colombiano de Derecho Internacional. Colombia: v. 1, oct. 2008, p. 49-88. Disponible en: https://revistas.urosario.edu.co/index.php/acdi/article/view/125. Acceso en: 13.05.2020.

BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

"*BRACHILENOS*" E OUTROS CASOS: A IMIGRAÇÃO BRASILEIRA A SANTIAGO (CHILE) POR RAZÕES DE AFETIVIDADE

"BRACHILENOS" AND OTHER CASES: THE BRAZILIAN IMMIGRATION TO SANTIAGO (CHILE) FOR AFFECTIVE REASONS

"BRACHILENOS" Y OTROS CASOS: LA INMIGRACIÓN BRASILEÑA A SANTIAGO (CHILE) POR RAZONES DE AFECTIVIDAD

Iuri Pieroni de Lima[1]
Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Resumo: Esta pesquisa tem como finalidade explorar e descrever aspectos da imigração brasileira para Santiago do Chile a partir da década de 1970 até a atualidade. Dentro das análises disponíveis sobre o fenômeno migratório, o recorte dado é com imigrantes que possuem laços parentais ou tenham relações afetivas estáveis com cidadãos chilenos. O objetivo é entender as características desse tipo de migração por meio do relato das experiências dos próprios sujeitos migrantes, na perspectiva de dar voz às suas problemáticas. São incorporados na análise também casos de descendentes de brasileiros que foram perseguidos e presos pela ditadura militar chilena. A pesquisa é qualitativa, com método bola de neve, com observação participante e entrevistas no modelo de relato de vida. No desenvolvimento teórico é apresentada revisão de literatura dos estudos migratórios abordando temas como identidades nacionais, feminização das migrações e discriminação racial.

Palavras-chave: Migrações Internacionais, Imigração Brasileira, Migração Sul-Sul, Migrações afetivas, Casamentos mistos.

Abstract: This research aims to explore and describe aspects of Brazilian immigration to Santiago de Chile from the 1970s up the present. Within the available analyzes on the migratory phenomenon, the focus of this research is on immigrants who have parental ties or have stable affective relationships with Chilean citizens. The objective is to understand the characteristics of this type of migration through the report of the

[1] Formado em Serviço Social, mestre em Ciências Sociais pelo Departamento de Estudos Latinoamericanos da Universidade de Brasília, doutorando da Universidade Nova de Lisboa. *E-mail:* iuripieroni@gmail.com

experiences of the migrant subjects themselves, in the perspective of giving voice to their problems. The article also includes the cases of Brazilian descendants who were persecuted by the Chilean military dictatorship. The research is qualitative, with snowball technique, through participant observation and interviews in the life story model. The theoretical development was posed by reviewing the literature with migration studies on national identities, feminization of migrations and racial discrimination.

Key words: International migrations, Brazilian immigration, South-South migration, Affective migrations, Intermarriage.

Resumen: La investigación tiene como finalidad exponer y describir aspectos de la inmigración brasileña a Santiago de Chile desde la década de 1970 hasta la actualidad. Dentro de los análisis a los cuales se tiene acceso sobre el fenómeno migratorio, se utilizaron las estadísticas de inmigrantes que poseen lazos parentales o relaciones afectivas estables con ciudadanos chilenos. El objetivo es comprender las características de este tipo de migración por medio de relatos de experiencias de los propios migrantes, con la finalidad de darles voz a sus problemáticas. Además se incluyen casos de descendientes de los brasileños que fueron perseguidos y presos por la dictadura militar chilena. La investigación es cualitativa y abordada con el método bola de nieve, a través de observación participante y entrevistas en el modelo relato de vida. El desarrollo teórico fue planteado mediante la revisión de literatura con los estudios de migración acerca de las identidades nacionales, feminización de las migraciones y discriminación racial.

Palabras claves: Migraciones internacionales, Inmigración brasileña, Migración Sur-sur, Migraciones afectivas, Matrimonio mixto.

DOI:10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.168319

Recebido em: 29/03/2030
Aprovado em: 28/07/2020
Publicado em: 01/07/2020

1 Introdução

Este artigo foi formulado visando a divulgação da síntese da pesquisa de mestrado realizada sobre a imigração brasileira a Santiago do Chile. A pesquisa foi feita entre os anos de 2015 e 2017, com seis meses de trabalho de campo. O recorte dado a este artigo é realizado para dar visibilidade a uma das questões migratórias abordadas na pesquisa, relacionada a motivos de laços afetivos, em que o fator determinante para o ato de migrar sejam as relações amorosas ou parentais com cidadãos nacionais.

A partir das características do fenômeno migratório contemporâneo percebemos uma intensidade nas relações afetivas entre os imigrantes e as populações locais. O avanço nos meios de comunicação, a facilidade de mobilidade entre alguns países, a diminuição dos custos financeiros de transporte e a proximidade cultural são alguns dos motivos que tornaram as relações afetivas umas das principais causas migratórias atuais, em conjunto com as migrações laborais e as forçadas devido a contextos de violência.

Contudo, as razões do aumento desse tipo de migração não se limitam aos motivos acima mencionados. Há variáveis que possuem maior valor subjetivo entre as quais podemos destacar: expectativa por melhores condições de vida (segurança, educação, saúde), novas experiências, busca de independência financeira e pessoal, rearranjos familiares, questões amorosas, entre outras.

Nas últimas décadas, o Chile se tornou o principal pólo atrativo migratório da região latinoamericana. Entre os anos de 1990 e 2013, foi o país sul-americano que mais aumentou o número de imigrantes, alcançando 291.000 pedidos de residência temporal (Arriagada Luco, 2014). Segundo Carolina Stefoni (2011), essas migrações caracterizam um novo padrão migratório no país, trata-se de pessoas em busca de trabalho, provenientes de países vizinhos e se concentram na região metropolitana de Santiago. Entre outras características do fluxo migratório recente ao Chile se destacam: inserção segmentada ao mercado de trabalho, crescente diversificação dos países de origem, feminização da migração, e concentração em idade laboral (Stefoni, 2011).

Ainda que diferentes estudos sobre a imigração latino-americana ao país apontem que o principal fator gerador desses fluxos migratórios seja a busca de melhores condições financeiras, a migração por afetividade também tem importância enquanto fenômeno social, uma vez que perpassa por questões de desigualdade de poder, identidades nacionais, gênero e raça (Cano; Soffia, 2009; Stefoni, 2011; Arriagada Luco, 2014).

Especificamente sobre a imigração brasileira ao Chile e vice-versa verifica-se que historicamente o Brasil apresenta um maior número de imigrantes chilenos do que o Chile de brasileiros. Baeninger (2003) traz informações a partir dos dados do IMILA/CELADE (2000) que em 1960 o Brasil contava com 1,4 mil chilenos, subindo para 17,8 mil em 1980 e 20,4 mil na década seguinte. Desses dados, chama a atenção o pico de entradas de chilenos no Brasil durante as década de 70 e 80 concomitante ao período do regime militar; já no início dos anos 90, as entradas anuais decresceram. De acordo com o censo brasileiro de 2010, o número de chilenos residentes no Brasil foi de pouco mais de 15 mil indivíduos.

Em comparação a outros países da região é certo que Chile e Brasil não possuem um histórico migratório expressivo. Se analisarmos os dados oficiais de brasileiros no Chile (desconsiderando os indocumentados), de acordo com IMILA/CELADE, constam apenas 930 em 1970, subindo para 2.076 em 1982 e chegando a 4.610 em 1992. Segundo esse banco de dados, em 1990, dos 114.597 estrangeiros que viviam no Chile, 66.259 eram latino-americanos, e somente 4.610 brasileiros, o que representavam 6,96% do total latino-americano no país.

Na década seguinte, segundo o Anuário Estatístico de Migraciones en Chile 2005-2014 (DEM, 2016), a taxa percentual de brasileiro no país veio diminuindo durante esse período. Em 2005, esse grupo representava 3,8% dos imigrantes no país, caindo para 3,2% em 2010 e depois para 3,0% em 2014. Segundo o Anuário, a região que mais recebe esses imigrantes é a região metropolitana de Santiago, representando 61,5% dos recebimentos.

Em números absolutos, no ano de 2008, a quantidade de brasileiros no Chile, segundo dados do Consulado do Brasil em Santiago, foi de 9.200, subindo para 12.196 em 2015. O aumento de pouco mais de 3.000 segue a situação em outros países da região, na medida em que cresce também a quantidade de imigrantes brasileiros em países como a Colômbia, o Paraguai, a Bolívia e o Equador. Entre os países sul americanos, a quantidade de imigrantes brasileiros decaiu, principalmente, na Argentina e na Venezuela (MRE, 2016).

Apesar do cenário atual, entre as décadas de 1970 e 80, o Chile não se configurava como um país destino na região. Isso devido à crise econômica ocasionada, em parte, pela inserção de políticas neoliberais e pelos esforços em modernizar os setores produtivos durante os anos de regime militar. No campo político e social, as ações agressivas e autoritárias do regime militar também explicam a saída/expulsão de jovens insatisfeitos com os rumos do país. Com a transição ao regime democrático, a partir da década de 90, aumentam os fluxos migratórios ao Chile, acompanhado de crescimento econômico, fruto do investimento estrangeiro e do desenvolvimento nacional (Araújo; Legua; Ossandón, 2002; Cano; Soffia, 2009).

O Brasil, entre o período de 1969 a 1974, estava sob o comando do General Emílio Médici, considerado um dos períodos mais agressivos da ditadura militar no país, com aumento da perseguição política e violência. No início desse período o Chile era governado pelo presidente Salvador Allende, democraticamente eleito e de tendência humanitária, que oferece asilo político a parte dos brasileiros considerados dissidentes políticos pelo regime Médici, assim como a outros cidadãos latino-americanos que viviam realidades parecidas, a exemplo dos uruguaios. Com isso surge uma primeira onda de fluxo migratório brasileiro ao Chile, devido à situação política da região (Muñoz, 2010).

Com o golpe civil-militar de Augusto Pinochet no Chile, em setembro de 1973, muitos dos brasileiros que haviam recebido auxílio do governo de Allende são presos, perseguidos, torturados e deportados. Ao mesmo tempo, ocorre um aumento da imigração chilena ao Brasil, o que pode ser explicado pelas perseguições e exílios protagonizados pelos militares chilenos, como também a todo um conjunto de causas- sociais, econômicas, culturais - relacionadas a períodos autoritários e de tensão social. Esse panorama torna-se essencial para a criação de um elo de relações familiares que resultou na geração de descendentes binacionais entre esses dois países.

Ainda que os fatores econômicos sejam fundamentais para o entendimento dos fluxos migratórios de brasileiros ao Chile, a temática se direciona para os fatores sociais e a rede de interação afetiva (relacionamentos afetivos e familiares). Nesse recorte, um ponto fundamental é a abordagem das *redes migratórias*, explicadas aqui nas palavras de Douglas Massey et al. como:

> O conjunto de relações interpessoais distribuída entre amigos, parentes e compatriotas dos migrantes ou daqueles que regressaram ao seu país de origem. Dentro dessas redes intercambiam informações, assistência financeira e acomodação, oportunidades de emprego, entre outros suportes. Fazendo isso, reduz-se o custo e a incertezas da migração (Massey et al., 2008, p. 48).

As redes migratórias são constituídas de diversas fontes, entre elas: familiares, relacionamentos afetivos, amigos e grupos presente nas redes virtuais (facebook, instagram, etc). Elas são diversas, constituídas tanto por núcleos familiares estáveis como momentâneos, com ou sem situação de matrimônio, com a presença de filhos ou não, e por diferentes níveis de parentesco (pai, mãe, tios/as, avós, etc), relações de amizade, entre outros.

É necessário entender esses vínculos como fatores que motivam a imigração e/ou como determinantes na decisão de permanecer ao país receptor. Nesse caso, a autora Janet Carsten utiliza-se do termo *relatedness* (Carsten, 2000) como oposição ao conceito de parentesco, tão presente na antropologia. O termo proposto por Carsten é mais amplo e melhor utilizado para estudar em perspectiva comparativa. Ao utilizar o conceito se propõe a estudar as concepções e percepções sobre os modos de estabelecer relações afetivas e de estar relacionado, possibilitando melhor comparação transcultural (Rivas, 2009).

Carsten argumenta que estar *relacionado* diverge consideravelmente dentro de cada contexto, a pensar, em comparativos nacionais. A forma de se relacionar possui como variante fatores culturais, logo a relação afetiva entre um casal chinês é substancialmente diferente da que ocorre entre um casal francês, e assim por diante (Carsten, 2000). Nesse sentido, as interações sociais dentro de um relacionamento afetivo

entre pessoas de países diferentes possuem características próprias. Um ponto fundamental é que as relações de poder apresentam-se potencialmente desiguais, por exemplo, pela questão da nacionalidade - aquele que estiver em seu país de origem terá, a priori, melhores condições estruturais. Entretanto, não apenas o fator nacionalidade deve ser destacado, fatores como gênero e classe social também atuam como variáveis de poder.

Outra forma de abordagem das relações afetivas através de conjunturas comparativas é definida pelo termo *intermarriage* que caracteriza o fenômeno de casamentos entre pessoas de realidades distintas, podendo ser de diferentes grupos raciais, classes sociais, religião ou países. O conceito mostra-se pertinente uma vez que os processos envolvidos nesse fenômeno têm relação com o debate de integração, pois ao se promoverem casamentos mistos binacionais geram-se maiores oportunidades de integração. Por esse motivo, "intermarriage tem sido argumentado por ser um dos mais importantes testes para determinar a estrutura societária e por expor as fronteiras sociais" (Rodríguez-García 2015, p.9).

Outra abordagem importante é relacionada ao enfoque sobre a imigração feminina. Mesmo que não se aborde diretamente o assunto da violência, muitos dos estudos migratórios internacionais que trazem a temática de gênero avançam no intuito de dar maior visibilidade e protagonismo ao coletivo imigrante feminino e a outros grupos invisibilizados, a exemplo dos LGBTs. Este viés tem sido abordado principalmente por estudiosas das teorias feministas, que percebem no campo um importante espaço de luta acadêmica e social no que diz respeito às especificidades de gênero nos fluxos migratórios, ou seja, das diferenças vivenciadas entre os imigrantes definidas pelo gênero. Em linhas gerais, a abordagem de teorias de gênero visa rever o tratamento dado ao gênero feminino como coadjuvantes no fenômeno migratório (Weinberg, 1992; Louro, 1995; Vicente, 1999 *apud* Alencar-Rodrigues et al., 2009).

Tais estudos buscam compreender os impactos das migrações por meio das experiências femininas, no que diz respeito ao universo de valores sociais provenientes de sua construção cultural no país de origem em relação à sociedade de acolhida. Sobre isso, Alencar-Rodrigues et al. (2009) analisam as dimensões do fenômeno da *aculturação*, em referência a suspensão da bagagem cultural de indivíduos em processo migratório devido a eventos desencadeados após o contato intercultural. (Berry, Poortinga, Segall & Dasen, 2003 *apud* Alencar-Rodrigues et al., 2009).

Faz-se necessário entender, que a categoria social *mulher imigrante* é elaborada a partir das estruturas de poder que esta mulher carrega em si – em seu caldo cultural - as quais lhe são impostas externamente. Dessa forma, ela reconhece essa identidade em relação a interação com o ambiente sócio-cultural e, dessas interações, aparecem conflitos em seus espaços familiares, sociais e laborais.

Nesse contexto, a identidade do sujeito migrante se torna objeto de análise pois é composta por múltiplas associações tais como: nacionalidade, gênero, classe social e raça. O espaço social de um indivíduo na sociedade contemporânea se baseia na combinação dessas construções identitárias, a depender de como elas são valorizadas por determinada sociedade. Quando se está fora do país de origem, a nacionalidade adquire maior relevância, algo que só ganha destaque pela oposição sujeito nacional / não nacional. Nesse sentido, o entendimento é de que a pessoa só aprende o que é "ser brasileiro" quando está fora do país (Margolis, 2008).

É significativo na literatura migratória o enfoque referente ao estranhamento relacionado aos aspectos culturais. Hein (2012) aborda em sua pesquisa a ideia de distância cultural como uma perspectiva de interpretação subjetiva do indivíduo. Isso quer dizer que, a percepção de pertencimento à sociedade receptora diz respeito à experiência individual do imigrante. A diferença cultural não é um fator objetivo que possa ser medida e comparada entre duas culturas nacionais, pois a percepção de distância cultural é própria da experiência individual, quando ocorre o

confronto entre elementos culturais familiares e estrangeiros. Esse aspecto pode levar a valorização da cultura de origem com consequente desprezo pela cultura receptora e vice-versa (Ward; Bochner; Furnham 2001, Hein 2006, Suanet; Van de Vijver 2009 apud. Hein 2012).

Em relação à metodologia da pesquisa, a etapa de observação participante mostrou-se essencial para entender como é a rotina dos brasileiros em Santiago. Essa técnica consiste na participação ativa do pesquisador com a comunidade em questão, "ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste" (Marconi; Lakatos, 2012:79). A ideia é que o pesquisador vivencie experiências das quais o coletivo participante também vivencie. É uma proposta de inclusão, de imersão do pesquisador no ambiente da comunidade investigada. Nessa pesquisa, devido à posição de pertencimento do pesquisador com o coletivo estudado, o processo ocorreu de forma *natural*[2].

Foram realizadas, ainda, entrevistas em profundidade com a utilização de relato oral, gravada e autorizada. Da totalidade de dezesseis entrevistas, doze foram utilizadas na produção deste estudo e quatro excluídas por terem como motivação migratória exclusivamente a questão laboral (Figura 1). Uma das entrevistadas apresentou como motivação tanto a questão laboral como a afetiva sendo por isso incluída neste estudo. Os participantes são majoritariamente do gênero feminino, com apenas um homem no grupo, inserido na categoria 'fatores políticos'.

[2] Termo em oposição ao termo *artificial,* que segundo Marconi e Lakatos é quando o pesquisador tem que integrar em um grupo onde ele tem que obter informações externas a sua vivência pessoal (Markoni e Lakatos, 2012:79).

Figura 1 – Motivos para a imigração.

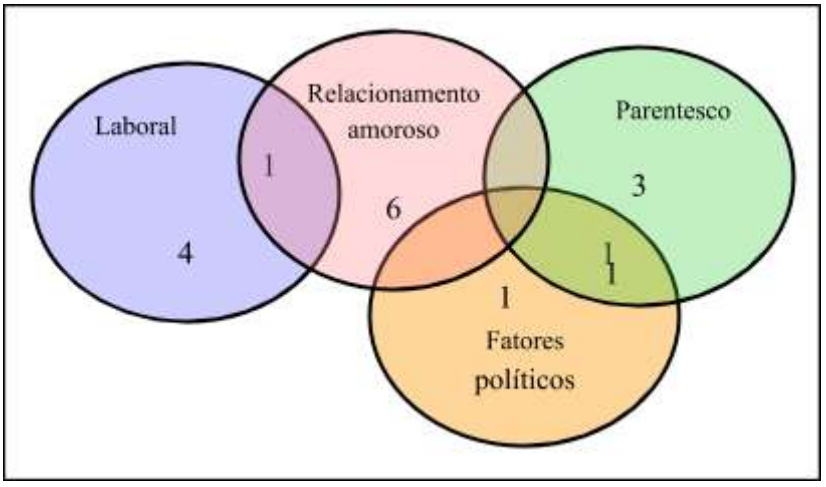


Figura feita pelo autor.

Os participantes foram selecionados pela técnica *Bola de Neve* ou *Snowball,* que consiste em um tipo de recrutamento em cadeia, em que após entrevistar um indivíduo, este indica algum de seus conhecidos que possuem o perfil da pesquisa, e assim sucessivamente (Baldin; Munhoz, 2011).

2 Desenvolvimento

No contexto migratório familiar, para referenciar os filhos binacionais entre brasileiros e chilenos, utilizamos o termo "*brachilenos*", termo cunhado por eles próprios, que diz respeito às pessoas que possuem linhagem familiar entre as duas nacionalidades. De fato, o termo faz mais referência aos casos em que esses sujeitos possuem traços culturais claros dos dois coletivos, que podem ser: fluência nos idiomas português ou espanhol; conhecimento de ambas as tradições culturais, musicais, danças, etc; famílias nos dois países, entre outros.

No geral, essa categoria é identificada como algo positivo, uma vez que os *brachilenos* possuem a documentação legal para residir no país, uma família que lhes asseguram maior estabilidade psicológica e material e transitam entre as duas culturas. Eles sentem orgulho dessa condição,

mesmo que constantemente reclamem de problemas de adaptação em ambos os países e de diferenças culturais incômodas. Em geral, suas redes migratórias são mais estáveis, mais firmes, o que ocasiona uma sensação de pertencimento àquele país.

Assim, mesmo que a relação familiar seja de fato um dos caminhos na promoção de uma maior integração ao país receptor, a identidade nacional para os filhos binacionais é citada como uma questão emotiva e geradora de algumas dificuldades. Passaremos a descrever os casos entrevistados:

Flora chegou em Santiago em 1997, filha de uma mãe brasileira com um pai chileno. Ela relata que veio à cidade devido à transferência de emprego de seu pai, quando ainda era adolescente. Segundo ela:

> Acho incrível minha binacionalidade, aproveito ela muito, como estudei aqui no Chile e lá no Brasil tenho uma bagagem cultural muito rica e na verdade adoro ter o coração dividido, viver diferentes experiências, mesmo que isso seja doloroso em alguns momentos.

Rafaela, que chegou ao Chile na adolescência, se refere ao termo "*brachilena*" quando aborda sobre a sua identidade mista. O termo foi dito de forma espontânea, não tendo sido citado pelo pesquisador em nenhum momento da entrevista. De certa forma, o termo consegue dar significado ao seu sentimento de pertencer e não pertencer às duas culturas completamente, dando-lhe uma terceira identidade, com pontos distintos.

> Nem todo mundo entende do jeito que a gente vê, e muitas vezes me acontece que eu não consigo compartilhar essas experiências porque ninguém tem a visão que eu tenho de ser brasileira e chilena. Às vezes compartilho coisas com amigos brasileiros e eles também não entendem direito mas não é que seja minha parte chilena, é minha parte *brachilena,* então às vezes você se sente meio que "ninguém entende as coisas da forma que eu entendo"

No caso de Rafaela, sua relação com os dois países perpassa pelo tema da ditadura militar. Ela conta que seu pai, brasileiro, foi inicialmente perseguido pela ditadura militar brasileira, motivo pelo qual se mudou para Santiago em 1972. Nesse mesmo ano conheceu sua futura esposa chilena

e, em 1973, com o golpe militar no Chile, ele vai preso no Estádio Nacional, em Santiago.

Semelhante ao caso de Rafaela é o de Raul. Sua avó, Anatailde Crêspo de Paula, chegou a Santiago em 1971, acompanhada de dois filhos, e vivia em uma casa na zona central da cidade. Trabalhava em uma fábrica de livros de tendência socialista, que mais tarde se tornaria conhecida por ter sido um importante local de produção e divulgação de materiais políticos. Anatailde é presa assim que o golpe é instaurado, em setembro de 1973. Seus filhos e sua mãe conseguem chegar até a embaixada da Suécia – na época um refúgio para os dissidentes políticos. É levada em um ônibus, junto com outras pessoas, para o Estádio Nacional sem direito a nenhuma informação sobre o que estava ocorrendo e nenhum contato externo. No cárcere, é interrogada por soldados do exército brasileiro demonstrando cooperação entre os regimes militares, parte da estratégia de tortura psicológica, em que foram feitas diversas ameaças de morte, inclusive com simulação de fuzilamento. Ao final, consegue um visto de retirada do país junto ao embaixador da Suécia. Seu neto Raul vive atualmente em Santiago devido a uma bolsa para cursar a universidade chilena, direito adquirido aos parentes dos perseguidos políticos do regime Pinochet. Além disso a história familiar envolvida com o Chile lhe trouxe motivação pessoal.

Há também situações onde o envolvimento com a ditadura é mais sutil, como conta Francisca sobre seu pai chileno, oficial da marinha que durante os anos 80 desembarcou no Rio de Janeiro desertando do cargo. Perguntado a Francisca se a ditadura foi o motivo de seu pai não voltar ao Chile, ela respondeu: “não sei porque ele não voltou, eu sei que ele ligou para minha vó pedindo roupas e dinheiro porque do Rio [de Janeiro] não sairia mais”.

Em busca de indícios para a reconstrução histórica do fluxo migratório brasileiro na sociedade chilena, a brasileira Sandra fornece um relato oral sobre sua percepção desde que foi morar em Santiago, em 1994. Segundo Sandra, houve três ondas diferentes de imigração brasileira ao

país. Inicialmente havia o grupo de "*madames diplomáticas*", mulheres ricas casadas com políticos ou gente do corpo diplomático, que possuíam prestígio social e influência local. Sandra afirma haver proximidade entre elas com a realização de eventos sociais, entre eles um chamado 'Aquarela do Brasil', que era basicamente um 'chá das brasileiras' voltado para o recebimento das conterrâneas que chegavam na cidade, assim como para fornecer apoio. E completa: 'nesse grupo muita gente me ajudou'.

Na visão de Sandra, o segundo fluxo foi parecido, mas desta vez composto por mulheres casadas com empresários, que também possuíam dinheiro e um alto status social. O terceiro movimento ocorreu em torno do ano de 2005 devido ao interesse no movimento cultural 'axé'. Para ela, foi quando se popularizou o fluxo, isso é, pessoas de baixo poder aquisitivo chegaram ao país. Citou como exemplo a vinda de nordestinos que vendiam redes na rua. Criou-se, assim, uma segmentação entre os brasileiros ricos, de posições políticas de direita, e pessoas populares.

De fato, no final dos anos 90, o estilo 'axé' de música brasileira ficou popularizados no Chile e ganhou forte repercussão nacional. Desde então, muitos brasileiros ganham seu sustento econômico através de manifestações da cultura brasileira. O que é valorizado é uma cultura brasileira padrão, com estereótipos marcados. Os brasileiros entrevistados relataram conhecimento sobre uma identidade nacional "forjada", e muitos se reconhecem nela, e mesmo entre aqueles que não se reconhecem, a priori, afirmam não hesitar em utilizá-la como estratégia consciente para usufruto dos benefícios provenientes dessa imagem.

Uma dessas pessoas é Tássia, brasileira de Pernambuco, que conheceu seu atual marido chileno em turismo no Brasil e migrou para Santiago. Vive na cidade desde 2004 e diz que seu primeiro trabalho foi como dona de uma loja financiada pelo seu marido. Contudo, a loja não deu certo e ela, que já era dançarina profissional no Brasil, começa a trabalhar como dançarina de samba. Quando perguntada sobre o interesse do público chileno em relação à cultura brasileira, relata: "graças a Deus fui sempre muito bem aceita, agora nem tanto, devido à crise, não

sei, a economia tá um pouco mais baixa de show, mas antes eu trabalhava todos os dias. Trabalho para todo mundo, para quem me contratasse, a grande massa chilena, casamento chileno, graduação dos *niños*, todos os lugares que me agendavam eu ia. Eu ia para sambar, fazer show, animar, carnaval. Vai junto os batuqueiros e as baianas".

As características do fluxo migratório de mulheres brasileiras de alto poder aquisitivo a Santiago, seguido por outro fluxo incentivado pelo *axé music*, proveniente principalmente da região nordestina brasileira e associado a um baixo status social, sugerem a formação de diferentes segmentos do mesmo fenômeno migratório, separados por aspectos econômico, políticos, regionais e culturais. Desta forma, a nacionalidade brasileira por si só não é um fator aglutinador, pois há outros condicionantes entendidos como símbolos de distinção social que levam à segregação. Ao compararmos o fluxo de mulheres ricas casadas com chilenos ou devido à transferência profissional de seus cônjuges com o fluxo popular, o processo de segregação se torna mais claro. É sugerido pela entrevistada que, com a popularização e intensidade da imigração brasileira ao Chile, os grupos e redes se tornam mais seletivos e individualistas.

Os aspectos da vulnerabilidade feminina em contexto migratório permeiam o ambiente familiar, social e laboral da mulher, gerando situações em que se pode observar processos de aculturação, quando a bagagem cultural e pessoal acumulada ao longo da vida no Brasil deixa de ser relevante ou é menosprezada pelas pessoas do seu convívio. Esse fenômeno mostra que o *casamento misto* possui outras dimensões para além do discurso da integração, ou mesmo uma integração parcial.

Sobre o tema, a entrevistada Sandra conta que foi a Santiago para fazer um curso, onde conheceu seu atual marido chileno, se mudou para a cidade e teve dois filhos. Quando questionada sobre a proximidade destes com o Brasil, ela afirmou ser pouca. Seu marido não fala português e não tem interesse em aprender. Seus filhos também não falam português, e segundo afirma "posso obrigá-los a escutar português, mas não posso

obrigá-los a falar". Disse não haver interesse de seus filhos pela cultura brasileira, e em suas palavras: "às vezes acho que eles prefeririam ter uma mãe chilena".

Dos relatos das entrevistadas, depreende-se que a desigualdade de poder dentro de uma relação afetiva envolvendo casamentos mistos está na dificuldade que a mulher sente em participar com sua cultura e seu idioma no âmbito do espaço familiar. Tratamos como uma integração parcial, da qual a mulher mesmo galgando espaços dentro da sociedade receptora não se sente integrada em posição de igualdade em seu espaço de convívio íntimo.

Segundo Janaína, paulista que mora em Santiago com seu esposo chileno, no ambiente laboral a condição de mulher imigrante é fator de conflitos. Conta que um dia, em seu trabalho, necessitou ir a um bairro periférico para realizar uma entrevista com um líder comunitário. Ao chegar ao local sentiu-se insegura devido à condição precária do bairro e diz ter se sentido coagida pelo entrevistado, por isso não concluiu o serviço e voltou antes do previsto para a empresa onde trabalha. A equipe de trabalho e o chefe a repreenderam e Janaína diz temer pela sua demissão. Conta que sua vida profissional sofreu grande impacto depois dessa situação, pois passaram a considerá-la uma pessoa fraca, deixaram de solicitar trabalhos externos e passou a ser alvo constante de piadas e comentários envolvendo sua condição de mulher e imigrante. Janaína diz entender que algo dessa natureza poderia ocorrer a qualquer pessoa que efetue esse tipo de trabalho, e que é dever da empresa garantir a segurança de seus funcionários.

Em casos como esse há uma associação de aspectos de gênero e nacionalidade para justificar uma suposta falta na atividade profissional. Devido à sua posição como mulher imigrante podemos inferir uma dupla condição associada à sensação de insegurança, e o porquê de seus companheiros de trabalho não assegurarem legitimidade em sua ação e discurso. Em sua percepção, estava vulnerável em um bairro desconhecido e periférico e isso a colocava em uma situação de perigo em potencial, mas

as pessoas de seu trabalho não vivenciam socialmente esses mesmos medos, e tampouco lhe conferem relevância. Assim, a condição de imigrante e de gênero começa a ser vista pela empresa como uma desvantagem para exercer determinado cargo profissional.

Nesse contexto, há casos de denúncias de mulheres que migram com a expectativa de melhoria de sua qualidade de vida mas que podem vir a ser violentadas física e psicologicamente. Na ausência de apoio familiar e de uma rede solidária, algumas mulheres passam por graves problemas pessoais. Em 2015, chamou a atenção o caso de uma brasileira nacionalizada chilena, Elvira Maria Rodriguez López, assassinada pelo namorado chileno Américo Javier Cisternas León depois de uma discussão[3] .O caso foi enquadrado pelas autoridades chilenas como crime de feminicídio.

Em entrevista, um funcionário do consulado brasileiro em Santiago afirmou ter conhecimento de casos em que mulheres brasileiras são vítimas de violência doméstica, mas a recomendação é que elas busquem apoio entre as próprias instituições chilenas. O funcionário ressaltou que o Consulado oferece serviço de apoio jurídico e social aos brasileiros de forma gratuita. Entre esses casos, diz que o mais comum é de mulheres que estão preocupadas com seus filhos, já que, sem autorização de ambos (pai e mãe), os menores não podem deixar o país.

Michele, uma brasileira que conheceu seu marido fazendo doutorado na Espanha, após o término dos estudos decidiu morar com ele no Chile e tiveram dois filhos. Depois de alguns anos, se separaram. Desabafa: “sinto muita saudades do Brasil, queria muito voltar a morar lá, porém me sinto uma exilada, não posso voltar a morar no Brasil”. Quando perguntado o motivo, afirmou: “meu ex-marido jamais me daria permissão para levar meus filhos, e não vou a lugar algum sem eles”.

[3] Informação publicada em 22/07/2015 no jornal chileno “Cooperativa” sob o título “PDI detuvo a presunto autor del quinto femicidio de 2015”. Disponível em http://www.cooperativa.cl/noticias/pais/policial/femicidio/pdi-detuvo-a-presunto-autor-del-quinto-femicidio-de-2015/2015-02-07/110639.html

Conforme legislação internacional - Convenção de Haya - menores de idade só podem sair do país com autorização de ambos os pais, caso contrário, podem ser enquadrados por tráfico internacional de menores. A Secretaria de Políticas para as Mulheres no Brasil tem atuado na tentativa de assegurar que mulheres em perigo ou em situações de violação de seus direitos em outros países possam conseguir permissões de volta para o Brasil acompanhadas de seus descendentes.

O apoio para o imigrante pode vir dos espaços de convívio entre os próprios brasileiros, com a formação de grupos e redes que servem para troca de experiências, indicação em vagas de trabalho, suporte emocional, etc. Esses espaços podem ser locais como bares e restaurantes, associações políticas (brasileiros de esquerda no Chile), espaços de dança como capoeira, ou mesmo por grupos na internet (facebook, instagram). Essas redes entretanto não são isentas de conflitos, e encontrar os conterrâneos pode ser o meio mais comum de socialização entre os imigrantes, mas também é fator de embates. O valor desses encontros e desses locais para a comunidade brasileira é, no geral, visto como algo positivo e todas as participantes da pesquisa, em alguma medida, usufruem desses espaços. Relataram em diversos momentos o sentimento de saudades do Brasil e do modo de vida do povo brasileiro, mesmo que acompanhado por críticas.

> Reencontrei pessoas da minha própria região e conheci gente de outras partes do Brasil. Isso me ajudou a diminuir um pouco o saudosismo pátrio. Claro que nem tudo foi flores, já tive mais problemas com compatriotas aqui em Santiago que com os próprios chilenos. Verdade seja dita (Ana, brasileira, 35 anos).

No tocante à discriminação sofrida por brasileiras em Santiago, as reclamações seguem relativas ao assédio e a ofensivas raciais. A exotização da brasileira é considerada uma inconveniência e é destacada pelas entrevistadas do gênero feminino. Isso ocorre principalmente porque a sexualização é vista por elas como algo perigoso e agressivo, representando um risco para sua segurança. Muitas relatam o assédio

como o principal problema no Chile e alegam que o estereótipo da brasileira sexualizada intensifica esse fator.

Sofia, mulher negra que chegou ao Chile em 2010, denunciou o racismo sofrido por ela e diz que, em vários momentos, se depara com situações constrangedoras e agressivas. Relata algumas de suas experiências: um grupo de mulheres que reclamam próximo a ela da "invasão imigrante"; de um senhor que manda beijos em um vagão do metrô enquanto ela volta para casa; ou de um funcionário do governo que, quando solicitado para realizar um trâmite burocrático, insere no atendimento uma série de obstáculos adicionais para efetuar o serviço, reclamando constantemente do aumento dos imigrantes latino-americanos no Chile. Afirma que existe um recorte racial forte, uma vez que ela não ouve as mesmas experiências de companheiras imigrantes de pele branca.

Um último tema a ser abordado refere-se aos fatores sociais e é desenvolvido em perspectiva comparativa, em que a identificação brasileira surge em contraponto, na maioria das vezes positivo, aos costumes e cultura da sociedade chilena. Ellen, nascida no Chile, filha de mãe brasileira e pai chileno, relata que do lado materno foi criada dentro da cultura brasileira, na qual considera haver uma mentalidade mais aberta em comparação à cultura chilena, como sendo mais reclusa. Afirma que, sua principal proximidade com a cultura brasileira se deu através da música, e diz conseguir identificar e transitar entre as duas culturas (brasileira e chilena), pois para ela os aspectos das duas são muito distintos.

Para a entrevistada, a identidade nacional é pontuada em questões comportamentais - asseio, simpatia, desinibição - mais do que a aspectos físicos. Esses pontos foram considerados como parte da identidade brasileira, fazendo contraponto ao oposto, dos quais seriam da identidade chilena – pouco cuidado com a estética, antipatia, conservadorismo. Uma outra entrevistada, Francisca, que possui família paterna chilena, completa que sua identidade chilena seria "seu lado chatinho" e que "se eu não tivesse vínculo jamais viria morar no Chile".

3 Conclusão

Nesse artigo, foi apresentado em síntese o resultado da pesquisa de campo sobre imigração brasileira em Santiago do Chile. De acordo com o recorte proposto - laços parentais e relacionamentos afetivos - foram coletados relatos de experiências pessoais que mapeiam as diferentes formas de inserção e percepção próprias do coletivo brasileiro dentro da sociedade chilena.

Sobre o fluxo migratório afetivo brasileiro percebemos uma situação em que o fenômeno é majoritariamente feminino e uma característica desse fluxo está nas migrações femininas em contexto conjugal com nacionais chilenos, assim como da transitoriedade dos filhos de relacionamentos binacionais. Esse dado de pesquisa corrobora com o protagonismo das mulheres sul americanas no fluxo migratório a Santiago do Chile, além disso traz a possibilidade de dar voz a suas histórias, muitas vezes relacionadas ao cotidiano de outras mulheres imigrantes.

Como resultado do trabalho descritivo fornecido em complemento com as análises e as teorias abordadas, concluímos que a afetividade dentro do processo migratório é uma importante categoria de análise, assim como são importantes as relações afetivas na experiência migratória coletiva. Por exemplo, os participantes brasileiros que foram entrevistados que alegaram estar no país principalmente por questões laborais relataram maior insatisfação pessoal com o país do que aqueles que possuíam vínculos afetivos e familiares com cidadãos chilenos.

Tanto os elogios como as críticas foram feitas muitas vezes em caráter comparativo com a sociedade chilena, sendo os principais temas destacados a segurança, os relacionamentos pessoais e os aspectos culturais de cada sociedade.

A relevância da relação histórico política do período de ditadura militar de Augusto Pinochet e da ditadura militar brasileira foi encontrada

durante o trabalho de campo, sendo reconhecida como um fator importante da trajetória migratória entre os dois países. Nesses casos, os relatos se misturam com fatores afetivos, seja de parentesco, como de relacionamentos amorosos, o que justifica o escopo da pesquisa.

Como pesquisa futura, vejo relevante abordar o "dilema do retorno" (Espinosa, 1998). Isso porque muitos brasileiros relataram dificuldades, econômicas e psicológicas, para se manter em Santiago, e pouco interesse em continuar por mais tempo no país. Nesse ponto, a fala de um funcionário do Consulado brasileiro entrevistado em Santiago relata que o nível de rotatividade entre os brasileiros no Chile é alto, e que a média de tempo de permanência é de quatro a cinco anos o que, comparado a outros países, é considerado baixo. Uma possível explicação é a percepção dos brasileiros no que diz respeito à má qualidade das políticas trabalhistas e previdenciárias, tornando o Chile um país pouco seguro em caráter de qualidade de vida a longo prazo.

4 REFERÊNCIAS

Alencar-Rodrigues, Roberta; Neves Strey, Marlene; Cantera Espinosa, Leonor. **Marcas do gênero nas migrações internacionais das mulheres**. Psicologia&Sociedade; 21 (3): 421-430, 2009. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822009000300016. Acesso em 24 jun. 2020.

Araujo, Katia; Legua, María Claudia; Ossandón, Loreto. (2002). **Migrantes andinas en Chile**: el caso de la migración peruana, Fundación Instituto de la Mujer, Santiago de Chile, 2002.

Arriagada Luco, Camilo. **Inmigrantes internacionales. Emprendimientos en barrios comerciales de Iquique, Gran Valparaíso y Gran Santiago**. Camilo Arriagada Luco (Org.), Nelson Carroza y Rubén Kaztman. Ceibo Ediciones. Universidad de Chile, Santiago de Chile, 2014.

Baldin, Nelma; Munhoz, Elzira. **Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa snowball (bola de neve).** Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient. ISSN 1517-1256, v. 27, julho a dezembro de 2011. Disponível em: https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3193/1855. Acesso em 24 jun. 2020.

Baeninger, Rosana. **Migração Internacional na América Latina: o caso dos brasileiros**. In.: Políticas Migratórias: fronteiras dos direitos humanos no século XXI. Org. Carlos Eduardo de Abreu Boucault; Teresa Malatian. Rio de Janeiro: Renovar, 2003. Disponível em: https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/BRMundo/pt-br/file/Rosana%20Baeninger.pdf. Acesso em 24 jun. 2020.

Berry, John; Poortinga, Ype; Segall, Marshall; Dasen, Pierre. **Crosscultural psychology: Research and applications**. New York: Cambridge University Press, 2003.

Cano, Verónica; Soffia, Magdalena. **Los estudios sobre migración internacional en Chile: apuntes y comentarios para una agenda de investigación actualizada**. Pap. Poblac. vol.15 no.61 Toluca jul./sep. 2009. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-74252009000300007. Acesso em 24 jun. 2020

Carsten, Janet. **Culture of relatedness, new approaches to the study of Kinship.** University of Edinburgh. Cambridge University press, 2000.

CELADE (Centro Latinoamericano e Caribeño de Demografía). **Migración Internacional en América Latina, IMILA**. Boletín Demográfico, CELADE, n°65, CEPAL, Santiago de Chile, Janeiro, 2000. Disponível em: https://www.cepal.org/pt-br/node/35329. Acesso em 24 jun. 2020.

DEM (Departamento de Extranjería y Migración del Ministerio del Interior y Seguridad Pública). **Anuário Estadístico Migratório 2005 - 2014**. Gobierno de Chile, Santiago, 2016 [en línea]. Disponível em: www.extranjeria.gob.cl. Acesso em 24 jun. 2020.

Espinosa, Víctor. **El dilema del retorno: migración género y pertenencia en un contexto transnacional.** Zamora, Mich. El Colegio de Michoacán, México, 1998.

Hein, Kerstin. **Migración y Transición: hijos de inmigrantes de origen latinoamericano en su transición de la escuela al trabajo en Chile**. Si Somos Americanos vol.12 no.1 Santiago jun. 2012. Universidad de Santiago de Chile, Santiago, Chile. Disponível em: http://dx.doi.org/10.4067/S0719-09482012000100005. Acesso em 24 jun. 2020.

Hein, Kerstin. **Hybride Identitäten. Bastelbiografien im Spannungsverhältnis zwischen Lateinamerika und Europa**. Bielefeld: transcript. 2006. Disponível em: https://www.transcript-verlag.de/978-3-89942-447-8/hybride-identitaeten/. Acesso em 24 jun. 2020.

Louro, Guacira. **Gênero, história e educação: construção e desconstrução**. Educação & Realidade, 20(2), 101-132, 1995. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71722. Acesso em 24 jun. 2020.

Massey, Douglas; Arango, Joaquín.; Graeme, Hugo; Kouaouci, Ali.; Pellegrino, Adela; Taylor, Edward J. **Teorías de migración internacional: una revisión y aproximación**. ReDCE, nº 10, Julio-Diciembre de 2008, 435-478. Disponível em: http://www.derechoshumanos.unlp.edu.ar/assets/files/documentos/teorias-de-migracion-internacional-una-revision-y-aproximacion.pdf. Acesso em 24 jun. 2020.

Marconi, Marina de Andrade; Lakatos, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** 7.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

Margolis, Maxine L. **Brasileiros no estrangeiro: a etnicidade, a auto-identidade e o "outro"**. Rev. de Antropologia. Vol. 51 Nº 1, jan-jun 2008, 283-302. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0034-77012008000100011. Acesso em 24 jun. 2020.

MRE (Ministério de Relações Exteriores). **Estimativas populacionais das comunidades brasileiras no Mundo - 2015.** 2016. Disponível em: http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/Estimativas%20RCN%202015%20-%20Atualizado.pdf. Acesso em 24 jun. 2020.

Muñoz, Heraldo. **A sombra do ditador: memórias políticas do Chile sob Pinochet.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Rivas, Ana Mª Rivas. **Pluriparentalidades y parentescos electivos. Presentación del volumen monográfico.** Revista de Antropología Social. Universidad Complutense de Madrid, 2009. Disponível em: https://revistas.ucm.es/index.php/RASO/article/view/RASO0909110007A. Acesso em 24 jun. 2020.

Rodríguez-García, Dan. **Intermarriage and Integration Revisited: International Experiences and Cross-Disciplinary Approaches.** The Annals of the American Academy of Political and Social Science 662(1):8-36, November 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282946744_Intermarriage_and_Integration_Revisited_International_Experiences_and_Cross-disciplinary_Approaches. Acesso em 24 jun. 2020.

Stefoni, Carolina. **Perfil migratorio en Chile.** Organización Internacional para las Migraciones, OIM. Oficina regional para America del Sur. Buenos Aires, Argentina, 2011. Disponível em: https://red-iam.org/sites/default/files/2018-11/Perfil%20Migratorio%20Chile.pdf. Acesso em 24 jun. 2020.

Suanet, Irina; Fons, Van de Vijver. **Perceived cultural distance and acculturation among exchange students in Russia**. Journal of Community & Applied Social Psychology 19:182-197, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.1002/casp.989. Acesso em 24 jun. 2020.

Vicente, Ana. **As mulheres nos mundos de hoje**. In H. Holanda & M. Capelato (Orgs.), Relações de gênero e diversidades culturais nas Américas. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 2000.

Ward, Colleen; Stephen Bochner; Adrian Furnham. **The Psychology of Culture Shock.** East Sussex, Philadelphia, New York: Routledge. 2001.

Weinberg, Sydney Stahl. **The treatment of women in immigration history: A call for change**. In D. Gabaccia (Ed.), Seeking common ground: Multidisciplinary studies of immigrant women in the United States (pp. 3-22). Westport, CT: Praeger. 1992.

BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

A COOPERAÇÃO FIRMADA POR AUTORIDADES POLICIAIS E A INOVAÇÃO SOCIAL PARA A SOLUÇÃO DE CONFLITOS FRONTEIRIÇOS: O CASO BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA

COOPERATION SIGNED BY POLICE AUTHORITIES AND SOCIAL INNOVATION FOR THE SOLUTION OF BORDER CONFLICTS: THE CASE OF BRAZIL, PARAGUAY AND ARGENTINA

LA COOPERACIÓN REALIZADA POR AUTORIDADES POLICIALES E INNOVACIÓN SOCIAL PARA RESOLVER CONFLICTOS FRONTERIZOS: EL CASO DE BRASIL, PARAGUAY Y ARGENTINA

Michele Vanessa Werner[1]
Marli Renate von Borstel Roesler[2]
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Resumo: O interesse da pesquisa teórica bibliográfica delimita-se no estudo de acordos de cooperação firmados por autoridades policiais em países integrantes do MERCOSUL, quanto ao uso da inovação social em medidas de segurança pública na solução de conflito nas fronteiras, tomando como parâmetro o caso do assalto à corretora de valores Prosegur do Paraguai, no ano de 2017. Foi verificado que a cooperação entre entidades policiais serviu como um importante auxílio no combate ao crime organizado e na maior agilidade do controle transfronteiriço. Além disso, constatou-se que a inovação na área pode ser realizada com êxito nos serviços públicos já consolidados, não apenas na criação de novos modelos como também na implementação e avaliação permanente e

[1] Bacharel em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Dinâmica das Cataratas de Foz do Iguaçu. Especialista em Logística e Comércio Exterior pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Bolsista Demanda Social – CAPES. Pesquisadora do Grupo de Estudo em Políticas Ambientais e Sustentabilidade – GEPPAS/UNIOESTE/CNPQ. *E-mail*: miches_werner@hotmail.com
[2] Dra. em Serviço Social (PUC/SP). Pós-Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Docente no Curso de Graduação em Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (Mestrado) da UNIOESTE/Campus de Toledo, Paraná. Líder do Grupo de Pesquisa em Políticas Ambientais e Sustentabilidade – GEPPAS/UNIOESTE/CNPq. *E-mail* marliroesler@hotmail.com

articulada de políticas públicas nacionais e acordos internacionais. Tais constatações evidenciam o quanto o serviço público ainda pode ser ampliado, preenchendo lacunas e melhorando a segurança à população, como direito fundamental e universal.

Palavras-chave: Inovação Social, Segurança, Tríplice Fronteira, Direitos Fundamentais.

Abstract: The interest of a theoretical bibliographic research is limited to the study of cooperation agreements signed by police authorities in Mercosur countries, regarding the use of social innovation in public security measures for the resolution of border conflicts, taking as a case the assault to the stockbroker Prosegur of Paraguay, in the year of 2017. It was verified that the cooperation among police entities served as an important aid to the fight against organized crime and to increase agility to the cross-border control. In addition, it was found that innovation in the area can be successfully accomplished in public services already consolidated, not only for the creation of new models but also for the implementation and maintenance of articulated evaluation of national public policies and for the international agreements. Such findings show how much the public service can still be expanded, filling gaps and improving security of the population, as fundamental and universal right.

Keywords: Social Innovation, Security, Triple Border, Fundamental Rights.

Resumen: El interés de la investigación teórica bibliográfica se limita al estudio de los acuerdos de cooperación firmados por las autoridades policiales en los países del MERCOSUR, en relación con el uso de la innovación social en las medidas de seguridad pública en la resolución de conflictos fronterizos, tomando el caso del asalto como parámetro. a la corredora de valores Prosegur en Paraguay, en 2017. Se verificó que la cooperación entre las entidades policiales sirvió como una ayuda importante en la lucha contra el crimen organizado y en la mayor agilidad del control transfronterizo. Además, se descubrió que la innovación en el área se puede lograr con éxito en los servicios públicos ya consolidados, no solo en la creación de nuevos modelos sino también en la implementación y evaluación permanente y articulada de políticas públicas nacionales y acuerdos internacionales. Dichos hallazgos muestran cuánto se puede ampliar el servicio público, llenando vacíos y mejorando la seguridad de la población, como un derecho fundamental y universal.

Palabras Clave: Innovación social, La seguridad, Triple frontera, Derechos fundamentales.

DOI:10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.168426

Recebido em: 02/04/2020
Aprovado em: 24/06/2020
Publicado em: 01/07/2020

1 INTRODUÇÃO

Tendo por base que a dinâmica da integração seja principalmente o direito comum de ir e vir de uma região para outra, a segurança na área fronteiriça do Brasil com Paraguai e Argentina torna-se um dos principais dilemas da América do Sul. Os relatos históricos que envolvem essa região revelam que, mesmo pela mídia local, esta é tratada como um território violento, e tem representado pelos dados estatísticos um palco de estratégico tráfico de drogas e de mercadorias. (BORDIGNON, 2016, p. 71-75).

O que chamou a atenção para este caso, no qual é dado enfoque o estudo, foi o episódio no ano de 2017 do assalto à transportadora de valores Prosegur em Ciudad del Este no Paraguai. Naquele momento, o Comando Tripartite se mostrou como um importante recurso articulado frente à violência transfronteiriça.

O Comando Tripartite, segundo Neves, Oliveira e Gimenez (2018, p. 79) "reúne as inteligências do Brasil, Paraguai e Argentina numa rede de informações para o combate ao contrabando". A atuação deste elemento de controle conjunto nas fronteiras representa um mecanismo singular, original e inovador, em razão de ser a primeira cooperação policial[3] entre países numa fronteira na América do Sul.

[3] De acordo com o documento criado pelos países do MERCOSUL, considera-se: "Que a crescente dimensão transnacional dos delitos constitui uma grave ameaça à segurança regional, dificultando a consolidação de um espaço integrado onde prevaleça a ordem e o respeito aos valores democráticos. A vontade política de promover a mais ampla cooperação para o combate a todas as formas de criminalidade que flagelam nossos povos, especialmente aquelas que, por sua natureza e características, requeiram a atuação conjunta dos Estados. Que as ações coordenadas no âmbito deste Foro, desde sua criação, têm sido um instrumento valioso para a consolidação de um MERCOSUL mais seguro, mais harmonioso e mais cidadão. Que é necessário aperfeiçoar os instrumentos de cooperação policial já existente, a fim de reforçar a luta contra o crime organizado transnacional". (MERCOSUL, 2016, p. 1).

Levando em consideração a fragilidade de ações integradas nas medidas de segurança pública dos países da América Latina, a inovação neste âmbito dá-se em tímido progresso. Da mesma forma que as constantes mudanças proporcionadas pela tecnologia acabaram deixando a luta policial contra o tráfico e narcotráfico muito aquém do ideal.

Hoje, a inovação em segurança pública diz respeito aos interesses de toda a sociedade. Conforme argumenta Farfus e Rocha (2007, p. 9):

> Esta nova configuração da relação com a sociedade evidencia a premente necessidade de acabar definitivamente com o mito de que na área social não se inova. A inovação social pode ser definida como um conjunto de processos, produtos e metodologias que possibilita a melhoria da qualidade de vida do outro e diminua as desigualdades. Ou seja, é a contribuição para a sustentabilidade da comunidade e do país.

O investimento e as iniciativas voltados à garantia dos direitos fundamentais e à melhoria das condições de qualidade de vida de uma população, com impactos na redução das persistentes desigualdades, representam um papel social voltado para a sustentabilidade da sociedade. Em outras palavras, na medida em que são articulados projetos de cunho social em fronteiras - conforme o caso demonstrado - a tendência é que os indivíduos venham a aumentar o diálogo, a integração e o desenvolvimento sustentável regional.

Pretendeu-se vincular este estudo aos conceitos de inovação social em medidas de segurança, tendo em vista a relevância do Comando Tripartite para a região integrante do MERCOSUL. Como contribuição da pesquisa, pretende-se demonstrar as possibilidades e os avanços que o Brasil, Paraguai e Argentina poderão vivenciar.

Segundo Porto (2017, p. 9) o fluxo da inovação social representa uma consciência sobre “uma cidadania ativa, mais informada e consciente de seus direitos e responsabilidades na coletividade”. O que isso nos remete é que a inovação social pode alterar o “padrão social”, cuja mudança pode contribuir para a resolução de problemas na sociedade.

Sob tal enfoque, metodologicamente, na pesquisa propõe-se adotar um conhecimento a partir de uma abordagem qualitativa, com revisão

bibliográfica, no intuito de compreender os conceitos que envolvem a inovação social, e a integração entre países no setor estratégico e policial. Além disso, utiliza-se da perspectiva teórica realista para interpretar como o território das fronteiras é tratado pelos Estados diante do acirramento da globalização e o intenso fluxo de pessoas.

Em virtude do que foi mencionado, o estudo do caso objetiva apresentar a relevância do Comando Tripartite como mecanismo estratégico e de inovação social, que consequentemente, também se apresenta como uma contribuição para a segurança e o desenvolvimento local e regional. Diante disso, objetiva-se promover o debate e a reflexão sobre novas estratégias para superação de problemas sociais, tais como o tráfico e a violência.

2 AS DINÂMICAS E OS CONFLITOS NA TRÍPLICE FRONTEIRA: O ESTADO E A SUA INTERFERÊNCIA REGIONAL.

Antes de tudo, parece oportuno resgatar o que Gottmann (2012, p. 523) definiu como território: "Território é uma porção do espaço geográfico que coincide com a extensão espacial da jurisdição de um governo. Ele é o recipiente físico e o suporte do corpo político organizado sob uma estrutura de governo". Isto é, uma área espacial dotada de autonomia e com um sistema político.

O Estado Nacional enquanto entidade territorial política simboliza o maior mecanismo legal de representação de interesses de seus residentes. Em outras palavras, como caracteriza Machado (2000, p. 9) "a determinação e defesa dos limites de uma possessão ou de um Estado se encontram no domínio da alta política ou da alta diplomacia, as fronteiras pertencem ao domínio dos povos". Nesse processo, é claramente visto que, historicamente, as fronteiras se tornaram um motivo de preocupação dos Estados, visando o controle e a ligação com o país.

> Hoje, no entanto, a funcionalidade dessa convergência conceitual deve ser revista frente aos novos agenciamentos do poder político e econômico, e do espaço físico mundial. As manifestações mais em

> evidência dessas mudanças têm sido os agrupamentos funcionais de Estados (Comunidade Europeia, Uniões aduaneiras como o NAFTA, MERCOSUL), a proliferação de organizações internacionais e transnacionais, e as diásporas de povos com nacionalidades compósitas, de outro, as formas de organização em rede, possibilitadas pela revolução tecnológica dos meios de comunicação e informacionais, rápidos em redefinir espaços de transação não coincidentes com o espaço territorial dos Estados nacionais, Precisamente neste momento, quando limites e fronteiras entre Estados soberanos parecem estar numa trajetória de dissolução, é que, em aparente contradição à essa tendência, surge o interesse em discutir de novo o seu papel. (MACHADO, 2000, p. 10-11)

Com efeito, as renovações que aconteceram com o conceito de fronteira nos indicam que o Estado-Nação passou por diferentes transições, principalmente após a emergência da globalização[4]. Em decorrência disso, ao se analisar as consequências sobre o Estado percebe-se a dúvida de variados autores sobre as circunstâncias que este fenômeno proporcionará no século XXI.

Em Borsier (2003, p. 24) encontramos o esclarecimento de que o Estado-Nação vinha passando por uma transformação, e o mesmo afirma que não sabemos qual será o modelo de Estado que será posto até o fim do século XXI, mas provável que seja a integralização. Essa mudança, trará para as fronteiras uma flexibilização, tanto em barreiras físicas, políticas, de pessoas e capitais.

A propósito destas afirmações, Keohane e Nye (1989, p. 3) já diziam que supostamente estaríamos vivendo uma era de *interdependência* na integração. Neste sentido, para os autores o mundo estaria em uma interdependência complexa[5] voltada para o jogo de poder na política

---

[4] "Globalização tornou-se um termo bastante comum na década de 90, geralmente associado às grandes mudanças ocorridas no sistema econômico internacional, resultantes do aprofundamento das relações de interdependência entre diversos atores internacionais (estatais e não-estatais). Embora o impacto econômico tivesse sido mais evidente (porque possível de se quantificar), os efeitos da globalização foram caracterizados por um conjunto de mudanças em diversas áreas, tanto no âmbito econômico quanto no político, social e cultural, cada qual avançando em uma determinada velocidade. Do ponto de vista das Relações Internacionais, essas transformações, embora viessem evoluindo num processo caracterizado pelo aprofundamento do que Keohane e Nye (1989) chamaram de "interdependência complexa", ganham uma nova dimensão com a despolarização do sistema internacional no período pós-Guerra Fria. A mudança do modelo de sistema internacional obrigou, não apenas à reformulação de posturas dos países em relação ao mundo, mas à reformulação dos conceitos que antes o definiam" (RACY; ONUKI, 2002, [s.p.]).

[5] Segundo Keohane e Nye (1989), a Interdependência complexa se basearia em três características: "(1) a primeira afirma que os Múltiplos Canais conectam sociedades. Esses canais são mostrados em três atos: interestatais, transgovernamentais e relações transnacionais, ou seja, qualquer ato bilateral ou multilateral que seja interestatal, transgovernamental ou uma relação transnacional, independente do ator que a exerça, será uma

mundial. Os autores colocam a questão do poder, e de sua capacidade de ampliação pelos países, tanto em teor econômico, tecnológico ou político, em pouco tempo o mundo se tornou mais interdependente. A estrutura de um sistema refere-se à distribuição de capacidades entre unidades. Nos sistemas políticos internacionais, as unidades mais importantes são os Estados; e as capacidades relevantes foram consideradas como seus recursos de poder. [...] A estrutura é, portanto, diferenciada do processo, que se refere à alocação ou comportamento de barganha dentro de uma estrutura de poder (KEOHANE; NYE, 1989, p. 20-21). Em outras palavras, os interesses dos líderes regionais são diretamente ligados por fatores domésticos, no intuito de resgatar a sua soberania e o poder de barganha internacional.

Neste ponto em particular, o *Realismo,* teoria de Relações Internacionais, trata que um dos aspectos dos Estados é a racionalidade. Isto é, "os atores calculam de modo preciso os custos e benefícios de cada uma de suas ações que se voltam sempre em última instância para a busca do poder, como fim em si mesmo ou como meio para atingir outros fins" (SCHERMA, 2012, p. 111). Analisando outro aspecto importante, as fronteiras são as principais portas de tráfico e entrada de pessoas de má índole, o que ameaça a soberania de um Estado. Neste quesito, a "[...] vigilância dessas regiões é a política mais adequada, uma vez que perder a soberania significa perder poder". (SCHERMA, 2012, p. 114).

É oportuno lembrar que, Ruiz (2011, p. 10-15) ao analisar o MERCOSUL, já afirmava que a integração regional não é um processo de avanços permanentes, mas de etapas que se formam e vão se desenvolvendo, além de ser um processo complexo, com avanços e retrocessos.

---

ação característica dos Múltiplos Canais; (2) a segunda característica da Interdependência Complexa diz que a agenda das relações interestatais não está organizada de maneira hierarquicamente clara, isso quer dizer que a segurança militar não, necessariamente, é o tema dominante da agenda, a questão da agenda vai depender de acordo com o grau de interesse que o tema traz para os Estados; (3) a terceira e última característica é definida pela não utilização da força militar de um governo em direção a outro ator quando a Interdependência Complexa prevaleça na região de interesse deste Estado. Nye e Keohane exemplificam que uma questão econômica entre parceiros não é interessante de ser resolvida militarmente, porém, a força militar de um governo direcionado a outro pode ser utilizada de forma interessante na condição que esse ato seja focado em um bloco ou ator rival". (MARTINELLI, 2016, p. 67-68).

> En consecuencia, la integración recibiría la influencia o la presión de las demandas de los actores, lo cual produce los avances y los retrocesos en su evolución. La acción de los actores es importante, pero no es suficiente, pues estos actores están sometidos a las limitaciones y las oportunidades que les ofrece la estructura política y económica del sistema internacional y a las posiciones de los países miembros del bloque regional em la pirâmide global de poder. (RUIZ, 2011, p. 12).

Nesta questão, ainda podemos abrir um parêntese e citar o conceito de identidade nacional, onde "poderia ser expresso, em termos geográficos, como um território específico que é objeto das projeções espaciais de um povo". (SILVEIRA, 2005, p. 248).

É importante lembrar outros aspectos que Haesbaert (2004, p. 3) traz em sua obra a respeito da territorialidade e de seu caráter político, mas que também carrega suas relações econômicas e particularidades culturais, desde o uso da terra, água, e organização do espaço.

Devemos ampliar a análise, que da mesma forma em que cada cidadão possui um sentimento de pertença ao país em que reside, os indivíduos que se situam em uma região de fronteira zelam pelos países vizinhos - daí se insere a questão de atuação conjunta do Comando Tripartite, assunto que será exposto a posteriori.

De momento, direcionamos o enfoque do estudo para a região de fronteira entre Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazu e os dilemas que envolvem essa região. A fronteira, como argumenta Chichoski (2019, p. 22-23), pode ser considerada como uma região onde a população soma-se à coletividade de pessoas que estão em trânsito, devido aos comércios paraguaios e argentinos, onde muitos são voltados ao contrabando. O mesmo autor, apoiando-se na visão de Rabossi (2004, p. 22-23):

> [...] segundo os meios de comunicação regionais e internacionais, a zona de confluência dos limites entre o Brasil, Paraguai e Argentina parece ter-se transformado em um dos espaços que condensa todos os problemas de segurança contemporâneos. Dentre eles: terrorismo islâmico e máfias transnacionais; pirataria, contrabando, lavagem de dinheiro e de artigos roubados, narcotráfico e tráfico de armas. (RABOSSI, 2004 *apud* CHICHOSKI, 2019, p. 99).

Os crimes transnacionais estão presentes na realidade dos três países, neste sentido, o Comando Tripartite foi criado para a cooperação policial entre "Gendarmería na Argentina, a Polícia Federal brasileira e a Polícia Nacional paraguaia". (BORDIGNON, 2016, p. 20). Sendo uma região privilegiada geograficamente, com recursos aéreos, hídricos, ferroviários e rodoviários, a fronteira tem sido durante muitos anos um ambiente propício para os crimes transnacionais. As trocas cambiais, os fluxos de diferentes culturas e o comércio, camuflam boa parte das delinquências que ocorrem no dia a dia.

Mais precisamente, as duas pontes que a região comporta - Ponte de Amizade (Paraguai - Brasil) e a Ponte da Fraternidade (Brasil - Argentina) representam a passagem de aproximadamente 150 mil veículos por dia, conforme a pesquisa de tráfego e perfil de turistas na tríplice fronteira realizada anualmente pelo Centro Universitário Dinâmica das Cataratas – UDC. (UDC, 2018).

Tendo em vista os aspectos observados, Chichoski (2019, p. 103) aborda com muita clareza a necessidade de meios que auxiliem a polícia no combate ao crime:

> Não podemos olvidar que o crime organizado já está permeado na sociedade, e é neste caso que temos que encontrar uma maneira de se equiparar em questão de poder nesta guerra. Nota-se que o Estado brasileiro tem mecanismos para isso, e tem que se valer de vácuos legais dentro da sua legislação para que atos extremos sejam executados contra modelos que não se enquadrem nos parâmetros da sociedade como é o caso das facções criminosas, o crime não tem fronteira, os marginais passam as fronteiras para cometerem crimes, eles transpassam novamente às fronteiras após cometerem os crimes.

A intensa evolução do crime organizado internacional, e a reformulação do conceito de segurança e proteção humana, conforme Werner e Rosa (2019, p. 128) "são elementos que legitimam e justificam a construção de novas ferramentas de atuação". Com isso, a cooperação policial na tríplice fronteira representa uma fonte de validade e legitimação para os países.

2.1 O CASO DO ASSALTO HISTÓRICO DO PARAGUAI

No ano de 2017, mais precisamente na madrugada do dia 24 de abril, alguns jornalistas da mídia nacional e internacional definiram o acontecimento no Paraguai como "o maior roubo do século" em sites como El país, CNN, The New York Times[6]. É oportuno lembrar alguns fatos que ocorreram durante e após o assalto.

Efetivamente, como apresentam Silva e Silveira (2018, p. 1-2) acerca dos acontecimentos:

> Dezenas de assaltantes armados com explosivos, rifles e armas automáticas de grande calibre usaram granadas e bombas de gasolina para incendiar carros e distrair a polícia e, assim, invadir o cofre da empresa privada. A invasão aconteceu por volta da meia noite de segunda para terça-feira e durou cerca de três horas. No início da fuga, ladrões e policiais paraguaios entraram em confronto, deixando um oficial de polícia morto. Após o assalto, uma perseguição entre guardas e bandidos passou pela fronteira brasileira e foi até São Miguel do Iguaçu onde outro tiroteio redundou na prisão de quatro membros da gangue e três mortes de suspeitos. Desenrolou-se também um choque em Itaipulândia, outra cidade brasileira na fronteira com o Paraguai, e os meliantes conseguiram fugir em uma embarcação.

O que chamou a atenção para este caso foi o complexo planejamento por parte do grupo de assaltantes, caso que desafiou a própria efetividade da polícia e a segurança de toda a região fronteiriça. Estima-se que naquela noite cerca de 10 milhões de dólares foram levados da Prosegur, empresa transportadora de valores. O assalto é apontado como o maior da história do Paraguai. Segundo Aquino (2019, p. 5):

> O mercado de assaltos a banco e financeiras é hoje muito relevante para estruturar as principais facções criminais no Brasil, entre elas o PCC (Primeiro Comando da Capital). Dos mais discretos aos mais espalhafatosos, tais assaltos costumam ser chamados de "cinematográficos" por delegados de Polícia e jornalistas policiais.

[6]Disponível em: **The New York Times**: https://www.nytimes.com/2017/04/25/world/paraguay-robbery-ciudad-del-este.html. **El País**: https://english.elpais.com/elpais/2017/04/25/inenglish/1493113500_365964.html. **CNN**: https://edition.cnn.com/2017/04/25/americas/paraguay-vault-robbery/index.html. Acesso em: 08/06/20.

Em outras palavras, "mesmo o foco dos assaltos do PCC ser no estado de São Paulo, onde este agrupamento criminal foi fundado, seu raio de atuação abrange todas as regiões do Brasil e também, países vizinhos". (AQUINO, 2019, p. 5).

A sofisticação utilizada pelo grupo criminoso em um assalto de grande porte, como foi o caso da Prosegur, nos revela a capacidade e a habilidade estratégica que as facções possuem atualmente. Delitos como este estão longe de ser prevenidos, porém, através de equipamentos modernos e meios tecnológicos que equiparam a polícia aos criminosos, os danos à sociedade podem ser reduzidos.

3 O COMANDO TRIPARTITE COMO MECANISMO E INOVAÇÃO SOCIAL EM MEDIDAS DE SEGURANÇA PÚBLICA.

O termo inovação, segundo o dicionário Michaellis (2019) se refere ao "*ato ou efeito de inovar e renovar*". De acordo com Porto (2017, p. 129) sobre a inovação no poder da força militar:

> [...] desde sempre, a humanidade desenvolve técnicas de defesa para a preservação da integridade física de populações, frente a eventuais atitudes violentas. De fato, a segurança pública é um pré-requisito para o exercício de qualquer atividade numa sociedade, incluindo os serviços públicos básicos, as atividades econômicas ou o convívio social.

O autor coloca que "a ação integrada de comando e controle" será do mesmo modo uma inovação social:

> [...] um movimento integrado de educação e diálogo que congregue a cidadania civil e as forças de segurança, em que tanto a cidadania lembre que o profissional das forças de segurança trabalha com permanente risco de morte para a defesa da segurança coletiva; como o profissional de segurança pública lembre que a sua função social exige as rotinas de prestar contas à cidadania e de cumprir o seu dever profissional com observância da lei e de seus fins sociais (PORTO, 2017, p. 129).

Nas palavras de Porto (2017, p. 120) "[...] com o Brasil conhecendo a si mesmo, poderemos escolher como conquistar os potenciais disponíveis, para onde caminharmos no horizonte visível dos próximos anos". Contudo,

não podemos deixar de destacar os outros meios que, antes de combater um crime, o previnem, tais como a educação e a evolução tecnológica.

Neste sentido, pode-se dizer que o nível da educação nos países sul-americanos ainda caminha de forma lenta em relação aos países do oriente. Considerando que no Panorama Social da América Latina e Caribe a desigualdade social é tema recorrente, um desafio fundamental e um obstáculo para o desenvolvimento sustentável, de acordo com estudos e documentos informativos da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe - CEPAL (2019).

Na matriz da desigualdade social e impactos nas condições de vida da população, principalmente no Brasil, ressente-se à violação do direito à educação básica dentre outros essenciais pela população vulnerável financeiramente, além da ausência outros serviços básicos que passam a contribuir para o mundo do crime, no quadro evolutivo da desigualdade de renda, pobreza e gasto social. Para a CEPAL,

> [...] A centralidade da igualdade para o desenvolvimento sustentável e inclusivo. A luta contra a desigualdade, a erradicação da pobreza e a busca de sociedades mais justas e inclusivas e com maiores níveis de bem-estar estão no coração da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Na América Latina e no Caribe os desafios associados a esses objetivos se caracterizam por sua natureza multifacética e estrutural e sua persistência. Contudo, atualmente passa-se por uma conjuntura mundial e regional mais adversa para enfrentá-los, ao menos em comparação com a primeira década e meia do presente século. Não somente diversos avanços em matéria social se desaceleraram ou estagnaram num contexto econômico pouco dinâmico, mas também se vislumbram importantes sinais de retrocesso. (CEPAL, 2019, p. 5)

Nessa perspectiva de análise, aproximamos o pensamento dos autores Hartigan e Elkington (2009) que relatam de forma sintética os acontecimentos que provocaram o descaminho no combate às desigualdades sociais e níveis de pobreza nos últimos anos:

> O novo milênio começou com um grande sonho global. “Líderes de todo o mundo juntaram-se nas Nações Unidas em 2000 e adaptaram, entre outros, o objetivo histórico de reduzir a pobreza em metade até 2015. Nunca antes, na história do homem, um objetivo tão arrojado fora adaptado pelo mundo inteiro, numa só voz, quantificado e com prazo. Mas eis que ocorrem o 11 de setembro e a Guerra do Iraque e, de repente, o mundo desvia-se da

> perseguição desse sonho, e os líderes mundiais passam do combate à pobreza ao combate ao terrorismo". "O problema", argumentou, "é que entendemos erroneamente o significado de segurança - e como é a melhor forma de alcançá-la". "Acredito que o terrorismo não pode ser vencido com ações militares", acrescentou. "O terrorismo deve ser condenado com o mais duro dos discursos", mas insistiu, "consagrar recursos a uma melhoria de vida dos pobres é a melhor estratégia, melhor do que a compra de armas". (HARTIGAN; ELKINGTON, 2009, p. 123-124).

A inovação social no setor policial é algo extremamente resistente a mudanças. Por se tratar de instituições públicas, as normas e condutas estão previamente estabelecidas por cada governo de acordo com seu ordenamento jurídico. Embora, a implantação de novos programas deve ser algo desenvolvido e adaptado conforme a necessidade de segurança pública de cada região.

De acordo com Braga e Weisburd (2007) "o policiamento comunitário foi uma das primeiras abordagens a emergir no período moderno de inovação policial". O policiamento comunitário destacado pelos autores remete à associação com outros programas de policiamento, visando o enfrentamento de problemas conjuntos. Ademais, salientam que "o policiamento de terceiros oferece uma solução para as falhas no modelo de policiamento padrão, a caixa de ferramentas das estratégias policiais deve ser expandida".

É preciso destacar algumas categorias no qual os autores Moore, Sparrow e Spellman (1997) citados sobre a inovação policial na obra de Braga e Weisburd (2007, p. 8):

> [...] sugerem quatro categorias distintas de inovação: programática, administrativa, tecnológica e estratégica. Essas categorias não são claramente separadas umas das outras e, como Moore e seus colegas admitem (1997), atribuir qualquer uma inovação para uma categoria em detrimento de outra é frequentemente um julgamento. Inovações programáticas estabelecer novos métodos operacionais de usar os recursos de uma organização para alcançar resultados. Estes programas podem incluir a prisão de cercas como uma maneira de desencorajar policiais para fornecer educação sobre drogas nas escolas e oferecer treinamento de resistência às mulheres. Inovações administrativas são mudanças em como as organizações policiais se preparam para realizar operações ou contabilizar suas conquistas. Estes incluem novas formas de medir o desempenho de um funcionário individual ou do departamento geral, bem como mudanças políticas e práticas de pessoal, como novas técnicas de recrutamento, novas abordagens de treinamento

> e novas relações de supervisão. As inovações tecnológicas dependem da aquisição ou uso de algumas novo equipamento de capital, como armas não-letais, tipagem de DNA ou mapeamento do crime. As inovações estratégicas representam uma mudança fundamental na filosofia geral e orientação da organização. Essas mudanças envolvem redefinições importantes dos objetivos primários do policiamento, a gama de serviços e atividades fornecidas pelos departamentos de polícia, os meios pelos quais os policiais atingem suas metas, e as principais relações internas e externas que são desenvolvidas e mantidas pela polícia. (BRAGA; WEISBURD, 2007, p. 8).

O futuro da inovação social não será pautado por mudanças sobressalentes, e nem a polícia poderá inovar em ritmo apressado. As mudanças devem partir dos recursos disponíveis, e, portanto, se partem de algo já criado em vista do seu melhoramento e ampliação, se apresentam como positivas.

É preciso destacar a diferença entre inovação social e empreendedorismo social. De acordo com a Stanford Business School of Graduate:

> Embora o empreendedorismo social tenha se tornado um ponto de encontro popular para aqueles que tentam melhorar o mundo, a mudança social pode acontecer fora deles. Na verdade, as soluções vêm historicamente dos setores sem fins lucrativos, privados e governamentais. O conceito de inovação social centra-se nas ideias e soluções que criam valor social - assim como nos processos através dos quais são gerados, independentemente do local de origem. (STANFORD BUSINESS, 2019, [s.p], tradução das autoras).

Ao mesmo tempo, a inovação nos remete a ideia de que em um mundo com o crescimento tão acelerado, os projetos de inovação social tendem a fracassar por falta de apoio. Para Adner (2013, p. 22) é preciso enxergar as armadilhas escondidas por trás do projeto de inovação, e ampliar a lente para observar as dependências que se escondem, e consequentemente levam ao insucesso:

> A cada ano, os apelos para que surjam inovações no sentido de proteger o crescimento econômico, o avanço tecnológico e a prosperidade geral se intensificam. A cada ano, grandes volumes de dinheiro, tempo, atenção e esforços são investidos na criação de mudanças produtivas. De novos produtos e serviços a novas tecnologias e modelos de negócios, passando por novos sistemas de avaliação e pessoal e programas de incentivos, novas políticas governamentais, iniciativas no setor de educação e procedimentos inéditos para a apresentação de demonstrativos fiscais, os projetos

> para o lançamento de inovações permeiam nossas organizações e nossa vida. (ADNER, 2013, p. 22).

Para que a inovação tenha êxito é preciso, como destacado por Adner (2013, p. 23) "colaborar, cooperar, cocriar, coinovar", neste sentido, a abordagem deste estudo traz o exemplo do Comando Tripartite, no qual representa a união destes elementos, aplicados na prática.

Sabe-se que a cooperação internacional é muito mais complexa do que parece, como salienta Ferraro Jr (2019, p. 178) "as fronteiras brasileiras apresentam diferentes tipos e níveis de integração, orientados em certa medida a coordenar a interação entre pressões internas e externas incidentes sobre elas".

De modo semelhante, no Brasil inteiro o SISFRON[7] (Sistema Integrado de Monitoramento das Fronteiras) comandado pelo exército, já atua com tecnologia de ponta na defesa de ameaças na faixa de fronteira (BRASIL, 2020, s.p.).

A defesa proporcionada por esses projetos que podem ser definidos como uma inovação social, não gera apenas segurança para os brasileiros, mas significa como Jesus (2019, p. 167) define: "salvaguardar as pessoas, os bens, os recursos e os interesses nacionais, situados no exterior. Significa proporcionar condições de segurança aos brasileiros no exterior".

Reconhecendo-se que o direito à segurança pública é um direito fundamental inerente ao processo de reconhecimento da dignidade da pessoa e estando dentre os direitos fundamentais essenciais do ser humano e de sua condição de viver bem, foi positivado constitucionalmente no ordenamento jurídico para assegurar a proteção e garantia de sua aplicabilidade e eficiência.

---

[7] O SISFRON é um sistema de monitoramento, apoio à decisão e à atuação integrada, concebido por iniciativa do Comando do Exército Brasileiro para fortalecer a presença do Estado ao longo dos cerca de 17 mil quilômetros de fronteira terrestre no país. O principal objetivo é reduzir as situações de vulnerabilidade nesta região. O Projeto Piloto do SISFRON emprega tecnologia de ponta, envolvendo sistemas de vigilância com equipamentos modernos de radares, softwares, sensores, comandos de controle fixos e móveis, armamentos e binóculos de visão termal, por exemplo. A estrutura integrada de comunicação permite que as informações captadas pelos postos de vigilância cheguem em tempo real aos centros de operações e sejam utilizadas como suporte para rápidas tomadas de decisão. Os principais benefícios são o aumento da capacidade de monitoramento e controle na faixa de fronteira, o apoio às operações conjuntas e interagências, a maior integração regional, entre órgãos de governo e com países vizinhos, o fortalecimento da indústria nacional, em especial a de defesa, o estímulo à pesquisa, ao desenvolvimento e à inovação tecnológica, a melhoria da capacitação de recursos humanos especializados" (BRASIL, 2020, s.p).

> A segurança pública está positivada na Constituição Federal de 1988, no *caput* do artigo 144, em que diz: "A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, através dos seguintes órgãos:" (BRASIL, 1988). Portanto, a segurança pública, em tal lógica de fundamentalidade dos direitos, é uma incumbência estatal de pacificar o povo e trazer a ordem na sociedade, também é de responsabilidade de todas as pessoas zelar pela segurança, fortalecendo assim o progresso de uma nação. (JUNIOR; RANGEL, 2017, p. 10).

Neste sentido, é através da atuação conjunta de vários órgãos que a segurança pública pode ser ampliada e melhorada, configurando-se como processo de construção permanente e de imprescindível reconhecimento do direito fundamental à segurança pública.

Como dito anteriormente, não há como prever ou antecipar a ocorrência de um crime, nem como medir a sua intensidade como foi o caso do assalto no Paraguai. Mas, é possível priorizar e reduzir os seus impactos quando a força policial se mostra tão ou mais inovadora que o crime organizado para a defesa da dignidade da pessoa humana e para limitação do poder do crime em cenários atuais e desafiadores no enfrentamento do aumento da violência incidente para além dos territórios nacionais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração as informações levantadas durante a pesquisa, o artigo buscou desenvolver uma análise inicial sobre a inovação social no setor de segurança estratégico-policial das fronteiras, tendo em vista a complexidade do tema e caso abordado. Onde para tanto, foi citado o caso do Comando Tripartite que atuou como força policial ampliada durante o assalto a transportadora de valores Prosegur no ano de 2017 em Cidade do Leste, fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina.

Evidentemente, por muito tempo as fronteiras foram vistas como um ambiente propenso a ameaças externas, e marcos de separação entre

países. Contudo, para a integração regional, as fronteiras devem ser vistas como territórios favoráveis às oportunidades de aproximação entre os países vizinhos e de integralidade de direitos fundamentais.

O caso apresentado sobre o assalto no Paraguai nos demonstra a intensidade do crime organizado atualmente, e do seu poder de atuação. Neste sentido, a união das forças policiais estratégicas dos países se mostrou como um importante mecanismo de segurança pública transfronteiriça.

Deve-se levar em conta que o fluxo de pessoas nesta região compõe a população dos três países em deslocamento simultaneamente. Logo, a segurança diz respeito a todos os Estados. Espera-se que as experiências como a do Comando Tripartite, e também a do SISFRON, possam ser aperfeiçoadas, visando qualificar ainda mais a proteção às pessoas nas fronteiras.

Em síntese, como destaca a Universidade de Stanford: "a inovação social é o processo de desenvolvimento e implantação de soluções eficazes para questões sociais e ambientais desafiadoras e muitas vezes sistêmicas em apoio ao progresso social". (STANFORD BUSINESS, 2019, tradução das autoras).

Buscou-se com a abordagem, impulsionar ainda mais o debate da inovação social para as medidas de segurança humana no setor público, defendida no rol dos direitos fundamentais, e que de diferentes formas e contextos ela possa ser aplicada via implementação e efetividade das políticas públicas.

Por fim, conclui-se que tendo em vista que o conceito de inovação social ainda se apresenta em seu estágio nascente nos países da América do Sul, quando há a iniciativa de projetos junto aos governos, as chances de êxito são ampliadas.

5 REFERÊNCIAS

ADNER, R. **Sob a lupa da inovação** – Uma abordagem sistêmica inovadora para gerar valor e criar negócios duradouros. 1.ed. São Paulo: Elsevier, 2012.

AQUINO, J. P. D. Pioneiros: o PCC e a especialização no mercado de grandes assaltos. **Journal of Illicit Economies and Development**. v. 2, 2019. p. 80-100.Disponível em: http://doi.org/10.31389/jied.34 . Acesso: 01 jun. 2020

BOISIER, S. Globalización, Geografía política y Fronteras. *In:* **Anales de geografía de la Universidad Complutense**, n.23. Madri, 2003. p.21-39.

BORDIGNON, F. Ultrapassando Fronteiras: Cooperação Policial Internacional e o exemplo do Comando Tripartite na Tríplice Fronteira Argentina, Brasil e Paraguai. *In:* LUDWIG, F; BARROS, L. (Orgs.). **Redefinições das fronteiras**: Visões Interdisciplinares. Curitiba: Juruá, 2016.

BRAGA, A; WEISBURD, D. **Police Innovation and Crime Prevention**: Lessons Learned from Police Research over the Past 20 Years. Nova Iorque: Cambridge University Press. 2007. Disponível em: https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/grants/218585.pdf. Acesso: 01 jun. 2020

BRASIL. Ministério da Defesa. Escritório de Projetos do Exército Brasileiro. **SISFRON.** Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2020. Disponível em: http://www.epex.eb.mil.br/index.php/sisfron. Acesso em: 29 abr. 2020.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DINÂMICA DAS CATARATAS. **Pesquisa de circulação de veículos na fronteira - 2018**. Foz do Iguaçu: UDC, 2018. *E-book*. Disponível em: https://www.udc.edu.br/libwww/resources/revista/Pesquisa-Veiculos-Ar-2018/index.html. Acesso em: 20 fev. 2019.

CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. **Panorama Social da América Latina**. Resumo executivo (LC/PUB.2020/1-P). Santiago, Chile: Editora Cepal. 2019.

CHICHOSKI, A. Crimes transnacionais e cooperação policial internacional na Tríplice Fronteira (Argentina, Brasil, Paraguai). *In*: LUDWIG, F; BARROS, L. (Orgs). **Redefinições Das Fronteiras**: desafios para o século XXI. Foz do Iguaçu: IDESF, 2019.

FARFUS, D; ROCHA, M. **Inovações sociais**. Coleção Inova. v.2. Curitiba: SESI/SENAI/IEL/UNINDUS, 2007. *E-book*. Disponível em: http://www.unisul.br/wps/wcm/connect/871e5d0b-7cbf-4c74-bb13-9ce4575f05bf/livro_inovacoes-sociais-vol-II_agetec.pdf?MOD=AJPERES. Acesso em: 21 maio 2020.

FERRARO JR, V. Desenvolvimento e integração das fronteiras brasileiras: análise comparada dos arcos Norte, Central e Sul. *In:* LUDWIG, F; BARROS, L. (Orgs). **Redefinições das Fronteiras**: desafios para o século XXI. Volume III. Foz do Iguaçu: Editora IDESF, 2019.

GOTTMANN, J. **A evolução do conceito de território**. Boletim Campineiro de Geografia. v. 2, n. 3. Campinas, 2012. p. 523-545,

HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. *In:* **ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES**, 2004. Porto Alegre: PET - Programa de Educação Tutorial – Geografia – UFRGS, 2004. p. 3-4. Disponível em: http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf. Acesso em: 01 jun. 2020.

HARTIGAN, P; ELKINGTON, J. **Empreendedores Sociais**: O exemplo incomum das pessoas que estão transformando o mundo. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2009.

JESUS, S. As fronteiras sul-mato-grossenses no contexto da política nacional de defesa. *In:* LUDWIG, F; BARROS, L. (Orgs). **Redefinições Das Fronteiras**: desafios para o século XXI. Volume III,. Foz do Iguaçu: Editora IDESF, 2019.

JUNIOR, I; RANGEL, T. O direito à segurança pública como direito fundamental. **Revista Âmbito Jurídico**, n.163, ano.20, ago.2017. Disponível em: https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-constitucional/o-direito-a-seguranca-publica-como-direito-fundamental/. Acesso em: 3 abr. 2020.

KEOHANE, R; NYE, J. **Power and Interdependence**. Editora Pearson. 4.ed. Nova Iorque: Longman Classics in Political Science, 1989.

MACHADO, L. Limites e fronteiras: da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade. **Revista Território**, n. 8, p. 7-23, 2000. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Lia_Machado2/publication/323548220_Limites_e_fronteiras_da_alta_diplomacia_aos_circuitos_da_ilegalidade/links/5c9beeb292851cf0ae9c76db/Limites-e-fronteiras-da-alta-diplomacia-aos-circuitos-da-ilegalidade.pdf. Acesso em: 01 jun. 2020.

MARTINELLI, C. O Jogo Tridimensional: o Hard Power, o Soft Power e a Interdependência Complexa, segundo Joseph Nye. **Conjuntura Global**, v. 5, n. 1, p. 65-80, jan./abr., 2016. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5380/cg.v5i1.47424. Acesso em: 01 jun. 2020.

MERCOSUL. **Acordo quadro sobre cooperação em matéria de segurança regional entre os estados partes do MERCOSUL, a República da Bolívia, a República do Chile, a República da Colômbia, a República do Equador, a República do Peru e a República Bolivariana da Venezuela**. 2016. Disponível em: http://www.sice.oas.org/trade/mrcsrs/decisions/dec1606p.pdf. Acesso em: 02 maio 2020.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php. Acesso em: 10 abr. 2009.

NEVES, A; GIMENEZ, H; OLIVEIRA, M. Integração transfronteiriça em segurança pública: Desafios brasileiros à luz da experiência da União Europeia. *In*: BARROS, L; LUDWIG, F. (Org). **Redefinições das Fronteiras**: Velhos e novos paradigmas. Foz do Iguaçu: IDESF, 2018.

PORTO, L. **Inovação social no fluxo do progresso**. 1.ed. São Paulo: Editora Réptil. 2017. (9 de novembro de 2017).

RABOSSI, F. **Nas ruas de Ciudad del Este: vidas e vendas num mercado de fronteira**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, 2004.

RACY, J; ONUKI, J. Globalização: perspectivas teóricas das Relações Internacionais. **Revista de Economia Relações Internacionais** – FAAP. v. 1, n. 1. São Paulo, 2002. Disponível em: http://www.faap.br/revista_faap/rel_internacionais/rel_01/racy.htm. Acesso em: 01 jun.2020.

RUIZ, J. El **Mercosur y las complejidades de la integración regional**. Buenos Aires: Editora Teseo, 2011.

SCHERMA, Marcio Augusto. As fronteiras nas Relações Internacionais. Monções: **Revista de Relações Internacionais da UFGD**, v. 1, n. 1. Dourados. nov. 2012. p. 102-132. Disponível em: http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/2075. Acesso em: 01 jun. 2020.

SILVA, L; SILVEIRA, A. "Robbery of the Century": Do assalto milionário no Paraguai à marginalização do CUT BR-AR-PY na cobertura jornalística. *In:* Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul** – Cascavel - PR. 2018. Disponível em: http://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-0762-1.pdf. Acesso em: 01 jun.2020.

SILVEIRA, M. **Continente em chamas**: globalização e território na América Latina. Tradução: Eliana Aguiar. 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

STANFORD BUSINESS SCHOOL OF GRADUATE. **Defining Social Innovation. Stanford, CA, USA**. 2019. Disponível em: https://www.gsb.stanford.edu/faculty-research/centers-initiatives/csi/defining-social-innovation. Acesso em: 29 abr.2020.

WERNER, G; ROSA, J. A diplomacia policial como instrumento no combate ao crime organizado transnacional. *In*: LUDWIG, F; BARROS, L. (Orgs). **Redefinições Das Fronteiras:** desafios para o século XXI. Foz do Iguaçu: Editora IDESF, 2019.

BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DA PRODUÇÃO SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI

BIBLIOMETRIC STUDY OF THE SCIENTIFIC PRODUCTION ABOUT THE PARAGUAYAN WAR

ESTUDIO BIBLIOMÉTRICO DE LA PRODUCCIÓN CIENTÍFICA SOBRE LA GUERRA DE PARAGUAY

Milena Magalhães Oliveira[1]
Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo: Objetivo deste artigo é analisar a produção científica sobre a Guerra do Paraguai (1864-1870) no período de 1988 até 2017, representada pelos artigos científicos indexados nas seguintes bases de dados: Web of Science SciVerse Scopus e ScienceDirect. A metodologia de estudo utilizada é quali-quantitativa por meio da bibliometria e a análise dos conteúdos encontrados como principais ferramentas encontradas. Os indicadores bibliométricos permitiram traçar a evolução da atual literatura no tocante a Guerra do Paraguai, além de apontar as áreas de estudo com maior produção científica, universidades e periódicos que mais publicaram trabalhos sobre o conflito. Além disso, foi possível observar que são os assuntos mais abordados pela atual literatura através da análise de conteúdo dos resultados da base de dados *Scopus*.

Palavras-chaves: Guerra do Paraguai, Bibliometria, Brasil, Bacia do Prata.

Abstract: The purpose of this article is analyzing the scientific production from 1988 to 2017, represented scientific articles indexed in these following databases: Web of Science SciVerse Scopus and Science Direct. The methodology of study is qualitative-quantitative through the bibliography and an analysis of the contents found as main tools found. The bibliometric indicators allowed trace the evolution of the current literature regarding the Paraguayan War, besides pointing out the areas of study with the highest scientific production in this subject, universities and periodicals that have published most works on the conflict. It was also possible to observe which are the subjects most approached by the current literature through the content analysis of the results of the Scopus database.

[1] Docente do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências Aplicadas e Políticas da Universidade de Rondonópolis, Mestre em Ciências pelo Programa de Pós Graduação de Integração da América Latina, linha de pesquisa Sociedade, Economia e Estado. E-mail: milena.magalhaes@ufr.edu.br

Keywords: Paraguay War, Bibliometric, Brazil, LaPlata Basin

Resumen: El objetivo de este artículo es analizar la producción científica en el período de 1988 a 2017, representado por artículos científicos indexados en las siguientes bases de datos: Web of Science SciVerse Scopus y ScienceDirect. La metodología de estudio utilizada es cuali-cuantitativa por bibliometría y el análisis de los contenidos encontrados como las principales herramientas encontradas. Los indicadores bibliométricos permitieron rastrear la evolución de la literatura actual sobre la guerra paraguaya, además de señalar las áreas de estudio con mayor producción científica, universidades y revistas que más publicaron trabajos sobre el conflicto. Los resultados permitió observar que estos son los temas más abordados por la literatura actual por análisis de contenido de los resultados de la base de datos Scopus.

Palabras clave: Guerra de Paraguay, Bibliometría, Brasil, La Cuenca de La Plata

DOI:10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.167072

Recebido em: 26/02/2020
Aprovado em: 27/06/2020
Publicado em: 01/07/2020

1 INTRODUÇÃO

O objetivo do presente estudo é realizar uma investigação sobre as produções científicas acerca da Guerra do Paraguai(1864-1870), usufruindo de recursos da análise bibliométrica e da análise de conteúdo, com os seguintes propósitos: i) Realizar um levantamento da produção científica acerca da Guerra do Paraguai durante os anos de 1988 até 2017; ii) Verificar quais são os países com maior incidência de pesquisa sobre a Guerra do Paraguai e elaborar um ranking das universidades que mais produzem sobre o referido tema; iii) Identificar através das leituras dos abstracts, livros, *reviews, conference papers*, entre outros, quais são as áreas de conhecimento que mais abordam o tema e quais são os principais pontos sobre a Guerra do Paraguai debatidos nesses trabalhos. A originalidade do estudo embasa-se na pertinência da ferramenta da bibliometria em estudos temáticos, a exemplo da Guerra do Paraguai, além de associá-la com a Análise de Conteúdo. A relevância desse estudo se sustenta na

importância da bibliometria como ferramenta de embasamento quantitativo para promover reflexões sobre variadas temáticas, autores, instituições e, essencialmente, utilizá-la com o método de Análise de conteúdo para gerar considerações sobre o tema em questão.

O presente artigo é dividido em quatro seções, além desta breve introdução. A primeira parte se encarregará do referencial teórico e bibliográfico a respeito da ferramenta da análise bibliométrica. Na seção seguinte, terá uma revisão sucinta sobre a Guerra do Paraguai. A terceira seção irá abordar os aspectos metodológicos da pesquisa com enfoque na apresentação das bases de dados utilizadas e a justificativa deste procedimento. Por fim, a seção final irá expor os resultados obtidos, além das considerações finais e as dificuldades percebidas durante o processo de pesquisa[2].

2 BIBLIOMETRIA COMO FERRAMENTA DE ANÁLISE

O advento da internet, a globalização dos meios de pesquisa e o avanço da tecnologia de informação permitiram a publicação e difusão de pesquisas científicas. Diante da abundância de trabalhos disponíveis tornou-se necessário a criação de uma ferramenta que permita a revisão sistemática de artigos, trazendo aos pesquisadores uma ampla visão das temáticas já abordadas pela academia em determinados assuntos. O termo *statistical bibliography* foi mencionado pela primeira vez por Hulme (1922) na concepção de interpretação dos procedimentos científicos e tecnológicos através da contagem e seleção de documentos.

A utilização deste conceito fora menosprezada por muitos anos e utilizada por poucos estudiosos até que no ano de 1962, o pesquisador L. M. Raisig usou este termo no trabalho "*Statistical Bibliography in Health*

[2] A versão preliminar deste trabalho foi aprovada no I Congresso Internacional do Pensamento e Pesquisa sobre a América Latina da Universidade de São Paulo no ano de 2019.

Sciences" que se trata de um estudo sobre a análise das citações no campo das ciências da saúde (PRITCHARD, 1969).

Após um longo debate acerca das nuances semânticas do termo *Bibliometria,* esse conceito foi definido a partir de Pritchard (1969) como um instrumento quantitativo cujo objetivo é levantar as informações de modo a consolidar o conhecimento na área estudada, além de reduzir a subjetividade dos métodos de pesquisa. De acordo com Pritchard (1969) em sua obra "*Statistical Bibliography or Bibliometrics"*, a bibliometria é o campo de estudo que utiliza métodos estatísticos e matemáticos visando investigar e quantificar os processos de comunicação escrita.

Otlet (1934), por sua vez, inspirou-se nos conhecimentos gregos no que tange a produção de livros, tanto na escrita quanto na cópia, e, portanto, associou o termo ao estudo da produção dos livros manuscritos. Entretanto, na visão do referido autor, a bibliografia – história da produção dos livros – compreendia somente uma porção da Ciência dos livros, bibliologia. O autor sustentou ainda que a bibliologia deveria avançar no sentido de constituir um conjunto ordenado com medidas referentes ao livro e ao documento, sendo este conjunto nomeado de *Bibliometria*. Portanto, para o autor: *"a Bibliometria será a parte definida da Bibliologia que se ocupa da mensuração ou quantificação aplicada aos livros"* (OTLET, 1934, p.14).

Frente às divergências no tocante a definição do conceito de bibliometria entre os autores, este campo de conhecimento divide-se em bibliometria *Pritchartiana* e *Otletiana*. As autoras Momesso e Noronha (2017) abordam com clareza a diferença entre as duas:

> Como se nota, para Pritchard a "Bibliometria" seria apenas um nome mais adequado para a "bibliografia estatística", enquanto que para Otlet surge de um todo complexo dentro de sua idealização da Documentação apresentada em seu tratado mais de três décadas antes do artigo de Pritchard.É indiscutível que há grandes diferenças entre o entendimento dos autores sobre a "bibliografia estatística". Contudo, o mesmo não nos pareceu observável entre as definições de ambos para a "Bibliometria". Embora tendo sido originados de lógicas e teorias diferentes entre si os termos "Bibliométrie" e "Bibliometrics" mostraram-se equivalentes. Desse modo, em nossa interpretação, embora

> Pritchard relate que depois de certas buscas pelo termo não tê-lo localizado em qualquer trabalho da área e tome para si sua autoria, seja por limitações em sua busca ou desconhecimento da produção em outras línguas que não o inglês, ou ainda por omissão consciente como sugeriu Fonseca (1973), fato é que o termo já existia e sua aplicação em nada diferia do que ele estava propondo. Assim, parece-nos indiscutível ter sido Otlet o criador da Bibliometria (MOMESSO; NORONHA, 2017, p.123).

Wormell (1998) trabalha no mesmo sentido ao afirmar que a bibliometria abrange todos os aspectos quantitativos, métodos de comunicação científica e de armazenamento, além da disseminação e recuperação dos dados científicos.

Os autores Guedes e Borschiver (2005) contribuíram no sentido de conceituar o termo bibliometria. Na compreensão deles, a bibliometria consiste em:

> A Bibliometria é uma ferramenta estatística que permite mapear e gerar diferentes indicadores de tratamento e gestão da informação e do conhecimento, especialmente em sistemas de informação e de comunicação científicos e tecnológicos, e de produtividade, necessários ao planejamento, avaliação e gestão da ciência e da tecnologia, de uma determinada comunidade científica ou país. (...) a Bibliometria é também um instrumento quantitativo, que permite minimizar a subjetividade inerente à indexação e recuperação das informações, produzindo conhecimento, em determinada área de assunto. Em última análise ela contribui para tomadas de decisão na gestão da informação e do conhecimento, uma vez que auxilia na organização e sistematização de informações científicas e tecnológicas (GUEDES; BORSCHIVER, 2005, p.15)

Os autores em questão evidenciam a necessidade da abrangência dos campos abordados na referência das leis bibliométricas:

> (...) a uma variedade de regularidades tomadas de diferentes campos, exibindo uma
> variedade de formas. Embora as distribuições bibliométricas sejam muito diferentes
> em sua aparência, elas podem ser pensadas como versões de uma única regularidade,
> de modo que podemos falar em leis bibliométricas e suas manifestações (GUEDES; BORSCHIVER, 2005, p.2)

Nessa perspectiva, os estudiosos Ruochen Zeng e Abdol Chini da Universidade da Flórida reconhecem que o método de análise bibliométrica dos artigos científicos auxilia nos estudos de forma explícita, uma vez que esta ferramenta se concentra na utilização do método quantitativo para analisar a literatura científica de um campo específico, o que contribui para estabelecer um panorama geral de diversos campos na área de conhecimento desejada:

> By applying a bibliometric analysis, the development and evolving trends of research on the embodied energy of buildings can be studied more explicitly. Bibliometric studies focus on using quantitative measures to analyze the literature in a specific field and have been used by many researchers to isolate the big picture of knowledge on different aspects of their fields. With advances in technology, the bibliometric method can visualize or map the structure and evolution of large-scale bodies of literature by using a quantitative visualization program [25,26]. The method has received more attention and has become a sought-after means of research in analyzing the knowledge domain or visualizing the knowledge structure networks in order to acquire a big picture perspective (ZENG; CHINI, 2017, p.173).

Um dos grandes nomes no campo dos estudos bibliométricos, Solla Price, chama a atenção para a relevância desta abordagem no pensamento acadêmico:

> Deixando de lado os julgamentos de valor, parece clara a importância de se dispor de uma distribuição que nos informe sobre o número de autores, trabalhos, países ou revistas que existem em cada categoria de produtividade, utilidade ou o que mais desejarmos saber (PRICE, 1965, p. 39).

Ao analisarmos as ferramentas online de avaliação de pesquisa, particularmente a Clarivate Analytics, é possível compreender a relevância desse instrumento para a análise de produtividade científica. Esse dispositivo permite a comparação entre os desempenhos de mais de 5.000 instituições de ensino e pesquisa em diversas áreas do conhecimento, além de analisar o impacto de um artigo, revista, autor, instituição ou país no segmento estudado (AGUIA-USP, 2020).

Uma vez exposta a pertinência do uso da bibliometria para este estudo, a próxima seção se destinará a fazer um breve histórico sobre a Guerra do Paraguai (1864-1870) com o propósito de contextualizar o leitor sobre o objeto deste trabalho.

3 BREVE HISTÓRICO SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI

Durante os anos de 1864 a 1870, Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai travaram uma longa batalha que marcou a histórias dos referidos países. Diferentes discursos foram levantados ao longo dos anos a respeito das causas do conflito que envolveu quatro dos principais atores do Cone Sul durante o século XIX.

Cada narrativa refletia os interesses políticos que se pretendia destacar no período lançado. A primeira versão a ser difundida no Brasil sobre o episódio tem nas produções militares e publicadas pela Biblioteca do Exército Brasileiro um viés nacionalista, consagrando a atuação do exército brasileiro, repleto de heróis. Sob esse aspecto, recorda-se a obra de Taunay (1959), *A Retirada da Laguna,* obra em que o então tenente do exército reconstitui um episódio da Guerra do Paraguai.

No ano de 1979, o jornalista Julio José Chiavenato publicou sua obra *Genocídio Americano*: a Guerra do Paraguai. Num contexto de ditadura militar, a obra de Chiavenato apresenta uma oposição à versão oficial nacionalista consagrada até o momento, levantando a teoria de que o imperialismo inglês seria o grande responsável pela guerra, apontando uma estreita relação entre Brasil e Inglaterra numa aliança contra o Paraguai. O incidente Prince of Wales[3] e a Questão Christie[4]colocam em

[3] Esse incidente se refere ao saqueamento por parte de populares brasileiros do veleiro mercante britânico HMS Prince of Wales. A situação resultou numa reclamação ao embaixador britânico acreditado no Rio de Janeiro, então capital do Império, William Douglas Christie. Este, no exercício das suas funções, transmitiu-a ao imperador Pedro II do Brasil, acompanhada de um pedido de indenização e de desculpas, tendo recebido resposta negativa.

[4] Incidente diplomático ocorrido entre o Brasil e a Grã-Bretanha referente à prisão de dois marinheiros da Marinha Real Britânica pelo envolvimento em uma briga no Rio de Janeiro. A rusga diplomática foi submetida ao arbitramento do rei Leopoldo I da Bélgica.

dúvida a proximidade na relação Brasil – Inglaterra. A hipótese levantada por Chiavenato para as reais motivações do conflito foi amplamente questionada por historiadores brasileiros especializados no tema, fomentando uma nova discussão acerca do assunto.

Seguindo as produções historiográficas sobre a grande guerra, tem-se a leitura da "*Maldita Guerra* – A nova história da Guerra do Paraguai" de Francisco Doratioto (2002). Segundo o autor, o conflito é resultante da construção dos projetos de Estados Nacionais dos atores envolvidos: Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai. Conforme Doratioto(2002), cada país teve motivação particular que culminaram no embate.

Brasil e Paraguai alimentavam divergências territoriais que recaiam principalmente sobre a navegação na Bacia do Prata, uma vez que o único acesso à província do Mato Grosso à época era através do Rio Paraguai, acentuando a importância da delimitação de fronteira entre os Estados. Além disso, o Império brasileiro tinha interesse em conter a influência argentina sobre o Paraguai.

No tocante à Argentina, o referido Estado temia uma invasão paraguaia, e que essa agressão viesse a prejudicar a consolidação do Estado nacional argentino, posto que Buenos Aires e as províncias já estavam em conflito. Ademais, a Argentina também ambicionava a região do Chaco Paraguaio.

Já o Estado uruguaio enfrentava uma crise política entre *blancos* e *colorados*, os dois núcleos de poder no período em questão, e esta instabilidade ameaçava a preservação do Estado Nacional. Acrescido a este contexto, Solano López avistava em Montevidéu a possibilidade de acesso ao mar, tão almejada pelo Paraguai, que permitiria a ampliação e escoamento do comércio interno para as regiões próximas.

Diante deste cenário, acirramento de rivalidades entre os atores envolvidos resultou no ato que desencadeou a guerra: A invasão da província do Mato Grosso pelas tropas de Solano López em dezembro de 1864. A partir dessa ação, o maior conflito internacional armado ocorrido na

América do Sul marcou os envolvidos numa batalha que perdurou por mais de cinco anos.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Como vimos na primeira seção do presente trabalho, a utilização da análise bibliométrica como ferramenta é de extrema importância para a comunidade acadêmica, uma vez que permite a elaboração de índices de produção do conhecimento científico.

Para a realização deste trabalho, elegeram-se três bases de dados como fonte para a pesquisa: a SciVerse Scopus, elaborada pela editora anglo-holandesa Elsevier em 2004; a Science Direct, operada também pela Elsevier e lançada originalmente em 1997; e a Web of Sciences (WoS) mantida pelo Clarivate Analytics.

A plataforma Science Direct foi escolhida como uma das fontes desta pesquisa devido ao seu vasto acervo, além da autenticidade dos trabalhos, sendo eles conferidos através do método de revisão em pares (ELSEVIER, 2017).

A base de dados Web of Science proporciona o acesso a mais de 12.000 periódicos internacionais de alto impacto e é utilizado por pesquisadores do mundo inteiro em diversas áreas de conhecimento, filtrando essa pesquisa aos assinantes da CAPES no Brasil.

As autoras Marcelo e Hayashi (2013) escrevem sobre o amplo alcance das plataformas no tocante a revistas de alto impacto, permanecendo a Scopus e a Web of Science entre as maiores bases de dados multidisciplinares:

> Além disso, mais de 60% dos títulos registrados na base Scopus são de outros países que não os Estados Unidos e 85% do conteúdo são indexados utilizando os vocabulários controlados para a definição das palavras-chave e/ou descritores. A partir do surgimento da Scopus começam a surgir estudos comparativos entre ela e outras bases, como por exemplo, os estudos de Gorraiz e Schloegl (2007), Vieira e Gomes (2009) e Archambault et al (2009), os quais

> chegaram à conclusão de que as duas bases, tanto a Web of Science (WoS) quanto a Scopus possuem ampla cobertura de revistas de alto impacto e se assemelham em muitos outros aspectos, porém no estudo desenvolvido por Norris e Oppenheim (2007), os resultados apontaram que a Scopus proporciona uma melhor cobertura bibliográfica da área de Ciências Sociais quando comparada com as WoS, Google Scholar e CSA. Em 2005, Jacso concluiu em sua pesquisa que a Scopus e a Web of Science encontram-se entre as maiores bases de dados multidisciplinares (MARCELO; HAYASHI, 2013, p.144-145)

Diante dos elementos supracitados, tem-se claro de que a escolha das referidas fontes de dados confere um grau de significância a pesquisa em relação à cobertura da atual produção acadêmica sobre a Guerra do Paraguai.

4.1 BASE DE DADOS SCIVERSE SCOPUS

A coleta de dados na plataforma *Scopus* foi o ponto de partida deste estudo. Esta pesquisa utilizou as palavras-chaves "*War*" e "*Paraguay*" filtrando a seleção de resultados apenas os trabalhos publicados no período de 1960 a 2017, com incidência das palavras mencionadas no título, resumo e/ou palavras-chave. A escolha do filtro temporal foi feita a partir do primeiro de registro de trabalho científico na base de dados, 1960, e o ano de desenvolvimento deste artigo, portanto, o ano de 2017. Nestas condições, a pesquisa resultou em 107 documentos. Os dados referentes aos artigos apurados pela *Scopus* foram tratados em duas fases. A primeira parte do tratamento se deu através da organização de resultados em gráficos que faziam referência ao tipo de:

1. **Quantidade de publicações por cada quinquênio**, no período compreendido entre os anos de 1960 a 2020;
2. **Documentos pela área de estudos**: Humanidades e artes; Ciências Sociais; Medicina; Ciências Ambientais; Ciências Biológicas; Bioquímica e Genética Molecular; Administração,

Negócios e Contabilidade; Ciência da Computação; Economia, Econometria e Finanças; Energia; Engenharia; Enfermagem e Indefinido.

3. **Documentos por natureza da publicação**: Artigo; Review; Livro; Capítulo de livro; Artigos publicados pela imprensa; Letter; Conference Paper; Notas;
4. **Periódicos por ano**: Nau literararia, Boletin Americanista, Dialogos, Hahr Hispanic American Historical Review, Estudos Ibero Americanos, Historia Unisinos, International Migration; Journal de la Societe des Americanistes; Journal of Business Venturing e Journal of Iberian and Latin American Research;
5. **Documentos por autor**: Baratta, M.V.; Abetti, P.A; Chesterton, B.M.; Hetherigton, K.; Izecksohn, V.; Johansson, M. L.; Langfield, M.; Lofgren, K.T.; Lopez, A.D.; Maestri, M; Mora, F.O.; Murray, C. J.L.; Phan, P.H.; Schweller, R.L.; Squinelo, A.P;
6. **Documentos por afiliação**: Universidad de Buenos Aires; Universitat de Barcelona; Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnica; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade do Mato Grosso do Sul; University of Washington; Universidad Nacional de Tucuman; Johns Hopkins University; University of Missouri; Universidade do Porto; Universidade de São Paulo; University of Arizona; Dalhousie University; The World Bank Group;
7. **Documentos por países**: Estados Unidos da América; Indefinido; Brasil; Argentina; Espanha; Canadá; México; Uruguai; Austrália; França; Suíça; Bélgica; Bolívia; Chile; Colômbia.

Na fase seguinte foi feita uma análise de conteúdo através das leituras dos *abstracts* para identificação nas áreas de conhecimento da Economia, História ou Relações Internacionais.

As informações referentes aos artigos encontrados foram salvos em uma planilha do *Microsoft Excel®* e posteriormente organizados em gráficos para uma melhor visualização e compreensão dos resultados.

4.2 BASE DE DADOS WEB OF SCIENCES

Para a busca na plataforma *Web of Sciences* (WoS), utilizou o descritor "Paraguay War", selecionando como opção de resultados artigos que estivessem nas áreas de estudo History; History Of Social Sciences; Humanities Multidisciplinary; Cultural Studies; International Relations e Economics. A busca foi feita sem estabelecer um limite temporal, tendo como resultado 82 publicações encontradas no período compreendido entre os anos de 1988 a 2017. Essa escolha foi feita a partir do primeiro de registro de estudo na base de dados, portanto, 1988, e o ano de desenvolvimento deste artigo. O gráfico a seguir estabelece um panorama das publicações encontradas pela WoS:

Gráfico 1 – Evolução da produção científica sobre Guerra do Paraguai na plataforma WoS (1988 a 2017)

Fonte: Elaboração sistema Web of Science, data de acesso: 25.nov.2017.

Superada esta etapa, seguimos para o resultado obtido através da última base de dados.

4.3 BASE DE DADOS SCIENCE DIRECT

Para coleta de dados na plataforma *Science Direct*, utilizou-se as palavras-chaves "Paraguay War", estabelecendo um limite temporal compreendido entre os anos 1822 a 2017. Assim como as demais, a escolha foi feita a partir do primeiro de registro de estudo na base de dados e o ano de desenvolvimento deste artigo. No tocante limite espacial, determinou os filtros: "Latin America", "Brazil" e "South America. Como resultado, apenas 362 publicações foram encontradas. Contudo, a base de dados *Science Direct* não foi aprofundada neste estudo, uma vez que o número de publicações se concentra na área de Ciências da Saúde.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

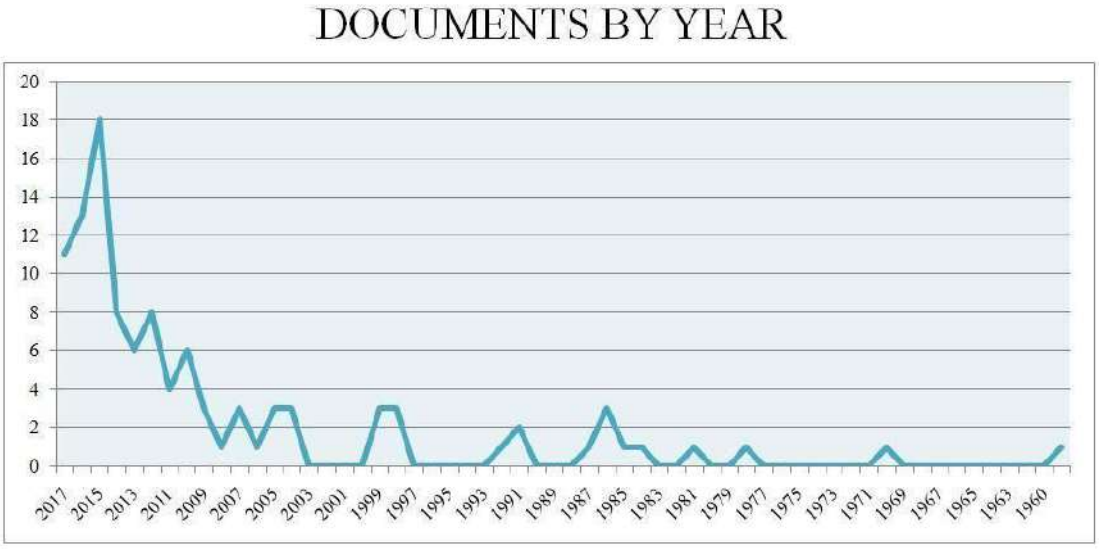
Diante dos números obtidos por cada base de dados utilizada, procedeu-se a escolha da plataforma para realizar a análise dos conteúdos obtidos. Devido à precisão das informações, da ampla cobertura e a qualidade no refinamento dos filtros de pesquisa, os resultados obtidos através da plataforma *SciVerse Scopus* foram escolhidos para a análise de conteúdo desse estudo.

5.1 EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE GUERRA DO PARAGUAI

A distribuição dos 107 documentos científicos compreendidos no recorte temporal de 1960 a 2017 estão reproduzidos no Gráfico 2. Durante os primeiros períodos da pesquisa, a produção de trabalhos sobre a Guerra se manteve relativamente baixa, apresentando picos de produção nos anos

de 1987, 1991 e 1997. Nota-se um acentuado crescimento na produção sobre a Guerra a partir do ano de 2003/2004, principalmente durante o decênio de 2005 a 2015, apresentando o ápice da produção sobre o tema no ano de 2015 com o total de 18 trabalhos. A partir do referido ano, uma queda na produção foi registrada no ano passado, somando-se apenas 10 trabalhos no ano de 2016.

Gráfico 2 – Evolução da produção científica sobre Guerra do Paraguai na plataforma Scopus (1960 a 2017)



Fonte: Elaborado pela autora, data de acesso: 25.nov.2017.

5.2 ÁREAS DE ESTUDOS COM MAIOR NÚMERO DE PUBLICAÇÕES NO TEMA GUERRA DO PARAGUAI

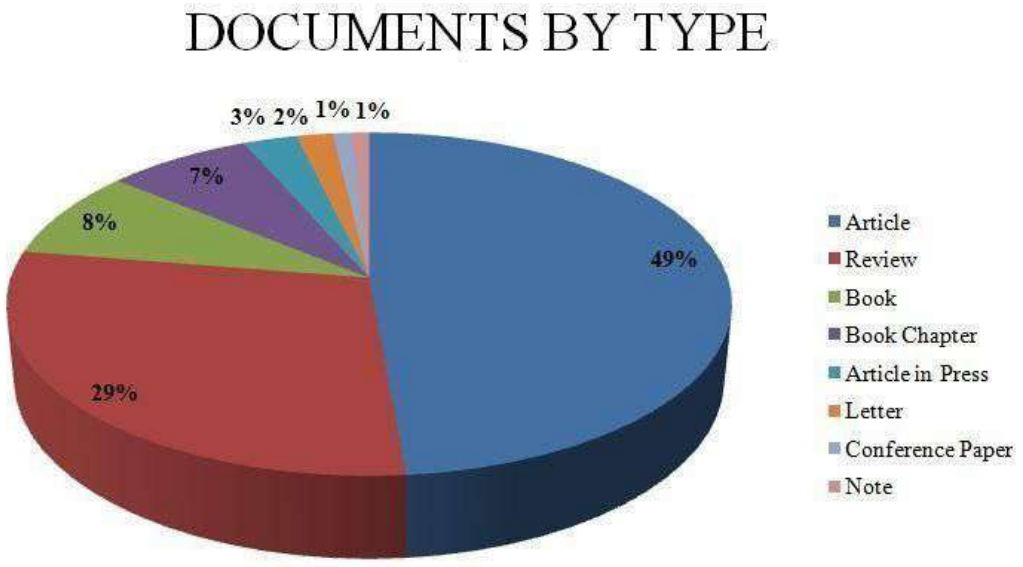
Do total de 107 documentos encontrados pela plataforma, grande parte da produção científica compreendia as áreas de Ciências Humanas e Ciências Sociais. Entretanto, a plataforma *Scopus* não apresenta dados apurados nesse quesito, uma vez que calcula artigos que se incluem tanto

nas áreas de Ciências Humanas e nas Ciências Sociais como sendo dois artigos, e que, portanto, resulta em um gráfico impreciso. As Ciências Médicas, Biológicas e Econômicas também aparecem no quantitativo elaborado pela plataforma.

5.3 QUANTITATIVO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI PELA NATUREZA DA PUBLICAÇÃO

Dentre dos 107 documentos levantados pela plataforma Scopus, 52 foram enquadrados na categoria de artigos, representando 49% do total de trabalhos publicados sobre o tema. Em seguida, os *review* aparecem com 29% das publicações com 31 trabalhos. Os livros e capítulos de livro 8% e 7% do total, com 9 e 8 documentos publicados, respectivamente. Artigos na imprensa, cartas, *conference papers* e notas somam 7 trabalhos, representando 7% do total.

Gráfico 3 – Quantitativo da produção científica sobre a Guerra do Paraguai pela natureza da publicação.

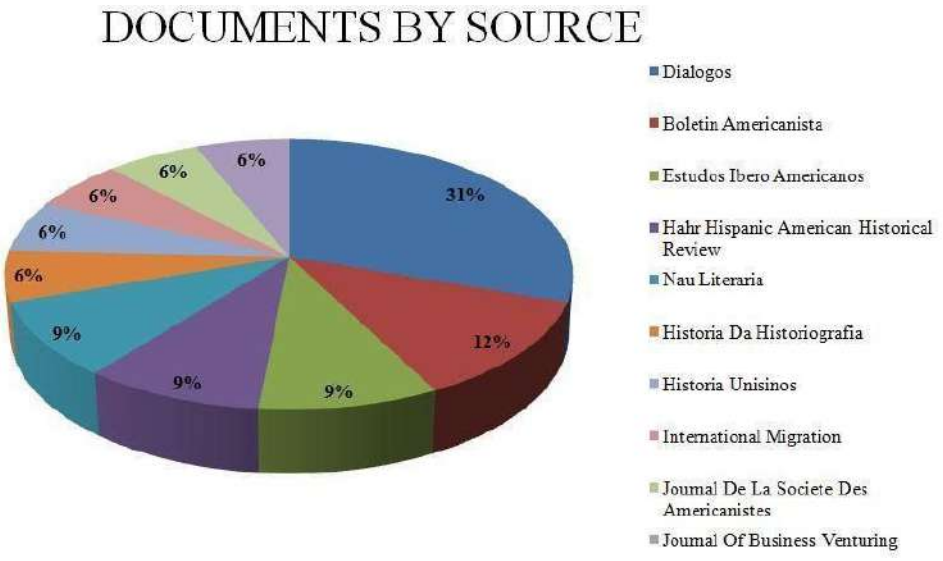


Fonte: Gráfico Elaborado pela autora.

5.4 QUANTITATIVO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI EM RAZÃO DOS PERIÓDICOS

O gráfico 4 ilustra um ranking dos 10 periódicos com maior número de trabalhos publicados sobre a Guerra do Paraguai. A revista *Dialogos* lidera o ranking com total de 10 publicações, representando 31% do total. Em seguida, o Boletin Americanista aparece com 4 trabalhos publicados. As revistas brasileiras *Estudos Ibero Americanos* e *Nau Literaria*, a HAHR – Hispanic American Historical Review possuem 3 publicações cada. Por fim, as revistas História da Historiografia, História Unisinos, International Migrations, Journal de la Societé Des Americanistes e o Journal of Business Venturing completam o ranking com 2 publicações cada.

Gráfico 4 – Quantitativo da produção científica sobre a Guerra do Paraguai em razão dos periódicos.



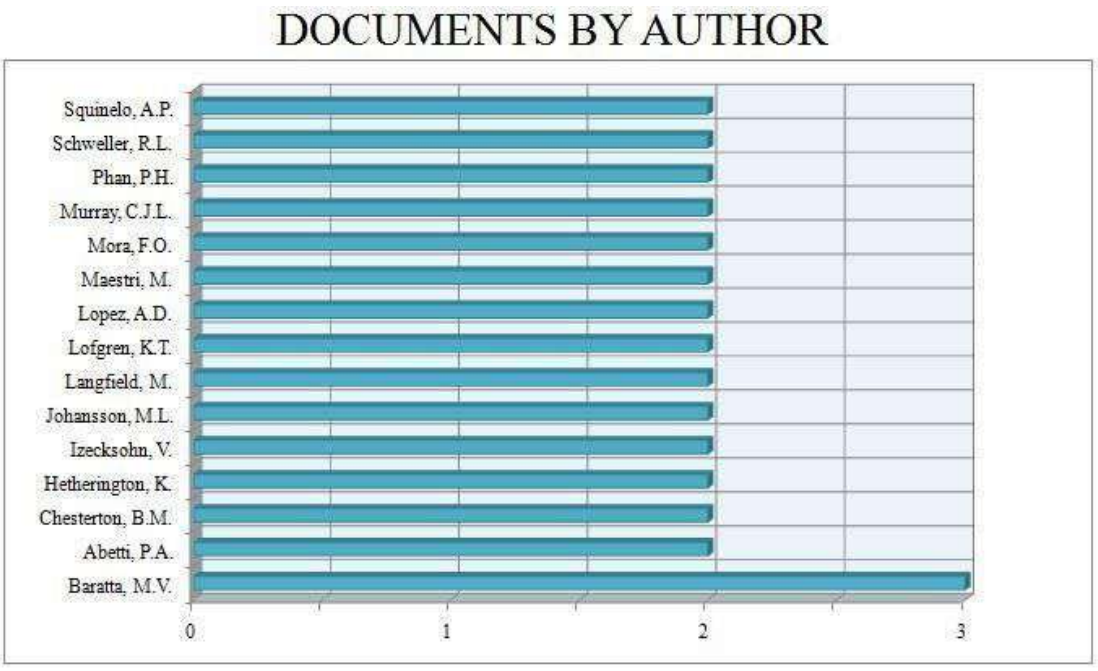
Fonte: Gráfico Elaborado pela autora.

5.5 RANKING DE AUTORES COM MAIOR NÚMERO DE PUBLICAÇÕES SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI

No tocante aos autores que mais publicaram sobre a temática da Guerra do Paraguai, a autora Baratta M.V. aparece no topo da lista – conforme demonstrado no Gráfico 5 - com o total de três publicações, sendo elas: *"Representaciones de la posguerra. soberanía, nación e independencia en la prensa paraguaya durante la ocupación aliada, 1869-1876"*; *"Miradas hacia el Oriente. Representaciones de Uruguay en Buenos Aires durante el inicio de la Guerra del Paraguay"* e *"La Guerra del Paraguay y la historiografía argentina"*.

Em seguida, os nove autores que restaram na lista aparecem empatados com duas publicações, são eles: Abetti, P.A; Chesterton, B.M.; Hetherigton, K.; Izecksohn, V.; Johansson, M. L.; Langfield, M.; Lofgren, K.T.; Lopez, A.D.; Maestri, M; Mora, F.O.; Murray, C. J.L.; Phan, P.H.; Schweller, R.L.; Squinelo, A.P.

Gráfico 5 – Ranking dos autores com maior número de publicações sobre Guerra do Paraguai.

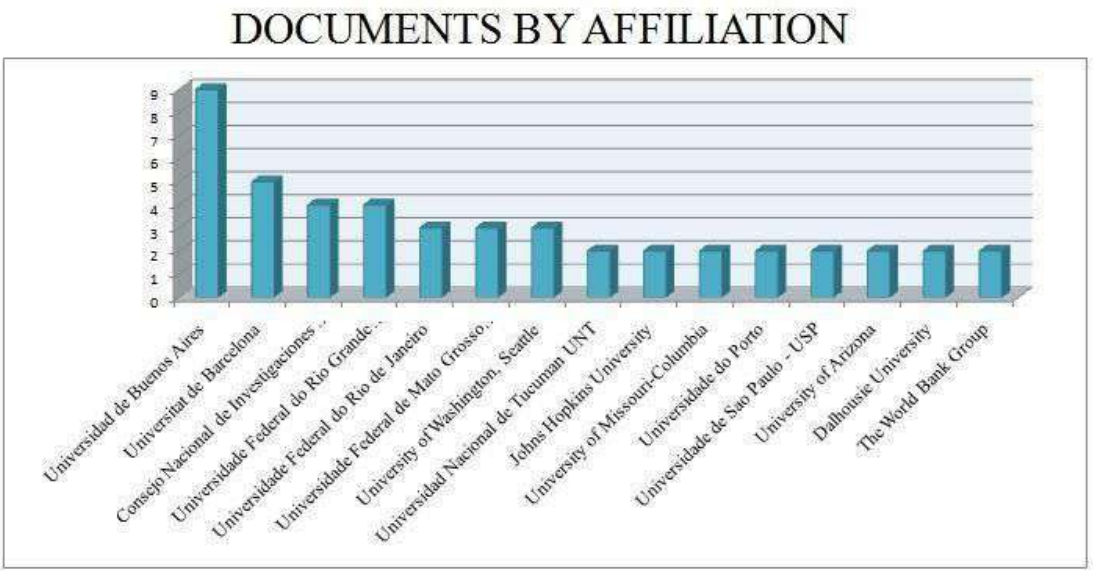


Fonte: Elaborado pela autora.

5.6 RANKING DAS UNIVERSIDADES COM MAIOR NÚMERO DE PUBLICAÇÕES SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI

Em conformidade com o Gráfico 6, que expõe a relação entre as instituições e as publicações sobre a temática da Guerra, nota-se que a Universidade de Buenos Aires aparece no topo da lista com um total de 8 documentos publicados. Em seguida, com 5 publicações, tem-se a Universitat de Barcelona. O Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul exibem 4 publicações cada uma. Logo após, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e a University of Washington ostentam 3 publicações sobre a Guerra da Tríplice Aliança. Por fim, a Universidad Nacional de Tucuman, a Johns Hopkins University, a University of Missouri, a Universidade do Porto, a Universidade de São Paulo, a University of Arizona, a Dalhousie University e o World Bank Group apresentam duas publicações, cada.

Gráfico 6 – Ranking das universidades com maior número de publicações sobre Guerra do Paraguai.

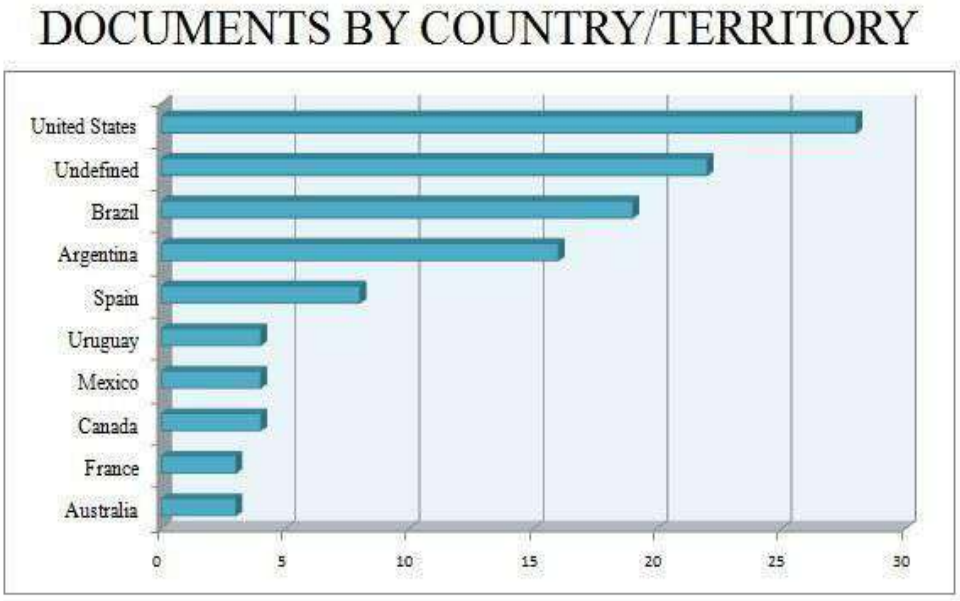


Fonte: Elaborado pela autora.

5.7 RANKING DOS PAÍSES EM RAZÃO DO NÚMERO DE PUBLICAÇÕES SOBRE O TEMA

Por fim, o último gráfico demonstra o ranking dos países que mais publicaram sobre o tema. Os principais países que publicaram documentos sobre a Guerra do Paraguai foram Estados Unidos, Brasil, Argentina e Espanha.

Gráfico 7 – Ranking dos países com maior número de publicações sobre a temática da Guerra do Paraguai.



Fonte: Elaborado pela autora.

6 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Ao explorar as informações obtidas na plataforma *SciVerse Scopus,* iniciou-se uma análise de conteúdo dos 107 documentos encontrados. Observou-se que uma parte significativa dos documentos aborda a visão brasileira sobre a Guerra do Paraguai, apresentando uma perspectiva exagerada e com objetivo de enaltecer a campanha do Brasil no conflito. Os artigos *"A visão dos vencedores: O Brasil e a glorificação da Guerra do Paraguai nas exposições universais do século XIX"* de Schuster, S., *"El Imperio de Brasil, los estados platinos en el prólogo de la guerra de 1865"* de Araújo, J. S.D.E., *"The creation of the Army's Third Corps in Rio Grande do Sul: Political struggles coming out of the military administration during the critical years of the War of the Triple Alliance (1866-1867)"* dos autores Izecksohn, V., Mugge, M.H. são alguns dos artigos que esboçam essa visão.

Além disso, notou-se um número expressivo de publicações que abordam a temática do Paraguai pós-guerra, os trabalhos *"Representaciones de la posguerra. Soberanía, nación e independencia en la prensa paraguaya durante la ocupación aliada, 1869-1876"*da autora Baratta, M. V., *"150 years after the War against Paraguay: Considerations from Brazil, Paraguay, Argentina and Uruguay"*de Squinelo, A.P., e *"Silva paranhos and the origins of Paraguay Post-Lopez (1869)"* de Whighan, T. demonstram este aspecto.

Ademais, a posição da historiografia uruguaia e argentina sobre o conflito aparecem como um dos principais tópicos nas pesquisas. Trabalhos como *"La interpretación dominante en Uruguay sobre los orígenes de la Guerra de la Triple Alianza"* de Casal, J.M., *"La historiografía uruguaya sobre la Guerra de la Triple Alianza. Trayectos, tradiciones, ¿resignificaciones?"* de Corbo, T.S., *"La Guerra del Paraguay y la historiografía argentina"* de Baratta, M.V., *"Piribebuy, a capital mártir: História, historiografia e ideologia na guerra no Paraguai"* de Maestri, M.,

"Papeles de guerra causas de la guerra de la triple alianza a través de la prensa argentina y paraguaya (1862 - 1870)" de Johansson, M.L., Sujatovich, L. sinaliza para essa abordagem.

A cobertura fotográfica do combate também é assunto principal das seguintes publicações *"Visualidades opacas para el dolor: (entre) viajes, ruinas y memorias. A propósito de Cándido López"* de Aimaretti, M., *"Estudios iconológicos en la prensa ilustrada del siglo XIX. El Álbum de la guerra de Paraguay y la visualidad de" lo igualmente visible"* de Díaz Duhalde, S.

Uma parte significativa dos 107 trabalhos encontrados tratava da Guerra do Chaco[5], conflito que em que o Paraguai esteve diretamente envolvido entre anos 1932-1935, razão essa que se supõe a alta incidência – 22 publicações – equivocadamente nesta pesquisa. Outras temáticas foram discutidas em menor incidência, como: os estudos demográficos da população paraguaia no período seguinte ao conflito, as relações do Paraguai com os Estados Unidos antes e depois da guerra, além de publicações que se referem à Madame Lynch[6],*"A mulher do mundo e da guerra"*, aparecem numa quantidade considerável.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados das pesquisas relatadas neste artigo demonstram que os trabalhos publicados sobre a Guerra do Paraguai apresentaram um aumento na quantidade de publicações no último decênio (2007 - 2017) se comparado aos primeiros anos pela *SciVerse Scopus*, *Web of Science* e *Science Direct*. Diante dos resultados encontrados pelas referidas plataformas, a SciVerse Scopus foi escolhida em razão da precisão das

[5]A Guerra do Chaco foi um conflito entre Paraguai e Bolívia, pela disputa da região do Chaco Boreal, entre 1932 e 1935.

[6]A irlandesa Elisa Alicia Lynch aparece como figura destaques nas pesquisas paraguaias sobre a temática da guerra. Madame Lynch era reconhecida como parceira de Solano López durante o período em que esteve a frente do governo paraguaio.

informações, da ampla cobertura e a qualidade no refinamento dos filtros de pesquisa.

Ao proceder à análise de conteúdo, notou-se que os resultados encontrados compreendiam apenas a atual literatura sobre a Guerra do Paraguai. Obras consideradas como clássicos na temática do conflito como *"A Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai"* do historiador Francisco Doratioto e *"A Retirada da Laguna"* do Visconde de Taunay, não constaram nos resultados das buscas. As bases de dados utilizadas contemplam obras cuja redação foi feita nos anos 2000 para os dias atuais, representando assim uma importante limitação a esse estudo. A originalidade do estudo embasa-se na pertinência da ferramenta da bibliometria em estudos temáticos, a exemplo da Guerra do Paraguai, além de associá-la com a Análise de Conteúdo. A relevância desse estudo se sustenta na importância da bibliometria como ferramenta de embasamento quantitativo para promover reflexões sobre variadas temáticas, autores, instituições e, essencialmente, utilizá-la com o método de Análise de conteúdo para gerar considerações sobre o tema em questão.

Não obstante, os indicadores bibliométricos aqui representados permitiram traçar a evolução da atual literatura no tocante a Guerra do Paraguai, além de apontar as áreas de estudo com maior produção científica neste tema, universidades e periódicos que mais publicaram trabalhos sobre o conflito. Além disso, foi possível observar os assuntos mais tratados pela atual literatura através da análise de conteúdo dos resultados obtidos pela base de dados *Scopus*.

8 REFERÊNCIAS

AGUIA-USP. Indicadores de pesquisa. Disponível em: https://www.aguia.usp.br/apoio-pesquisador/indicadores-pesquisa/incites/. Acesso em 20.jun.2020.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra; nova história da Guerra do Paraguai*. São

Paulo: Companhia das Letras, 2002. ISBN: 85-359-0224-4.

CHIAVENATO, Júlio José. *Genocídio americano*: a guerra do Paraguai. São Paulo: Brasiliense, 1979.

ELSEVIER, Science Publishers B. V. Science Direct. Disponível em: https://www.elsevier.com/pt-br/solutions/sciencedirect. Acesso em: 02.out.2017.

GUEDES, V; BORSCHIVER, S. *Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica*. Disponível em: http://www.cinform-anteriores.ufba.br/vi_anais/docs/VaniaLSGuedes.pdf. Acesso em: 25. nov.2017.

HULME, E. W. *Statistical bibliography in relation to the growth of modem civilization*. London, University of Cambridge in May 1922. Nature 112, 585–586, 1923. https://doi.org/10.1038/112585a0..

MARCELO, J.F., HAYASHI, M.C. Estudo bibliométrico sobre a produção científica da área da sociologia da ciência. *Informação & Informação*, Londrina, v. 18, p.138-153, Ed. 3, 2013. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/8413/pdf_2. Acesso em: 26.nov.2017.

MOMESSO, A.; NORONHA, D. Bibliométrie ou Bibliometrics: o que há por trás de um termo?. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.22, n.2, p.118-124, abr./jun. 2017. https://doi.org/10.1590/1981-5344/2831.

PRICE, D J. De Solla. *Networks of scientific papers*. Science, [s.l.], v. 149, n.3683, p. 56-64, July 1965. Disponível em: http://garfield.library.upenn.edu/papers/pricenetworks1965.pdf. Acesso: 02. mai. 2020.

PRITCHARD, A. Statistical bibliography or bibliometrics? *Journal of Documentation*, [s. l.], v. 25, n.4, p. 348-349, Dec. 1969.

TAUNAY, Visconde. *A retirada da Laguna*. Rio de Janeiro: ed. do Exercito. 1959. Disponível em: https://cs.ufgd.edu.br/download/A%20Retirada%20da%20Laguna%20-%20Visconde%20de%20Taunay.pdf. Acesso em: 02.mai.2020.

WORMELL, I. *The international impact of scientific journals – how international are the international journals?:* geographical distribution of authors, citations and subscriptions measured for seven selected LIS journals. Copenhagen: Royal School of Library and Information Studies, 1998. 40 p.)

ZENG, R.; CHINI, A.A review of research on embodied energy of buildings using bibliometric analysis. *Energy and Buildings*, 155, p. 172–184, 2017. Disponível em: https://www.semanticscholar.org/paper/A-review-of-research-on-embodied-energy-of-using-Zeng-Chini/ed4135dbcbc071d30b401d9173ec1d50fe189f7a. Acesso em: 02.mai.2020.

BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

COMO ENTENDER O DESCOLONIAL? RELEITURA DE 'CH'IXINAKAX UTXIWA. UNA REFLEXIÓN SOBRE PRÁCTICAS Y DISCURSOS DESCOLONIZADORES'

HOW TO UNDERSTAND THE DECOLONIAL APPROACH? A RE-READING OF 'CH'IXINAKAX UTXIWA. UNA REFLEXIÓN SOBRE PRÁCTICAS Y DISCURSOS DESCOLONIZADORES'

¿CÓMO ENTENDER LO DESCOLONIAL? UNA RELECTURA DE 'CH'IXINAKAX UTXIWA. UNA REFLEXIÓN SOBRE PRÁCTICAS Y DISCURSOS DESCOLONIZADORES'

Corina E. Demarchi Villalón[1]
Iván David Sanabria G.[2]
Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo: Em Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores (Tinta Limón, Buenos Aires, 2010), Silvia Rivera Cusicanqui (La Paz, Bolívia, 1949), realiza uma análise crítica descolonizadora do social a partir de noções e conceitos do mundo andino. O livro é organizado em três partes ou capítulos, El otro bicentenario; Sociología de la Imagen. Una visión desde la historia colonial andina; e Ch´ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. A análise crítica que propõe a autora, parte da compreensão e reivindicação da concepção indígena do mundo. O livro assume como noção central o ch'ixi, conceito aymara que é a base para o desenvolvimento das críticas e propostas de descolonização. Estas se revelam em, ao menos, dois caminhos. Por um lado, as críticas aos modos ocidentais de construção da história andina e, por outro, as estratégias do discurso multicultural.

Palavras-chaves: ch'ixi, mundo andino, práticas descolonizadoras, multiculturalismo, modernidade indígena.

[1]Licenciada em Comunicação Social pela *Universidad Nacional de Córdoba (UNC)*, Argentina, estudante do Mestrado em Mudança Social e Participação Política da Universidade de São Paulo (EACH-USP). *E-mail*: coridemarchi@usp.br
[2]Cientista político e administrador público, especialista em Direitos Humanos e DIH pela *Universidad Nacional de Colombia*, estudante do Mestrado em Estudos Culturais da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Membro do *Observatorio Nacional de Procesos de Memoria – ONALME* do *Grupo Colombiano de Análisis del Discurso Mediático*. *E-mail*: ivdsanabria@usp.br

Abstract: In Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores (Tinta Limón, Buenos Aires, 2010), Silvia Rivera Cusicanqui (La Paz, Bolivia, 1949), executes a critical decolonizing analysis of the social realm through notions and concepts of the Andean world. The book is organized into three parts or chapters: El otro bicentenario; Sociología de la Imagen. Una visión desde la historia colonial andina; and Ch´ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. The critical analysis proposed by the author parts from the understanding and claims of the indigenous notion of the world. The book takes on the ch'ixi as the central idea. The ch'ixi is an Aymara concept that is the basis for the development of criticisms and proposals for decolonization. These are revealed in at least ways . In one way, through criticism of Western ways of building Andean history and, on in another way, through multicultural discourse strategies.

Keywords: ch'ixi, Andean world, decolonizing practices, multiculturalism, indigenous modernity.

Resumen: En Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores (Tinta Limón, Buenos Aires, 2010), Silvia Rivera Cusicanqui (La Paz, Bolivia, 1949), realiza un análisis crítico descolonizador de lo social a partir de nociones y conceptos del mundo andino. El libro es organizado en tres partes o capítulos: El otro bicentenario; Sociología de la Imagen. Una visión desde la historia colonial andina; y Ch´ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. El análisis crítico que propone la autora parte de la compreensión y reivindicación de la concepción indígena del mundo. El libro asume como noción central lo ch'ixi, concepto aymara que es la base para el desarrollo de las críticas y propuestas de descolonización. Estas se revelan en, al menos, dos caminos. Por un lado, las críticas a los modos occidentales de construcción de la historia andina y, por otro, las estrategias del discurso multicultural.

Palabras claves: ch'ixi, mundo andino, prácticas descolonizadoras, multiculturalismo, modernidad indígena

DOI:10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.165601

Recebido em: 12/01/2020
Aprovado em: 24/06/2020
Publicado em: 01/07/2020

Em novembro de 2019, o presidente da Bolívia, Evo Morales – o primeiro presidente aymara em um país, fundamentalmente, indígena – renunciou a seu mandato depois de quase 14 anos de governo democrático, no qual foi reeleito duas vezes. A decisão de Morales

aconteceu em um complexo momento de ameaças das forças militares, mobilizações sociais que pedem mudanças autênticas e um contexto latino-americano em tensão pela exclusão aprofundada. Este golpe de estado na Bolívia está configurado pelo encontro de interesses poderosos, os quais agem de forma semelhante ao bloco brasileiro chamado de "BBB" (boi, bíblia, bala), para se referir aos latifundiários, às igrejas evangélicas e às forças armadas (STEFANONI, 2018), base da ação política reacionária desta "nova" direita.

Silvia Rivera Cusicanqui em *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores (*2010), proposta sobre como descolonizar as sociedades latino-americanas, se refere a uma *condição colonial* presente nas mentes e práticas sociais atuais. Esta condição tem encoberto e negado a etnicidade das populações indígenas mediante múltiplas abordagens, entre estas, os recursos repressivos e violentos historicamente utilizados, por exemplo, na mutilação do corpo do líder insurgente indígena Tupac Katari em 1781. Neste sentido, entendemos as práticas coloniais como parte da natureza do golpe na Bolívia que vai além da renúncia de Morales. Na proposta da autora, *o colonial* é um arcabouço de elementos arcaicos, ainda vigentes, expressos no despojo e negação das *alteridades* andinas, o que se apresenta como a questão central na crise atual que vive a Bolívia: eventos como a queima das *whiphalas* – emblema dos povos indígenas andinos –, os massacres de indígenas realizados pelas forças armadas bolivianas e a intensificação dos discursos religiosos fanáticos na autoproclamação ilegítima da nova Presidenta colocam em evidência a exacerbação da questão colonial.

Neste sentido, é pertinente reler o livro *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores* de Rivera Cusicanqui, publicado em Buenos Aires em 2010 pela editora Tinta Limón. Silvia Rivera Cusicanqui (La Paz, Bolívia, 1949) de ascendência europeia e aymara, é socióloga, ativista, intelectual, professora emérita da Universidade Mayor de San Andrés Poderia se dizer que seu trabalho

criativo, eclético e "irreverente", se dá em um movimento de fuga dos binarismos e lugares comuns, em um entrelaçamento de escutas, artes, cotidianidade, ativismo, tanto na prática reflexiva e acadêmica quanto nas comunidades e na política. É autora, entre outros livros, de *Oprimidos pero no vencidos* (1986), *Bircholas: trabajo de mujeres, explotación capitalista y opresión colonial entre las migrantes aymaras de La Paz y El Alto* (2002), *Sociología de la Imagen* (2010), *Un mundo ch'ixi es posible* (2018). Livros editados, na sua maioria, em editoras independentes. Tem se aprofundado também no audiovisual e nas artes plásticas e performáticas (como no *Principio Potosí Reverso*, exposição de 2010).

Sempre ligada aos movimentos políticos e sociais, na década de 80 co-fundou o *Taller de Historia Oral Andina* (THOA), que promoveu uma metodologia de escuta densa dos protagonistas de processos de luta e organização coletiva. Hoje, milita no *Coletivx Ch'ixi* em La Paz, um espaço cultural onde se realizam oficinas, cursos e atividades que ligam os saberes práticos e populares com o trabalho intelectual.

Em *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*, Rivera Cusicanqui realiza uma análise crítica descolonizadora do social a partir de noções e conceitos do mundo andino. O livro é organizado em três partes ou capítulos, *El otro bicentenario; Sociología de la Imagen. Una visión desde la historia colonial andina;* e *Ch´ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores.* Trata-se de um questionamento sobre os significados (em disputa) do colonial, o descolonial e as práticas descolonizadoras. A autora retoma, ao longo do texto, intelectuais latinoamericanos não suficientemente reconhecidos pela academia ocidental como Franz Fanon (1925-1961), Waman Poma de Ayala (1534-1615), René Zavaleta (1935-1984) e Pablo González Casanova (1922-). Também se nutre das interpretações e reflexões de movimentos sociais e políticos como o katarismo, entre outros.

A análise crítica descolonizadora do social que propõe a autora, parte da compreensão e reivindicação da concepção indígena do mundo. O livro assume como noção central o *ch'ixi*, conceito *aymara* que é a base para o desenvolvimento das críticas e propostas de descolonização. Estas se revelam em, ao menos, dois caminhos. Por um lado, as críticas aos modos ocidentais de construção da história andina e, por outro, as estratégias do discurso multicultural.

A noção *ch'ixi* em *aymara* tem diferentes conotações: desde uma cor que é produto da justaposição de tons opostos até a coexistência de múltiplas culturas que não perdem suas identidades. As entidades *ch´ixi* do mundo aymara, são poderosas porque são indeterminadas, não são nem brancas nem negras, são as duas coisas ao mesmo tempo. Rivera Cusicanqui assume esta noção como conceito-metáfora que ao mesmo tempo descreve e interpreta a complexa e heterogénea constituição de nossas sociedades, num esforço de superação do historicismo e os binarismos da ciência social hegemónica (2018, p.17, tradução nossa). Esse conceito chave permite ler, na produção da autora, outros conceitos como mestiçagem, relações mercantis, lutas políticas.

O *ch'ixi* se refere às possibilidades de múltiplos diálogos entre opostos, mas de forma contenciosa e não híbrida: "*se confundem para a percepção sem jamais se misturarem absolutamente*" (2010, p. 69, tradução nossa). Rivera Cusicanqui retoma esta noção como fundamental na sua posição política em termos das profundidades do passado ancestral que ficam libertadas quando nomeamos as realidades culturais como complementares, mas diferenciadas, e não como formas desordenadas e subordinadas: "*A potência do indiferenciado é que conjuga opostos*" (2010, p. 69, tradução nossa).

Os modos dialógicos e construção do reconhecimento diferenciado e sua interação histórica são uma aposta índia[3] descolonizadora. Isto quer

[3]Utilizamos o termo "índia" o "índio" apenas nos casos em que autora os apresenta textualmente no livro resenhado (ver págs. 66, 71, 74).

dizer que nomeamos o mundo de outra maneira e criamos um novo "nós", fazendo uma forte crítica aos processos de "aculturação dos imaginários" que consideravam o mundo indígena como uma origem ou passado e não como contemporaneidade. Deste modo, a noção *ch'ixi* é uma aposta por uma modernidade indígena própria disposta a entender e organizar a sociedade desde a sua alteridade, que envolve práticas que costuram e podem "*devolver ao mundo a seu próprio curso*" (2010, p. 33, tradução nossa).

O primeiro caminho da proposta de descolonização se articula com as críticas às leituras da história que negam e ocultam múltiplos e complexos processos de resistências, mudanças e também, opressões. Nesse sentido, a concepção do tempo histórico abordado a partir da perspectiva da alteridade indígena permite acessar outras interpretações. No capítulo *El otro bicentenario*, Rivera Cusicanqui analisa e critica a construção que a história do século XVIII realizou sobre o katarismo, e que tem promovido visões estereotipadas dos indígenas. Construiu-se uma ideia dos indígenas como selvagens indomáveis, imagem que atualizada no presente e na correspondência espacial (El Alto), desenha uma continuidade: antes rebeldes kataristas se organizavam e ameaçavam La Paz como hordas insurgentes; hoje, ladrões, migrantes internos, sujeitos marginalizados, ameaçam a cidade com violências individualizadas.

A visão linear da história que se fecha em um tempo histórico passado nega a re-atualização dos conflitos nas lutas do presente. A autora traz o caso das rebeliões de 1979 e as de 2003-2005, mas poderíamos pensar, também, nas manifestações contra as violências físicas e simbólicas do entramado militar-religioso que sustenta o golpe de 2019 na Bolívia. Como contraponto, Rivera Cusicanqui propõe um olhar cíclico do tempo histórico que faz ressurgir as contradições em atualizações adaptadas aos contextos sociais e políticos de cada época, mas que não necessariamente se resolvem. A imagem proposta é a de uma espiral, na qual se produz "*uma inversão do tempo histórico, a insurgência de um*

passado e um futuro, que pode culminar em catástrofe ou renovação" (2010, p.10, tradução nossa).

Outro ponto de disputa histórica é a interpretação crítica da *Primer Nueva Coronica y Buen Gobierno* de Waman Poma de Ayala, considerada pela autora como uma teoria visual do sistema colonial que plasma outras interpretações da história. Essas interpretações se constroem desde o simbolismo e o sistema conceitual próprios da alteridade indígena andina. O documento, de mais de 1000 páginas, escrito em espanhol, mas com algumas seções em *qhichwa*, inclui quase 400 desenhos (POMA DE AYALA, 1980). Nele, Waman Poma, denuncia a situação de exploração colonial, o que ele chama de "*mundo al revés*", que se vivencia a partir da conquista.

Segundo a autora, as palavras nos contextos coloniais podem se esvaziar do sentido que as práticas e o conhecimento cotidiano têm. Por isso, resultam tão potentes as imagens: nelas aparecem concepções que não podem ser capturadas pelas palavras. Justamente, por isso, Rivera Cusicanqui reivindica a potência dos desenhos de Waman Poma para desmascarar o colonialismo. A autora propõe analisá-los mediante a sociologia da imagem, uma metodologia crítica e descolonizadora de interpretação do passado-presente-futuro do mundo social aplicada aqui ao mundo colonial andino, que também pode ser útil para pensar o colonialismo contemporâneo. Sem necessariamente atender à "verdade histórica", as imagens colocam em jogo um entramado moral, conceitual e simbólico, que evidencia uma interpretação e não apenas uma descrição dos fatos. Assim, Waman Poma pode ser considerado um dos primeiros teóricos da situação colonial.

O segundo caminho da proposta de descolonização da autora se articula com as críticas às estratégias do discurso multicultural. Estas constituem uma construção retórica e estereotipada do indígena por parte das elites políticas, econômicas e acadêmicas, que o entendem como

"minoria" que merece uma "inclusão condicionada". Estratégia interessada para a cooptação política, a instrumentalização econômica e a recolonização acadêmica que apaga os múltiplos processos históricos e atuais de formação da própria modernidade indígena.

O discurso do multiculturalismo é a retórica neoliberal das intenções politicamente corretas de inclusão e constitucionalização dos direitos das comunidades indígenas. No entanto, constitui uma retórica da "cidadania igualitária" como uma fórmula ornamental e simbólica, através de uma agenda que encobre os privilégios das elites. A denominação multicultural das comunidades indígenas como "povos originários" alude a um passado estático, a um "bom selvagem" que não tem atualidade, carente de necessidades e interesses no presente e futuro. Com esta radical negação fica evidente o propósito colonial de tal "reconhecimento jurídico": a estratégia da invisibilização das lutas históricas indígenas, da continuidade da invasão e saqueio territorial, e sobretudo, da negação de sua proposta de autoafirmação e vocação de poder político.

A autora também articula uma forte crítica à perspectiva do multiculturalismo academicista. Esses discursos distorcem as possibilidades de uma verdadeira descolonização ao promover leituras essencialistas e despolitizadas da questão colonial. Nesse sentido, existe uma apropriação das palavras por parte de alguns intelectuais, que as distancia das práticas e das urgências políticas das comunidades e grupos.

Rivera Cusicanqui denuncia os estudos que, desde as academias do Norte, retomam estrategicamente as discussões dos intelectuais e movimentos sociais e políticos da América Latina e os reproduzem através de aparelhos conceituais e auto-referenciais, mas sem o diálogo e o compromisso cotidiano com eles. Produz-se, assim, um triângulo sem base: os conhecimentos produzidos no Sul, são tomados pelo Norte onde adquirem legitimidade dentro de estruturas de conhecimento-poder, enquanto aqui devemos referenciar estes estudos para nossas vozes serem

aceitas. Como diz a autora: "*acabamos tendo que comer regurgitado, o pensamento descolonizador que as populações e intelectuais indígenas de Bolívia, Peru e Equador tínhamos produzido independentemente*" (2010, p.66, tradução nossa).

Por isso, Rivera Cusicanqui propõe pensar, antes que em uma geopolítica do conhecimento, em uma economia política do conhecimento para descolonizar as ciências sociais latino-americanas. Assim, poderiam se questionar as estratégias econômicas e materiais por trás dos discursos e desmascarar as redes clientelistas entre as academias do Norte e do Sul.

As críticas que a autora articula ao longo do texto sobre as formas de compreender o descolonial resultam em uma disputa pelas definições das práticas descolonizadoras. Para a autora, "*não pode existir um discurso da descolonização, uma teoria da descolonização, sem uma prática descolonizadora*" (2010, p. 62, tradução nossa). Assim, o *ch'ixi* torna-se uma aposta política descolonizadora para entender as identidades e as propostas de uma outra modernidade, uma modernidade índia, ou uma modernidade *ch'ixi*.

Como metáfora da proposta índia de modernidade que se baseia numa ideia de cidadania que não busca a homogeneidade e sim a diferença, mas que implica o tecido de uma trama intercultural, Rivera Cusicanqui traz a imagem da prática feminina do *telar*. O tecido como criador de símbolos e linguagens novas que enlaçam as diferenças, construindo uma trama propriamente *ch'ixi*. A autora nos convida ao desafio de construir laços Sul-Sul que permitam romper os triângulos sem base da política e da academia do Norte, fundadores de práticas descolonizadoras e de uma nova autonomia.

Referências

POMA DE AYALA, G. **El primer nueva corónica y buen gobierno**. Edición anotada y comentada por Rolena Adorno, John Murra y Jorge Urioste, México: Siglo XXI, 1980.

RIVERA CUSICANQUI, S. **Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos decolonizadores.** Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

RIVERA CUSICANQUI, S. **Un mundo ch´ixi es posible. Ensayos desde un presente en crisis.** Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

STEFANONI, P. Antiprogresismo. Un fantasma que recorre América Latina. **Nueva Sociedad**, Buenos Aires: oct. 2018. Disponível em: http://nuso.org/articulo/antiprogresismo/ Acesso em: 8 nov. 2019.

Brazilian Journal of Latin American Studies